

UMA PREQUELA DE
QUANDO ÉRAMOS MENTIROsos

uma família de mentirosos

"Uma das escritoras americanas
mais importantes da atualidade."

JOHN GREEN

autor de *A Culpa é das Estrelas*

e. lockhart

FINALISTA NATIONAL BOOK AWARD

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

UMA PREQUELA DE
QUANDO ÉRAMOS MENTIROÇOS

uma família de mentirosos

"Uma das escritoras americanas
mais importantes da atualidade."

JOHN GREEN

autor de *A Culpa é das Estrelas*

e. lockhart

FINALISTA NATIONAL BOOK AWARD

Ficha Técnica

Título: Uma Família de Mentirosos

Título original: Family of Liars

Autor: E. Lockhart

Tradução: Elsa T. S. Vieira

Revisão: Maria da Graça Samagaio

Imagens da capa: Tina Terras & Michael Walter/Getty Images; Dreamstime

ISBN: 9789892354033

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2022, E. Lockart

Reservados todos os direitos incluindo o direito de reprodução total ou parcial.

Edição publicada por acordo com Random House Children's Books,

uma chancela da Penguin Random House LLC.

© 2022, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

E. Lockhart

UMA FAMÍLIA DE MENTIROÇOS

Uma prequela de
Quando Éramos Mentirosos

Tradução
Elsa T. S. Vieira

Índice

Capa

Ficha Técnica

Caros leitores

PARTE UM: Uma história para Johnny

PARTE DOIS: Quatro irmãs

PARTE TRÊS: As pérolas negras

PARTE QUATRO: Os rapazes

PARTE CINCO: O senhor Raposo

PARTE SEIS: Uma longa viagem de barco

PARTE SETE: A fogueira

PARTE OITO: Depois

Agradecimentos

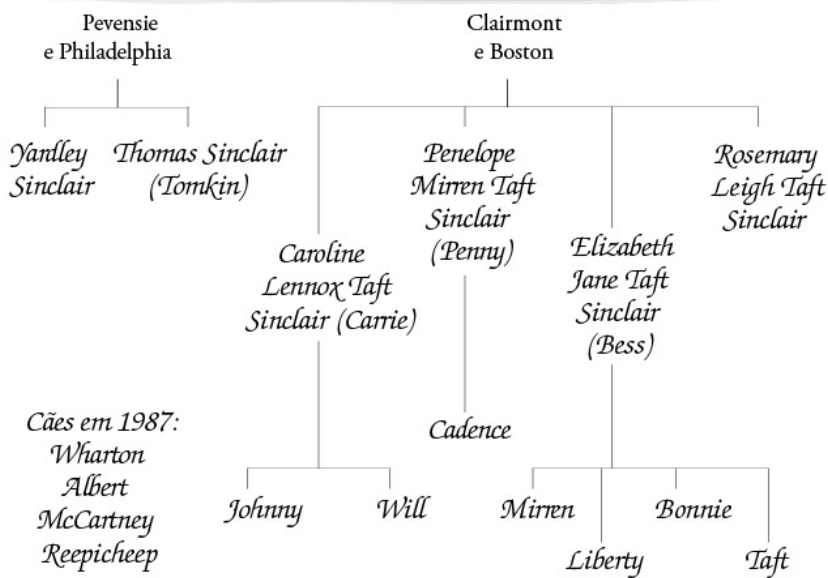
Para Hazel

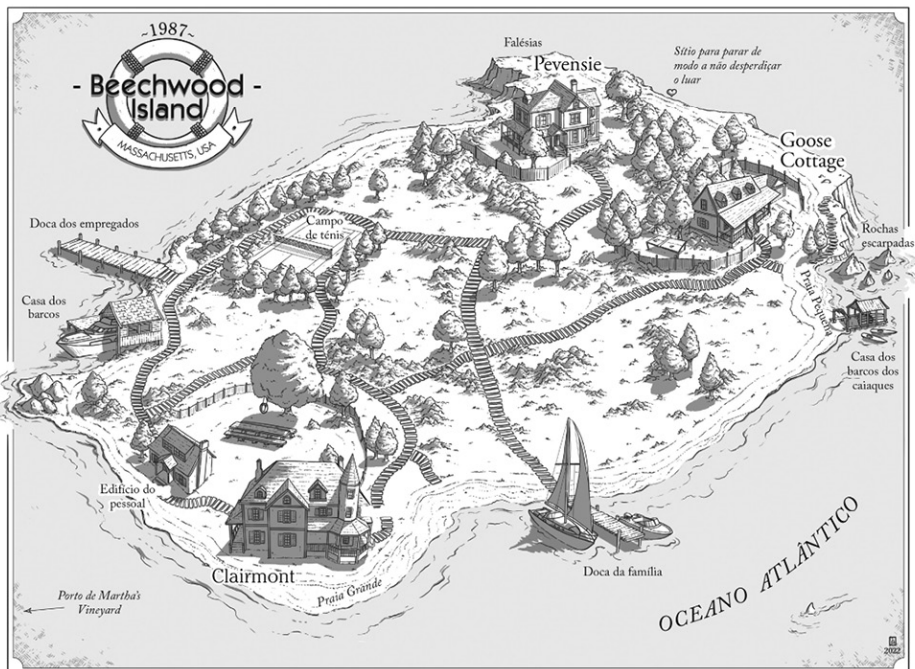
Árvore da Família Sinclair



Dean Sinclair

Harris Sinclair & Tipper Taft Sinclair





Caros leitores,

Este livro contém *spoilers* do romance *Quando Éramos Mentirosos*. E um deles está logo na primeira página, para que saibam.

Amo-vos, e escrevi isto para vocês – com ambição e café forte.

xo
E

PARTE UM

Uma História Para Johnny



O meu filho Johnny está morto.

Jonathan Sinclair Dennis, era como se chamava. Morreu com quinze anos de idade.

Houve um incêndio e eu amo-o e fui injusta com ele e sinto muito a sua falta. Johnny nunca crescerá, nunca encontrará o amor, nunca participará noutra corrida, nunca acabará o ensino secundário, nunca irá a Itália, nunca, nunca. Nunca nada.

Apesar disso, visita com frequência a minha cozinha em Beechwood Island.

Vejo-o à noite, quando não consigo dormir e desço para beber um copo de uísque. Está exatamente igual ao que era quando tinha quinze anos. Tem o cabelo loiro espetado, em madeixas desalinhadas. A cana do nariz queimada do sol. Tem as unhas roídas e, geralmente, veste calções de banho e uma camisola de capuz. Às vezes tem o corta-vento de xadrez azul, uma vez que a casa arrefece.

Deixo-o beber uísque porque, de qualquer maneira, já está morto. Que mal lhe há de fazer? Mas às vezes ele prefere cacau quente. O fantasma de Johnny gosta de se sentar na bancada, com os pés descalços a bater nos armários de baixo. Pega nas velhas peças de *Scrabble* e compõe distraidamente frases sobre a bancada enquanto conversamos. *Nunca comas nada maior do que o teu rabo. Não aceites um não como resposta. Sê um pouco mais bondoso do que tens de ser.* Coisas desse género.

Costuma pedir-me que lhe conte histórias sobre a família.

– Conta-me como era quando vocês eram adolescentes – diz, esta noite. – Tu e a tia Penny e a tia Bess.

Não gosto de falar sobre essa altura.

– O que queres saber? – pergunto.

– Qualquer coisa. Coisas que vocês faziam. Diabruras. Aqui na ilha.

– Era igual ao que é agora. Saíamos de barco. Nadávamos. Partidas de ténis e gelados e churrascos ao jantar.

– Davam-se todas bem, nessa altura?

Refere-se a mim e às minhas irmãs, Penny e Bess.

– Até certo ponto.

– Não se metiam em sarilhos?

– Não – respondo. E depois: – Sim.

– Porquê?

Abano a cabeça.

– Diz-me – insiste ele. – Qual foi a pior coisa que fizeram? Vá, conta tudo!

– Não! – Rio-me.

– Sim! Por favor? A pior de todas as coisas que fizeram nessa altura. Conta ao teu pobre filho morto os pormenores mais escabrosos.

– Johnny...

– Oh, não pode ser assim tão mau – diz ele. – Não imaginas as coisas que vi na televisão. Muito pior do que tudo o que poderiam ter feito nos anos oitenta.

Johnny assombra-me, julgo eu, porque não consegue repousar sem respostas. Está constantemente a fazer perguntas sobre a nossa família, a família Sinclair, porque quer compreender esta ilha, as pessoas que aqui estão e porque agimos como agimos. A nossa história.

Quer saber porque morreu.

Devo-lhe esta história.

– Está bem – cedo, por fim. – Eu conto-te.

*

O meu nome completo é Caroline Lennox Taft Sinclair, mas toda a gente me chama Carrie. Nasci em 1970. Esta é a história do meu décimo sétimo verão.

Foi o ano em que os rapazes vieram todos para Beechwood Island. E o ano em que vi pela primeira vez um fantasma.

Nunca contei esta história a ninguém, mas penso que é a que Johnny precisa de ouvir.

Não se metiam em sarilhos? pergunta ele. *Diz-me. Qual foi a pior coisa que fizeram? Vá, conta tudo... A pior de todas as coisas que fizeram nessa altura.*

Contar esta história será difícil. Na verdade, não sei se a consigo contar sem mentir, mas vou tentar.

É que fui uma mentirosa toda a vida, sabem.

Não é invulgar na nossa família.

PARTE DOIS

Quatro Irmãs



A minha infância é um turbilhão de manhãs de inverno em Boston. Éramos quatro raparigas. Eu passava os dias de semana com a farda da escola, uma camisola de malha azul-escura grossa e uma saia pregueada. Se fechar os olhos, ainda sinto o gosto doce do pão de ló de baunilha, sinto os meus dedos peganhentos. A vida era contos de fadas antes de dormir, pijamas de flanela, os *golden retrievers*.

No verão, íamos para Beechwood Island. Lembro-me de mergulhar nas ondas ferozes do mar com as minhas irmãs, enquanto a nossa mãe e a bebé Rosemary ficavam sentadas na praia. Apanhávamos alforrecas e caranguejos e púnhamo-los num balde azul. Vento e sol, gaivotas e conchas.

Tipper, a nossa mãe, dava festas maravilhosas. Fazia-o porque se sentia só. Pelo menos em Beechwood. Tínhamos hóspedes, e durante alguns anos o irmão do meu pai, Dean, e os filhos dele, estiveram connosco, mas a minha mãe brilhava era nos jantares para caridade e nos almoços demorados com amigos queridos. Adorava pessoas e era boa a adorá-las. Como não havia muita gente em Beechwood Island ela criava a sua própria diversão, organizando festas mesmo quando não tínhamos ninguém de visita.

Quando nós as quatro éramos pequenas, os meus pais costumavam levar-nos a Edgartown todos os anos, no Quatro de Julho. Edgartown é uma aldeia de pescadores na ilha de Martha's Vineyard, que é só cercas de ripas brancas e vistas para o porto. Comprávamos amêijoas fritas com molho tártaro em recipientes de cartão e depois íamos buscar limonada a uma banca em frente da Igreja de Old Whaling. Abríamos cadeiras de armar e comíamos enquanto esperávamos pelo desfile. Os negócios locais tinham carros alegóricos decorados. Os colecionadores de veículos clássicos buzonavam orgulhosamente. Os quartéis de bombeiros da ilha desfilavam com os seus carros mais antigos. A banda de veteranos tocava marchas de Sousa e a minha mãe cantava sempre:

Be kind to your fine-feathered friends/for a duck could be somebody's mother.

Nunca ficávamos para ver o fogo de artifício. Antes disso, regressávamos a Beechwood no barco a motor e subíamos para casa a correr, desde a doca dos barcos da família, para a verdadeira festa.

O alpendre da casa Clairmont estava decorado com fiadas de luzinhas, e a grande mesa de piquenique no relvado enfeitada de azul e branco. Comíamos maçarocas de milho, hambúrgueres, melancia. Havia um bolo decorado como a bandeira americana, com mirtilos e amoras. Era a minha mãe que o decorava sempre. O mesmo bolo, todos os anos.

Depois de jantar, ela dava-nos a todos velas de estrelinhas que soltavam faíscas. Desfilávamos pelos trilhos de madeira da ilha – os que levavam de casa em casa – e cantávamos a plenos pulmões. «America the Beautiful». «This Land is Your Land». «Be Kind to Your Fine Feathered Friends».

Às escuras, descíamos até à Praia Grande. O caseiro, que nesse tempo era Demetrios, largava foguetes. A família sentava-se em mantas de algodão, os adultos com o gelo a tilintar nos copos.

Enfim. Custa-me a acreditar que alguma vez fui tão cegamente patriótica – não que os meus pais, que eram pessoas altamente cultas, o fossem. Ainda assim, as memórias ficam.

Nunca me ocorreu que havia algo errado com o meu lugar na família até certa tarde, quando tinha catorze anos. Foi em agosto de 1984.

Estávamos na ilha desde junho, a viver em Clairmont. A casa fora batizada com o nome da escola que Harris, o nosso pai, frequentara quando era rapaz. O tio Dean e os meus primos viviam na casa Pevensie, o nome da família nos livros de Narnia. Durante o verão havia uma ama, que ficava instalada em Goose Cottage. A casa dos empregados era para a governanta, o caseiro e outros empregados de ocasião, mas a única que costumava lá dormir era a governanta. Os outros tinham casa no continente.

Eu passara a manhã a nadar com as minhas irmãs e a minha prima Yardley. Tínhamos comido sanduíches de atum com aipo tiradas da geleira aos pés da minha mãe.

Ensonada do almoço e do exercício, pousei a cabeça no chão e a mão nas costas da minha irmã Rosemary, de oito anos. Ela estava a dormir a sesta ao meu lado na manta, com os braços cobertos de picadas de mosquito, as pernas cheias de areia. Rosemary era loira, como todas nós, com o cabelo ondulado e revoltado. As suas faces eram suaves, cor de pêssego, os membros escanzelados e ainda imaturos. Sardas; tendência para franzir os olhos; um riso engraçado. A nossa Rosemary. Ela era doce de morango, joelhos esfolados e uma mãozinha na minha.

Dormitei um pouco enquanto os meus pais conversavam. Estavam sentados em cadeiras de jardim, debaixo de um guarda-sol, a alguma distância de nós. Acordei quando Rosemary se virou e fiquei ali de olhos fechados, a sentir a respiração dela debaixo do meu braço.

– Não vale a pena – estava Tipper a dizer. – Simplesmente não vale a pena.

– Ela não devia ter de sofrer quando podemos resolver o assunto – respondeu Harris.

– A beleza é qualquer coisa... mas não é tudo. Estás a agir como se fosse tudo.

– Não – disse Harris. – Não estamos a falar de beleza. Estamos a falar de ajudar uma pessoa que parece fraca. Ela parece uma *imbecil*.

– És muito duro, às vezes.

– Sou prático.

– Preocupas-te com o que as pessoas pensam. Não devíamos preocupar-nos.

– É uma cirurgia comum. O médico é muito experiente.

O som da minha mãe a acender um cigarro. Todos fumavam, naquele tempo.

– Não estás a pensar no tempo de internamento – contrapôs ela. – A dieta líquida, o inchaço, tudo isso. As dores que ela terá.

De quem estariam a falar?

Que cirurgia? Dieta líquida?

– Ela não mastiga normalmente – disse o meu pai. – Isso é um facto. A melhor saída é sempre em frente.

– Não me venhas com citações de Robert Frost.

– Temos de pensar é no resultado final, em vez de nos preocuparmos com o caminho dela até lá. E não lhe faria mal nenhum se fosse um pouco mais...

Fez uma pausa e Tipper interrompeu.

– Pensas na dor como se fosse uma sessão de exercício, ou coisa parecida. Como se não fosse mais do que um esforço. Uma dificuldade.

– Bem – disse ele –, quando nos esforçamos arduamente, ganhamos sempre alguma coisa.

Uma fumaça do cigarro. O cheiro a queimado, misturado com a maresia.

– Nem toda a dor compensa – disse Tipper. – Por vezes, dor é apenas dor. – Mais uma pausa. – Não devíamos pôr mais protetor solar na Rosemary? Está a ficar vermelha.

– Não a acordes.

Outra pausa.

– A Carrie é linda tal e qual como é – disse Tipper, por fim. – E teriam de cortar o osso, Harris. Cortar o osso.

De súbito, fiquei gelada.

Estavam a falar sobre *mim*.

Antes de irmos para a ilha eu tivera consultas com o ortodontista e com um cirurgião oral. Não me importara. Mal prestara atenção. Metade dos miúdos da escola usavam aparelho nos dentes.

– Ela não devia ter uma desvantagem à partida – disse Harris. – Ter a cara assim é uma desvantagem. Ela merece ter a aparência de uma Sinclair: tão forte por fora como é por dentro. E se tivermos de fazer isso por ela, então é o que temos de fazer por ela.

Foi quando percebi que me iam partir o maxilar.

Quando finalmente discutimos o assunto, disse aos meus pais *não*. Disse-lhes que conseguia mastigar perfeitamente (embora o cirurgião oral discordasse). Disse-lhes que gostava de mim como era. Que me deixassem em paz.

Harris insistiu. Muito. Falou comigo sobre a autoridade dos cirurgiões, e explicou que eles é que sabem.

Tipper disse-me que eu era encantadora, linda, maravilhosa. Disse-me que me adorava. Ela era uma pessoa doce, preconceituosa e criativa, generosa e divertida. Estava sempre a dizer às filhas que eram lindas. Mesmo assim, achava que eu devia pensar melhor na possibilidade de ser operada. De qualquer modo, a cirurgia só podia ter lugar depois de os meus molares nascerem, o que só seria depois do pico de crescimento da adolescência. Porque não púnhamos o assunto de lado durante uns tempos? E logo decidíamos na altura?

Voltei a dizer que não, mas por dentro começara a sentir-me mal. O meu rosto não estava bem. O meu maxilar era fraco. Parecia uma imbecil. Com base num azar do destino biológico, as outras pessoas tirariam conclusões infundadas sobre a minha personalidade. Via-as agora a fazerem essas presunções de forma bastante regular. Aquele ligeiro tom condescendente na voz, como se talvez eu não tivesse percebido a piada?

Comecei a mastigar mais devagar, a certificar-me de que tinha a boca bem fechada. Sentia-me insegura em relação aos meus dentes, se moeriam a comida tão bem como os das outras pessoas. O encaixe dos dentes uns nos outros começou a parecer-me estranho.

Já sabia que os rapazes não me achavam bonita. Embora fosse popular, frequentasse festas e até tivesse sido eleita delegada dos caloiros para a associação de estudantes, era sempre uma das últimas a ser convidada para os bailes. Naquele tempo, eram os rapazes que convidavam as raparigas.

Nos bailes, o meu par nunca me dava a mão. Não me beijava, nem se encostava mais a mim na escuridão da pista de dança. Não perguntava se podia voltar a ver-me nem me convidava para ir ao cinema, como acontecia com as minhas amigas.

Via a minha irmã Penny, cujo maxilar quadrado não a afetava minimamente, enfiar comida na boca enquanto falava. Ela ria-se de boca bem aberta, deitava a língua de fora e permitia que os outros vissem cada um dos seus molares reluzentes.

Via Bess, cuja boca era mais cheia e mais delicada, e cujo maxilar era uma curva feminina poderosa, queixar-se dos seis meses com aparelho fixo nos dentes e do

aparelho removível que usava agora. Abria a caixa de plástico azul com um gemido sempre que Tipper a lembrava de o voltar a colocar depois das refeições.

E Rosemary. O seu rosto quadrado era parecido com o de Penny, mas sardento e engraçado.

Todas as minhas irmãs tinham ossos bonitos.

No verão dos meus dezasseis anos, passávamos os dias em Beechwood, como sempre. Caiaques, maçarocas de milho, barcos à vela e mergulhos (embora não víssemos muito mais do que um caranguejo de longe a longe). Tivemos a celebração habitual do Quatro de Julho, com foguetes e canções. Todas as festividades anuais, a Noite da Fogueira, a Caça aos Limões, a Festa dos Gelados.

Só que nesse ano – Rosemary afogou-se.

Tinha dez anos. A mais nova de nós as quatro.

Aconteceu no final de agosto. Rosemary estava a nadar na praia mais pequena, a que ficava perto de Goose Cottage. Chamávamos-lhe a Praia Pequena. Ela vestia um fato de banho verde com bolsinhos de ganga aplicados. Bolsos ridículos. Não podia guardar lá nada. Era o seu fato de banho preferido.

Eu não estava lá. Ninguém da família estava lá. Ela estava com a *au pair* que tínhamos nesse ano, uma mulher de vinte anos de idade, da Polónia. Agata.

Rosemary queria sempre ficar a tomar banho na praia até mais tarde do que toda a gente. Muito depois de estarmos todos a passar os pés por água na mangueira junto à porta do vestíbulo de Clairmont, Rosemary ainda estava a nadar, se a deixassem. Não era invulgar ela estar com Agata numa praia ou na outra.

Nesse dia, porém, o céu ficou nublado.

Nesse dia, Agata entrou para ir buscar camisolas para ambas.

Nesse dia, Rosemary, que sempre foi boa nadadora, deve ter ficado enrolada numa onda e presa na corrente subterrânea.

Quando Agata voltou a sair, Rosemary estava já muito ao largo, e em dificuldades. Estava para além das rochas negras aguçadas que delineavam a enseada.

Agata não era nadadora-salvadora.

Não sabia fazer ressuscitação cardiopulmonar.

Nem sequer era uma nadadora veloz o suficiente para conseguir chegar a Rosemary a tempo.

A seguir, voltámos para o colégio interno, Penny e eu. E Bess entrou pela primeira vez.

Deixámos os nossos pais, apenas duas semanas depois da morte de Rosemary, para retomar a nossa educação no maravilhoso *campus* da Academia North Forest. Quando a mãe nos foi levar, deu-nos um abraço apertado e beijou-nos as faces. Disse-nos que nos amava. E partiu.

Cabia-me a mim tomar conta de Bess. Nesse ano, eu estava no penúltimo ano. Ela era caloiira. Ajudei-a a enfeitar o quarto no dormitório, apresentei-lhe pessoas, trouxe-lhe chocolates do bar. Deixava-lhe bilhetinhos engraçados no cubículo da correspondência. Com Penny, havia menos para fazer. Ela já tinha amigos, e na segunda semana havia um namorado novo. Mesmo assim, eu estava presente. Passava pelo quarto dela, procurava-a no refeitório, sentava-me na sua cama e ouvia-a falar sobre o novo romance.

Eu apoiava as minhas irmãs, mas todas lidámos sozinhas com os nossos sentimentos em relação a Rosemary. Aqui, na família Sinclair, *não nos queixamos. Aguentamos com boa cara. Olhamos para o futuro.* São os lemas de Harris, e os de Tipper também.

Nós, as filhas, nunca aprendemos a chorar, a gritar, nem sequer a partilhar os nossos pensamentos. Por outro lado, somos excelentes a manter o silêncio, a fazer pequenos gestos de simpatia, a velejar, a preparar sanduíches. Falamos com entusiasmo sobre literatura e qualquer hóspede se sente bem-vindo entre nós. Nunca falamos sobre questões médicas. Não mostramos o nosso amor com honestidade, nem com afeto, mas sim com lealdade.

Ser sempre um crédito para o nome da família. Um dos muitos lemas que o meu pai costumava debitar à mesa de jantar. O que queria dizer era: *Representa-nos bem. Porta-te bem, não por ti, mas porque a reputação da família Sinclair exige respeito. Como as pessoas te virem... é como nos veem a todos.*

Ele dizia-o com tanta frequência que se tornou uma piada entre nós. Em North Forest, costumávamos dizê-lo umas às outras. Eu passava por Penny, atracada a um rapaz qualquer, aos beijos no corredor. E dizia, sem os interromper:

– Vê lá se és um crédito para o nome da família.

Bess apanhava-me a entrar no dormitório com uma caixa de bolachas escondida – a mesma coisa.

Penny via Bess com a camisola suja de molho de tomate – a mesma coisa.

Fazer um bule de chá. «Vê lá se és um crédito para o nome da família.»

Ou ir fazer cocó. «Olha que tens de ser um crédito para o nome da família.»

Fazia-nos rir, mas Harris estava a falar a sério. Pensava mesmo aquilo que dizia, acreditava nisso, e, apesar de nos rirmos, nós também acreditávamos.

Assim, não nos fomos abaixo quando Rosemary morreu. Mantivemos as boas notas. Esforçámo-nos nas aulas e nas atividades desportivas. Esforçámo-nos na nossa aparência e nas nossas roupas, sempre com o cuidado de não deixar que o esforço se visse.

O dia 5 de outubro, que seria o décimo primeiro aniversário de Rosemary, era o dia da Feira de Outono na escola. O recreio estava cheio de bancas e diversões palermas. As pessoas tinham a cara pintada. Havia uma máquina de algodão doce. Mesas de pintura giratória. Uma plantação de abóboras a fingir. Algumas bandas de estudantes.

Encostada à parede do meu dormitório, eu bebia uma chávena de sidra quente. Os meus amigos do *softball* estavam reunidos numa banca onde podíamos atirar pufes em miniatura a um dos professores de matemática. A minha colega de quarto e o namorado estavam debruçados sobre a letra de uma canção, a ensaiar para a atuação da sua banda. Um rapaz de quem eu gostava estava nitidamente a evitar-me.

Noutros dias 5 de outubro, quando eu estava em casa, a minha mãe fazia um bolo de chocolate com cobertura de baunilha. Servia-o depois de jantar, decorado como Rosemary mais queria. Um ano, estava coberto de pequenos leões e chitas de brincar. Noutro ano, de violetas de açúcar. Noutro ano, o Snoopy. Haveria também uma festa, no fim de semana. Estaria cheia de amiguinhas de Rosemary, todas com vestidos bonitos e sapatinhos de fivela, arranjadas para uma festa de aniversário como já ninguém faz.

E agora Rosemary estava morta e parecia que as minhas duas irmãs se tinham esquecido por completo do aniversário dela.

Encostei-me à parede de tijolo do edifício do dormitório, na orla da feira, com a minha chávena de cidra quente. As lágrimas deslizaram-me pelas faces.

Tentei dizer a mim própria que ela não sabia se nos lembrávamos ou não do seu aniversário.

Ela não podia querer um bolo. Não tinha importância. Ela já cá não estava.

Mas tinha importância.

Vi a minha irmã Bess, num grupo de raparigas e rapazes do primeiro ano. Estavam todos a desenhar caras em balões cor de laranja. Ela sorria como se tivesse vencido um concurso de beleza.

E ali estava Penny, com o cabelo claro escondido dentro de um gorro de lã, a puxar o namorado pela mão enquanto corria ao encontro da melhor amiga, Erin Riegert. Penny arrancou uma mão cheia do algodão doce azul de Erin e enfiou-o na boca.

Depois Penny olhou para mim. E fez uma pausa. Aproximou-se.

– Vá lá – disse. – Não penses nisso.

Mas eu queria pensar nisso.

– Anda ver aquele tipo a fazer algodão doce – disse Penny. – É tão giro, como ele o faz.

– Ela fazia onze anos – disse. – Teria um bolo de chocolate com decorações. Mas não sei quais.

– Carrie, não podes deixar-te levar por essa espiral. É uma espiral deprimente e não te fará bem nenhum. Anda fazer qualquer coisa divertida e vais ver que te sentes melhor.

– Ela disse-me que tinha uma ideia para um bolo dos Simple Minds – disse eu. Os Simple Minds eram uma banda. – Mas acho que a Tipper a teria feito mudar de ideias. É demasiado difícil. E, não sei... talvez um bocadinho reles.

Bess aproximou-se de nós.

– Estás bem? – perguntou-me.

– Nem por isso.

– Estou a sugerir veementemente algodão doce – disse Penny. – Ela precisa de fazer alguma coisa normal.

Bess olhou em volta, para os novos amigos e os miúdos mais velhos que ainda não conhecia.

– Agora não é boa altura – disse, como se eu lhe tivesse pedido para fazer alguma coisa. Como se eu a tivesse convidado para minha casa. – Tenho pessoas à minha espera.

As minhas irmãs amavam Rosemary. Sei que a amavam. E devem ter chorado a morte dela. Mas eu não sabia como falar com elas sobre isso. Quando o fazia, como agora, elas limitavam-se a mudar de assunto.

Não se tinham aproximado para ver como eu me sentia.

Tinham vindo dizer-me para parar de me sentir assim.

*

Deixei a feira.

Subi as escadas até ao cimo do edifício do meu dormitório e saí para a passagem que contornava o telhado.

Tirei uma caneta de feltro da mochila e escrevi no velho corrimão de madeira:

*

ROSEMARY LEIGH TAFT SINCLAIR

Ela adorava

O Snoopy e bolo de chocolate,

batatas fritas e grandes felinos,

e a banda Simple Minds.

Ela adorava

o fato de banho verde e nadar no oceano cruel.

Ela adorava

as irmãs

apesar de estas não a merecerem.

Ela faria onze anos hoje.

E eu amava-a.

Feliz Aniversário Rosemary, agora e para sempre.

*

Quando fomos passar o Dia de Ação de Graças a casa, Tipper pôs um sorriso no rosto. Foi carinhosa connosco e ajudou-nos a desfazer as malas. Preparou tartes maravilhosas e convidou a família para a refeição tradicional. Harris estava jovial e intenso, e queria jogar xadrez e falar sobre livros e filmes.

O mais próximo que qualquer um dos nossos pais esteve de mencionar Rosemary, foi quando disseram que a casa estava alegre e barulhenta, agora que nós tínhamos chegado. Tinha sido um outono muito silencioso.

O quarto de Rosemary fora esvaziado. O seu beliche substituído por uma cama de casal para as visitas.

Sei que os meus pais fizeram o que achavam melhor – para nós e para eles. Recordar a nossa perda magoava; então porque havíamos de o fazer?

Nas férias de Natal, nesse mesmo ano, o meu pai abordou de novo o assunto da cirurgia ao maxilar. Insistiu que era necessário, em termos médicos. Os meus molares tinham nascido. Não havia razão para esperar mais tempo, disse.

Tentei dizer que não, mas ele recordou-me que *Nunca aceitar um não como resposta* é uma das suas filosofias de vida. Não ia aceitar o meu não. Fui forçada a ceder.

Agora, que sou adulta, acho que *Nunca aceitar um não como resposta* é uma lição que ensinamos a rapazes que teriam mais a ganhar se aprendessem que *Não é não*. E vejo que o objetivo do meu pai era mais que eu fosse parecida com ele do que facilitar-me a vida.

Na altura, porém, de certa forma fiquei aliviada. Harris estava no comando, e eu aprendera que ele é que sabia o que era melhor.

Deixei a escola em fevereiro, por um período que devia ser de duas semanas, para que os médicos pudessem cortar a minha boca, deixando todas as cicatrizes do lado de dentro.

Cortaram-me o osso do maxilar e colocaram uma cunha lá dentro. Aumentaram o osso artificialmente e puxaram-no para a frente e voltaram a prender essa parte do meu esqueleto. Depois fecharam-me os dentes com arames, para que tudo pudesse cicatrizar na posição certa.

O médico deu-me um medicamento para as dores, um narcótico, codeína. As instruções eram para o tomar de quatro em quatro horas ao princípio, e depois conforme a necessidade. A codeína causava-me uma sensação estranha – não me entorpecia, mas tinha consciência da dor como se estivesse a acontecer a outra pessoa qualquer.

O maxilar. A perda de Rosemary.

Nenhuma das duas coisas me conseguia magoar se eu tomasse aquele comprimido de quatro em quatro horas.

A dieta líquida não era má de todo. Tipper trazia-me gelado de iogurte. Já não tínhamos ama, mas a nossa governanta, Luda, era excecionalmente carinhosa. Era originária da Bielorrússia, magra como um varapau, com cabelo oxigenado e os olhos maquilhados de uma forma que a minha mãe achava vulgar. Luda fazia-me pudim muito macio, quase líquido, de chocolate e de caramelo com manteiga.

– Para ingerir as suas proteínas – dizia ela. – Muito nutritivo.

Os cães da família apanharam o hábito de dormir no meu quarto durante o dia.

McCartney e *Albert*, ambos *golden retrievers*; e *Wharton*, uma *Irish setter*. *Wharton* tinha uma aparência nobre e era muito estúpida. Era a minha preferida.

A infeção apareceu de repente, uma noite. Senti-a chegar, sob a neblina do meu sono medicado. Um latejar insistente, uma bola palpitante e ardente de dor no lado direito do maxilar.

Acordei e tomei outro comprimido de codeína.

Preparei um saco de gelo. Encostei-o à cara.

Só cinco dias depois pedi aos meus pais que me levassem ao médico. O meu pai acredita que uma pessoa determinada não se queixa.

– Não abona nada em nosso favor – costuma ele dizer. – *Nunca te queixes, nunca te justifiques*. Foi o Benjamin Disraeli que disse isso. Primeiro-ministro de Inglaterra.

Quando mencionei a dor a Luda e a Tipper, foi em tom despreocupado.

– Oh, aqui deste lado está a dar-me um bocadinho de trabalho – disse. – Se calhar era melhor ir ver o que se passa.

Nem sequer toquei no assunto com Harris.

Quando o médico me atendeu, a infeção já era grave.

Harris disse-me que eu fora uma tola por ignorar um problema evidente.

– Temos de tratar das coisas de que é preciso tratar – disse-me. – Não esperar. Palavras a ter em conta pela vida fora.

A infeção grassou pelo meu corpo durante oito semanas. Antibióticos, mais antibióticos, um segundo médico, um terceiro, outra cirurgia, analgésicos e mais analgésicos. Gelo. Toalhas. Pudim de caramelo e manteiga.

Por fim, acabou. O meu maxilar estava curado. Os arames foram retirados. Puseram-me um aparelho normal. O inchaço diminuiu.

O rosto que via no espelho era desconhecido para mim. Nunca estivera tão pálida. A minha magreza não era natural. Mas, principalmente, a diferença era o queixo. Estava agora chegado para a frente, dando-me uma linha do maxilar forte até às orelhas. Os meus dentes tocavam uns nos outros em sítios fora do habitual e estavam demasiado sensíveis para eu conseguir mastigar frutos secos ou pepino, demasiado fracos para roer uma costeleta de porco, mas alinhados.

Eu virava-me de perfil, ao espelho, e tocava no rosto enquanto perguntava a mim própria que futuro este pedacinho de osso artificial me conquistara. Haveria algum rapaz maravilhoso que me queria tocar? Ouvir-me? Compreender-me? Eu estava sequiosa de ser vista como uma pessoa única e merecedora. Queria-o daquela forma desesperada que alguém que nunca foi beijada sonha com um beijo...

vago mas apaixonado,

misturado com fantasias de beijos que vira em filmes,

fundido com histórias da minha mãe sobre bailes e ramalhetes e as várias vezes que o meu pai a pedira em casamento;

eu ansiava por amor,

e tinha um interesse bastante urgente em sexo,

mas queria também ser vista

e ouvida

e reconhecida,

verdadeiramente, por outra pessoa.

Era nesse ponto que me encontrava quando conheci Pfeff. Penso que ele viu isso em mim.

Regressei à escola em maio e concluí o semestre o melhor que consegui. Voltei ao *softball*, onde sempre fora uma batedora forte e um crédito para o nome da família. Vencemos o campeonato da nossa liga nesse ano. Juntei-me de novo ao meu grupo de amigos. Trabalhei arduamente em matemática e química, e passei horas na biblioteca a tentar apanhar a matéria.

No entanto, eu não estava bem. Dava por mim a pensar obsessivamente em histórias que lia nas notícias – histórias de homens a morrerem de sida, esta nova crise de saúde. E uma cheia em Brownsville, Texas, famílias com casas alagadas. Fotografias do jornal: um homem numa cama, com o peso reduzido a quase nada. Manifestantes nas ruas empedradas de Nova Iorque. Uma família num barco de borracha com dois cães. Uma mulher de pé na sua cozinha, com água até à cintura.

Pensava nestas imagens...

peçoas a morrer, uma cidade a afogar-se...

em vez de pensar em Rosemary, a morrer, a afogar-se.

Estas imagens permitiam-me sofrer sem olhar para a minha própria vida. Se não pensasse nelas, nunca conseguiria parar de pensar nela.

A codeína entorpecia os pensamentos obsessivos. Fora-me receitada por vários médicos diferentes, pelo que havia uma reserva aparentemente inesgotável de frasquinhos castanhos na minha gaveta. A enfermeira da escola dava-me mais, com autorização dos meus pais, quando eu dizia que me doíam os dentes.

À noite, tomava os comprimidos para dormir. Mas às vezes a noite chegava mais cedo.

Antes de jantar, até.

Antes de almoço, até.

PARTE TRÊS

As Pérolas Negras



A nossa ilha fica a uma boa distância da costa do Massachusetts. A água é de um azul escuro e profundo. Às vezes, aparecem grandes tubarões brancos ao largo. Aqui as roseiras silvestres dão-se muito bem. A ilha está coberta delas. E, embora a costa seja pedregosa, temos duas enseadas muito agradáveis, com pequenas praias de areia branca.

Primeiro, esta terra pertenceu aos povos indígenas. Foi-lhes roubada por colonos da Europa. Ninguém sabe quando, mas deve ter acontecido.

Em 1926, o meu bisavô comprou a ilha e construiu uma casa apenas, na costa sul. O filho dele herdou-a – e quando *ele* morreu em 1972, o meu pai e o seu irmão Dean herdaram-na. E eles tinham planos.

Os irmãos Sinclair demoliram a velha casa que o seu avô construíra. Nivelaram o terreno onde era preciso. Trouxeram areia para as praias da ilha. Consultaram arquitetos e construíram três casas – uma para cada um dos irmãos, e a terceira para as visitas. As casas eram no estilo tradicional de Cape Cod: telhados inclinados, telhas de madeira, portadas nas janelas, grandes alpendres.

Parte do dinheiro para estes projetos veio do fundo monetário da minha mãe. O dinheiro da família de Tipper era originário (em parte, se recuássemos algumas gerações) de uma plantação de açúcar perto de Charleston, Carolina do Sul. Essa plantação recorria a trabalho escravo. É dinheiro sujo.

Outra parte do dinheiro veio da família do meu pai. Os Sinclairs eram proprietários de uma editora de livros muito antiga e consagrada em Boston. E mais dinheiro veio do trabalho do meu pai. No princípio da sua carreira, Harris comprara uma pequena companhia que publica uma série de revistas literárias e de informação.

Também é dinheiro sujo. Só que de maneira diferente. Aqui, a história inclui trabalhadores explorados, incumprimento de contratos e trabalho infantil no estrangeiro – a par de integridade jornalística e crença na liberdade de imprensa.

Quando os irmãos Sinclair concluíram os melhoramentos, havia duas docas, uma casa dos barcos e uma casa para os empregados. A ilha era cruzada por trilhos de madeira e estava coberta de plantas de lilás e alfazema.

Foi aqui que passei todos os verões desde que tinha cinco anos.

Estamos agora em junho de 1987. O verão em que os rapazes vieram. O verão de Pfeff.

Vimos de carro desde Boston. Gerrard, o caseiro de Beechwood, encontra-se connosco na povoação de Woods Hole. Trouxe o barco a motor maior. Gerrard tem

cerca de sessenta anos, é baixo e sorridente. Fala muito pouco, exceto com a minha mãe. Ela tem muitas perguntas sobre rododendros e lilases, as várias reparações que são necessárias, a instalação de uma nova máquina de secar roupa. Dentro de alguns dias, Luda chegará num carro alugado, cheio de mais coisas da casa de Boston.

Depois de carregarmos o barco, fazemos a viagem de duas horas até à ilha, com Gerrard ao leme. Penny, Bess e eu sentamo-nos juntas, com o cabelo a esvoaçar à nossa volta.

É a mesma viagem todos os anos, só que desta vez sem Rosemary no seu colete salva-vidas cor de laranja.

Sem ela.

.

A casa Clairmont parece estar na mesma – três pisos e um torreão no cimo. As telhas de madeira estão cinzentas, por causa do vento e do ar salgado. O alpendre largo estende-se ao longo de dois dos lados. Numa ponta tem uma rede, e na outra uma coleção de poltronas confortáveis. No relvado há uma mesa de piquenique enorme, mandada fazer por medida. É aqui que jantamos na maior parte das noites. Ao fundo do relvado ergue-se o ácer. De um ramo baixo baloiça o nosso pneu, preso por uma corda grossa.

Quando subimos da doca, Penny larga as malas no relvado e corre para o baloiço. Iça-se para dentro dele e gira desvairadamente.

– Carrie, anda cá! Tens de dizer olá ao baloiço! – chama-me.

Está bem, então. Sinto-me melancólica, por pensar em Rosemary – mas vou, ainda assim. Corro e trepo para cima do pneu, com os pés apoiados ao lado das pernas de Penny. A deslocação do ar nos meus ouvidos, as tonturas – por um momento, esqueço tudo menos isto.

– Agora sim, já é verão! – grita Penny.

Quando Bess sobe da doca, larga também as malas e junta-se a nós. Somos grandes de mais e é difícil cabermos todas, mas entontecemos juntas num rodopiar glorioso, como costumávamos fazer quando éramos pequenas, quando os verões eram inocentes e repletos de alegrias simples e discussões mesquinhas.

Dentro de Clairmont, as carpetes estão gastas mas as madeiras bem oleadas: a mesa redonda da cozinha ostenta as manchas de tinta e os arranhões que são inevitáveis com uma família grande. Na sala há uma série de quadros a óleo e um carrinho-bar com várias garrafas cintilantes, mas a salinha mais pequena é a mais confortável. Está apinhada de livros e mantas, camas para cães em flanela xadrez e pilhas de jornais. Há também um escritório para o meu pai no piso térreo, com *cartoons* emoldurados da *New Yorker* nas paredes e mobílias de cabedal gordas; e um estúdio de artesanato para a minha mãe, com tecidos para fazer colchas de retalhos, e frascos de botões, canetas de caligrafia e caixas de bonito papel de carta.

O quarto dos meus pais fica no segundo andar, longe do barulho das filhas. Quando subo, cerca de meia hora depois de chegarmos, a minha mãe está a desfazer as malas, a enfiar camisas numa gaveta. Veste um vestido de linho bege, amarrotado da viagem.

Wharton (a nossa cadela *Irish setter*) está deitada aos pés da cama *king size*. Deito-me ao lado dela.

– Dá-me espaço, sua cadela burra e maravilhosa.

– Oh, não digas isso.

– Faz parte do encanto dela. – Faço festas nas orelhas macias de *Wharton*. – Ela está a comer a meia do Harris.

Tipper aproxima-se e tira a meia da boca de *Wharton*.

– Não faças isso – diz à cadela. – Não é comida.

Wharton fita a minha mãe com adoração e ela resigna-se. A cadela começa a lamber a colcha.

Tipper anda da cómoda para o toucador, entra e sai do quarto de vestir, tira coisas de uma mala e depois da outra. Quando eu estava doente, muitas vezes éramos só nós as duas, mas desde que as aulas acabaram só vejo a minha mãe na presença das minhas irmãs.

Ela muda de vestido e penteia-se, sentada ao toucador.

– Anda cá. – Abre uma gaveta de joias pouco funda, forrada a feltro preto. – Deixo cá ficar algumas coisas o ano todo – diz, tocando nas peças com as pontas dos dedos. – Assim, é como receber presentes sempre que abro esta gaveta. Esqueço-me daquilo que tenho e é como se... «Oh, olá! És mesmo bonita!»

Isto é típico de Tipper. Procura formas de espremer cada gota de prazer de uma situação, de criar alegria e beleza e surpresa sempre que pode.

– Este anel era da minha avó – diz, pegando num diamante quadrado. Continua, apontando para as peças, jade antigo e safiras mais recentes. Pousa as joias cuidadosamente no toucador para eu as experimentar. Cada uma é um pedaço da história feminina da nossa família, ao longo de gerações passadas, na linhagem dela e de Harris.

Uma das joias é o seu anel de noivado, uma esmeralda rodeada de diamantes. Os meus pais conheceram-se em Harvard/Radcliffe, onde Harris pediu Tipper em casamento quatro vezes antes de ela aceitar.

– Venci-a pelo cansaço – é o que ele diz sempre. – Ela aceitou só para me calar.

A minha mãe ri-se quando ele conta essa história.

– Da quarta vez percebeste que era melhor comprares um anel – recorda-lhe.

Agora pega numa dupla fiada de pérolas escuras e reluzentes, de um cinzento profundo, com galáxias a girar dentro delas.

– Foi o teu pai que me comprou estas pérolas – diz –, no nosso segundo aniversário de casamento. Quando eu estava grávida de ti. – Deixa-me segurá-las. São escorregadias, e mais pesadas do que eu esperava. Ela pega-lhes de novo e coloca-as ao pescoço, onde ficam a brilhar sobre o azul do vestido. – Foi um presente muito significativo – diz. – As coisas não estavam fáceis, nessa altura.

– Porquê? – pergunto.

– Nada de especial – diz ela, e levanta a mão para me tocar na face. – Mas, um dia, gostava que ficasses com elas.

– Está bem.

– As pérolas negras – diz ela, brincando com o colar ao pescoço – são para a Carrie.

Por baixo do forro da gaveta, vislumbro uma fotografia com orla branca e uma tonalidade laranja esmaecida. Só consigo ver o canto inferior direito.

– Que fotografia é essa? – pergunto, e levanto o braço.

Ela segura-me na mão.

– Não é nada.

– É a Rosemary?

Uma expressão cruza-lhe o rosto. Dor.

– Não.

Ponho as mãos atrás das costas.

– Queria ver se era a Rosemary.

A minha mãe olha para mim e, por um instante, penso que vai desatar a chorar – lavada em lágrimas pela perda da sua bebé. Ou talvez me diga que não faz mal sentir saudades de Rosemary, ou pensar nela constantemente, como eu faço.

Mas ela recompõe-se.

– Sabes que mais? – diz. – Acho que devias usá-las esta noite.

Tira as pérolas negras e coloca-as em volta do meu pescoço.

Deixem-me falar-vos um pouco mais sobre Penny e Bess. Dizem muitas vezes que somos como princesas num conto de fadas (ocidental). Três jovens altas e loiras com silhuetas esguias. Cópias da nossa mãe. Temos esse ar que atrai as pessoas. Gostam dos nossos olhos sérios e dos nossos risos alegres. Pensam que talvez estejamos à espera de alguém que nos resgate. Somos algodão branco e pés sujos de areia, dinheiro de família e lilases, cada uma de nós.

Contudo, somos fáceis de distinguir.

Bess (Elizabeth Jane Taft Sinclair) tem catorze anos, sempre a correr para nos apanhar, a mim e a Penny. É a que mais trabalha, a que gosta de agradar a toda a gente, a mártir. Ajuda a nossa mãe na cozinha a fazer gelado caseiro e tartes. Arruma os seus *lip gloss* por tonalidade, alinhando os tubos numa bonita bandeja no toucador. Arruma as camisas e camisolas em pilhas organizadas por cores.

Bess tem acne na testa. Não consegue deixá-lo em paz – besunta-o de cremes, tónicos, álcool, base. Quer tratar desse acne, conquistá-lo. É como o nosso pai, nessas coisas. Absorveu a ética de trabalho dele e o seu orgulho nessa ética, mas também a mesma indignação quando o esforço não é claramente recompensado. Bess é um padrão florido, um frasco de lápis bem afiados, uma agenda semanal preenchida com caligrafia cuidada. Não é sempre simpática – nem por sombras. Mas é sempre boa.

Penny (Penelope Mirren Taft Sinclair) tem a admirável capacidade de fazer com que as pessoas gostem dela, apesar de ser egoísta. Os outros querem tocar-lhe. É a beldade da família, aquela que se destaca sempre nas fotografias. Quando a avó M. estava viva, costumava comentar isso mesmo – o magnetismo da presença física de Penny.

– Que *belle* – dizia muitas vezes, puxando Penny à parte para lhe dar caramelos.

Quanto a mim, chamava-me «boa menina» e a Bess «a pequena ajudante».

Se o meu cabelo é cor de manteiga e o de Bess faz lembrar o sol do princípio da primavera, o de Penny são natas. Tem dezasseis anos e é uma rapariga elegante e ágil. Sabe divertir-se, quando quer. Sabe trabalhar, quase nunca. Adora coisas bonitas e despreza as pessoas que despreza com um ódio inflexível.

Penny gosta de ordem, mas de forma diferente de Bess. Quer que as coisas aconteçam facilmente, sem conflito.

– Só tens de te portar normalmente – diz-me. O que significa, não te zangues, não agites o barco, deixa-te ir com a corrente. Sinais de agitação e tumulto incomodam Penny. Fica fria e calada, e esse frio e esse silêncio protegem-na dos seus sentimentos.

O que quero dizer é que ela prefere uma superfície calma.

Eu, sou uma atleta e viciada em narcóticos.

Uma líder e uma enlutada.

Uma grande vergonha e um crédito para o nome da família.

Por fora, tenho olhos cinzentos e cabelo loiro cor de manteiga, com um maxilar forte – agora – e a boca cheia de aparelhos nos dentes. Pele clara, faces rosadas. Um pouco mais alta do que as minhas irmãs, mais alta do que muitos rapazes. Tenho o porte confiante e os ombros sólidos de uma excelente jogadora de *softball*. Ergo-me em frente de multidões com um sorriso. Resolvo os problemas das minhas irmãs. Estas são as qualidades que toda a gente consegue ver.

Mas por dentro sou feita de água do mar, madeira empenada e pregos enferrujados.

No dia depois de chegarmos, acordo às seis da manhã. Nunca consigo dormir bem até me habituar ao sítio onde estou. Visto uma camisola de malha por cima da camisa de dormir. As manhãs em Beechwood são frescas. Ao descer para ir beber café, faço uma pausa à porta do antigo quarto de Rosemary.

Está vazio. Rosemary tinha uns trinta bonecos de peluche no beliche de cima, onde ela dormia, na sua maioria leões. Mas já cá não estão. Nem sequer o seu leão preferido, um boneco mole e branco chamado Champô. Em vez disso, as camas do beliche estão muito bem arrumadas, com colchas antigas da coleção da minha mãe.

Os livros de Rosemary também desapareceram: velhos livros ilustrados e infantis, coleções de contos de fadas. Desapareceram as *Barbies*, a coisa de fazer desenhos em espiral, a Bola 8 Mágica. Nas prateleiras embutidas do quarto vejo alguns objetos bonitos que não recorro – uma jarra verde e branca, alguns livros sobre temas botânicos. Quando abro o roupeiro, encontro-o vazio, à exceção de alguns cobertores muito bem dobrados.

A minha mãe deve ter-se esforçado muito para eliminar tudo o que fizesse lembrar Rosemary, para não causar sofrimento em qualquer pessoa que aqui entrasse distraidamente.

Subo para o beliche superior, onde a minha irmã dormia.

Devia ter brincado mais vezes com ela à «família de leões».

Devia ter-lhe feito tranças francesas, embora Bess o tenha feito.

Devia ter feito mais bolachas com ela, embora o tenha feito algumas vezes.

Ela era a bebé que queria subir e descer os degraus do alpendre mil vezes, sempre com o pé direito primeiro, o esquerdo atrás. A menina de quatro anos, de tutu, a correr pelos trilhos com uma varinha mágica na mão. A menina de sete anos, de máscara de mergulho e barbatanas, a bater o pé com frustração por ninguém a querer levar até à praia. A menina de dez anos com um monte de livros da série Chrestomanci muito folheados. A pedir para repetir a tarte de morango e ruibarbo. A fazer bolachas com pepitas de caramelo. A exigir que eu lhe lesse contos de fadas, embora já fosse demasiado crescida para isso.

– Então a mãe esvaziou isto, foi? – Penny está à porta. Tem o cabelo claro e brilhante todo despenteado da almofada. Veste os seus calções de ginástica verdes de North Forest, uma velha camisa de camurça e os chinelos preferidos, com caras de ovelha nos dedos.

– Não sei.

– Talvez tenha sido a Luda, no outono passado.
– A mãe pode cá ter estado enquanto nós estávamos no colégio.
– Preciso de café – diz Penny. Mas sobe para o beliche de Rosemary comigo.
Sei que ela não quer falar sobre a nossa irmã. Sobre os nossos sentimentos. Nunca quer. E é agressiva se for pressionada, por isso não digo nada.
Penny estica as pernas para cima e os chinelos das ovelhas tocam no teto.
Levanto também os pés, calçados com meias azuis grossas.
Abanamos os dedos dos pés contra o teto.
– Queres ir à caça ao sótão? – pergunto, e começa a formar-se uma ideia. – Procurar os livros antigos, talvez? Ou os jogos? Talvez venham a fazer falta.
Não menciono as outras coisas de Rosemary, as suas roupas e leões de peluche e por aí fora.
– Uma sessão de *Clue* não era má ideia.
– E aqueles livros do Chrestomanci – digo.
– São amorosos – diz Penny. – Não me importava nada de reler alguns deles.

Subimos até ao andar dos meus pais. Ao fundo do corredor há uma porta que dá para uma escada de madeira estreita. Esta sobe para o sótão – o torreão. É uma divisão hexagonal, com duas janelas e soalho de madeira tratado, mas costuma estar escura e quente, por isso Tipper usa o espaço só para arrumação.

Cheira a madeira e pó. Duas carpetes enroladas. Baús. Caixas de cartão, meticulosamente rotuladas na caligrafia da nossa mãe. Tal como eu esperava, há um conjunto de caixas de aspeto recente encostadas a uma das paredes, muito direitas e fechadas com fita adesiva.

Penny e eu passamos a meia hora seguinte a remexer no conteúdo destas. Digo olá a Champô e aos outros leões de peluche, aos calções e *T-shirts* de Rosemary. Oh, como tenho saudades dela. Mas não quero afastar Penny, por isso fecho rapidamente essas caixas. Concentro-me antes nos jogos. Encontramos *Clue*, *Scrabble* e a Bola 8 Mágica. Queremos levar para baixo o espirógrafo para desenhar? Não.

Penny pergunta à Bola 8 Mágica:

– Vou apaixonar-me?

É melhor não te dizer ainda, responde a bola.

Desde que entrou para North Forest que os rapazes fazem fila para ter a atenção dela, mas Penny afirma que nunca esteve apaixonada por Lachlan, o rapaz a quem deu com os pés no fim do semestre, nem por nenhum dos outros antes dele.

– Alguns eram extremamente giros – diz agora. – Mas demasiado estúpidos para eu os amar.

Parece injusto que Penny tenha recebido tão grandes dons de magnetismo e beleza, como que concedidos por fadas à nascença, e no entanto lhes dê tão pouco valor. Já perdeu a conta aos rapazes que beijou, é das primeiras a ser convidada para todos os bailes, nunca está sozinha a menos que queira. É apreciada pela boa sorte daquelas maçãs do rosto, pelo azul dos seus olhos, pela altura extra do pescoço – quem sabe, na verdade? Penny nunca conheceu outra maneira de estar no mundo, e de nada adiantam

as minhas queixas.

– A Carrie vai apaixonar-se? – pergunta ela à Bola Mágica.

Pelo que vejo, sim.

– Ohhh, Carrie, vais apaixonar-te!

– Não disse quando – recordo-lhe. – Pode ser quando tiver trinta anos.

– A Carrie vai apaixonar-se *este* verão? – pergunta Penny à Bola Mágica.

De certeza.

– Não há ninguém por quem possa apaixonar-me – digo eu à bola.

– Isso é verdade – suspira Penny.

Nessa altura ainda não sabemos que os rapazes vêm. Não sabemos como eles nos enervarão e nos irritarão; como modificarão a ideia que fazemos de nós próprias e nos virarão a vida de pernas para o ar, como deuses bêbados a jogar com o destino dos mortais.

Mas ambas estamos com vontade de ter a vida virada de pernas para o ar.

Penny continua a fazer perguntas ridículas à Bola 8 Mágica.

– Conseguirei decorar a tabela periódica? Casarei com o Simon LeBon? – É o cantor de uma banda de que ela gosta. – A Bess é a maior chata à face da Terra, ou existem chatos piores? A *Wharton* conseguirá ultrapassar o medo de gaivotas?

Levamos os jogos de *Clue*, *Scrabble* e gamão para nós, e alguns dos velhos romances de Chrestomanci – *O Castelo Encantado* e as suas sequelas.

Por fim, abrimos uma caixa com os livros de contos de fadas de Rosemary. Muitos são antigos, já tinham pertencido ao meu pai quando era pequeno, e à mãe dele ainda antes. São esplêndidos, com imagens misteriosas. Os capítulos começam todos com uma letra ornamentada. São os livros que eu costumava ler a Rosemary antes de ela ir dormir.

– A mãe costumava ler-nos estes livros, a mim e à Bess – diz Penny. Toca no livro de cima. – Mas não me lembro de a Rosemary os ter.

– Tinha.

– Espero que não a assustassem. Alguns são bastante macabros.

– Ela nunca teve medo de histórias.

Levo os livros para o meu quarto. Depois Penny e eu descemos e vemos que Tipper fez queques de cenoura com passas, coco e avelãs. Bebemos canecas de café com leite e comemos queques quentes no alpendre, onde o ar está a aquecer ao sol.

Jogamos *Scrabble* e eu ganho a Penny.

— Carrie — chama Bess da areia, quando eu chego à Praia Grande. — Precisamos de ti.

As minhas irmãs estão sempre a dizer isto. Dizem-no porque eu sou a mais velha. Neste caso, precisam que eu trate do chapéu de sol, que é grande, azul e branco, e tem um mecanismo melindroso — mas começou por «Precisamos de ti» para atar os sapatos. Depois passou a «Precisamos de ti» para brincar às sereias connosco, e para «Precisamos de ti» para cortar bonecas de papel, e para «Precisamos de ti» para dizeres à ama que foi sem querer que pintámos a mesa da sala de jantar.

Mais recentemente, evoluiu para «Precisamos de ti» para nos ensinares a rapar as pernas, para ajudar Bess a fazer um trabalho da escola, para Penny voltar a ser aceite na equipa de ténis depois de faltar a tantos treinos. Para ajudar Penny a fazer as malas quando deixou tudo para a última hora, para convencer Tipper a deixar Bess comprar o vestido decotado que ela quer, para afastar os mexericos que correram pela escola quando Penny acabou o namoro com Lachlan, duas semanas antes do fim das aulas. «Precisamos de ti» significa que as minhas irmãs me amam, dependem de mim, admiram-me.

Depois de montar o chapéu de sol, passamos as três a tarde esticadas à sombra. Os nossos pais aparecem durante períodos mais curtos, e Gerrard dá um mergulho na sua pausa do trabalho, mas as minhas irmãs e eu montámos acampamento. Duas mantas de algodão coloridas, encostadas uma à outra. O chapéu de sol. Um cesto com caixas de morangos, amoras, sanduíches de presunto e queijo *brie* em baguetes, bolachas de manteiga finas. Uma geleira com bebidas. Temos um monte de revistas e um rádio e leitor de cassetes que só usamos quando a nossa mãe não está por perto. Ela detesta música na praia.

Ouvimos cassetes: Terence Trent D'Arby, Pet Shop Boys, REM, Duran Duran. Deitadas de costas, agitamos as pernas e os braços no ar numa espécie de dança.

Quando vamos à água, vamos juntas. Não falamos sobre isso, mas nenhuma de nós vai nadar sozinha.

— A Tipper tem uma fotografia secreta escondida na gaveta das joias — digo às minhas irmãs, enquanto nos atiramos para cima das mantas, a pingar, ofegantes. Não tencionara dizer aquilo em que estava a pensar, mas sai-me.

Bess arregala os olhos.

— Do quê?

— Não consegui ver — respondo. — Só vi o cantinho. Ela empurrou-a para baixo

para eu não ver.

– Deve ser a Rosemary – diz Penny.

– Se fosse a Rosemary ela deixava-me ver. Perguntei-lhe se era a Rosemary.

– Talvez não. Se achasse que te ia deixar triste.

– Pode ser o tio Chris – diz Bess.

O irmão da minha mãe, Christopher Taft, fugiu para a América do Sul com uma mulher bastante mais velha. É tudo o que sei sobre ele. Nenhuma de nós o chegou a conhecer e, tanto quanto sei, Tipper não mantém o contacto com ele. Os pais dela «lavaram as mãos do Chris» – era o que a avó M. costumava dizer quando era viva.

– Oh, sim, o Christopher – diz Penny. – E se fossemos espreitar?

– Oh, sim! – diz Bess.

– Não podemos andar a remexer nas coisas dela. – De súbito, tenho receio de que as minhas irmãs vão lá acima e tirem a fotografia do sítio, deixando um rasto de areia e a gaveta das joias da nossa mãe toda desarrumada.

– Ela não devia esconder nada de nós – diz Bess. Franze os lábios num beicinho falso. – Merecemos ver as fotografias todas que ela tem.

– Vá lá – diz-me Penny. – Não terias falado nisso se não estivesses curiosa.

– Podíamos ir lá acima quando ela estiver ocupada no jardim – acrescenta Bess. – Tu ficavas de vigia enquanto eu e a Penny roubamos a foto.

– Não – respondo em tom brusco. Sei que fui eu que toquei no assunto, mas agora não as quero a perturbar os nossos pais. – E se for uma fotografia dela e do Harris todos nus?

– Oh, *blargh*. Não – Penny deita a língua de fora.

– Vómito – diz Bess. – Mas não deve ser.

– Seria impossível esquecê-la – aviso.

– Está bem, como queiras – diz Penny. – Mas foste tu que falaste nisso.

Esta noite, Tipper apanha as primeiras flores de verão no jardim da cozinha. Põe a mesa de piquenique com um caminho de mesa ao centro. Põe um avental branco lavado e grelha salmão. Temos rodela de limão nos copos. Depois do jantar, uma vez que Luda ainda não está na ilha, nós as três ajudamos com a loiça.

Mais tarde, Penny rouba uma garrafa de vinho da adega. Eu vou buscar um saca-rolhas e vamos as três sentar-nos no alpendre de Pevensie, a casa do tio Dean. Pevensie não é tão grande como Clairmont. Está virada para os campos de ténis novos e para os trilhos de madeira que levam de um sítio ao outro. À distância, vê-se a doca da família. O pequeno barco a motor (o *Glutão*) está lá atracado, bem como o barco à vela. O barco a motor grande fica normalmente na doca de trás, que é usada pelos empregados.

Servimos o vinho em copos de sumo e conversamos, essencialmente sobre a escola, apesar de estarmos finalmente livres dela. A amiga de Penny, Erin Riegert, chega amanhã para uma estada por tempo indefinido. As duas eram inseparáveis em North Forest.

– Espero que ela não me odeie quando aqui chegar – diz Penny com ar pensativo.

– Porque havia a Erin de te odiar? – pergunto.

– Nem penses nisso – diz Bess.

– Ela vive num apartamento. Só com a mãe. Acho que só está em North Forest porque tem uma bolsa de estudo.

– Não sabes se ela tem uma bolsa de estudo ou não?

– Sei, ela *tem* uma bolsa de estudo, está bem? É só por isso que pode lá andar.

– Quem me dera poder trazer uma amiga – diz Bess.

– Podias ter convidado alguém – diz Penny.

– A mãe disse que não. Disse que seríamos demasiados e que este era o teu ano.

Parece algo que Tipper diria. Nunca tentou distribuir as coisas equitativamente entre as filhas; é mais habitual decidir que é a vez de uma de nós, ou que uma de nós será a rainha do dia.

– Podes vir andar connosco de caiaque – diz Penny a Bess –, e quando formos para a praia, e tudo isso. Podemos todas fazer gelado na máquina. Mas se eu e a Erin estivermos a jogar ténis, ou quisermos estar sozinhas no meu quarto, ou se formos a Edgartown, tens de nos deixar em paz e ir fazer outra coisa qualquer.

– És mesmo má – diz Bess, e deita mais vinho no copo.

– Não sou nada – responde Penny. É típico dela, negar categoricamente ter ferido

os sentimentos de outra pessoa. – Acabei de dizer uma data de coisas que podes fazer connosco. O resto do tempo podes ficar com a Carrie.

– A Carrie tem a Yardley – queixa-se Bess. E é verdade. A nossa prima Yardley é um ano mais velha do que eu e quando ela está na ilha costumamos andar juntas.

É tarde, por isso regressamos a Clairmont, mas quando nos aproximamos vemos os nossos pais sentados no alpendre. Ouve-se um disco a tocar através da porta de rede que dá para a sala. Música clássica, um quarteto de cordas.

– Oh, bolas. O vinho – digo. Tenho a garrafa vazia na mão. Bess traz os copos.

– Se eles virem, fecham-nos em casa o resto do verão – diz Penny.

– Eu sei – concorda Bess, que não sabe nada. – Não podemos atirá-la lá para baixo? – Refere-se a atirá-la do trilho de madeira em que nos encontramos. Por baixo há arbustos e ervas altas.

– Não – responde Penny. – Alguém a encontrará e verá logo que fomos nós.

– Podemos empurrá-la para baixo do trilho – diz Bess.

– Esperem – digo. – Tenho uma ideia.

Conduzo-as de novo até ao lado nordeste da ilha.

– Onde vamos? – pergunta Bess.

– Já vais ver. – É divertido vê-la seguir-me de olhos muito abertos. A sensação cobre-me como uma camisola quente. Fui eu que obriguei aquela rapariga má da equipa de futebol a deixar Bess em paz nos balneários. Fui eu que tive a ideia de dizer aos nossos pais que Penny estava de visita a Erin quando ela quis sair com Lachlan. Fui eu que consegui que a readmissem na equipa de ténis e fui eu que limpei o fogão quando Bess e Rosemary queimaram o bolo de banana. Nestas coisas, sou como o nosso pai. Ele encontra sempre uma saída. É um solucionador.

Dirigimo-nos a Goose Cottage. É uma casa pequena, em comparação com as outras, com quatro quatinhos amorosos de tetos inclinados e uma cozinha minúscula. Neste momento não está lá ninguém.

Abro a porta – as nossas portas estão sempre destrancadas na ilha – e ponho a garrafa de vinho no caixote do lixo. Tiro os copos das mãos de Bess, passo-os por água, limpo-os e arrumo-os no armário.

– Problema resolvido.

Ficamos por ali, na sala de estar vazia, a tocar nos objetos familiares e a habituarmo-nos de novo ao espaço. As janelas dão para o mar. O televisor está coberto de pó.

– Hey hey hey hey. – Um som trazido pelo vento. É quase como uma voz, muito suave. Canta as palavras. Um mero sussurro.

– O que foi isto? – pergunta Penny.

– Hey hey hey hey. – Ouve-se de novo.

– Parece um gato – diz Bess.

– Não pode haver gatos na ilha – digo eu. – Como é que viria cá parar?

– Pode ser do Gerrard – diz Bess.

– Ele nem sequer vive aqui – digo. – Vai para casa quase todas as noites.

– Não é um gato – diz Penny. – É... parece a Rosemary.

– Hey hey hey hey. – O som é musical, como o princípio de uma canção dos Simple Minds que foi popular há uns dois verões.

– Ela adorava essa canção – diz Bess. – Oh, meu Deus. Estava sempre a cantá-la.

Penny começa a cantar.

– Lá... lá lá lá lá. Lá lá lá lá. – Uma parte do refrão.

– Não seas sinistra – ralho em tom seco. – Vais assustar a Bess.

– Já estou assustada – diz Bess. – Não parece mesmo a Rosemary?

Um arrepio percorre-me.

Mas não acredito em fantasmas. E estamos um bocadinho embriagadas. Não há motivo para nos enervarmos.

– Uuuuuhhhh! – diz Penny de forma dramática. – Na casa de hóspedes, ninguém ouve os teus gritos.

– Penny! – exclama Bess.

– Penny, chega – digo. – Deve ser uma gaivota à procura do companheiro. Ou uma foca, ou coisa parecida. Temos de passar a boca por água. Deve haver pasta de dentes na casa de banho lá em cima.

As minhas irmãs seguem-me pelas escadas. Acendemos a luz forte da casa de banho e a ventoinha do exaustor zumbe, abafando os sons do mar e quaisquer outros.

A pasta de dentes está seca e nojenta, depois de um ano inteiro no armário. Esprememos um bocadinho para o dedo e esfregamos os dentes e as línguas para eliminar o cheiro a vinho do hálito.

Bess está meio palerma, agora que o medo passou, e o vinho lhe subiu à cabeça.

– Somos tão más – diz. – E agora já andamos todas na escola secundária. Eu já posso andar com vocês. A Erin vai estar cá. Que divertido, não é? Vai ser o melhor verão de sempre.

De súbito, estou zangada.

– Para. – Aperto os ombros de Bess, com força. – Não digas isso.

– O quê?

– Que vai ser o melhor verão.

– Eu só...

– *Não* é o melhor verão de sempre.

– Só queria dizer que íamos... que vai ser divertido, mais nada. Ficarmos acordadas até tarde, escapar para a casa de hóspedes.

– A Rosemary morreu – digo, com o rosto perto do dela. – Como podes dizer que vai ser o *melhor verão*? Ela *morreu*.

– Desculpa. Eu só...

– Não podes simplesmente apagá-la dessa maneira. E estar tão feliz. Que raio de pessoa és tu?

– Não era isso que... – murmura Bess. – Estava só a dizer...

– Deixa-a lá estar entusiasmada com o raio do verão – diz Penny, fingindo-se indiferente enquanto põe *lip gloss* em frente ao espelho da casa de banho. – Deixa-a lá ter um bocadinho de alegria. Por amor de Deus, Carrie.

– Sim – diz Bess, mudando de tom agora que tem Penny do lado dela. – Deixa-me estar entusiasmada.

– És sempre tão dramática – diz Penny. – Não faz mal nenhum ela estar feliz. Mais vale estar feliz do que, sei lá... desfeita numa poça de lágrimas ou lá o que for. Certo? – pergunta, virando-se para Bess.

Bess assente com a cabeça.

– Não devias dizer-me o que posso ou não posso sentir, Carrie – diz. – Estás sempre a dizer-me como me devo sentir.

– Está bem. – Cedo imediatamente. São as únicas irmãs que me restam. – Sejam felizes, meus amores.

.

Quando saímos para o alpendre de Goose Cottage tento ouvir o som, aquele «hey hey hey hey». Não consigo evitá-lo.

Mas desapareceu.

Voltamos para a cozinha de Clairmont, onde assaltamos o congelador. Encontramos uma caixa de gelado de chocolate e outra de menta com pepitas de chocolate.

Sentamo-nos à mesa da cozinha juntas, a enfiar as colheres diretamente nas embalagens.

Tomo um comprimido de codeína para me ajudar a dormir. O som do mar a lamber a praia parece-me demasiado alto e pouco familiar quando me deito na cama.

Depois de finalmente adormecer, sonho que Rosemary está a subir, de gatas, a longa escadaria da Praia Pequena. Tem o cabelo molhado e veste o seu fato de banho verde, o que tem os bolsos. Aquele com que se afogou.

Ao princípio tenho medo dela, no sonho. É um fantasma a sair do mar, a regressar ao lugar onde ninguém a amou o suficiente para a manter a salvo.

Apesar de a amarmos.

Sempre a amámos.

Eu amá-la-ia sempre.

– Amo-te, Rosemary – digo-lhe.

E, no meu sonho, quando Rosemary chega ao cimo das escadas, está a sorrir. Contento por me ver.

– Hey hey hey hey – canta.

Deita-se no trilho, com o fato de banho molhado a deixar marcas na madeira seca. Estica os braços acima da cabeça.

– Lá, lá lá lá lá. Lá lá lá lá.

Quando acordo, o sol entra pelas brechas nas minhas cortinas. Voltei a acordar cedo, apesar dos comprimidos.

E Rosemary está de joelhos na minha carpete, com uma camisa de dormir de verão às florzinhas e os chinelos das ovelhas de Penny.

Ela tem o tabuleiro de *Scrabble* à sua frente – o que Penny e eu deixámos no alpendre ontem de manhã. Cantarola entre dentes enquanto forma palavras com as peças. *Panqueca*, cruzada com *canguru*, cruzada com *champô*, cruzada com *abóbora*.

Olho para ela.

É exatamente igual a Rosemary, tal como ela era. Com um bronzado estival e sardas no nariz. No cabelo loiro escuro, reluzem madeixas mais claras. Tem um grande pacote de batatas fritas ao lado e come com ar distraído.

Eu sei que ela está morta.

Não acredito em fantasmas.

Mas também sei que não estou com alucinações.

– Bom dia – diz Rosemary, sem levantar a cabeça.

– Bom dia, malmequer. – Fito-a, assombrada. – Como é que vieste aqui parar?

– Tive saudades tuas – diz Rosemary. – Por isso voltei por algum tempo. – Sorri-me e pega no pacote de batatas fritas. – Estou a comer batatas fritas ao pequeno-almoço.

Batatas fritas ao pequeno-almoço – foi algo que nós as duas fizemos uma vez. Nesta casa, é quase impossível deitar as mãos a comida de plástico logo de manhã, porque a nossa mãe e Luda acordam sempre muito cedo para começar a fritar *bacon* e a espremer laranjas para o sumo. Ouvem a NPR no rádio da cozinha enquanto andam atarefadas, quase como amigas. Bom, é sempre Luda que leva o lixo para os contentores perto da casa dos empregados; e é sempre Luda que limpa a gordura do fogão. E é sempre Tipper que decide as ementas. Mas parecem gostar de trabalhar juntas na cozinha.

Seja como for, uma manhã, quando Rosemary tinha sete anos, ela acordou às cinco da manhã e, por alguma razão, veio acordar-me também. Descemos juntas, em bicos de pés, e fizemos chá com muito leite e açúcar. Tirámos dois tipos de batatas fritas da despensa: onduladas com sabor a molho de natas e ervas, e normais só com sal. Levámos as batatas fritas e as canecas de chá para a doca da família. Vimos o sol terminar de nascer. Rosemary quis que cantássemos «*Billie Jean is not my lover*» às gaivotas, e assim fizemos. Ela gostava dessa canção. Não fazia ideia do significado da letra.

Depois disso perguntava-me muitas vezes se podíamos comer batatas fritas ao pequeno-almoço. Às vezes, eu dizia «Acorda-me cedo e podemos», mas ela nunca acordava cedo o suficiente. A nossa mãe e Luda já estavam sempre na cozinha. Outras

vezes, eu dizia, «Ugh, não, malmequer. Quero dormir até tarde. Come um ovo para seres um crédito para o nome da família, está bem?»

Agora arrependo-me de todas as vezes em que lhe disse que não. Mas não é sempre assim que as pessoas se sentem quando morre alguém? É um lugar comum. Arrependimentos. Desejos.

– Foste uma boa irmã – diz Rosemary, como se soubesse o que eu estou a pensar.
– Não voltaria pela Penny ou pela Bess. Nem sequer pela mãe e pelo pai.

Sento-me e esfrego os olhos.

– Tu adoras a mãe e o pai.

– Está bem. Voltei pela mãe, também – diz ela. – Porque é a mãe. Fui lá acima ontem à noite para a ver.

– Foste? Como correu?

– Hum...

– Hum o quê?

Ela brinca com uma madeixa de cabelo.

– Para dizer a verdade, ela virou-me as costas.

– O quê?

– Ela... pensei que ela queria ver-me. Mas não quis.

Rosemary gatinha por cima do tabuleiro de *Scrabble*, espalhando as peças das palavras que acabou de construir.

– Vens para o meu colo? – pergunto.

– Sim.

É demasiado crescida, mas trepa para o meu colo mesmo assim. Ponho os braços à volta dela. O seu cabelo revoltado cheira a amaciador e água do mar. Parece-me sólida, nada espectral. Está a respirar.

Aninhamo-nos durante um bocadinho.

– A mãe viu-me e saiu – diz Rosemary, por fim. – Virou-se com uma expressão chocada na cara, saiu do quarto e começou a andar pelo corredor. Por isso segui-a, porque pensei que ela me abraçaria ou talvez chorasse ou ficasse contente, mas quando chegou ao cimo das escadas, antes de descer, ela virou-se e disse: *Por favor, não me sigas. Não me visites e não me sigas. Tenho de manter a serenidade. Pelo resto da família.*

– Oh, malmequer.

– Sim. Ela teve medo de mim.

– Ela ama-te. É só que... tu sabes que ela te ama – digo.

– Talvez. – Salta do meu colo, pega no pacote de batatas fritas e vai sentar-se aos pés da cama. – Lês-me uma história?

– A sério? – digo. – Voltas dos mortos e, depois de uns mimos rápidos, queres uma história?

– Sim.

É como se nada do último ano tivesse acontecido, ao ponto de eu ter de tocar no queixo para me certificar de que fui operada.

– Estás diferente... muito gira... é um bocado estranho... mas hei de habituar-me – diz Rosemary, quase sem uma pausa, enquanto revira os olhos.

– Obrigada.

– Doeu muito? – pergunta. – Porque morrer doeu muito, mas só por um segundo, e depois já não. O mais horrível foi o medo de morrer, na verdade. E estava a pensar, quando vi a tua cara, antes de tu acordares, a tua cara diferente, que provavelmente tiveste muito mais dores do que eu, não foi?

– Sim, doeu muito. – Estou tão feliz por ela não ter sofrido.

– Imagina, aquilo que fizeram à tua cara doeu mais do que a própria MORTE.

Rio-me.

– Está bem, agora lê. – Rosemary pega num livro de contos de fadas e estende-mo.

– Já sabes qual é que eu quero.

A história que ela quer é *Cinderela*. Sempre foi a sua preferida, embora Tipper e eu tentássemos muitas vezes convencê-la a escolher outra. Porque é um enredo matrimonial, percebem – o tipo de história em que a melhor recompensa para uma boa rapariga é um príncipe bem-parecido. Até Tipper a achava antiquada. Mas Rosemary adorava-a.

– Porquê? – perguntei-lhe uma vez.

– Tem roupas bonitas, e festas, e também gosto da parte da abóbora – respondeu ela. – A abóbora é o melhor.

Assim, leio *Cinderela* em voz alta, maravilhada por poder fazê-lo, tentando prolongar este momento aconchegante e estranho.

Quando a história acaba, Rosemary levanta-se.

– Adeus, por agora, Carrie. Estou cansada.

Sai do meu quarto a saltitar, como se fosse um dia normal.

Fico ali sentada com o livro na mão.

As peças de *Scrabble* estão espalhadas pelo tapete. O pacote de batatas fritas está vazio.

.

A nossa família sempre adorou contos de fadas. Há neles algo de feio e verdadeiro. Magoam, são estranhos, mas não conseguimos parar de os ler, uma e outra vez.

A minha mãe leu-me estes livros de contos de fadas.

Leu-os a Bess e Penny.

E eu li-os a Rosemary.

De qualquer maneira, agora vou contar a história preferida de Rosemary. A minha versão.

A história parece-me a história da minha família e desse verão dos meus dezassete anos. Ainda não consigo explicar de outra maneira o que aconteceu.

Era uma vez três irmãs, que vivem na mesma casa.

Duas são bonitas, mas os seus corações são deformados.

A terceira, que não é realmente irmã de sangue das outras duas – a Cinderela – não só é bonita, como é devotada e boa.

No entanto, a sua vida não é fácil. Esfrega o chão, de joelhos. Tem as mãos e a cara cobertas de cinzas. As unhas pretas da fuligem.

Um dia, o príncipe anuncia um festival, com bailes e festas, que se prolongará durante dias. Haverá música e iguarias para comer.

Claro que toda a gente quer ir.

A Cinderela também quer ir, mas mais importante ainda, quer que as irmãs a aceitem. Será que pode ir com elas ao festival? Por favor?

A resposta é não. As irmãs, vaidosas e consumidas com a sua própria vida interior, cegas ao sofrimento dos outros, embriagadas com o licor ardente do desejo de aprovação dos pais, desesperadas por amor e validação... veem a Cinderela como competição.

A madrasta responde que a Cinderela não pode ir ao festival porque não tem um vestido. E saem todos sem ela.

Assim, a Cinderela vai à campa da sua falecida mãe. Por cima da sepultura, está um pássaro numa avelaneira. O pássaro atira-lhe um vestido dourado para ela usar.

Todos sabemos como é a história daqui para a frente. Depois de dançar com o príncipe, a Cinderela foge. Foge do príncipe porque tem vergonha de ser a irmã que não é amada, por ser a que está coberta de cinzas.

Deixa cair um sapato.

O príncipe apanha-o. Procura-a.

Quando chega à casa deles, à procura da mulher em cujo pé servirá o sapatinho, as irmãs más competem pelo afeto dele. Mutilam os próprios pés para tentarem agradar à mãe (que quer que elas façam bons casamentos) e numa tentativa de encontrar o amor.

Uma corta o dedo grande.

A outra corta a parte de trás do calcanhar.

Enfiam os pés massacrados no sapatinho, mas sangram sempre. O príncipe vê que o sapato não lhes serve, na realidade.

Quando o príncipe pergunta se é possível a terceira filha experimentar o sapato, o seu próprio pai responde que ela não passa de «uma pequena Cinderela deformada».

Mas ela tenta, e o seu pé desliza facilmente no sapatinho sujo de sangue. Ela não é deformada, afinal.

O príncipe reconhece-a e leva-a para casar consigo.

.

Esta é a minha história.

Quero dizer, eu sou a Cinderela.

Eu sou a irmã boa,

a pária,

a enlutada.

Tal como eu, a Cinderela é elevada da deformidade para um novo patamar de beleza e melhor posição social.

A sua nova aparência é a minha nova aparência.

Mas sou também uma irmã má.

Sou vaidosa e consumida pela minha vida interior,
embriagada com o licor ardente do desejo de aprovação dos meus pais,
desesperada por amor e validação,

automutilada,

vendo as minhas irmãs como competição.

Ensanguentada.

PARTE QUATRO

OS RAPAZES



Uns dois dias depois de Rosemary me aparecer pela primeira vez, o meu tio Dean chega com os filhos, Yardley e Tomkin (nome completo: Thomas). Dean traz também a amiga de Penny, Erin Riegert. Gerrard vai buscá-los no barco grande, que tem uma cabina por baixo do convés.

Dean é divertido. Vive em Filadélfia. É advogado, embora não pareça trabalhar muito.

Quando se divorciou da mulher, há oito anos, deixou-a ficar com os filhos durante o ano. Estão com o pai no verão, e ele trá-los para a ilha. É o pai divertido, que quer compensar o tempo perdido. Quando ele cá está, Luda trata-lhe da roupa suja, tira a loiça da máquina de lavar dele, lava-lhe as banheiras, mas Dean gosta de se encostar ao churrasco a grelhar grandes nacos de carne. Sempre foi o adulto que fazia mais coisas connosco, o que nunca se importava de sair connosco no barco à vela, ou de nos levar a Edgartown para comer gelados quando Tipper estava ocupada com as tarefas domésticas e Harris ao telefone com o escritório. Dean parece estar plenamente de férias quando aqui está. Brinca com Tomkin na água. Vive à grande, bebe cerveja, dá palmadas nas costas dos outros.

Ele e o meu pai são coproprietários de Beechwood, mas hoje Harris cumprimenta Dean como se o irmão fosse um hóspede. O barco chega ao meio-dia. Descemos todos até à doca.

– Onde é que andaste? – pergunta Harris em tom jovial. – Tivemos de começar o verão sem ti.

– Complicações no trabalho – diz Dean. – Há almoço? Era capaz de comer um *Cadillac*.

– Sanduíches e batatas fritas – diz a minha mãe. – Daqui a uma hora, em Clairmont.

– Aquela carne fatiada de que eu gosto, com o molho de rábano?

– Em pão caseiro. E salada de atum. Mas o teu frigorífico está abastecido, se não conseguires esperar.

Pevensie foi arejada, limpa e reabastecida.

– O Tomkin precisa de fazer chichi – diz Dean. – Bess, importas-te de o levar a fazer chichi?

– Sei fazer chichi sozinho – diz Tomkin. É magro e sardento, com cabelo castanho e nariz arrebitado. Tem onze anos e as suas pernas estão cobertas de arranhões e picadas de inseto. Aqui na ilha passa o tempo a olhar para as poças deixadas pela maré

e a trepar às rochas. O ano passado, ele e Rosemary construíram uma coleção de casinhas de fadas à volta de um toco de árvore nas traseiras de Pevensie. Umas eram feitas de pedras, outras apoiadas em raminhos e com folhas a fazer as vezes de telhado, lares adequados para as bonecas mais pequeninas de Rosemary, mas que eles deixaram quase todas vazias para as fadas verdadeiras. Eram mobiladas com conchas e pedacinhos de musgo, sementes de roseira e flores. Tomkin é um querido, nesse aspeto. Gosta de brincar com as miúdas. Este ano, parece não ter crescido quase nada.

Bess vai com ele, de qualquer maneira, e ajuda-o a levar as malas.

Penny já desapareceu da doca. Agarrou Erin e as duas correram para a casa aos gritinhos, com as malas de Erin. Erin podia dormir no antigo quarto de Rosemary, claro, mas Penny quer ficar com ela. De qualquer maneira, o quarto de Penny tem duas camas.

A minha mãe dá-me um toque.

– A Yardley.

Eu deixei-me ficar para trás. Não vejo nenhuma destas pessoas desde o Natal, antes da minha operação. Falei uma ou duas vezes com Yardley ao telefone. Ela mandou-me um postal quando fui operada. Sei que deve ter sido a mãe que a obrigou a escrevê-lo, mas estava bem feito. A caligrafia redonda e alegre de Yardley enchia todo o interior do postal, de ambos os lados, e ainda passava para a parte de trás.

Que grande \$%&/# isso da dieta líquida! Só agora é que me apercebi de como gosto de mastigar. Na verdade, sou obcecada pela mastigação. Pastilha elástica! Gomas! Mas só das vermelhas. Outras coisas peganhentas como caramelos! Ou coisas crocantes como nozes!

Está bem, não quero saber das nozes para nada. Mas mastigo muita pastilha elástica.

Desculpa, não queria deixar-te com inveja de toda a minha mastigação. Este postal é para te animar!

Oh, aqui está uma novidade divertida. Namorado novo! Livrei-me do Reed, aquele de quem te falei no Natal, porque ele NÃO foi solidário com a minha angústia existencial por causa das candidaturas à universidade. Só queria enrolar-se comigo quando eu estava literalmente a candidatar-me a Harvard e o prazo acabava no dia seguinte.

Portanto decidi, adeus Reed.

Namorado novo = George.

O George também quer estar sempre enrolado comigo, mas: já enviei as candidaturas todas, portanto não faz mal. É canoísta, que eu nem sequer sabia que era um desporto, mas pelos vistos é.

Bom, tenho de ir, mas volto a escrever em breve.

Beijinhos,

Yardley

Ela não entrou em Harvard. Vai para a Universidade do Connecticut e quer estudar Medicina. Dean está desapontado. Ele e Harris são homens de Harvard. Mas, de uma maneira geral, Yardley *é um crédito para o nome da família*. Tem o rosto estreito e o corpo esguio, uma estrutura eficiente, com pernas fortes e robustas. É sardenta, com nariz arrebitado como Tomkin e cabelo castanho muito volumoso, pelo que a sua aparência em geral irradia saúde e bom desportivismo americano. A sua voz é firme e cativante; o maxilar, uma linha firme do queixo à orelha.

Yardley leva os seus objetivos a sério e sabe trabalhar arduamente quando tem de ser, mas também é extremamente palerma quando quer. Não é criativa – ela própria o diz – por isso guarda uma admiração comovente pelas festas e extravagâncias estivais da minha mãe, e até pelos esboços que eu faço de vez em quando e pelas pulseiras da amizade que teço em lã.

– Carrie! – grita Yardley, descendo do barco com um saco cheio de Pop Tarts e caixas de bolas de ténis. – Anda cá, minha jeitosa. Oh, meu Deus, estás fantástica!

Abraço-a.

– Bem-vinda a mais um verão.

– Este vai ser diferente – diz ela.

– Nem por isso.

– Oh, vai, sim. Anda conhecer os rapazes.

Fico parada e olho para ela de testa franzida.

– Quais rapazes?

– Trouxe-te um presente.

– O quê?

– Estou a brincar. Ou se calhar não. – Yardley arrasta-me para o barco e descemos para a cabina, onde estão dois rapazes adolescentes de roda de um terceiro que, ao que parece, acabou de vomitar para um balde verde. – Marinheiros terríveis, mas giros como tudo – diz ela.

– *Eu* sou bom marinheiro – diz um. Tem ombros largos, pele clara, cabelo preto denso e maçãs do rosto altas. Parece ter partido o nariz múltiplas vezes. Veste uma *T-shirt* do festival de música Live Aid e calções de linho largos.

– O mar estava muito agitado – diz o rapaz que vomitou. Tem uma beleza menos convencional, de rosto afilado, alto, com cabelo ruivo muito curto. Traz à sua volta o ar de Nova Iorque. Veste um casaco de cabedal, apesar do calor.

O terceiro rapaz aproxima-se e inclina-se para o ouvido de Yardley.

– Este vômito foi o momento mais pavoroso da minha vida – diz, fingindo segredar.

É um rapaz bege, no geral – pele bronzeada, cabelo castanho claro caído sobre a testa, estatura média. Para compensar a monotonia de cor, veste calções de xadrez vermelhos e um polo cor de rosa com a gola levantada.

Deve ser George. O canoísta. A menos que Yardley tenha já outra pessoa. Ela não é nada de mais em termos de aparência – bonita mas não deslumbrante, não se veste de maneira especial – mas sempre teve namorados. Não sei o que faz com que os rapazes gostem tanto dela. Talvez seja a confiança. Yardley não pensa – ou melhor, não parece pensar – em todas aquelas coisas que me atormentam permanentemente. Tem a certeza do seu lugar no mundo, é descontraída, feliz, mais capaz de simplesmente amar e ser

amada. Seja como for, eu adoro-a.

– Esta é a minha prima Carrie – anuncia ela. – Tem dezassete anos, é melhor do que qualquer um de vocês com um taco de baseball, sabe onde estão enterrados todos os cadáveres nesta ilha, e estão todos muito felizes de a conhecer. Está bem?

George Bege aperta-me a mão.

O rapaz de ombros largos e nariz torto faz uma vénia cómica.

O ruivo de blusão de cabedal levanta a cabeça do balde.

– Perdoa-me por ser tão nojento.

– Obrigada pelo presente, Yardley – digo. Um comentário atrevido, mas é sincero.

– Não tens de agradecer. – Yardley dirige-se ao balde de vômito e pega nele. –

Major – diz –, já gregoriaste tudo?

– Já.

– Tens a certeza?

Ele franze a testa.

– Já chegámos a terra firme, certo?

– Sim, já.

– Então tenho a certeza.

Yardley sai da cabina e dirige-se à ré do barco, onde despeja o balde e o passa por água do mar. Todos a seguimos, os rapazes com as mochilas às costas. Os sacos maiores já foram levados pelos empregados.

– Queres uma pastilha, Major? – pergunta Yardley. – Aposto que queres uma pastilha de mentol antes de ires conhecer os meus tios.

Major acena afirmativamente.

Ela dá-lhe uma pastilha de um pacote de papel que tem no bolso dos calções.

– Muito bem, seus mariquinhas, toca a sair do barco para conhecerem as pessoas. Façam olhinhos bonitos à minha tia Tipper, está bem? E apertem a mão do meu tio Harris.

E assim, numa azáfama, os meus pais são apresentados a George Bryce-Amory, o namorado canoísta bebe mas rosa-e-xadrez de Yardley. George tem um sorriso radiante, braços fortes, faz comentários simpáticos («Têm aqui um espaço fantástico!») intercalados com apartes autodepreciativos.

– Oh, sou um cozinheiro terrível – diz à minha mãe quando ela se oferece para lhes abastecer a cozinha de Goose Cottage. – Ao ponto de ser uma vergonha e quase assustador. Sei fazer café queimado e... deixe-me lá pensar... umas papas de aveia meio cruas, mais nada.

Ela convida-o imediatamente para vir tomar o pequeno-almoço a Clairmont sempre que queira, e diz que pode servir-se da tarte que sobrou.

– Há sempre café a fazer a partir das seis da manhã – diz ela. – E às oito há ovos e queques.

Promete comprar-lhes cereais para a casa de hóspedes e arranca os nomes das marcas preferidas de cada um dos rapazes. George gosta de *Lucky Charms*.

– É repugnante, eu sei. Devia comer farelo de aveia, mas gosto tanto... – diz.

Jeremy Majorino, conhecido como Major, é o gregoriador que não é bom marinheiro, o ruivo de blusão de cabedal. É produto (ficamos a saber) de uma escola particular com pretensões artísticas em Brooklyn, amigo de George por há anos

frequentarem o mesmo acampamento de férias.

– Quando o George decide que é nosso amigo, não temos hipótese – diz Major, e aperta a mão de Harris com ar atrapalhado. – É o tipo mais leal que conheço.

Enquanto tudo isto acontece, o rapaz de ombros largos e nariz torto está à espera atrás dos amigos, de mãos nos bolsos, a olhar para o mar. A sua *T-shirt* coçada esvoaça ao vento. Os nossos três cães vão ter com ele, e ele baixa-se para lhes fazer festas nas cabeças. Oíço-o dizer baixinho:

– Oh, olá, jeitoso. Sim, e tu também. E tu. *Blargh*, já me babaste a mão toda. Babaste-me com esse focinho de cão! Vou limpá-la ao teu pelo, seu porquinho. Tu mereces. Mereces sim. Mas somos amigos, não somos? Eu acho que somos amigos.

Sente o meu olhar e levanta-se. Sorri. Tem sobrancelhas grossas sobre olhos castanho-escuros. O cabelo quase preto não vê um bom corte há que tempos.

Chama-se Lawrence Pfefferman, diz, quando cumprimenta os meus pais.

– Chamem-me Lor, para ser mais fácil. Ou Pfeff – diz.

– Cuidado – murmura-me Yardley ao ouvido.

– Porquê? – pergunto.

– Tem cuidado, só isso – diz ela. – O Pfeff é qualquer coisa.

Pronuncia-se «Feff». George explica aos meus pais que ele e Pfeff são amigos da escola em Filadélfia.

– Gostas de barcos, Lor? – pergunta o meu pai, com um olhar trocista para Major.

– Sim, senhor.

– Ainda bem. Assim sendo, logo vamos ver o pôr do sol no barco à vela. Todos menos aquele rapaz. – Mais uma alfinetada a Major, por ter vomitado. – Que me dizes, George? Um passeiozinho de vela?

George parece hesitante, não quer deixar Major sozinho na sua primeira noite, mas não precisa de dizer nada porque Tipper intervém.

– Harris, esta noite é a Caça ao Limão.

– Oh, mas o tempo está...

– Não – interrompe Tipper em tom firme. – Há dias que estou a trabalhar na Caça ao Limão. Hoje não é o melhor dia para ir velejar.

Ela leva muito a sério as suas festas. O meu pai sorri.

– Fica para amanhã – diz a George e a Pfeff. – Veremos um bom pôr do sol. Venham lá conhecer Goose Cottage, rapazes.

Pega numa mochila e conduz os três amigos pelo trilho até à casa de hóspedes. Yardley vai com eles.

Pfeff é o último, e pelo caminho estica o braço para o lado e toca nas rosas. Depois dá um salto para tocar no ramo de uma árvore que se estende sobre o caminho.

A minha mãe vira-se para o tio Dean.

– Olá.

– Bela como sempre, Tipper. É bom ver-te. – Sorri.

– Qual é a tua ideia? – Os seus modos são desvoltos, como uma esposa numa série antiga a preto e branco. Inclina a cabeça para o lado.

– O que foi? São bons rapazes – diz Dean, e acende um cigarro. É um homem grande, bastante mais alto do que o meu pai, e está a começar a ficar ligeiramente roliço. – A Yardley anda com o George há cinco meses. Já o levei a jantar. Até jogámos uma partida de golfe.

– Não me *perguntaste* – diz a minha mãe. – Nem sequer me disseste que eles vinham.

Dean olha para o mar e abana a cabeça.

– Não tenho de te dizer, Tipper. E muito menos tenho de te *perguntar* se posso.

Tem razão, tecnicamente. Ele é coproprietário da ilha, mas uma vez que Harris é o irmão mais velho, e Dean é divorciado, e provavelmente por uma série de outras razões, Dean é o número dois. A minha mãe é a anfitriã e Dean deixa-a lidar com os empregados que tratam da casa dele e é ela que lhe abastece o frigorífico. É graças a ela que tem a despensa cheia das suas bolachas preferidas e de cerveja cara.

Tipper sorri.

– E se eu já tivesse pessoas em Goose Cottage?

Ele encolhe os ombros.

– Tem quatro quartos. Os rapazes podiam dividir, ou alguém podia dormir no sofá-cama.

– Nem todos os hóspedes gostariam de partilhar casa com três rapazes adolescentes.

Ele olha para ela de lado.

– Tens alguém lá hospedado, Tipper? E se tivesses, ter-me-ias perguntado primeiro? Ter-me-ias sequer avisado?

Ela desvia o olhar.

– A Yardley tem dezoito anos – diz Dean. – Quer estar com o namorado antes de ir para a universidade porque provavelmente não o voltará a ver depois disso. Portanto ele vai passar aqui uma temporada e trouxe uns amigos. Não é nada de mais.

– Três rapazes inesperados – diz Tipper. – Achas que tenho bifes suficientes para estes apetites? Para hoje à noite?

Dean assume um tom apaziguador.

– Eles comem hambúrgueres. Ou cachorros-quentes. Não se importam.

– *Eu* importo-me. Não quero dar-lhes cachorros-quentes.

– São amigos da Yardley – intervenho. – E ela disse que são de boas famílias e essas coisas todas.

Tipper vira-se para mim.

– Não fazes ideia de como é gerir esta propriedade com hóspedes inesperados. A conversa é entre mim e o Dean.

– Mas não podes mandá-los embora – digo-lhe. – Seria indelicado se não os deixasses ficar pelo menos uma semana. – Ela franze a testa. Sei que odeia ser indelicada. – E vão trazer animação – acrescento. Não preciso de mencionar Rosemary, mas ela sabe que é a isso que me refiro. Como a Rosemary não está cá, precisamos de alguma animação. – Talvez até seja divertido – continuo. – Sabes, para mim e para a Penny. Podemos sair com eles nos caiaques e no barco à vela, como o Harris disse. Podemos organizar um torneio de ténis, ou coisa do género. – Estou a tentar convencê-la com atividades de grupo salutareis.

A minha mãe cruza os braços.

– Por favor, Tipper? – digo, e encosto a cabeça ao ombro dela. – Melhor mãe, melhor pessoa do mundo? Deixa-me lá aproveitar esta distração. Preciso taaaanto disto...

Ela suspira, mas vejo que já a convenci.

– Tenho mesmo muito que fazer – diz a Dean em tom seco. – Agradecia que tomasses conta do churrasco. Esta noite. E sempre que possível. Assim que estiveres instalado.

Dean sorri.

– Sabes que fico sempre contente por tomar conta do churrasco – diz.

.

Depois de Dean se afastar, a minha mãe vira-se para mim.

– Vê lá se eles se divertem, ouviste?

– Os rapazes?

– Os rapazes, claro. Já que vão ficar, tenciono ser uma boa anfitriã. Leva-os à praia, mostra-lhes os caiaques. E vê lá se eles sabem trabalhar com o vídeo, a máquina de lavar, essas coisas, para estarem confortáveis. Nem acredito no descaramento do Dean. – Abana a cabeça. – Três rapazes, sem aviso. Nem sequer tenho as camas feitas na casa de hóspedes. Tratas disso?

Major, George e Pfeff. Consigo senti-los daqui, como uma pulsação ou um coração a bater na casa de hóspedes. Testosterona, presunção, cerveja fria e risos.

Digo que sim à minha mãe.

Quando chego a Goose Cottage, o caos já se instalou. No pátio ao fundo do trilho de madeira, George e Major estão a jogar pingue-pongue numa mesa velha que tiraram do telheiro do jardim, onde estava arrumada há anos. Despiram as camisolas e estão em tronco nu. George é musculado, com um bronzado uniforme a combinar com o cabelo bege; Major é pálido e ágil. Os *boxers* espreitam por cima do cós das calças dos rapazes. Os de George são de xadrez preto e verde, em contraste com os calções. Os de Major são azuis e lisos.

– Ei! – George apanha a bola para interromper o jogo. – Carrie, não é?

– Sim.

Os sacos deles estão empilhados no alpendre, com a roupa a derramar-se. Raquetes de ténis, pacotes de aperitivos de milho. Uma máquina de escrever aberta com uma folha de papel enfiada no rolo.

Pfeff está sentado no alpendre, encostado à casa. Tem uma *Coca-Cola* numa mão e o telefone azul da cozinha na outra. O fio em espiral entra pela janela.

– Desculpa. Desculpa. Já pedi desculpa – está ele a dizer. – Eu sei, mas estou a ligar agora. Sim, a namorada do George, a Yardley. Ela convidou-nos. – Olha para George e Major. – Quando é que a Yardley nos convidou?

– A mim há algum tempo – diz George. – A vocês os dois, seus imbecis, na terça-feira à noite.

– Terça-feira à noite – diz Pfeff ao telefone. – Não, não tenho o número do pai dela. Ele está noutra casa, não é na mesma que nós. Nós estamos numa casa de hóspedes. Massachusetts, acho eu. – Levanta de novo a cabeça. – Estamos no Massachusetts, certo?

– Certo – confirmo.

– Hã-hã – diz Pfeff ao telefone. – Ela disse... Major, quanto tempo vamos ficar?

Major encolhe os ombros.

– Se calhar para sempre. Este sítio é fantástico.

– Se calhar para sempre – diz Pfeff.

– É a mãe dele – explica-me George. Atira a bola de pingue-pongue ao ar e volta a apanhá-la.

– Eu sei que sou um filho horrível – diz Pfeff. – E sei que tu mereces um filho maravilhoso, portanto é uma pena que te tenha calhado eu, mas também sei que gostas de mim na mesma... Claro que te amo. Então podemos ser amigos?... Além disso, sou um adulto, legalmente. Isso significa que não tenho de voltar para casa. Está bem.

– Vim mostrar-lhes como funciona a máquina de lavar e as outras coisas – digo.

– A Yardley já tratou disso – diz Major.

– Está tudo em ordem – diz George.

E talvez seja por serem dois rapazes em tronco nu, e porque não consigo deixar de olhar para eles. Ou talvez seja pela forma como já alteraram completamente o ambiente habitual em Goose Cottage. Ou talvez seja apenas por estar um calor tremendo – mas surpreendo-me a mim própria.

– Vamos dar um mergulho, então – digo. – Não podem dizer que estiveram realmente em Beechwood enquanto não forem à água.

– Boa! – diz George.

Pfeff desliga o telefone.

Há toalhas de praia num armário logo à entrada da porta. Os rapazes procuram os seus calções de banho. Pfeff remexe no saco e atira camisolas e calças de ganga para todo o lado enquanto procura, e depois muda de roupa no vestíbulo e grita:

– Não venham espreitar a minha pilinha.

Major responde que ninguém estaria interessado numa pilinha como a dele, e Pfeff, ainda no vestíbulo, pergunta:

– O que raio queres dizer com isso? É uma pilinha perfeitamente normal. Uma boa pilinha, até. Oh, meu Deus, agora a Carrie vai ficar a pensar coisas horríveis sobre mim. Major, tu nunca a viste, sequer. Carrie, ele nunca a viu. A sério.

George manda-o calar-se e Major diz que *tantos protestos são motivo de desconfiança*. Os outros dois mudam rapidamente de roupa nos quartos lá em cima. George telefona a Yardley, que está em Pevensie, e, juntos, descemos a longa escadaria de madeira até à Praia Pequena.

Duas da tarde é a hora perfeita para nadar em Beechwood. O sol esteve o dia todo a aquecer a água. A enseada é abrigada do vento. A praia é pedregosa. A areia na Praia Grande é mais agradável, mas há na Praia Pequena um ambiente reservado que é mágico.

Os três rapazes correm para a água, aos gritos, e mergulham sob as ondas suaves assim que têm água pelos joelhos. Eu fico parada à beira da água um momento, a observá-los. Os músculos ondulam nas suas costas. Têm os ombros brilhantes da água. Sacodem o cabelo dos olhos e molham-se uns aos outros. George nada de forma bastante profissional em direção às rochas escarpadas na orla da enseada, depois para e olha em volta. Major flutua de costas, a olhar para o céu. Pfeff grita e nada com espalhafato ao encontro de George.

– Não vens? – pergunta Major. – Nós não mordemos.

Dispo-me até ficar só de fato de banho e entro na água. A codeína que tomei algum tempo antes bloqueia todos os pensamentos daquilo que aconteceu a Rosemary nesta mesma água. Oíço apenas o eco das ondas, sinto o palpitar quente do sol e a frescura deliciosa da água salgada na minha pele.

Estou acordada. Em expansão.

Sinto os nervos nas pontas dos dedos gritarem para tocar em alguém,

a pulsação a latejar nas minhas veias.

Eles estão aqui na nossa ilha, estes rapazes. A transformá-la, a dar-lhe energia.
Possivelmente a profaná-la.

Talvez aguentem uma semana.

Talvez fiquem para sempre.

Antes de jantar, visto um dos meus vários vestidos de algodão branco. Sinto-me demasiado crescida para usar algo amarelo, e para a Caça ao Limão toda a gente tem de se vestir de branco ou de amarelo. Penteio-me e ponho um pouco de *blush* nas faces.

As pérolas negras estão no meu toucador desde que as usei há algumas noites, e ocorre-me que não devia ter ficado com elas. Tipper ficará aborrecida por eu não as ter devolvido antes. Por vezes leva a mal coisas desse género, pequenas quebras de etiqueta que julga significarem que não damos o devido valor a determinada coisa. «Ter boas maneiras é uma forma de gentileza», está sempre a dizer. Acha que as boas maneiras indicam que damos valor às outras pessoas; que temos consideração pelo seu tempo, pelo seu trabalho, pelo seu esforço criativo.

Sei que ela está lá em baixo, de avental posto, a trabalhar com Luda na cozinha, por isso escrevo um bilheteinho:

*Querida melhor mãe do mundo, senhora das pérolas,
Obrigada pela oportunidade de as usar e por dizeres que um dia serão
minhas.*

*Com muito amor,
Carrie*

A porta do quarto dos meus pais está aberta. Não está lá ninguém a não ser *Wharton*, deitada a dormir numa manta de algodão aos pés da cama, e a cadela nem sequer se mexe quando eu entro.

As roupas de Harris foram atiradas para uma poltrona. A mesa de cabeceira do lado dele está desarrumada, com dois pares de óculos, livros (um livro de Bob Woodward sobre a CIA, *The Fatal Shore*, *Lonesome Dove*), *spray* nasal, lenços de papel amachucados e um frasco de plástico cor de laranja com os seus comprimidos para dormir. *Halcion*, é como se chamam.

Do lado de Tipper há apenas um bonito boião de vidro com creme perfumado para

as mãos, e um pratinho onde ela põe os brincos.

Olho por um momento para o lado da cama de Harris.

Ele usa *spray* nasal.

Precisa de comprimidos para dormir.

Esquece-se de deitar fora os lenços de papel usados.

O Harris Sinclair que eu conheço está sempre alerta, sempre decidido. O seu serviço no ténis é brutal, as suas opiniões igualmente. Mas a sua mesa de cabeceira parece vulnerável. Fala de desconforto e fadiga.

Olho em volta para me certificar de que estou sozinha e abro o frasco de *Halcion*. Despejo uns quantos para o bolso do vestido, deixando uma boa quantidade no frasco. Volto a fechá-lo.

Depois vou ao toucador de Tipper. Ponho as pérolas negras dentro da gaveta das joias, com o bilheteinho por baixo, como uma surpresa.

Ela vai gostar.

Estou prestes a fechar a gaveta quando sinto a atração da fotografia. Embora tenha dito o contrário a mim mesma, parte de mim sempre teve intenção de a vir ver. Mas não queria as minhas irmãs comigo.

Levanto o forro de veludo preto e tiro a fotografia. Foi amachucada e novamente alisada. Os vincos cruzam a imagem.

Parece ter sido tirada no fim dos anos sessenta, princípio dos anos setenta. De um lado está a minha mãe, com a aparência que tinha quando andava na universidade, ou quando casou. Uma fita no cabelo, um penteado armado por trás. Está sentada num banco ao ar livre. O seu vestido tem uma gola à Peter Pan. Por trás dela, calculo que sejam os edifícios de Harvard/Radcliffe. Tijolo antigo e árvores grandes, um pedaço de relvado. Ela está a rir e tem os olhos virados para um homem – que não está lá.

O rosto dele foi raspado, como que com uma faca.

Consigo ver que é branco, e de estatura média. Podia ser o meu tio Chris, que nunca conheci. Ou outra pessoa qualquer. O homem veste uma *T-shirt* branca simples e calças de ganga de cintura alta, como se usava antigamente. Os pés não aparecem na fotografia e ele está a apontar para a lente, como se estivesse a dar instruções ao fotógrafo, que disparou no momento errado.

Parece que a minha mãe raspou esta fotografia, depois a amachucou – e depois mudou de ideias.

Volto a colocá-la debaixo do veludo preto da gaveta das joias, com o cuidado de a deixar exatamente como estava.

A Caça ao Limão é uma tradição vespertina. Por vezes tem lugar no princípio do verão, outras vezes mais para o fim, e há anos em que não acontece sequer. Tipper tem um vestido específico para a ocasião, um vestido cintado de saia rodada, de algodão amarelo-limão, pregueado no peito. Usa-o com um casaco de algodão branco. Lembro-me de a ver com esse vestido quando eu tinha três anos. Penny e eu usávamos bibes com padrão de limões, comprados especialmente para essa noite.

Quando desço as escadas, Bess está a fazer rodar o primo Tomkin no pneu pendurado da árvore grande no jardim. Tomkin tem uma camisa branca e calções pelo joelho também brancos, já bastante sujos. Bess está descalça, com um vestido amarelo-vivo, de mangas de balão e decote em coração.

O tio Dean está a cuidar da churrasqueira, como prometido, vestido com umas bermudas brancas velhas e uma camisa aos quadrados amarelos horrorosa, que acho que costumava usar para jogar golfe. Está no seu elemento, a virar uma quantidade enorme de peitos de franco marinados em limão.

Fiadas de luzinhas minúsculas delineiam o alpendre, e há tochas espetadas no chão à volta do relvado. A grande mesa de piquenique está posta com as toalhas com padrão de limões da minha mãe. Numa mesa à parte, vê-se já o princípio do *buffet*. Montes de guardanapos verdes, ramos de flores brancas e amarelas, tabuleiros e taças de aperitivos – coisas para ir petiscando enquanto se bebem os *cocktails*. Tigelas de azeitonas salgadas misturadas com casca de limão, paté de salmão e bolachas de água e sal, caju e tomates cereja amarelos.

A figura esguia e desportiva da minha prima Yardley está envolta num vestido amarelo florido, com as alças do soutien de desporto azul à vista. Tem uma bandolete a afastar-lhe o cabelo do rosto. Ajuda a governanta Luda (toda de branco, com um avental branco) a tratar dos últimos pormenores na mesa das bebidas. Há três tipos de limonada – normal, de morango e de lima-limão – com gasosa, água tônica e opções alcoólicas para misturar. Ouve-se na aparelhagem a nona sinfonia de Beethoven, uma das preferidas da minha mãe.

Penny e a amiga, Erin, aparecem vindas da Praia Grande, com os sapatos na mão. Erin veste as roupas de Penny – uma *T-shirt* amarela e umas jardineiras brancas. Penny traz o seu vestido branco rodado. Erin é baixa e robusta, com cabelo castanho arruivado, ondulado, preso num rabo de cavalo alto. Tem um rosto angelical – em forma de coração, com lábios vermelhos bonitos e sobrancelhas escuras – e na escola costuma usar camisolas pretas de gola alta e saias compridas e travadas com botas *Doc*

Martens. Ao lado da lânguida Penny, Erin parece estar sempre a fervilhar de energia.

Aproximo-me delas enquanto Penny se senta na relva, nada preocupada com o vestido, para sacudir a areia dos pés.

– Mal te vi na doca – digo a Erin.

– Vinha com a cabeça a andar à roda por causa daquela masculinidade toda no barco – diz ela. – Não sabia que a tua prima Yardley ia trazer um séquito.

– Nem eu.

– Aquele Pfeff não está nada mal – diz Penny, do chão.

– O Major deve ter melhor aspeto quando não estiver a vomitar – diz Erin. – Já te disse, ele é o mais fixe dos três.

– Não sei como consegues pensar tal coisa de um tipo que vomitou as tripas mesmo à tua frente – diz Penny. – A mãe não se importou com tanta gente? – pergunta-me. Agora de pés limpos, calça as alpergatas.

– Está chateada – respondo. – Mas os rapazes encantaram-na. E eu fiz um bocadinho de pressão para ela os deixar ficar.

– Onde é que vão dormir? – quis saber Erin.

– Há espaço de sobra na casa de hóspedes – diz Penny. – Eles estão em Goose Cottage, certo?

– Claro – respondo.

– Oh, meu Deus, este lugar – diz Erin. – Estava ainda há bocado a dizer à Penny que não fazia ideia do que esperar.

Não quero que ela se sinta mal aqui.

– É só uma...

– É só uma *ilha inteira* – interrompe Erin. – Com uma casa a mais para quando têm hóspedes. Quem é que tem casas a mais? Só vocês, esquisitoides.

– Podes tirar coisas da cozinha sempre que tenhas fome – digo-lhe. – Quer dizer, se vires uma tarte inteira ou assim, não a comas, mas maçãs ou batatas fritas ou bolachas, essas coisas. Bebidas e café. Serve-te à vontade. E o jantar costuma ser às sete, a menos que seja uma noite especial, como hoje. E, ah... deixa ver, que mais?... Podes usar à vontade o champô, amaciador, essas coisas. Protetor solar. E já conheces a Luda? – Aponto para ela. – Se precisares de alguma coisa podes pedir-lhe.

Erin sorri.

– Obrigada. A Penny não me disse nada disso.

– Oh, por favor – protesta Penny. – Ia dizer-te.

– E também não te disse para trazer roupa branca, pois não? – pergunto-lhe.

– Não. – Erin olha para o grupo de pessoas no relvado. – Não estou tão bem vestida como devia.

– Não faz mal – digo-lhe. – Garanto-te que o séquito de rapazes também não vêm bem vestidos.

Os rapazes chegam tarde e fazem uma entrada em grande. Correm juntos pelo trilho e depois pelo relvado, até chegarem junto da minha mãe para a homenagearem. George está todo de branco. A cor não lhe favorece a cara e o cabelo bege, mas está

muito elegante: polo, casaco e calças, como um jogador de ténis de 1920. Os outros dois trazem *T-shirts* brancas e calças cremes, Major com uns ténis *Converse* pretos (um toque do seu estilo de Nova Iorque) e Pfeff de chinelos de enfiar no dedo (despreocupado).

Tipper sorri e ri-se, e certifica-se de que toda a gente tem bebidas. Está contente por ter convidados, apercebo-me, apesar do que disse ao tio Dean. A família sempre caçou limões, em tantos verões anteriores. Já não nos surpreendemos com o bolo de limão de Tipper, com a sua *mousse* de limão leve em frascos de compota. Estes rapazes e Erin são um público novo.

Comemos no relvado, em vez de nos sentarmos à mesa. Mantas de algodão brancas e amarelas, antigas e desirmanadas, e algumas mantas de retalhos, são espalhadas pelo chão para as pessoas se sentarem quando o jantar é servido.

George aninha-se com Yardley na rede pendurada no alpendre. Penny, Erin e eu sentamo-nos com Pfeff e Major, enquanto Bess e Tomkin vão buscar tacos e arcs de *croquet*. Esses dois não têm qualquer interesse por frango e salada e pão caseiro. Estão a guardar-se para a sobremesa.

Vemo-los jogar. O nosso conjunto de *croquet* é antigo, já era da mãe de Harris. Não o usamos muito. É mais uma afetação do que um jogo a sério. Bess e Tomkin fazem a atuação esperada, batem as bolas coloridas, correm e riem-se, são muito pitorescos.

Major fala sobre um filme, *O Rei dos Gazeteiros*, que nenhum de nós viu. Está a explicar a história, cena a cena, mas Pfeff interrompe-o.

– Não lhes contes o filme todo.

– Porque não?

– Ninguém quer saber o enredo todo do filme antes de o ver, Major. Dá cabo da diversão.

– Eu quero – digo-lhe. – Estamos esfaimadas de filmes. Primeiro o colégio interno, agora aqui... nenhuma de nós viu nada.

– Temos dois leitores de vídeo – explica Penny. – Mas não há nada para ver. – Deita-se na manta. Os olhos dos rapazes todos viram-se para as pernas dela quando a saía lhe sobe acima dos joelhos.

– Acho que, nas três casas, devemos ter um total de doze filmes – digo.

– São onze – diz Penny, ainda deitada. – E os filmes mais disparatados que se possa imaginar.

– Quase todos filmes infantis – acrescento. – De quando éramos pequenas.

– Temos *Se a Minha Cama Voasse* – diz Penny. – Se não vi já esse filme um milhão de vezes...

– E alguns clássicos que o nosso pai achou que seriam bons para nós – acrescento.

– Nem sequer são verdadeiros clássicos – diz Penny. – Só coisas de que os velhos gostam, como *Ben-Hur*. – Abana a cabeça. – Credo, que filme tão estúpido.

Enquanto falamos, estou com atenção a Pfeff. Não é que ele seja especialmente atraente. Tem os lábios finos. O espaço entre o nariz e a parte de cima da boca se calhar é um bocadinho curto de mais para se poder considerar realmente bonito. Mas é voraz – come com apetite e entusiasmo, declara a sua adoração pelo frango, pelo pão. Levanta-se para ir repetir.

– Vou mudar-me para cá e viver com a tua mãe em vez da minha – diz-me. – Estou completamente farto da minha mãe. Vou adotar a tua família. Mais nada, têm de me aceitar. Vou comer assim todos os dias até ir para a universidade.

– Não sejas vil – diz Penny. «Vil» é a sua palavra preferida este verão. Di-la quando não é «vil» que quer dizer, de forma alguma.

Ele continua a olhar para mim mas responde-lhe a ela.

– Estou só a dizer que, para me chegarem ao coração, o caminho passa pelo estômago.

– Em Amherst vai ser só a comida do refeitório – diz Major. – Bem podes abastecer agora. – Major e Pfeff vão ambos para Amherst, que é uma faculdade no norte do Massachusetts.

– Estou a tratar disso – diz Pfeff.

Tipper pediu-me para anunciar as regras da Caça ao Limão. Apesar de todos os seus impulsos de anfitriã, nunca gosta de falar para um grupo grande, e nos últimos anos tenho sido eu a tratar desta parte. Não me importo de falar em público. Sei que tenho uma voz forte e isso contradiz o que as pessoas pensam quando olham para o meu maxilar. Ou o que costumavam pensar.

Quando ela me faz sinal, antes da sobremesa, dirijo-me aos degraus de Clairmont e toco uma sineta.

– A quase anual Caça ao Limão da Família Sinclair começará dentro de momentos – anuncio, enquanto todos se reúnem ao fundo dos degraus. – Com um tremendo agradecimento à minha mãe, a miraculosa Tipper Sinclair, verão que há cem limões e uma única lima escondidos em Beechwood Island. Não há nenhum fruto em locais perigosos. Nada em telhados ou silvas. E não há nenhum escondido em espaços interiores, apesar de poderem não ser imediatamente visíveis a olho nu. Cada um de vocês, adultos e crianças, vai pegar num cesto.

Aponto para a coleção de cestos que Luda trouxe para fora. São de verga, uns escuros, outros claros. Têm feitios diferentes, mas todos estão enfeitados com uma fita amarela.

– Apanhem limões – continuo. – Procurem, procurem, por todos os recantos próximos e distantes. Mas, por favor, ninguém vá para o mar sozinho. – Vejo Tipper fazer uma careta, mas sinto que tenho de o dizer. A ideia de Tomkin ou Bess ou qualquer pessoa, na verdade, a nadar sozinho naquelas praias arrepiava-me. – Não precisam de perder tempo junto da casa dos empregados, mas todos os outros locais são potencial abrigo para um fruto citrino. – Embora eu diga o mesmo todos os anos, ouvem-se alguns risos. – No final da caça, ouvirão de novo esta sineta. Nessa altura, os limões serão contados... pela Tipper – faço uma vénia na direção da minha mãe – e haverá dois prémios. Um para o maior número de limões, outro para quem encontrar a lima.

– Huzzah! – É o grito típico da família Sinclair nestas ocasiões; o meu pai, Yardley e as minhas irmãs entoam-no em coro.

Os cestos são distribuídos. Acendem-se as lanternas.

A música dentro de casa aumenta de volume enquanto as pessoas saem do relvado.

Cem limões (e uma única lima) aguardam-nos.

Os rapazes afastam-se juntos. Penny agarra na amiga Erin e as duas dirigem-se à casa dos barcos. O tio Dean pega no filho Tomkin e desaparecem os dois a correr. Bess, que leva a caça muito a sério, está a dar a volta à casa de Clairmont pelas traseiras.

Eu junto-me à minha prima Yardley. Decidimos ir até aos campos de ténis e procurar nas árvores à volta deles. Passamos por Tomkin, que está a procurar nuns arbustos ao lado do trilho.

– Disse ao pai para me deixar sozinho – conta ele a Yardley, em tom orgulhoso. – Não preciso da ajuda dele para encontrar limões. Já tenho onze anos, está bem?

– Pois tens, palerma – diz Yardley. Tira a lima do bolso e atira-a ao irmão. – Mas toma lá, vá.

Tomkin apanha-a.

– A sério?

– Cala-te – diz Yardley, e continuamos a andar.

– Onde é que encontrei a lima? – pergunto. – E quando? Acabámos de sair de Clairmont.

– Estava na relva, muito bem disfarçada, mesmo ao fundo dos degraus – diz ela. – Ninguém nesta família consegue ver o que tem à frente do nariz.

Caminhamos em silêncio algum tempo.

– Encontrei uma fotografia da minha mãe – digo, despejando finalmente o que tenho tido na ponta da língua a noite toda, sem ter a quem contar. – Logo ao princípio de ela ser casada, acho eu, e na fotografia está com um tipo que não reconheço.

– Hum?

– A cara dele foi raspada. Só se vê papel branco. Não consigo perceber quem é. Yardley para de andar.

– Isso parece um filme de terror.

– Não, é como se alguém odiasse o homem da fotografia, ao ponto de lhe querer raspar a cara.

– Continua a ser um filme de terror.

– Mas porque é que a minha mãe guardaria a fotografia?

Yardley recomeça a andar.

– Onde é que a encontrei?

– Na gaveta das joias dela.

– Oh, meu Deus – diz ela. – Como se estivesse a guardá-la por ser preciosa? Com

a cara raspada?

– Hã-hã.

– Mas é uma fotografia antiga?

– De antes de eu nascer, parece-me.

– Hum. – Caminhamos algum tempo em silêncio. – Francamente, Carrie, se fosse a ti não me metia. Desde que os meus pais se divorciaram, não têm fim as coisas que me limito a ignorar por completo. Documentos legais, provas de que o meu pai tem namoradas, ou mesmo prostitutas. Mensagens telefónicas furiosas da minha mãe, coisas sobre dinheiro e horários e... sabes que mais? Passo em frente. Não preciso de saber, sou mais feliz assim. Os estúpidos dos adultos que lidem com o seu lixo emocional e as suas parvoíces ilegais, e visitas de tipos de ar duvidoso e sei lá que mais. Se começarmos a escarafunchar na vida dos adultos, as coisas tornam-se feias tão depressa que nem conseguimos comer o pequeno-almoço. Na minha opinião, o que eu tenho de fazer é, tipo... estudar, ser médica e ajudar as pessoas. Ser simpática com os meus amigos. Não aparecer grávida, não conduzir bêbada. Vou simplesmente estar apaixonada pelo George e gozar o verão.

Tento afastar da mente a imagem daquela fotografia, enterrá-la na terra fria da minha mente, terra que está carregada de coisas em que não penso mas que trago ainda assim comigo.

– Vocês os dois estão apaixonados?

– Acho que sim – diz ela. – Não tenho a certeza absoluta.

– Acho que saberia se amasse alguém – digo. – Não tenho a mínima dúvida em relação a todas as pessoas que amo. – Como as minhas irmãs. Mesmo quando são chatas, ou mazinhas, amo-as e isso é simplesmente um facto. Peguei em Bess ao colo quando ela era bebé. Penny e eu estamos juntas desde que me lembro.

– Eu também pensava que saberia – diz Yardley. – Mas uma pessoa nova... só ando com o George há cinco meses. Sinto que o amo, mas depressa deixaria de o amar se comesse a portar-se mal.

– Ele parece gostar muito, muito de ti.

– Sim. Mas também pode ser por causa da ilha privada. Temos sempre de pensar nessa possibilidade, não é? – diz Yardley. – Quando namorar com uma de nós traz estes extras tão divertidos, nunca sabemos se alguém nos ama por quem realmente somos.

– Isso é cínico.

– Sim, bom, não penso sempre assim – diz Yardley. – Só agora. Na escuridão. Quando ele não me escolheu para parceira na caça ao limão.

Chegamos aos campos de ténis. Yardley acende as luzes. Franzimos os olhos e damos uma passagem rápida pela terra batida. Dois limões, ambos para mim. Depois deixamos de novo os campos mergulhados na escuridão.

Saímos do trilho e enfiamo-nos pela área arborizada atrás dos campos de ténis, em direcção ao trilho do perímetro.

Um limão para Yardley.

Depois seguimos para Pevensie, que contornamos, enquanto procuramos na relva, nas tábuas da cerca, na armação do caramanchão, debaixo dos degraus e debaixo das almofadas no baloiço do alpendre.

Um limão para mim.

Quando desço do alpendre de Pevensie, Yardley desapareceu.

Contorno mais uma vez a casa e quando volto à parte da frente ela e George estão a beijar-se. Ela está a empurrá-lo contra a casa e tem a mão enfiada debaixo da camisa dele.

Fico ali parada por um momento. George tem a mão no traseiro dela, como se já tivesse feito isto mais de mil vezes. Yardley transformou-se, da rapariga engraçada e prática que eu conheço, numa mulher experiente, alguém com coragem de empurrar o namorado contra a parede e deslizar a mão da barriga ao peito dele, como se soubesse aquilo de que ele gosta.

Ela vira-se.

– Carrie, continua sem mim – diz. – Vou procurar limões com o George. Está bem?

– Procurar limões, já lhe ouvi chamar muita coisa... – diz George, em voz baixa, e ri-se.

– Esta é a minha casa – diz Yardley. – Queres vir ver o meu quarto?

Viro costas e corro pelos caminhos escuros da ilha.

Estou a percorrer o trilho do perímetro, que contorna a curva da ilha, na direção da doca, quando encontro Pfeff.

– Ei – chamo, assim que o vejo.

– Oh, ugh... Assustaste-me.

– Como está a correr a caça?

Ele mostra-me um cesto com dois limões.

– Mal. Perdi o George e depois perdi o Major e... não sei. Não há limões em lado nenhum. Se calhar preciso de óculos. Devia marcar uma consulta. Tens alguma dica para mim?

– Não fui eu que os escondi. – Ao luar, a pele dele brilha. De súbito estou muito consciente das alças finas do meu vestido, da sensação do cabelo nas costas, do aparelho nos dentes, do hidratante nos lábios.

– Não? – diz ele. – Fizeste aquele discurso e parecias tão impressionante e oficial que pensei que conhecias os sítios secretos todos.

– Não. Só faço o discurso.

Estamos num sítio onde o caminho passa sobre um parapeito rochoso. Lá muito em baixo, as ondas rebentam sobre as rochas escuras. Pfeff encosta-se ao corrimão de madeira e espreita.

– É um sítio perigoso.

Inclino-me sobre a cerca, ao lado dele. O seu braço está a centímetros do meu.

– Quando éramos pequenas – digo-lhe –, estávamos proibidas de percorrer este trilho sozinhas. Para o caso de termos a triste ideia de saltar a barreira de proteção.

Ele inclina-se um pouco mais.

– Mas faz-nos sentir vivos, não é?

Debruço-me e sinto uma pontada de adrenalina.

– Achas que suba para o corrimão? – pergunta Pfeff. – Só para ver qual é a sensação de correr um perigo potencialmente mortal?

– Não sejas parvo – digo, e recuo.

– Oh... – Ele mostra-se arrependido. – Está bem.

– Dou muita importância à segurança na água – digo. – Os miúdos fixes preocupam-se todos com a segurança na água.

– Ah! ah! ah! – Ele ri-se. – És muito esperta, sabias?

– Às vezes.

Pfeff olha para mim. A sua *T-shirt* branca e fina está larga na gola e deixa ver a

clavícula. Os seus olhos faíscam.

Ele inclina-se para a frente, lentamente, e roça os lábios muito ao de leve nos meus. É um toque tão suave que parece uma pena na minha boca. Quando se afasta, ainda sinto o sítio onde a pele dele tocou na minha.

Nunca fui beijada antes. É como
mergulhar em água fria, como
comer uma framboesa, como
ouvir uma flauta, e é como
nenhuma dessas coisas.

– Adoro pessoas espertas – diz Pfeff, em voz baixa. – E com o luar, e o perigo, e os limões, e toda a gente vestida de branco, sinto-me como se estivesse num filme, ou coisa parecida. Tu não?

– Nem por isso – respondo. – Esta é a minha vida normal.

– És como uma rapariga de um filme – murmura Pfeff. – Tive de te beijar porque... vê só onde estamos. Não é? – Abre o braço e com um gesto largo indica o mar, o céu, a lua. – Seria uma pena desperdiçar tudo isto. – Inclina a cabeça e sorri. – Espero que não tenha sido nojento, nem nada.

– Não – digo. – Não foi nojento.

– Oh, ainda bem.

Levanto a mão, pouso-a na nuca dele e beijo-o também, em bicos de pés. O pescoço dele é quente sob os meus dedos e, de súbito, a minha boca já não é

deficiente,
cicatrizada,
infetada,
inadequada,

como me pareceu desde que soube que precisava de ser operada ao maxilar. Em vez disso, a minha boca é toda

ligação e
sensação.

Pfeff inclina-se para mim e entreabre os lábios, e a sua mão desliza da minha cintura ao meu peito. Estou a flutuar, e tonta com esta nova sensação. Ele geme baixinho e beija-me com um pouco mais de intensidade. Sinto o seu hálito ardente.

E depois acaba.

Ele endireita-se e sorri.

– É melhor ir andando – murmura.

– Está bem.

Estou aturdida e desorientada. Não sei o que as pessoas costumam fazer depois de se beijarem inesperadamente ao luar. Não quero que ele vá.

– Esqueceste-te de que ainda não acabou a caça ao limão? – pergunta Pfeff em voz suave.

– Quase, sim – admito com uma risada.

Quero que ele me beije de novo, ou me dê a oportunidade de *eu* o beijar de novo, mas o estado de espírito dele parece ter mudado.

– É melhor voltar à minha caça ao limão – diz. – Gosto de vencer, não sei se já tinhas percebido.

– Precisas de muito mais do que dois limões se queres ganhar.

Ele pega no cesto.

– Se assim é, vou caçar limões como um doido – diz. – Boa sorte, linda Carrie.

E com estas palavras Pfeff corre pelo trilho e desaparece na noite.

Passo a maior parte da hora seguinte na doca da família. Encontro vários limões nos barcos, mas não estou concentrada na caça.

Continuo a reviver o beijo. Terá sido apenas um impulso momentâneo da parte de Pfeff? Um rapaz e uma rapariga sob o luar, com as ondas a rebentarem lá em baixo?

Ou gostará ele de mim, porque me acha *esperta e impressionante*? Foram as palavras que usou.

Que mais é que ele dissera? «Pareces uma rapariga de um filme.» «Boa sorte, linda Carrie.»

Mas falara como se os beijos tivessem sido uma espécie de piada, apenas uma coisa divertida para fazer de modo a não desperdiçar a beleza da noite e a paisagem emocionante. E depois partira em busca de limões.

A expressão nos olhos dele antes de me beijar. A sensação da boca dele na minha, o cheiro a água salgada no seu cabelo.

Estou sentada na beira da doca quando oiço a sineta. Tipper quer que todos voltemos para casa quando a ouvirmos. A caça ao limão terminou.

.

Enquanto nos reunimos todos no relvado de Clairmont, Harris anuncia que está na hora dos prémios. Tipper está ao lado dele como uma assistente de um concurso televisivo.

Tomkin ganha o prémio da lima, claro. O presente é um papagaio de papel de cubos, três cubos ligados entre si, um pedacinho de geometria encarnado para pôr a voar nos céus. Depois toda a gente começa a contar os seus limões.

Pfeff é o último a chegar, com os bolsos a transbordar comicamente de limões, à frente e atrás, e as mãos cheias.

– Perdi o cesto – anuncia, e ajoelha de forma dramática aos pés da minha mãe. – Desconfio que foi roubado por um destes cabrões. – Pfeff aponta para Major e George. – Desculpe, um destes caras de cu.

Tipper ri-se.

– Já agora, o cesto foi-me roubado com dois limões lá dentro, mas ainda assim eu persisti e agora, minha dama, ofereço-vos... – começa a tirar os limões dos bolsos e a alinhá-los no relvado – ...vinte limões.

Ganha, vencendo Bess e Erin, que empataram, com quinze cada uma.

A minha mãe entrega a Pfeff um vale-oferta para a livraria de Edgartown, no valor de cem dólares.

A sobremesa é *mousse* de limão, com colheradas fofas de natas batidas, e bolo de limão decorado com sementes de papoila e casca de limão.

Espero que Pfeff venha ter comigo.

Quero ir ter com ele, mas não sei o que esperar da situação.

Sinto-o para onde quer que ele vá – a falar com o meu pai, na palhaçada com George e Major, a servir-se de limonada. As pessoas sentam-se nas mantas de piquenique com os pratos de sobremesa. Bess põe a tocar um disco de Madonna. «Where's the Party», «True Blue», «La Isla Bonita».

Quero falar com Penny, contar-lhe do beijo com Pfeff, mas ela e Erin reivindicaram o baloiço de pneu e não parece boa altura para as interromper. Yardley está a ajudar o irmão a montar o papagaio. Assim, estou sozinha com a minha nova experiência, o segredo do beijo.

Pfeff, Major e George instalam-se numa manta, com pratos cheios de bolo. Escolho uma manta perto deles, deito-me e olho para as estrelas.

– *Tens* de jogar ténis – está Pfeff a dizer a Major. – Porque o George ganha-me sempre e isso não tem graça nenhuma. Preciso de alguém que esteja ao meu nível.

– Não sou muito vigoroso – diz Major. – Não vim para esta ilha para me estafar.

– O ténis não é uma estafa. É um jogo – argumenta Pfeff.

– *Eu* estafo-me quando jogo ténis – diz George a Pfeff. – É por isso que sou muito melhor do que tu.

– Vejam bem esta pressão – diz Major. – Joga com a Yardley ou uma das primas dela, Pfeff. Com certeza todas sabem jogar.

– Sim, mas tenho sonhos de camaradagem masculina e competição e essas coisas – diz Pfeff.

– Oh, meu Deus, salva-me – diz Major.

– Bom, acabo de me lembrar que nem sequer trouxe a minha raquete – diz Pfeff.

– Deve haver raquetes a mais – diz George.

– E também não tenho meias – diz Pfeff. – Ocorreu-me agora mesmo. Nem roupa interior, parece-me.

– Ugh – diz George.

– Fiz a mala à pressa.

– Mas já estavas em minha casa há quase uma semana – diz George.

– Foi aí que deixei as peúgas e as cuecas. Na gaveta de baixo daquela coisa no teu quarto de visitas.

– Deixaste as tuas cuecas todas para a minha mãe as encontrar?

– Não foi de propósito! – Pfeff ri-se. – Oh, Céus. Tenho de arranjar roupa interior, não sei como.

– Podes lavar a que tens vestida – diz Major. – Há uma máquina na casa.

– E se me esquecer uma noite qualquer? – diz Pfeff. – E se me esquecer e só tiver cuecas usadas para vestir? A Tipper perceberá logo.

– Isso é garantido – concorda Major.

– Vai cheirar-me – diz Pfeff, ainda a rir. – E mesmo que não cheire nada, deve ter

um sexto sentido que lhe dirá que sou um tarado imundo que não tem lugar na sua ilha.

Vejo uma oportunidade e aproveito-a.

– Posso levar-te a Edgartown – digo. – Resolverás assim todos os teus problemas.

– Oh, não! – Pfeff agarra-se a George, com expressão cómica. – A Carrie estava a ouvir-nos.

– Tu é que estavas a falar bem alto sobre a tua roupa interior perto de mim – digo.

– Edgartown é onde fica a livraria? – pergunta Pfeff. – Do meu vale-oferta que ganhei por ser o deus dos limões?

– Sim. Há lá muitas lojas.

– Bom, está bem. Podemos ir amanhã?

Sento-me.

– Claro.

– A que horas?

– Onze – digo-lhe. – Encontramo-nos na doca.

Pfeff levanta-se.

– Lá estarei. – Apanha um taco de *croquet* do relvado. – Agora vou obrigar o Major a jogar *croquet*, já que ele não quer jogar ténis.

– *Croquet* jogo – diz Major. – O *croquet* não faz suar, portanto tem lugar na minha agenda de lazer.

Deito-me e volto a olhar para as estrelas.

Que rapaz mágico. Um rapaz com limões nos bolsos. Um rapaz com chinelos de enfiar no dedo, que está a precisar de cortar o cabelo. Que diz «cara de cu» à frente da minha mãe, para corrigir a falta de educação de dizer «cabrões». Um rapaz universitário, ou quase universitário, que me beijou esta noite e que talvez volte a beijar-me.

Vamos dar um passeio de barco.

Quase toda a gente já deixou o relvado e estou a preparar-me para entrar em casa quando avisto o meu pai, ao fundo da doca, com os cães: *Wharton, McCartney, Albert*, e o *labrador* do tio Dean, *Reepicheep*. Está debruçado, a fazer qualquer coisa ao luar, agora com uma camisola escura por cima das roupas brancas.

Dou meia-volta e caminho em direção a ele. Não me esqueci da fotografia na gaveta das joias da minha mãe, e é muito raro apanhar o meu pai sozinho. Quero falar-lhe nisso.

Ele levantou uma tábua solta.

– Precisa de arranjo – diz Harris, quando eu me aproximo. – Esta coisa tem pregos ferrugentos espetados. – Pousa a tábua à beira da doca. – Não sei se será a única. Provavelmente devia mandar inspecionar tudo.

Não estou interessada na manutenção da propriedade, mas olho rapidamente para a tábua velha, para disfarçar.

– Está empenada – digo.

– Há muitas assim. As tempestades da primavera deixaram as suas marcas na ilha, este ano. – Harris senta-se numa das duas cadeiras *Adirondack* que temos sempre na doca. O seu copo de uísque, com o gelo a derreter, está pousado no braço da cadeira. – Divertiste-te esta noite?

– Sim.

– A tua mãe está zangada comigo porque não participei na caça.

Aceno. É uma dinâmica típica entre eles.

– Ela gosta que o seu trabalho todo seja reconhecido com uma participação total.

– Eu reconheço o trabalho dela. Só não preciso de andar à procura de limões como um miúdo. – Ri-se. – O Dean dedicou-se à caça de corpo e alma. Está a dar graxa à tua mãe por ter trazido estes hóspedes todos.

– Achas que ela lhe vai perdoar?

– O Dean faz o que quer, quando quer, e ataca as pessoas com o seu charme depois. É o *modus operandi* dele – diz o meu pai. – E toda a gente lhe perdoa sempre. – *Albert* aproxima-se com uma bola de ténis na boca e deixa-a cair. – Muito bem, bicharada – diz Harris aos cães. Levanta-se com a bola na mão. – Estão prontos?

Eles estão.

O meu pai roda o braço, finge atirar a bola, ri-se da confusão deles. Depois lança-a mesmo e os quatro cães atiram-se ao mar e nadam a toda a velocidade na direção da bola. Harris olha para mim.

– São infatigáveis – diz. – Espanta-me sempre.

Os cães saem da água e ele volta a atirar a bola de ténis.

– Posso perguntar uma pergunta? – digo.

– Podes fazer uma pergunta, sim. – Pisca o olho para mostrar que não está mesmo aborrecido com a minha gafe gramatical.

Tencionava perguntar-lhe pela fotografia, mas detenho-me antes de as palavras me saírem. Uma pergunta dessas obrigará Harris a ficar numa posição vulnerável. *A tua mulher tem um segredo.*

Se ele souber que ela tem ali uma fotografia escondida, calculo que isso não o deixe contente, quer seja o tio Chris ou um namorado antigo. E se não souber que ela a tem, vai ficar aborrecido por não saber. De uma maneira ou outra, a reação não será boa.

Aperto os lábios.

– Deixa estar – digo.

– Larga! – diz Harris a *Albert*, que subiu a rampa com a bola de ténis.

Albert larga-a.

– Lindo menino. – O meu pai pega na bola e levanta-a bem alto, à espera que os outros saiam da água e lhe deem atenção. – Tens a certeza? – pergunta-me. – *O sábio não é aquele que dá as respostas corretas, mas sim o que coloca as perguntas certas.*

– Acho que era uma pergunta errada.

– Claude Lévi-Strauss – acrescenta ele, para explicar a citação. – Antropólogo.

Os quatro cães estão agora à espera. Harris atira a bola e eles saltam para a água e nadam, a arfar.

Ele passa o braço à volta dos meus ombros.

– Estiveste muito bem hoje, com o discurso dos limões – diz. – Deixaste-me orgulhoso.

Nessa noite, tomo um dos comprimidos para dormir que roubei.

Tomo-o porque estou curiosa.

Tomo-o porque, se não tomar nada, vou acordar a meio da noite a suar, cheia de sede, desorientada. E gosto da sensação que os comprimidos para as dores me dão, portanto quero poupá-los para quando estou acordada.

Tomo-o, também, porque os eventos desta noite me deixaram especialmente excitada – a fotografia da minha mãe, ver Yardley e George, o beijo com Pfeff, os planos para amanhã, a conversa com o meu pai. A energia zumbe-me através do corpo, mas ao mesmo tempo estou exausta.

Quero apagar-me a mim própria como uma luz.

Tenho cuidado. Não tomo o comprimido para dormir com mais nada. Não bebi álcool.

E resulta. Adormeço num instante. Um sono sem sonhos.

Ainda não sei que serão precisos alguns anos e duas temporadas em clínicas de desintoxicação para deixar de tomar comprimidos.

Não sei que este vício me fará abandonar a universidade. Nem que, mesmo depois da recuperação, beberei sempre um bocadinho mais do que devia, para preencher o vazio em que, antes, os comprimidos me consolavam.

Ainda não sei que me arrependerei de beber tanto, nem que esse mau hábito me tornará o cérebro lento. Turva-me o raciocínio e faz de mim uma versão mais egoísta e embrutecida do que poderia ter sido. Ainda não sei que, quando tiver quarenta e tal anos, me questionarei se o meu filho Johnny não terá morrido, em parte, por eu beber tanto.

Não sei nada disso, ainda.

Simplesmente durmo.

Deixem-me contar outro conto de fadas. Este não é famoso. Li-o pela primeira vez no livro de histórias de Grimm da nossa família. E voltei a lê-lo a Rosemary, no verão dos meus dezassete anos.

Esta é a minha versão.

As Moedas Roubadas

Era uma vez um homem que foi visitar um amigo. Este amigo tinha vários filhos e uma mulher.

No dia da chegada do convidado, todos se sentaram para comer. Quando o relógio bateu o meio-dia, a porta da casa abriu-se.

Entrou então uma menina de dez anos, mais ou menos, de vestido branco e descalça.

Ninguém na casa lhe prestou atenção, exceto o hóspede. Os restantes continuaram a comer.

A menina passou silenciosamente pela família sentada à mesa e dirigiu-se à divisão contígua. Não olhou em volta.

– Quem é aquela criança? – perguntou o hóspede.

A família disse-lhe que não tinha visto ninguém. Continuaram a comer.

Passado algum tempo, a menina apareceu de novo, voltou a passar pela família e saiu pela porta da frente.

– Quem é aquela criança? – perguntou o hóspede uma vez mais. – A menina descalça?

Mas, mais uma vez, a família não tinha visto ninguém.

No dia seguinte, precisamente ao meio-dia, estavam todos novamente sentados a almoçar quando a porta da frente se abriu outra vez. A menina entrou. Tal como na véspera, passou pela família em silêncio para a sala do lado.

Mais ninguém a viu.

Desta vez, o hóspede seguiu-a. Por uma brecha na porta, viu a criança de joelhos, a raspar as tábuas do soalho com as unhas. Parecia cada vez mais frenética, como se quisesse escavar. Ele temeu que ela ferisse as mãos.

O hóspede disse aos seus anfitriões o que estava a ver. Descreveu a menina, o cabelo revoltado, o rosto redondo, o sinal no queixo.

Eles revelaram então aquilo que lhe tinham escondido durante esta visita estranha e tensa: uma das filhas da família morrera quatro semanas antes, de uma doença súbita. Era uma menina de dez anos, com cabelo revoltado, rosto redondo e um sinal no queixo.

Os pais dirigiram-se à sala do lado. Levantaram as tábuas que o fantasma da menina arranhara e encontraram duas moedas.

A mãe compreendeu então. Ela dera o dinheiro à filha para a menina dar a um mendigo que pedia comida na rua.

E a menina guardara-as para si.

– Provavelmente queria comprar bolachas – disse a mãe. – Por isso ficou com as moedas.

O fantasma assentiu afirmativamente.

– Vou doar este dinheiro – disse a mãe. – Ajudará alguém necessitado. A minha filha não precisa de continuar preocupada ou arrependida.

Quando o hóspede se virou para o canto onde estava o fantasma da menina, ela tinha desaparecido. Estava em paz na sua campa.

.

Esta é a minha história.

Eu sou a hóspede. Sou a que consegue ver o fantasma de uma menina de dez anos. Rosemary voltou em busca da minha ajuda, enquanto procura o seu repouso.

O hóspede é o que vê a verdade, o que fala a verdade, aquele que consegue ver e reconhecer o sofrimento, absolvendo assim a família. Portanto sou eu.

Quero dizer, gostaria de ser o hóspede.

Mas tenho de ser franca.

Se quero contar a história como deve ser, contá-la mesmo como tenho de a contar, eu não sou o hóspede, afinal de contas. Nesta história, a história das moedas roubadas, garanto-vos,

eu sou o
fantasma.

Pfeff não aparece na doca às onze.

Espero por ele. Tenho uma lista de compras da minha mãe e uma geleira para o gelado que ela me pediu que comprasse em Edgartown.

Terá ele mudado de ideias? Ou esqueceu-se?

Mais vale chegar três horas adiantado do que um minuto atrasado é uma das citações preferidas do meu pai. É de Shakespeare, *As Alegres Comadres de Windsor*. Não que eu tenha lido a obra, mas Harris disse-nos. E ensinou-nos a não esperar pelos retardatários.

Arranco às onze horas e dez minutos.

É estúpido, é disparatado – mas as lágrimas ardem-me nos olhos quando ligo o barco e me afasto da doca. Fui ignorada.

Quero ser o tipo de rapariga com quem um rapaz se lembrará de ter feito planos. O tipo de rapariga por quem os rapazes serão capazes de esperar horas.

Os namorados de Penny esperam sempre por ela. Lachlan e os outros que teve antes. Assistem aos jogos de ténis dela. Esperam-na à porta da sala de aulas para poderem almoçar com ela. Guardam-lhe lugar nas assembleias.

Enfim. Não faz mal. Vou comprar sabão e protetor solar e revistas para todos lermos na praia; comprarei caramelos no Murdick's; um chapéu de sol novo para substituir o que se partiu. Comprarei um batido de morango para mim que beberei enquanto admiro os barcos no porto.

Não faz mal. Não faz mal.

Foi só um beijo.

Um beijo não é nada para um rapaz como Pfeff, que sem dúvida já beijou um milhão de raparigas, até deve ter ido para a cama com elas. Ontem à noite deixou-se apenas levar pelo momento. Eu também me deixei levar pelo momento.

Não devia importar-me. Nem sequer o conheço.

Estou a passar pela Praia Pequena quando oiço o meu nome por cima do barulho do motor.

– Carrie!

Abrando e franzo os olhos. Pfeff está com água pelos tornozelos, de calções de banho e uma camisola de capuz. A abanar os braços.

Desligo o motor.

– Só acordei agora – grita ele. – Já é tarde de mais?

Não tenho a certeza se o quero ver mais. Tudo o que ele disser agora me vai

recordar de que não está interessado. Eu não sou motivo suficiente para acordar a horas.

– Carrie! – chama ele. – Espera! Aí vou eu.

Corre para a frente e mergulha nas ondas suaves. Está a nadar em direção ao barco. De camisola de manga comprida e capuz. Dá braçadas fortes mas com pouca técnica. E eu estou mais longe do que ele pensa.

Observo-o por um momento, digerindo o que vejo. Pfeff está a esforçar-se bastante. Para chegar até mim. Já está quase fora da enseada, por isso ligo o motor e aproximo-me lentamente dele.

– Estás a fazer más escolhas – digo-lhe, quando ele se iça para a escada lateral e entra no barco.

– É algo que costumo fazer com bastante frequência – diz ele, e sacode a água do cabelo. – Credo, esta camisola pesa uma tonelada.

Despe-a, juntamente com a *T-shirt* ensopada.

Não sei para onde olhar. Ele está tão perto de mim. Os seus ombros estão bronzeados. Tem só alguns pelos no peito. Traz uma corrente fina ao pescoço, com uma chapa de identificação de estilo militar.

– Obrigado – diz. – Por não teres arrancado e seguido caminho enquanto eu fazia este grande gesto disparatado. – Inclina-se, encharcado e nu da cintura para cima, e dá-me um beijo ao de leve na face, quase no maxilar. Os seus lábios estão muito frios. – Muito bem, podemos ir.

Um beijo. Mas não é um beijo. Não sei o que pensar do gesto, por isso tento agir como se mal me lembrasse da noite passada. Como se já tivesse beijado mil tipos. Beijos ao luar é como passo todas as noites de sexta-feira e não significa nada de manhã.

Conduzo o barco em direção a Edgartown.

Pfeff debruça-se sobre a amurada do marco e torce as camisolas.

– Temos de ir comprar uns sapatos também – diz. – Deixei os chinelos na praia.

– Trouxeste sequer uma carteira? – pergunto.

– Claro. – Abre o fecho do bolso dos calções e tira uma carteira de lona azul, totalmente ensopada. Abre-a e mostra várias notas de vinte dólares molhadas e o vale-oferta da livraria no mesmo estado. – Oh, raios. – Começa a separar as notas e uma delas voa-lhe da mão.

– Tal como eu disse: más escolhas – digo.

Pfeff volta a arrumar o papel molhado na carteira.

– É uma espécie de superpoder – responde. – Não imaginas como sou bom a fazer más escolhas.

Temos de gritar para nos ouvirmos, com o barco a acelerar, por isso não sinto necessidade de responder. É quase uma hora de viagem até Vineyard, e fazemos a maior parte em silêncio. Quando prendemos o barco na doca, Pfeff está seco e novamente vestido.

– Ei – diz, e toca-me no braço, enquanto subimos a doca para a cidade.

– Sim?

– Eu... ah... desculpa ter-me deixado dormir. E ter-te feito pensar que não ia aparecer.

– Não faz mal.

– OK. – Sorri-me. Os seus olhos escuros têm um brilho alegre. – Vamos às compras. Estás pronta? Adoro fazer compras.

Em Edgartown, os passeios são de tijolo vermelho. Os edifícios têm quase todas paredes brancas. As ruas estão ladeadas de cercas de tabuinhas, cobertas de roseiras. É possível percorrer a povoação de ponta a ponta em dez minutos.

As lojas são antigas e práticas – uma pequena drogaria, uma loja de ferragens, uma loja de bebidas alcoólicas – ou então pitorescas e turísticas, com espanta-espíritos, livros e guloseimas para venda. Há várias geladarias.

Primeiro vamos a uma loja de praia. Tem música *pop* a tocar. As paredes estão cobertas de fatos de banho com frases engraçadas no traseiro («Vineyard é para Apaixonados»), *T-shirts* do filme *Tubarão* (foi filmado na região), toalhas de praia baratas, papagaios de papel e palas para o sol.

Pfeff fala com a rapariga atrás do balcão e pergunta-lhe pelos tamanhos das camisolas. Ela parece uma estudante universitária. Tem um ar entediado. Poucos anos mais velha do que nós.

– Achas que sou um M? – pergunta ele. – Talvez seja antes um L. – E antes que ela consiga responder, acrescenta: – Oh, e já agora, diz-me uma coisa. Pode ser?

– Claro.

– Eu sou uma pessoa que faz más escolhas, ao que parece – diz Pfeff. – Na verdade, já sabia disso antes do dia de hoje. E o que aconteceu foi que fiz uma má escolha ao fazer a mala para a minha estada aqui... bom, não estou em Edgartown, estamos numa ilha... – aponta para o porto – ...ali, algures. Enfim. Más escolhas foram feitas no processo. Por mim. E agora gostava de saber onde é que uma pessoa pode comprar roupa interior por estes lados. Será sequer o tipo de povoação onde uma pessoa pode comprar roupa interior?

– Sim – diz a funcionária da loja. – Temos roupa interior por estes lados.

– Eu sei onde temos de ir – digo-lhe.

Mas Pfeff ignora-me e percebo que o seu objetivo não é obter a informação. Quer apenas ter esta conversa.

– Muito bem. Onde é que há *boxers* em Edgartown?

Ela dá-lhe indicações para a loja.

– E meias? – pergunta Pfeff. – Haverá também meias?

– Há lá meias – diz ela. – Mas também temos meias aqui.

Mostra-lhe meias com pequenos hidroaviões, com mapas da ilha, gaivotas, lagostas e baleias.

Pfeff compra um par de cada.

– Que meias absolutamente fantásticas – diz. – Tipo, não quero outras meias o resto da vida. – Mostra-me as das lagostas. – Oooh, achas que têm com camarões? – Vira-se para a funcionária. – Têm meias com camarões também? Ou caranguejos? Compro todas as meias de crustáceos que tiverem. Um par de cada, quero eu dizer. Não vou perder a cabeça.

Ela só tem lagostas. Não há outros crustáceos.

– Lagostins? – pergunta Pfeff. – Amêijoas?

Ela pede desculpa.

– Só para confirmar – diz Pfeff. – Gosto de ser meticoloso nestas coisas.

Paga com cartão de crédito e compra, além das meias, uns chinelos de enfiar no dedo que calça de imediato, uma *T-shirt* de Vineyard para substituir a camisola ainda húmida, e dois pares de óculos de sol baratos, espelhados, de ar ridículo. Diz que nunca sabe dos óculos de sol e que está sempre a perdê-los.

– Pareço o *Top Gun*?

– O Tom Cruise não usa lentes espelhadas – digo-lhe. – Tem lentes normais.

– Nada disso – diz Pfeff. – São espelhadas, tenho a certeza.

– Seja como for, não és nada parecido com o Tom Cruise. – Embora seja, um bocadinho.

– Posso sonhar – diz ele. – Deixa-me sonhar. Tu podes andar por aí com esse ar de modelo, não sabes como é ser um humano normal.

Coro. É um elogio barato e genérico. E não é verdade. Mas, seja como for, gosto de o ouvir.

– Cala-te – digo. – Tens fome ou queres ir comprar os *boxers* primeiro?

– Não tomei pequeno-almoço – diz Pfeff. – Devido às minhas más escolhas.

*

Compramos sanduíches de lagosta, *Coca-Colas*, amêijoas fritas e pickles fritos. Comemos sentados num banco junto do porto. Depois Pfeff compra a roupa interior. E uma camisola aos losangos que o faz parecer «um avô, mas no bom sentido».

Na livraria, apresenta humildemente o vale-oferta ensopado e pede desculpa pelo seu estado. A funcionária, uma senhora de certa idade, adora Pfeff desde o primeiro instante, isso é evidente. Ele usa o vale para comprar presentes: Armistead Maupin para Major, Stephen King para George. Um *thriller* médico para Yardley, porque ela quer ser médica. Surpreendentemente, é um leitor ávido.

– Leio muitas coisas populares – diz-me. – Mas tudo o que somos obrigados a ler na escola dá-me sono.

Subimos até à secção de ficção científica e ele acrescenta ao monte vários livros grossos de capa mole.

Quando estamos a descer para a parte principal da loja, Pfeff vê alguém que conhece: uma rapariga delicada, com cabelo preto comprido, feições asiáticas, vestida com calções de ganga coçados e uma camisa de xadrez macia. Traz um saco enorme ao ombro que parece feito de vime. Tem o rosto redondo e ligeiramente queimado do sol.

– Sybelle – murmura Pfeff, como se fosse um grande segredo. – É a Sybelle.

Ela vira-se.

– Oh, meu Deus, Pfefferman. Andas a seguir-me?

– Ah! Quanto tempo já passou, um ano? – Vira-se para mim. – Não a vejo há séculos. Não estou a segui-la. Carrie, Sybelle. Sybelle, Carrie. A Sybelle e eu explorámos a natureza no Parque de Canyonlands, o verão passado. Era um programa onde nos levavam para territórios selvagens durante três, não, quatro semanas? Quase morri, para dizer a verdade, por várias vezes.

– *Não* és um homem da montanha – diz Sybelle.

– Havia escalada e essas coisas – diz Pfeff. – Ainda tenho cicatrizes.

– Tens tempo para ir comer um gelado? – pergunta Sybelle. – Podíamos pôr a escrita em dia.

– Claro que sim – diz Pfeff. Paga os livros. – Encontramo-nos na doca, está bem, Carrie? Não me vou demorar muito. É só porque não vejo a Sybelle desde que caí daquela falésia no Utah.

– Claro – respondo, com um sorriso forçado.

– Tens a certeza de que não andas a seguir-me? – diz Sybelle.

– Nem sequer estou instalado nesta ilha – diz Pfeff. – Estou noutra ilha completamente diferente, a sério.

Dá-me os sacos das compras.

– Tivemos um dia de compras fantástico, não foi?

– Eu não comprei literalmente nada – respondo.

Eles afastam-se.

Deixo os sacos no barco.

Vou fazer os recados que a minha mãe me pediu.

Não faz mal. Não faz mal.

Nem sequer o conheço.

Compro um batido de morango. Tem o mesmo sabor de todos os verões anteriores. O mesmo batido que bebia quando tinha três anos, quando tinha nove, quando tinha treze. O mesmo copo de cartão branco.

Encosto-me ao barco. As minhas mãos ficam frias. Os meus lábios também.

Tiro a camisola da mala e visto-a. Estupidamente, embaraçada, passo o pente pelo cabelo e ponho *lip gloss*.

E espero por Pfeff.

Das três e um quarto até às quatro. Quatro e meia.

Podia ir-me embora, como fiz esta manhã. Mas não combinámos uma hora exata para nos encontrarmos. Portanto ele não está atrasado.

E se o deixar aqui, outra pessoa qualquer de Beechwood terá de o vir buscar depois. Ou eu.

E será que ele sabe sequer o número de telefone da casa de hóspedes? Não me parece. Nem sei se Harris e o tio Dean constam da lista telefónica de Cape Cod. Talvez sim, talvez não.

Se abandonar Pfeff dessa maneira, ele ficará zangado. E eu perderei a minha oportunidade.

Portanto, espero. E ao esperar sou forçada a admitir que quero este rapaz, com os seus ombros largos e o seu nariz torto, com o seu entusiasmo em relação a tudo. Quero um rapaz capaz de nadar até ao barco de camisola vestida, capaz de se ajoelhar em frente da minha mãe, um rapaz que compra meias com lagostas e presentes para os amigos. Que beija como ele beija. Que me chama esperta e impressionante e bela.

Ele deixou-me para ir com Sybelle há três horas.

Tomo um comprimido de codeína e espero que a dor passe.

Está vento. Tenho frio. Estou aborrecida. Entro para o barco e sento-me no chão, para estar mais abrigada do vento.

A codeína começa a fazer efeito. Passado algum tempo, procuro uma cabine telefónica e ligo a Tipper, digo-lhe para não esperar por nós para jantar.

São oito horas e o sol está a pôr-se quando Pfeff aparece na doca.

– Desculpa – diz, começando a conversa à distância, enquanto caminha em direção a mim. – Alugámos bicicletas. Há um sítio onde podemos ir de bicicleta, não é muito longe, e temos água dos dois lados. – Sobe para o barco e veste a camisola. – Oceano de um lado e um lago ou lá o que é do outro. É tão bonito. Tens de lá ir.

Já fui. Muitas vezes.

Não respondo. Solto o barco.

– Fiz-te esperar muito? – diz Pfeff. – Espero que não. Fomos um bocado longe nas bicicletas e demorámos imenso tempo a voltar, e depois não nos lembrávamos onde tínhamos alugado as bicicletas, uma estupidez. Corremos tudo, e nenhuma das lojas parecia ser a certa. As bicicletas deviam estar identificadas, não é? Mas não estavam. E não guardámos o recibo. De qualquer maneira, depois estávamos cheios de fome e eu sabia que tinha de vir ter contigo, mas a pizaria estava mesmo ali e pensei que podia vir comendo uma fatia ou duas pelo caminho, e assim seria muito melhor companhia na viagem de barco até casa, mas afinal tivemos de esperar que uma piza nova saísse do forno.

– Vai passear, Pfefferman – digo, enquanto ligo o motor.

Fico surpreendida ao ouvir isto sair-me da boca. Tinha planeado ser descontráida e indiferente, e fingir que eu própria acabara de chegar ao barco.

– O quê? – Pfeff parece surpreendido.

– Nem comeces.

– Está bem, eu *sei* que te fiz esperar. Uma quantidade de tempo imperdoável. Mas foi mesmo uma situação complicada, Carrie!

– O quê?

– A Sybelle e eu. Naquela viagem em Canyonlands nós... bom, as coisas acabaram mal, percebes? Eu... eu estraguei tudo. E depois dou com ela aqui! Ao fim de um ano inteiro em que provavelmente me odiou. E ela estava a ser tão simpática. Por isso senti que estava finalmente perdoado por ter sido tão parvo há um ano, e achei que talvez se passássemos algum tempo juntos hoje podia compensá-la por tudo. Não consegui dizer-lhe, *Não, Sybelle, tenho de ir ter com a Carrie à doca*. Porque estava a meio de todo um processo de perdão com ela.

Manobro o barco até ao largo e depois viro-me para ele.

– És apenas um estúpido – digo-lhe, as palavras saindo-me sem pensar. – Não há explicação nenhuma que me possas dar que faça com que não pareças um estúpido egocêntrico e mal educado.

– Não compreendes – diz Pfeff. – Foi...

– Compreendo que não queres saber de ninguém além de ti próprio – interrompo secamente. – Que não tens qualquer problema em fazer alguém esperar cinco horas por ti, e em deixar uma ilha inteira cheia de pessoas à espera do jantar só para poderes convencer-te a ti mesmo de que uma rapariga a quem deste com os pés há um ano te considera agora uma excelente pessoa. Na verdade, pensando bem, tudo o que fizeste, o dia inteiro, foi basicamente para toda a gente ficar a pensar *O Pfeff é fantástico*. Namoriscar com todas as empregadas das lojas. Elogiar as pessoas. Comprar presentes. Mas na realidade não queres saber de ninguém. Tudo o que te interessa é que te vejam como especial, e não a verdadeira experiência dos outros.

– Carrie – diz ele. – Desculpa.

– Deixa-me em paz – digo. – Nem sequer fales comigo.

Luda já acabou de tratar da loiça do jantar. Tipper, Harris e o tio Dean estão no alpendre, a rir e a beber digestivos.

Como uma sanduíche de frango na cozinha e converso com Penny e Erin, que vêm fazer-me companhia à mesa de madeira. A noite arrefeceu e a camisola preta de gola alta de Erin parece deslocada na nossa cozinha, bem como o *eyeliner* preto e o batom na sua boca cheia e bonita. Mas ela parece confortável. Está a cortar pedacinhos do bolo de chocolate que sobrou do jantar, a comer com as mãos. Penny veste uma velha camisola azul do nosso pai e bebe chá de menta.

– Beijaste o Pfeff? – diz Penny. – Ontem à noite? Porque é que só estou a saber disto agora?

– Ainda estavas a dormir quando saí esta manhã – digo. – Como querias que te dissesse?

– Devias ter vindo à minha procura ontem à noite para me contar tudo imediatamente – diz ela. – É a tua obrigação de irmã.

– Estavas ocupada – digo.

– Não precisas de contar à Bess – diz Penny. – Só a mim.

Conto-lhes a história do dia em Edgartown – as compras, o encontro com Sybelle, as cinco horas de espera, a discussão.

– Que anormal – diz Erin, e inclina o rosto em forma de coração com ar pensativo.

– Vil – diz Penny. – Fazer-te esperar dessa maneira. Era bonita?

– Quem? – pergunta Erin.

– A Sybelle. A miúda com quem ele foi chamava-se Sybelle, não era?

– Sim – digo. – Era muito, muito bonita. Mas tinha um escaldão.

Erin tem uma personalidade analítica. Franze a testa e dissecou o tema da discussão.

– Achas que ele foi, tipo... para a cama com ela?

– Em Edgartown? Em pleno dia? – Nem me tinha ocorrido tal coisa.

– Não me parece que tenham passado esse tempo todo a andar de bicicleta – diz ela. – Nem pensar.

– Onde é que podiam sequer ter feito isso? – pergunto. A ideia espalha-se, gelada, dentro do meu peito. Eu estava com ciúmes porque Pfeff passara a tarde com Sybelle e por ela ter sido sua namorada. Nem me ocorrera que ele podia ter *ido para a cama com ela* enquanto eu esperava por ele na doca. Francamente, nunca me ocorrera que alguém podia ir para a cama com *alguém* a meio do dia.

– Na casa dela, dah! – diz Penny. – Ela está na ilha. Com certeza tem um quarto.

– Então achas que a história toda das bicicletas foi mentira? – pergunto. – Mas ele sabia sobre a estrada com água dos dois lados.

– A estrada da praia. – Penny tira a faca da mão de Erin e corta uma fatia de bolo para si. – A Yardley diz que o Pfeff é useiro e vezeiro – acrescenta. – Diz que ele tem sempre alguém.

– *Tu* eras capaz de andar com ele – diz Erin a Penny.

– Cala-te. Sabes muito bem que não.

– O Major perguntou-me se eu queria sair com ele de caiaque – diz Erin. – Contei-te?

– Não.

– Bom, perguntou. Achas que ele gosta de mim?

– Não – repete Penny.

– Estou a perguntar à Carrie – diz Erin. – Carrie, achas que ele gosta de mim? Por causa da ideia dos caiaques, ou não sei... reparaste se ele olha para mim?

Acabei de comer a sanduíche e levo o prato para passar por água no lava-loiça.

– Tu gostas dele? – pergunto a Erin. – Porque, na minha opinião, ele teria sorte de arranjar alguém como tu.

– Não sei – diz Erin. – Gosto de ruivos.

– O Major é *gay* – diz Penny.

– Não é nada.

– Ele disse-me que era. Os pais dele são *hippies*, ou lá o que é, por isso não se importam e ele não precisa de esconder. Portanto podes gostar dele o que quiseres, mas isso não vai levar-te a lado nenhum.

Erin ergue as sobrancelhas.

– O Major confidenciou-te isso?

– Não é um segredo – diz Penny. – Foi só uma coisa que ele mencionou.

– A propósito de quê?

– A propósito de nada. Contou uma história sobre um rapaz com quem andou. E depois quando eu perguntei, disse que a mãe é super espiritual, medita e tudo mais... e *amor é amor*, é essa a filosofia dela.

Não sabia isso em relação a Major. Não conheço mais ninguém que seja abertamente *gay*.

– Bom, ainda bem que são tão amiguinhos – diz Erin. – Se calhar podias ir *tu* andar de caiaque com ele. Melhores amigos.

– Oh, meu Deus, Erin – diz a minha irmã. – Acaba lá o bolo para irmos dormir. Acho que apanhei sol a mais. Estou de rastos.

Erin ri-se. Levanta-se e olha para mim.

– O Pfeff passou a tarde na cama com essa miúda – diz.

Quando chego ao meu quarto Rosemary está lá, com o seu fato de chita. Faz festas a *Wharton*, que está enroscada no tapete, cansada, depois de um dia de correria com os outros cães.

O fato foi-lhe oferecido por uma amiga quando ela fez nove anos. Basicamente é um pijama inteiro, com pés, como os que usávamos em pequenas, só que tem uma cauda e um capuz com orelhas.

A minha mãe detesta-o. Acha que os padrões animais são vulgares. Mas foi um presente.

Quando estava viva, Rosemary dormia com ele o inverno inteiro. Agora está à espera na minha cama, de capuz na cabeça. O tecido brilhante está gasto e fino nos cotovelos.

– Olá! – diz, em tom alegre. – Queres ver o *Saturday Night Live*?

– O quê?

– Começou às onze e meia. Vi na TV Guia.

– Não podemos – digo. – Há pessoas lá em baixo.

– Estão a ver sem mim?

– Hã-hã. A Bess está. E a Tipper e o Harris ainda estão no alpendre.

– Mas eu nunca o vi.

– Malmequer – digo. – Não podemos juntar-nos a eles. Pois não?

– Não. – Ela suspira, e depois continua em tom mais ligeiro. – Seja como for, não foi para estar com a Bess que vim. Só contigo, contigo, contigo.

Começo a despir-me para ir para a cama.

– Mas um dia destes gostava de o ver – afirma ela. – Não me parece justo ter de estar morta sem saber porque é que toda a gente fala disso.

– Está bem. Tentaremos arranjar maneira.

– Para a semana?

– Claro. Podemos tentar.

– Está bem. Queres jogar Reis no Canto?

Ugh. Tenho tantas emoções às voltas dentro de mim por causa da ida a Edgartown.

– É um jogo rápido – acrescenta Rosemary.

Não consigo fingir que me apetece jogar às cartas. Não consigo mesmo.

– Estou cansada – digo. Visto uma camisola de alças velha e calças de pijama.

– Só uma partida? Eu deixo-te ganhar.

– Hoje não, malmequer. Deixa-me lavar os dentes e podemos aconchegar-nos

juntas.

Tomo um *Halcion* e entranço o cabelo. Abro uma das minhas janelas e ligo a ventoinha. Quando finalmente me enfio na cama, Rosemary vira-se de costas para mim e eu abraço o seu corpinho vestido de chita.

Ela respira devagar. Ouvimos a ventoinha. Ouvimos as ondas a rebentarem na praia.

A mão de Rosemary fica mole na minha. Parece estar a adormecer.

– Sabes o que tornaria isto ainda melhor? – pergunta ela baixinho.

– O quê?

– Se estivéssemos a ver o *Saturday Night Live* – diz.

– És terrível – digo. – Pensei que estavas a dormir.

– Imagina. Aconchego, mimos e televisão.

– Não vai acontecer.

– Está bem – cede ela. – Oh, sabes outra coisa que tornaria isto ainda melhor?

– O quê? – Pergunto a mim própria se ela estará a tentar dizer-me aquilo de que precisa. O porquê de estar aqui. A assombrar-me.

– Se a *Wharton* tivesse um fato de chita.

Rio-me.

– A *Wharton* vestida de chita?

– Ela ia adorar – diz Rosemary. – Ela quer ser uma chita.

– Os três cães com fatos de chita.

– Não, não. O *Albert* e o *McCartney* não querem ser chitas. Não têm quaisquer aspirações.

– Que palavra tão cara.

– Foste tu que me ensinaste, no *Scrabble*.

– Fui?

– Hã-hã. Oh, espera, tenho uma ideia melhor.

– Melhor do que a *Wharton* num fato de chita?

– Sim, melhor.

– Está bem. Não me deixes em *suspense*.

– Se tu tivesses um fato de chita.

– Isso seria decididamente uma melhoria da situação – respondo.

– Então vai arranjar um.

– Agora?

– Hã-hã.

– Está bem – digo. – Vou lá abaixo à doca, ligo o *Glutão*, faço-me ao mar durante uma hora, não, espera... em Edgartown está tudo fechado. Terei de fazer mais uma hora até ao continente, depois apanhar um táxi, ir a uma daquelas lojas abertas vinte e quatro horas que vendem tudo, em Cape Cod, e compro um fato de chita. É isso?

– Sim.

– Depois volto e aconchego-me contigo. Vou demorar umas cinco horas, mas tudo bem.

– Seis horas – diz Rosemary. – Mas valerá a pena.

– O aconchego das duas chitas – digo. – Mal posso esperar.

– Oh, sabes o que tornaria isto ainda melhor, melhor? – pergunta ela.

- Dormir.
- Não, a sério.
- O quê?
- Se estivéssemos a jogar Reis no Canto – diz Rosemary.
- Não vai acontecer – digo-lhe. – Agora vamos dormir.
- Tu vais dormir – corrige ela. – Eu sou uma chita. Quase não preciso de dormir, porque sou o animal mais rápido na Terra.
- E o que gostas de fazer é jogar Reis no Canto?
- Hã-hã – diz ela. – Com outras pessoas vestidas de chita.
- Queres dizer outras pessoas que são chitas – digo, já meio a dormir.
- Sim, isso mesmo.

A cada noite que os rapazes passam aqui, os meus pais estão mais concentrados em universidades e nas suas expectativas para mim.

– Amherst tem uma grande história – diz o meu pai, olhando para ver se eu estou a prestar atenção. – O Robert Frost deu lá aulas. E viveu lá, também. Um grande poeta. – E cita-o: – *Mas eu tenho promessas a cumprir/E milhas a percorrer antes de dormir.*

Os rapazes contribuem corajosamente para o assunto. Fazem perguntas a Harris sobre o seu tempo em Harvard, os desportos que praticou, as palhaçadas em que se meteu com os outros membros da sua irmandade. Tipper contribui com episódios engraçados dos dias de universidade e questiona os rapazes quanto aos seus planos de estudo. Harris destaca disciplinas que parecem interessantes e atividades nas quais talvez eu tenha interesse em participar. Pergunta quais serão as universidades que levam o *softball* feminino a sério.

Tomo codeína para aguentar estes serões. É melhor estar medicada. Não quero sentir em pleno a força daquilo que os meus pais pretendem de mim.

Já sei como é viver num dormitório. Conheço a biblioteca imponente e os trabalhos de quinze páginas. Preferia ir a discotecas e passear pelos museus e viver num apartamento feio, num prédio sem elevador, com alguns amigos. Quero encontrar alguém para amar e com quem esperar na fila, numa noite fria, para assistir a uma peça de teatro estranha. Acho que gostaria da azáfama de uma cidade suja e caótica e pobre e rica, que seja chique e excêntrica, onde as pessoas sejam diferentes de mim. Talvez gostasse de fazer algo com as minhas próprias mãos.

Embora Tipper passe os dias a fazer bases de tarte e a raspar espargos, para mim quer a universidade. Uma vida da mente e de realizações. É inflexível.

Percorro o caminho construído pelos meus pais. Percorro-o da mesma forma que percorro os trilhos de madeira que eles construíram em Beechwood. Não vejo como sair dele.

Mesmo que desça do trilho para os arbustos, as árvores, a areia – não importa. Continuo a estar na ilha deles.

.

Os rapazes dizimaram o armário das bebidas de Goose Cottage ao longo desta semana, portanto depois de jantar Yardley costuma trazer-lhes de Pevensie a cerveja

do tio Dean, ou garrafas roubadas à adega dos meus pais.

Pfeff age como se nunca nos tivéssemos zangado, e eu ajo como se nunca me tivesse importado. Passamos tempo na mesma divisão mas praticamente não falamos um com o outro. A situação é tolerável.

Noite após noite, eles ligam a música bem alta. David Bowie, Prince e The Clash. Jogamos *Scrabble*, ou póquer a centimos. Uma noite vemos *Ben-Hur*, noutra *Mary Poppins*. A sala está cheia de pacotes de batatas fritas e latas vazias. Quando o ar noturno é ameno, os rapazes descem destemidamente as escadas até à Praia Pequena e lançam os corpos para a água negra da noite.

Algumas noites, Penny e Erin vêm também até à casa de hóspedes, mas elas apanharam o hábito de percorrer o trilho do perímetro da ilha as duas, enquanto fumam cigarros de cravinho que Erin trouxe e conversam incessantemente.

– Vamos andar e falar – diz Penny, quando um dos rapazes lhe pergunta se vão à casa de hóspedes.

Uma noite, cerca de oito dias depois de Pfeff e eu termos ido a Edgartown e termos discutido, estamos no mar, com água pelo peito. Eu, Pfeff, Yardley, George e Major. O ar da noite está abafado e a ondulação é suave.

George:

– Vamos jogar *Salsicha*.

Yardley:

– Oh, outra vez não.

Eu:

– O que é?

Yardley:

– Um jogo estúpido. Jogámos na outra noite, depois de tu teres ido para casa.

George:

– Por ser estúpido é que tem piada.

Pfeff:

– Eu alinho.

Major:

– Eu alinho.

Estou consciente do corpo de Pfeff na água. Ele desliza as mãos perto da superfície, causando pequenas ondas. Olho de relance para a definição dos músculos nos ombros dele, a linha do seu pescoço.

George:

– Perde quem se rir primeiro. Ou der uma resposta que não seja *salsicha*.

Major:

– Está bem. Yardley, és tu. Tens um novo companheiro e, que alegria: ele tem uma coisa de quinze centímetros. É uma...

Yardley:

– Salsicha.

George:

– O que é que sai do rabo de um cão?

Yardley:

– Salsicha.

Eu:

– Antigamente construíam cabinas de troncos, mas agora usam...

Yardley:

– Salsicha.

Pfeff:

– Plop plop. – Dá saltos ridículos na água.

Yardley (a rir):

– Oh, meu Deus.

Pfeff:

– Aha! Apanhei-te.

Yardley:

– Que era isso do plop? Devias fazer uma pergunta que a resposta seja *salsicha*.

Pfeff:

– Eu sei. Mas se te rires perdes. Ou se disseres outra coisa sem ser *salsicha*. Certo?

Yardley:

– Plop plop. És terrível.

George:

– Aceita a derrota, Yardley!

Yardley:

– Está bem, agora é a vez da Carrie.

Olho de relance para Pfeff. Não quero olhar para Pfeff. Não quero pensar nele, e na sensação da sua nuca sob a minha mão quando me beijou, e em como os seus lábios eram surpreendentemente macios. Não quero pensar nisso, mas estou quase nua dentro de água e ele está a apenas um metro de mim, e não consigo pensar noutra coisa, apesar de ele ser um estúpido egoísta e de eu não estar interessada.

Eu:

– Salsicha.

Major:

– Tenho uma boa. Vais nadar e sentes que tens o ouvido cheio de água. Sacodes a cabeça, e sabes o que sai?

Eu:

– Salsicha.

Yardley:

– Matas um javali selvagem e leva-lo para casa. O que fazes a seguir?

Eu:

– Salsicha.

Pfeff:

– Feijões!

Yardley:

– Pfeff, és mesmo parvo.

Pfeff:

– Pasta de dentes!

George:

– Bem, deixa lá ver. Tens um bebé e precisas de lhe mudar a fralda...

Yardley:

– George, essa é a mesma do cão há bocado.

George:

– Não, não, é completamente diferente.

Yardley:

– Não podes fazer sempre a mesma piada de *cocó*.

George:

– Se fizer a Carrie rir ou dizer outra coisa, conta para o jogo. É o único critério.

Yardley:

– Não concordo. Senão era só um concurso de *Fazer Rir a Carrie*.

– Salsicha – digo eu muito séria.

– Tens de misturar as piadas de cocó com outras coisas – insiste Yardley. – Senão perdem a graça.

– Alcachofras! – grita Pfeff, como se tivesse acabado de ter a ideia mais brilhante de sempre.

Rio-me.

Pfeff nada para junto de mim enquanto os outros continuam com o jogo. Tem o cabelo molhado e gotas de água nas maçãs do rosto. Aproxima-se tanto que poderia facilmente beijá-lo.

– Fiz-te rir – murmura. – Tens de admitir.

Mais tarde, quando me preparo para ir dormir, passo pela porta do quarto de Penny, que está aberta. Ela e Erin estão as duas a dormir, cada uma na sua cama, com uma garrafa de uísque vazia no chão. Penso em deixá-las assim, mas sei que Tipper passará pelo quarto quando subir.

Sacudo-as suavemente até acordarem e obrigo-as a lavarem os dentes e a beberem um grande copo de água. Dou-lhes comprimidos para as dores de cabeça. Elas bebem e engolem obedientemente e quando tentam atirar-se de novo para cima da cama ainda vestidas, tiro pijamas da cómoda de Penny e obrigo-as a mudar de roupa.

– Mas eu não costumo dormir de pijama – discute Penny, com a voz entaramelada.
– Só com uma camisola de alças e cuecas. A mãe vai perceber que se passa alguma coisa.

– Veste lá o pijama, vá, tens de ser um crédito para o nome da família – digo-lhe.

– Fui ver a fotografia secreta da mãe – diz ela.

– Chiu, Penny. – Não quero que ela fale nisso em frente de Erin.

– Tu querias a minha opinião! Senão não me terias dito nada – diz Penny, e passa-me o braço pelos ombros, embriagada.

– Não faças barulho.

– Acho que é o pai, na fotografia – continua Penny. – E acho que ela raspa um pedacinho da cara dele de cada vez que está zangada com ele, porque o Harris é muito mandão. E ela vai lá acima e tira a fotografia e raspa raspa raspa. É como descarrega a fúria.

– Não é o Harris – digo. Embora possa ser.

– Ela tem um ritual para se vingar dele, como quando ele não lhe dá atenção.

– Isso nem sequer tem nada a ver como que disseste antes – digo-lhe.

– Pensa bem – diz Penny. Despe a camisola e o *soutien* e abotoa o pijama de algodão às riscas sobre o corpo nu. – Estás contente? – pergunta.

– As calças também – digo. – Porta-te lá bem.

– A mãe devia ir ao psiquiatra – diz Penny, e deixa-se cair na cama assim que enfia as calças de pijama. – Não é normal estar a raspar a cara do marido.

– Estás desequilibrada – digo-lhe.

– Eu? Não sou eu que estou sempre com uma moca de comprimidos.

Fico imobilizada, gelada.

Não sabia que ela sabia dos comprimidos.

Pensava que ninguém sabia dos comprimidos.

– Isso não é verdade – digo.

– Claro que é – diz ela. – Agora vai-te embora. A Erin e eu estamos muito fatigadas e também bêbadas. Por isso adeus.

A pesar de se deitarem às tantas, Major e Pfeff, por vezes com George e Yardley, começaram a sair com o *Glutão* de manhã bem cedo. Não todos os dias, mas quase. Fico a saber disso umas duas noites depois do jogo da salsicha, porque Major me convida.

– Vens à Saída Matinal? – pergunta.

– O que é isso?

Acabámos de jantar há pouco e Major está sentado ao meu lado no grande sofá azul em Goose Cottage. Tem no colo uma tigela de *pretzels* salgados, misturados com cereais *Lucky Charms*. Já bebeu várias cervejas. Os seus braços são magros e bronzeados. As calças de ganga pretas estão esburacadas.

– Saímos no barco logo de manhã e levamos café – diz. – Nadamos e comungamos com a natureza.

Pfeff está no chão, à minha frente. Veste o casaco de linho de George e uma *T-shirt* dos U2, com calções vermelhos de Nantucket. Tem estado a gozar implacavelmente com o filme (*Mary Poppins*) e também a cantar com letras inventadas.

Matem os pais! Marquem o ritmo.

Abanem a pila! Marquem o ritmo.

Cometam crimes, ninguém fica vivo

Estudem matemática! Marquem o ritmo.

Coisas desse género.

– Vamos muito devagar e com cuidado – diz ele agora, sobre o passeio de barco matinal. – Por causa das ressacas. Mas é mesmo beleza máxima.

Major acena em sinal de concordância.

– Devagar e com cuidado é como eu gosto de andar de barco.

– Aprendi a fazer café – diz George, que está apertado com Yardley numa poltrona. Duas semanas de vida na ilha deixaram-no mais relaxado. Os seus calções parecem usados e sujos. O cabelo está maior e mais revolto. – Nadamos, ou ficamos só a preguiçar. Eu costumava ir à pesca com o meu pai, sabes? É mais menos assim. Começamos o dia cedo, com um bocado de natureza.

– Ao princípio eu não queria ir – diz Pfeff. – Mas agora gosto.

– Por isso é que caem todos para o lado depois de almoço – diz Yardley em tom sarcástico. – Se entrares aqui vêes o Pfeff a ressonar de boca aberta no sofá. O Major a dormir na espreguiçadeira. E o George de barriga para baixo na cama, com sapatos e tudo.

– Eu sou muito fofo a dormir – diz George. – É um facto documentado. Não há motivos de troça.

– Devias vir connosco amanhã – diz-me Pfeff. Vira-se e olha para mim com ar esperançoso. – Era divertido ter a tua companhia. – Sorri e não consigo tirar os olhos da curva do seu lábio inferior.

– *Vocês* podiam vir também – diz Major a Penny e Erin, que se juntaram a nós depois de «andar e falar».

– Ugh, acordar de manhã cedo não é a minha ideia de diversão – diz Erin.

Não gosto de Pfeff, mas quero beijá-lo outra vez. Quero sentir-me esperta e impressionante, passar os dedos pelo seu pescoço quente. Lembro-me do frémito curativo do seu beijo, como água fria e framboesas, a dissipar a mácula do meu maxilar disforme e infetado. Gostava de voltar a sentir o mesmo.

Ele acabou de dizer que gostava de me ter com eles, de manhã. A mim, especificamente.

– Está bem, eu vou – digo. – Que se lixe. A que horas?

São seis e um quarto da manhã. Não está ninguém acordado em Goose Cottage. Chamo, mas não obtenho resposta.

Já tomei café com a minha mãe e Luda, mas mesmo assim ligo a cafeteira na casa de hóspedes, nem que seja para ter alguma coisa que fazer.

Sinto-me demasiado jovem e entusiasmada por ter chegado a horas. Talvez tenha percebido mal o dia.

A máquina de café termina o ciclo. Deito um pouco numa caneca, com leite e açúcar. Passo os olhos por um jornal com quatro dias.

Por fim, Pfeff aparece, em tronco nu, a esfregar os olhos como uma criança. Tem as calças de pijama descaídas nas ancas.

– Olá, Carrie. Bom dia – diz. – Oooh, café. Estou tão feliz. Foste tu que o fizeste?

– Hã-hã.

– Isso é muitíssimo excelente.

Não consigo parar de olhar para ele. Odeio-o mas também gostava que ele se aproximasse de mim, se inclinasse e me tocasse no cabelo. Que murmurasse, talvez, «Posso beijar-te? Quero mesmo beijar-te!» e eu beijava-o também. Podia deslizar as mãos por aquelas costas fortes e tocar-lhe nos ombros bronzeados. Sentiria os lábios dele nos meus, tão gentis mas também tão urgentes, e o seu gosto a café.

Podia ir eu ter com *ele*, penso, despertando da fantasia. Não preciso de esperar.

Mas não sei como ele reagiria.

Talvez esteja com Sybelle, envolvido no drama do reencontro.

Talvez pense que eu sou apenas uma miúda, uma rapariga palerma que fez uma birra por nada, por causa de uma pequena espera.

Talvez nem sequer tenha gostado de me beijar.

Por isso não faço nada.

Não olho para

o seu peito nu nem

para as suas mãos fortes à volta da caneca de café. Não olho para

as suas maçãs do rosto delineadas pelo sol matinal nem

para a forma como os músculos nos seus ombros ondulam quando abre o frigorífico.

Não presto atenção

à forma como ele dobra uma fatia de pão torrado em volta de um naco de queijo e o devora avidamente,

como gosta de pegar na caneca com as duas mãos,
como chupa o dedo quando se queima na segunda torrada.
Atenção nenhuma.

Os membros da Saída Matinal acabam por ser apenas eu, Pfeff, Major – e Penny, que aparece à última hora na doca, com um bolo de morango quente embrulhado num pano de cozinha, de biquíni e com uma velha camisa de xadrez de Harris por cima.

– A Erin não se quis levantar – diz. – Preguiçosa ordinária.

– Isso é bolo? – pergunta Major.

– Acabado de sair do forno – diz Penny. – Talvez o tenha roubado, ou não.

– A Tipper não o estaria a guardar para depois de jantar? – pergunto.

– Não sei. – Penny encolhe os ombros. – Ela não estava na cozinha.

Arrancamos, com Pfeff a conduzir o barco. Os rapazes têm toalhas e termos. Penny e eu partilhamos o meu café. Ou melhor, ela tira-mo sem pedir, bebe metade e pousa o resto entre os pés.

Depois de nos afastarmos um bom bocado, Pfeff desliga o motor.

– Cá estamos – diz.

E ficamos ali sentados. A sentir o calor do sol matinal. A ver as gaivotas no céu. Beechwood parece muito longe.

– É um bocado aborrecido – diz Penny passados alguns minutos.

– Bom – diz Major –, ajuda se estiveres pedrada.

Penny dá-lhe uma palmada na perna.

– Estás PEDRADO? – diz. – Agora mesmo, antes do pequeno-almoço?

– Talvez – responde Major, a rir.

– Só um bocadinho – diz Pfeff. – Para apreciar melhor a natureza.

– Então é uma situação dessas – diz Penny.

– É só que... parece tudo muito mais luminoso – ri-se Pfeff.

– Valha-me Deus, vocês são delinquentes – diz Penny.

Levanta-se, despe a camisa de flanela e salta para a água. Major despe a camisola e faz o mesmo.

– Oh, raios – grita, quando vem à superfície. – Que fria!

– Está sempre fria – diz Penny. – É o oceano, menino da cidade.

Vejo-os chapinhar durante algum tempo.

– Vais mergulhar? – pergunta Pfeff.

– Está muito frio, hoje.

Ele assente com a cabeça. Ficamos sentados em silêncio.

– Ei – diz Pfeff, por fim. – Posso contar-te uma história?

– Está bem.

– Bom, era uma vez o bebé Lawrence Pfefferman... sou eu... que tinha o mesmo nome que o pai e o avô. Portanto sou Lawrence o terceiro. E chamam-me Lor porque o meu pai era conhecido por Larry e o meu avô por Lawrence. E a ideia era essa, percebes? Eu ser como eles.

– Está bem.

– Bom, Lawrence o primeiro andou em Amherst e tornou-se advogado. E o Larry andou em Amherst e tornou-se advogado. E quando o bebé Lor cresceu, quiseram que ele fosse para Amherst.

– E se tornasse advogado.

– Quer dizer, estão abertos a algumas outras profissões, poucas. Mas é essa a ideia.

– Porque é que me estás a contar isso?

– Bem – disse Pfeff –, deixaste bem claro que me consideras um cara de cu.

Encolho os ombros. É o que penso, de facto. Mas apesar disso acho-o mágico e engraçado. Tenho sempre vontade de lhe tocar quando ele está perto de mim, como agora.

– Há circunstâncias atenuantes – acrescenta ele.

– Sim? A Sybelle amarrou-te e foi por isso que não conseguiste vir ter comigo ao barco em Edgartown? – pergunto. – Porque *decidi passar a tarde a fornicar numa casa histórica* não é uma circunstância atenuante.

Ele ri-se.

– Não, não é isso. É só que... ouve. Sou um falso estudante.

– E depois?

– Não gosto de ir à escola. Quero... não sei, quero viajar. Gostava de ir para o México ou para Itália, aprender a língua, talvez, e simplesmente conhecer pessoas. O que me faria feliz era comer boa comida, passar o tempo com amigos. Não é que não queira trabalhar. Não me importo nada de trabalhar, na verdade. O ano passado trabalhei como empregado de mesa num bar de *burritos*, aos fins de semana, e os horários eram pesados e as pessoas gritavam comigo, mas gostei... o ambiente do restaurante, a azáfama de clientes.

Nesta altura Penny sobe as escadas, a escorrer água, seguida de Major.

– Oh, meu Deus – diz ela. – Não é preciso estar com a moca para que isto seja uma maneira fantástica de começar o dia. – Pega numa toalha e vira-se para mim. – Sinto-me como a Supermulher. Ou a Mulher Maravilha, ou coisa que o valha. Emprestas-me a tua camisola? – Dispo-a e dou-lha. Ela enrola a toalha à cintura e pega no meu termo de café. – Porque é que *nós* não fazemos esta coisa da saída matinal? – pergunta-me. – Porque é que foi preciso serem estes parvos a lembrar-se disso?

– Preciso de pequeno-almoço, já – diz Major. – Podemos voltar?

– Oh! – Penny, deliciada consigo própria, vai buscar a forma do bolo, tapado com papel de alumínio.

– Penelope – diz Pfeff. – Acho que te amo. Bastante, na verdade.

– Não me chames Penelope – diz Penny.

E, sem mais nem menos, odeio-o de novo. *Acho que te amo*. Terá mesmo de fazer com que todas as pessoas o adorem? Terá mesmo de namoriscar com toda a gente, desde a minha irmã à velhota que trabalha na livraria? *Bastante, na verdade*. Estará a tentar fazer-me ciúmes?

Ignoro Pfeff no resto do passeio. Desembrulhamos a forma e partimos fatias de bolo com um canivete suíço. Bolo de baunilha recheado de doce de morango e com pedacinhos de morangos, ainda quente. Peganhento. Perfumado. Comemos e depois regressamos, com Pfeff ao leme.

Penso na nossa conversa inacabada. Pobre menino rico, Lawrence terceiro, achas

que és muito especial por não queres ir para a universidade e por teres gostado do teu biscoito de verão? Achas que, por te sentires assim, pertences ao povo? Imaginas-te único por queres viajar e vadiar e beber cerveja? Toda a gente quer viajar. Ninguém quer ir para a universidade.

Por outro lado – há pessoas que querem ir para a universidade. Pelo menos, as pessoas que eu conheço. Os meus amigos da escola querem. Major e Yardley e George querem. E tenho a certeza de que há muitas pessoas que querem ir e não podem.

Mas eu não quero.

Eu quero o mesmo que Pfeff. Fazer coisas. Trabalhar. Ver mais do mundo.

E, ao contrário dele, nunca o fiz. Nunca tive qualquer trabalho. Nunca deixei a minha família durante o verão, como ele está a fazer agora. E de certeza que nunca trabalhei arduamente num bar de *burritos* nem caí de uma falésia em Canyonlands durante uma aventura amorosa escaldante.

Chegamos à doca da família. Prendemos o barco. Penny e Major fazem uma corrida até Clairmont, onde sem dúvida os outros estão agora reunidos, a tomar o pequeno-almoço no alpendre da frente.

Eu sou a última a sair do barco, porque estou a arrumar a forma de bolo vazia de que ninguém se lembrou. Quando levanto a cabeça, Pfeff está à minha espera.

– Carrie. – O vento sacode-lhe a *T-shirt*. Tem o cabelo nos olhos.

– O que é? – Tento parecer indiferente, desinteressada.

– Tu vês que sou uma fraude, não vês? Sinto-me constantemente como uma fraude – diz. – Tu consegues ver para além da minha fachada, Carrie.

– Só porque te chamei estúpido?

– Talvez. – Olha para os pés. – É só que... gostava que alguém soubesse a verdade. Além dos meus pais. E sinto que tu já sabes, mais ou menos. Olhas para mim como se conseguisses ver o mentiroso que eu sou.

Espero.

– Não entrei em Amherst – diz ele, por fim.

– Mas vais, não vais? – digo. – Com o Major?

– Sim. Mas não entrei, porque é muito difícil lá entrar e as minhas notas são terríveis e, a bem da verdade, passei a escola secundária na borgia. Aliás, não entrei em *lado nenhum*.

Está a olhar para baixo, a dar pontapés na velha tábua com os pregos de fora que Harris ainda não substituiu. Enfia o ténis no buraco onde a tábua estava na doca.

– Por isso o meu pai fez um telefonema. Ou coisa do género – continua. – Não sei. Fez alguns contactos e talvez uma grande doação à universidade, ou algo que o valha, e de repente recebi uma carta a dizer que já não estava em lista de espera.

– Uau.

– Mas nunca estive *na* lista de espera – diz Pfeff. – E tive vergonha, percebes? Vergonha por ter estragado tudo, ao ponto de ninguém me querer. E não queria aceitar a vaga que me estavam a oferecer. Mas o meu pai tinha feito o que quer que fez, e depois de meses e meses com os meus pais muito... bom, muito zangados com a forma como eu estragara todo este processo... – diz.

– Portanto vais.

– Sim. Vou aparecer em Amherst e serei como toda a gente. Não tenho um

carimbo na testa a dizer *Falhado*. Vou, e pronto.

– Será como se nunca tivesse acontecido – digo.

– Só uma coisinha desagradável no meu passado de que ninguém saberá – diz Pfeff, e agora ergue o rosto com um sorriso malicioso. – Menos tu. Tu agora sabes a pessoa terrível que eu sou. – De súbito, parece encantado consigo próprio, em vez de envergonhado. – Está bem, Carrie? És a guardiã do meu segredo.

— Quem é o homem da fotografia? – pergunto finalmente a Tipper, nessa tarde. A teoria de Penny, de que é o nosso pai, por mais ridícula que seja, torna o assunto ainda mais urgente.

Vim ter com a minha mãe ao quarto dela pouco antes dos *cocktails* das seis. Ela gosta de mudar de roupa depois de cozinhar, de vestir algo fresco para o serão. Depois da nossa Saída Matinal, adormeci e nem sequer almocei. Quando acordei, Rosemary estava no meu quarto. Jogámos Rei no Canto. Eu fiz-lhe tranças.

De qualquer maneira, queria evitar Pfeff até os meus sentimentos acalmarem. Tinha tanta coisa às voltas na cabeça – ele a querer fazer-me rir, a namoriscar com Penny, a namoriscar com *toda a gente*, a sua vergonha em relação a Amherst, a dizer que eu via através da sua fachada.

Andava com intenções de falar com Tipper sobre a fotografia, mas quase nunca a apanho sozinha. Ela está sempre com Luda na cozinha, ou com Harris na praia, ou com Gerrard a discutir plantas e reparações nas casas. Passa também mais tempo do que qualquer outra pessoa fora da ilha, nas compras.

– Qual fotografia? – pergunta-me agora. Está no quarto de vestir, a mudar de roupa para o jantar.

– A fotografia onde estás tu e o homem sem cara – digo, e sento-me na cama ao lado de *Wharton*.

Tipper aparece à porta do quarto de vestir. Optou por um vestido-camiseiro de algodão preto e parece severa.

– Quando é que viste isso? – pergunta em tom ríspido.

– Quando fui guardar as pérolas. Estava meio de fora – acrescento, apesar de não ser verdade. – Pensei que fosse da Rosemary.

Um espasmo cruza-lhe o rosto.

– Bom, não é.

– Agora sei que não é.

Pensei sobre o assunto e duvido que o homem seja o tio Chris. Ou Harris. Calculo que seja antes Albert Holland, o namorado que Tipper teve no primeiro ano da universidade. Já a ouvi contar que ele a levava a bailes e a jogos de futebol, e que uma vez, com o seu grupo de canto à capela, cantou «Zing! Went the Strings of my Heart» do lado de fora da janela do quarto dela no dormitório.

Quero saber porque é que o rosto está raspado, e porque é que a fotografia está escondida na gaveta das joias.

A minha mãe volta a entrar no quarto de vestir. Oiço-a remexer nas roupas e deslocar cabides.

– Disseste alguma coisa ao teu pai sobre o assunto?

– Não.

– Estás a dizer a verdade? – pergunta ela em tom seco.

– Não lhe disse nada.

– Bom, então não digas.

– Porque é que estás escondida? – pergunto. Tenho as mãos a tremer. – Porque é que a cara está raspada?

Tipper não responde mas volta a aparecer à porta, desta vez vestida com uma saia azul e uma blusa branca.

– Carrie.

– O que foi? Nunca falamos sobre nada – digo. – Nunca falamos sobre a Rosemary, nem sobre a minha cara, nem sobre as prostitutas do tio Dean, nem sobre o divórcio dele, nem sobre as pessoas com as casas alagadas, ou as pessoas que têm sida, ou o tio Chris. Nunca falamos sobre nada disso. Simplesmente fingimos que as coisas não existem.

– Carrie, por favor. Não percebo metade do que estás para aí a dizer.

– A Rosemary *morreu* – digo, abruptamente. – Morreu, mas o espírito dela está aqui connosco e tu nem sequer deixaste nada no quarto dela. Não achas que ela quer os seus livros de histórias? E os leões de peluche? E os seus jogos? A Rosemary não havia de querer toda a sua vida fechada no sótão como se nunca tivesse acontecido, como se ela não tivesse qualquer importância.

A expressão de Tipper suaviza-se um pouco.

– Nem sequer a queres – digo, e começo a chorar. – Ela apareceu-te e tu não a quiseste. Como podes não querer a tua própria filha? Como podes virar-lhe as costas assim, quando és mãe dela? Como hei de saber que posso contar contigo se alguma coisa corresse mal, se precisasse de ti, quando a Rosemary foi ter contigo e tu a mandaste embora?

– Carrie, nada disso faz sentido.

– Faz, sim. Sabes muito bem.

– A Rosemary não está cá – murmura Tipper. – Todos gostávamos que estivesse, mas não sei o que queres dizer com essa conversa de eu a ter mandado embora.

Olho para ela. Tem a testa franzida numa expressão preocupada.

– Não sabes?

– Estás... acho que estás a imaginar coisas. Há aqui uma confusão qualquer.

– Não te lembras de a Rosemary ter ido ter contigo? No teu quarto, uma noite, neste verão?

– Não, querida.

Ela esqueceu-se. Ou pensa que foi um sonho. Ou está a mentir.

– Nunca queres falar sobre ela – soluço. – Sobre nada. É tudo proibido. Nem sequer tenho a minha verdadeira cara, não sei quem é a pessoa que vejo no espelho, e há pessoas a morrer e a sofrer, está sempre a aparecer nas notícias. Mas nós nunca o mencionamos. Não sei como hei de processar isto tudo, as vidas deles, a minha vida, a Rosemary. – Atiro-me para a cama de rosto para baixo, a chorar.

Tipper dá-me uma palmadinha no braço e acaricia-me o cabelo como costumava fazer quando eu era pequena.

– É verdade que não gosto de falar sobre coisas difíceis – diz, por fim. – Mas tenho razões para isso.

– Quais são? – pergunto, com uma fungadela.

– Acho que é melhor seguir caminho. Olhar para a frente.

– Mas...

– Carrie. Não podemos mudar o que vem no jornal, então porque havemos de ficar obcecados com isso? E não podemos mudar o passado, porquê viver nele?

– Mas assim nunca... – Não tenho palavras para explicar o que quero dizer. – Estamos todos às escuras – digo, por fim.

– Desenterrar mágoas do passado não ajuda em nada – diz Tipper. – Não serve de nada chafurdar no sofrimento.

– Mas assim a vida é só caças ao limão e jogos de festa e universidades e o que é o jantar. Livros que lemos e planos para ir velejar.

– É alegria – diz Tipper. – Eu quero viver uma vida rejubilante, Carrie. E acho que devias fazer o mesmo. Acho que se calhar te afastaste um bocadinho desse objetivo.

Os meus pais têm sempre uma expressão qualquer que faz com que a forma como escolheram viver pareça a melhor de todas as escolhas possíveis.

Uma vida rejubilante.

Mais vale chegar três horas adiantado do que um minuto atrasado.

Nunca te queixes, nunca te justifiques.

Não aceites um não como resposta.

Tratar das coisas de que é preciso tratar.

Fungo e limpo as faces. Quero que Tipper esteja contente comigo. Não consigo evitar. Amo-a. É a minha mãe.

Ela quer que eu pare de fazer perguntas sobre a fotografia. Quer que eu não esteja triste.

Mas esta é a minha oportunidade de ter uma reposta. Pelo menos a uma pergunta. Se ceder e deixar de me queixar, se ceder e tentar viver a vida rejubilante, essa oportunidade perde-se.

– Quem é o homem na fotografia? – pergunto de novo. – Só queria que me disseses.

Tipper suspira. Vai à gaveta das joias e tira a fotografia.

— Não digas nada às tuas irmãs sobre esta conversa – diz.

Assinto com um aceno.

– Não contes aos teus amigos, não fales com *ninguém* sobre o assunto – acrescenta. – O teu pai já sabe. – Passa o dedo sobre a fotografia.

– Foi ele que raspou a cara – digo, apercebendo-me de repente.

– Sim. – Estende-me a fotografia.

De súbito, sinto-me especial.

Sou a única das filhas a quem a minha mãe vai confessar-se. Sou aquela a quem ela confia este segredo. Por ser a mais velha, talvez, ou porque passámos muito tempo juntas, só nós, quando eu estive doente depois da operação. Ou porque sou merecedora de confiança. Ou porque tive a coragem de perguntar.

Ela fita-me com ternura durante um instante e diz:

– O papá não é o teu pai biológico.

Só consigo olhar para ela. A minha boca abre-se.

Ela respira fundo e continua:

– O homem na fotografia chamava-se Buddy Kopelnick. E... desculpa, Carrie. Devia ter-te contado há muito tempo. Ou se calhar nem devia estar a contar-te agora. Francamente, não sei o que fazer. O teu pai ama-te muito. O Harris, quero eu dizer. Ele ama-te. E nunca quis que tu soubesses.

– O Buddy Kopelnick era o meu pai?

Ela abana rapidamente a cabeça.

– Não, não. O Harris é o teu pai. É o teu pai oficial. É o nome dele que consta da tua certidão de nascimento.

– Mas... eu não era o bebé dele. É isso que estás a dizer?

– Já éramos casados quando engravidei. O Harris queria que fosses dele, e eu queria que fosses dele, portanto decidimos que serias dele. Depois de nasceres, concordámos que nunca mais falaríamos nisso. – A minha mãe limpa os olhos, como uma atriz num filme. – Parte de mim sempre quis que tu soubesses – diz. – O Buddy era um homem bom.

– Quem era ele?

– Um rapaz com quem andei na universidade – diz. – Mas naquele tempo... bom, o Buddy era judeu. A minha família não queria um casamento inter-religioso. Um casamento misto. Hoje em dia, ninguém daria grande importância a isso, pois não? Pelo menos a maioria das pessoas. As atitudes mudaram tão depressa. A Erin é judia,

não é?

Assinto com a cabeça.

– Bom. Sabes como o teu pai adora contar a história de que me pediu em casamento quatro vezes antes de eu aceitar.

– Hã-hã.

– Não foi por ele me ter comprado um anel que eu acabei por dizer que *sim* – diz Tipper. – Embora seja sempre essa a história que conto. Disse *sim* porque compreendi finalmente que nunca poderia casar com o Buddy. Casar com o Harris significava que tinha de parar de hesitar, parar de pensar nisso, parar de desejar que as coisas fossem diferentes. Escolhi o meu futuro e, depois de escolher, não havia como voltar atrás.

– Amavas o Buddy.

– Amava o Buddy – confirma a minha mãe. – Mas também amo o teu pai, agora. Aprendi a amá-lo.

Lembro-me agora do que ela disse quando me deixou usar as pérolas negras. Harris comprara-as, explicou-me, no segundo aniversário de casamento, quando ela estava grávida de mim. *Foi um presente muito significativo*, disse. *As coisas não estavam fáceis, nessa altura.*

– Então continuaste envolvida com o Buddy depois de estares comprometida com o Harris – digo, ao compreender. – E depois de casares.

Ela acena afirmativamente.

– E quando engravidaste, sabias que o bebé era dele.

– O teu pai tinha estado em Londres – diz ela. – Durante três semanas. Estava a tentar comprar uma tipografia lá, qualquer coisa desse género. Mal me lembro da história. Mas sei que ele esteve fora muito tempo.

Não sei o que dizer.

Quem me dera nunca ter perguntado.

– Eu queria estar grávida – diz a minha mãe baixinho. – Desejei-te tanto. Mas estava confusa, muito confusa, naqueles primeiros anos de casamento, sobre quem amava e porque me casara. E quando percebi que ia ter um bebé, percebi também que não queria deixar o teu pai. Já o escolhera e, mesmo que tivesse dito *sim* pelas razões erradas, agora era uma mulher casada. Tinha todos os motivos para acreditar que podia construir algo bom a partir daí.

Olha para o relógio e dirige-se ao toucador, continuando a falar enquanto aplica uma maquilhagem subtil, quase invisível.

– As minhas amigas aconselharam-me a não lhe dizer nada. Todas me disseram o mesmo. Mas eu sabia que não queria viver com uma mentira entre mim e o Harris. Tinha de aceitar as consequências, fossem elas quais fossem, e de imediato. Era a única maneira de conseguirmos seguir em frente.

Seguir em frente. Sempre foi um valor deles.

– Foi quando ele te deu as pérolas negras – digo. – Foi essa a altura complicada de que estavas a falar, quando estavas grávida do bebé do Buddy.

Ela confirma com um aceno.

– E o Harris raspou a fotografia?

– Sim. – A minha mãe põe uma bandolete fina e preta para segurar o cabelo.

– O que aconteceu ao Buddy? – pergunto.

– Morreu – responde ela. – Adoeceu e morreu.

– Eu nunca o conheci?

– Não – diz ela. – Escrevi-lhe uma carta a pôr um ponto final em tudo. E nunca mais o vi. Soube o que tinha acontecido por uns amigos da universidade.

Escondendo o rosto na colcha da cama dos meus pais. Sei que devia chorar. Ou gritar. Ou fazer qualquer coisa que deixasse Tipper preocupada comigo. De súbito, sinto-me esmagada pela ideia de que a minha posição na família é condicional.

Harris tem de amar Penny e Bess. Tinha de amar Rosemary. Elas são Sinclairs. Elas são do seu sangue.

Mas não tem de me amar a mim.

Esta noite, vamos jogar Quem Sou Eu depois de jantar. Os aperitivos são sempre às seis, no alpendre de Clairmont, e a refeição às sete. Não há problema com um pequeno atraso, até às seis e meia, mas depois disso alguém começará a estranhar a nossa ausência. Para petiscar, há bolachas de água e sal com queijo-creme e ovas de peixe, uma taça de azeitonas verde-escuras, nozes-pecã tostadas com açúcar e rosmaninho.

O meu pai e o tio Dean estão encostados ao corrimão do alpendre quando eu desço, a beber alguma coisa em copos largos e transparentes, cheios de gelo. George e Yardley estão no sofá. Ambos têm também bebidas na mão.

– Temos direito a álcool hoje? – pergunto a Yardley.

– Pelos vistos – diz ela. – Pelos vistos se alguém com pilinha perguntar ao teu pai se pode beber um copo, a resposta é sim.

Harris ri-se.

– O George é meu hóspede – diz ele a Yardley. – Ninguém vai conduzir. E ele pediu com muita educação.

George levanta o copo. Tem o cabelo bege muito bem penteado e vestiu o casaco de linho.

– Isso quer dizer que eu também posso? – pergunto.

– Diria que sim – diz Yardley. – Eu não tenho pilinha e também tive direito. Uma vez que o George pediu, e tão educadamente.

– Atenção à linguagem – diz o tio Dean.

Harris prepara-me um Old Fashioned, o *cocktail* que todos estão a beber. É um cubo de açúcar dissolvido em água, alguns cubos de gelo, um pouco de vermute aromático, um gole de *Jim Beam* Kentucky Bourbon e uma casca de laranja fina, torcida de modo a que o óleo passe para a bebida. Dá-me instruções para futura referência enquanto o faz, e passa-me o copo.

– A Penny é onde traço o meu limite – diz. – A Penny, a Bess e a Erin ficam-se pelos refrigerantes.

– Isso é arbitrário – diz Yardley.

– É sempre arbitrário – responde Harris em tom ligeiro. – A maioria das regras são arbitrárias, mas não quer dizer que não sejam necessárias. Caso contrário, seria uma anarquia.

Bebo a bebida toda em quatro goles, apesar de saber a gasolina.

Harris Sinclair é o meu pai. E não é o meu pai.

Este é o meu alpendre, sempre foi o meu alpendre. O meu jardim, a minha praia. A

minha ilha.

E contudo, apenas por causa do meu nome. Não de sangue.

Harris cumprimenta Pfeff e Major quando eles chegam. Estes aceitam avidamente as bebidas e atacam os petiscos. Erin e Penny descem, cada uma com a camisola da outra, de cabelo molhado. Penny parece diferente, com uma camisola preta de gola alta sem mangas.

Harris pergunta a Major se tem namorada em Nova Iorque.

– Aposto que sim, hã?

Major olha para os sapatos.

– Ou mais do que uma, se calhar – insiste Harris.

– Por acaso, não.

– Oh, deixa lá. Hás de safar-te bem em Amherst. Muitas mulheres inteligentes.

Aposto que vos darão muito que fazer, a ti e ao Pfeff.

George toca no braço de Harris.

– Mr. Sinclair.

– Harris, trata-me por Harris.

– O Major... – Vira-se e pergunta ao amigo: – Posso dizer? – E quando Major acena afirmativamente, George diz: – O Major joga pela outra equipa.

– É verdade – diz Major.

Uma sombra passa pelo rosto do meu pai, tão rápida que acho que mais ninguém se apercebeu, tirando eu e Penny. Nós estamos sempre atentas ao mais pequeno sinal de desagrado dele. Harris está embaraçado por ter percebido mal Major, e zangado com George por lhe ter dito que está errado em frente de outras pessoas. Quando é preciso corrigir Harris Sinclair, isso deve ser feito em privado.

Além do mais, agora não está nada contente com Major. O meu pai não se sente à vontade com a homossexualidade. Nem a minha mãe. A frase feita que usam quanto a esse assunto é «viver e deixar viver», mas ficam sempre tensos quando o tema vem à baila, como se fosse algo sujo. Como se nem sequer quisessem que nós saibamos que tal coisa existe.

– Bem – diz Harris, atrapalhado –, viver e deixar viver.

Começa a falar com George sobre desporto universitário.

Preparo um segundo Old Fashioned para mim e sinto a cabeça a andar à roda.

Quero pegar em Penny e contar-lhe tudo sobre Buddy Kopelnick, mas ela está a falar com Pfeff e de qualquer maneira não posso dizer-lhe nada.

A pressão do segredo está atrás dos meus olhos, atrás de toda a minha cara.

*

A nossa família costuma jogar Charadas, Celebridades e Dicionário – mas Quem Sou Eu é um jogo novo. Tipper, que apareceu antes de jantar com ar pálido e distraído, já entrou no seu papel de anfitriã. Acabámos de jantar e Luda está a levantar a mesa.

Tipper conduz-nos até à sala de estar. Preparou cartões brancos grossos presos a alfinetes de ama. Em cada cartão está escrito a tinta azul o nome de alguém famoso. Prende um cartão às costas de cada pessoa. Nenhum de nós sabe o que diz o seu próprio cartão.

Pede a Harris que explique as regras.

– Ouvi-me, ouvi-me! – anuncia ele em tom ribombante. Está a ler um papel. – Somos agora um grupo de pessoas extremamente famosas – diz. – Somos tão famosos que até o Tomkin já terá ouvido falar da maioria de nós. – Risos generalizados. – Mas, infelizmente... todos sofremos de amnésia.

– Porque é que temos todos amnésia? – pergunta o tio Dean.

Harris foge ao guião e improvisa.

– Deixa lá ver. Lesão cerebral traumática? Pode ser. Batemos todos com a cabeça e, embora nos lembremos de como caminhar, falar e comer, nenhum de nós se lembra de quem é. – De volta ao guião. – Ora bem, a missão de cada um durante o resto do serão é descobrir a sua própria identidade. Encontrarão chá e café no aparador, bebidas no carrinho, e ainda morangos cobertos de chocolate, bolo de laranja e bolachas de manteiga. Comam à vontade. E enquanto comem, descubram quem são neste mundo. Só que!... não podem perguntar. Não podem fazer perguntas como *Fui presidente? Ou Escrevi um livro?* Em vez disso, têm de conversar uns com os outros o mais naturalmente possível, e o vosso trabalho é falar aos vossos amigos sobre quem eles são. Dar-lhes pistas. Podem dizer, por exemplo, *Ouvi dizer que gosta muito de rebuçados* se a outra pessoa for o presidente Reagan. Ou *Adorei o seu último romance*.

– O presidente gosta de rebuçados? – pergunta Tomkin.

– Gosta, sim – diz o meu pai. – Quando descobrirem quem são, saiam para o alpendre e falem com a Tipper. Se estiverem errados, ela manda-vos voltar a entrar.

*

Como três bolachas de manteiga e despejo um pouco de *Jim Beam* numa chávena de chá quando os adultos estão distraídos. Quero fazer com que os meus pensamentos parem de girar à volta de Buddy Kopelnick. Os dois Old Fashioned não foram suficientes para isso. O *bourbon* queima-me o céu da boca.

Quando o jogo começa, Tomkin vem ter comigo a saltitar, com um grande sorriso.

– Vi a tua etiqueta! – diz.

– E eu vi a tua – respondo. Ele é Walt Disney.

– Fico contente por te conhecer, porque gosto muito de ti – diz Tomkin.

– Gostas de mim?

– Oh, sim! – Ele faz um gesto qualquer com a mão que eu não consigo interpretar.
– És a melhor pessoa.

Digo-lhe que o filme *Mary Poppins* é excelente, mesmo depois de já o termos visto mil vezes.

– O quê?

– *Mary Poppins*.

– Não podes dizer-me quem eu sou! Não ouviste as regras?

– Não é quem tu és. – Mas Tomkin distrai-se com o prato de bolo de laranja que Tipper lhe dá. Afasta-se, a enfiar na boca grandes garfadas.

Bebo da minha chávena de chá. A sala começa a ficar desfocada.

– Provaste um morango coberto de chocolate? – pergunta Erin, que é a Cher. – Oh, meu Deus, tens de os provar.

- Gosto do teu cabelo – digo, e bebo um gole da chávena.
- Foi a Penny que me penteou – diz ela, tocando numa trança.
- Não, o cabelo da tua personagem.

Bebo mais da chávena de chá e as arestas do mundo suavizam-se. George e Yardley estão à minha frente, de mãos dadas.

– Estou a pensar que o meu tipo é um assassino em série qualquer – diz George, que é Charlie Chaplin.

– Porquê? – pergunto.

– Toda a gente o odeia. A mim, quero eu dizer.

– Eu odeio-o apaixonadamente – diz Yardley. – O Pfeff odeia-o. O Major odeia-o.

– És muito talentoso naquilo que fazes – digo a George, referindo-me a Charlie Chaplin. – Quanto a ti, não tanto – digo a Yardley, que é o Sapo Cocas.

George queixa-se de que não sabe o nome de nenhum assassino em série, como é que querem que ele adivinhe?

Yardley ri-se.

Bebo da minha chávena de chá.

Yardley diz-me:

– Ficas muito bem de branco.

– Estou de azul.

– Não, a tua pessoa. Fica bem à tua personagem.

– Mas quem sou? – digo. – O Tomkin adora-me.

– Não podem dizer – diz o meu pai a Yardley, ao passar. Dá-me uma palmadinha nas costas. – Estás a achar o teu difícil?

– Um bocadinho.

– Eu sei que sou o Beethoven – diz ele. – Mas estou a fingir-me perplexo para a tua mãe ficar contente.

Bebo da minha chávena de chá.

Tipper está agora ao meu lado, com ar preocupado. Ela não está a jogar, apenas a supervisionar.

– Estás bem, Carrie? – pergunta. – Pareces... bem, o teu pai deu-te um ou dois *cocktails*, não foi? – Aponta para a minha chávena. – Esse chá não tem cafeína. Queres antes um café?

– Sim.

– Eu vou buscar.

Afasta-se rapidamente. A sala inclina-se. Bebo da minha chávena de chá e aproximo-me de Major, que está sentado no sofá, sozinho. Ele inclina-se para a frente para eu conseguir ler o cartaz que tem nas costas. É Paul McCartney.

– Adoro o teu sotaque – digo-lhe.

– O Pfeff disse que eu era uma vergonha.

– Oh, não – digo. – Apenas um pouco lamechas, mais nada.

– Isso quer dizer que não sou o Hitler? – diz Major. – Estava preocupado com a possibilidade de ser o Hitler.

– Não és o Hitler – digo-lhe.

O tio Dean senta-se à nossa frente.

– Eu sou obviamente o Sherlock Holmes, mas não quero ser o primeiro a ficar

sentado lá fora. – Sorri a Major. – Ouvi-te na rádio ainda esta manhã.

De súbito, já não estou no sofá mas sim encostada à estante.

– Estás um bocadinho bêbada? – está Pfeff a perguntar-me. – Será possível?

– Mostra-me o teu cartaz – peço.

– Ainda agora to mostrei.

Não me lembro. Ele mostra-me as costas, ao que parece pela segunda vez. É Pablo Picasso.

– Querias dizer que a minha personagem está um bocadinho bêbada ou que eu própria estou um bocadinho bêbada? – pergunto-lhe.

– A última hipótese – diz Pfeff. – Mas não faz mal. Eu também estou. Oh, uma pergunta.

– O que é?

– Como te sentes em relação à tua irmã agora?

– A Penny?

– Não, estou a falar com... – Pfeff indica o cartão nas minhas costas. – A pessoa que és esta noite.

E de súbito estou sentada com Bess, as duas espremidas numa poltrona.

– A Yardley também me disse que fico bem de branco – diz Bess, que é Marilyn Monroe. – Achas que anda a dizer isso a toda a gente?

– Não – respondo. – Só a ti e a mim.

– Muito bem, estás pronta? Aqui vai uma pista – diz ela.

– Pronta.

– Gosto do teu amiguinho verde.

– O meu quê?

– O teu amiguinho verde.

Bebo da minha chávena de chá. Está quase vazia. Tomkin aproxima-se e trepa para cima de mim e de Bess, instalando-se nos nossos colos unidos.

– Ainda não sabes quem és? – pergunta-me.

– Não.

– Mas és o melhor tipo!

– E eu? – pergunta Bess. – Também sou o melhor tipo?

– Não faço ideia de quem és – diz Tomkin. – Mas és uma mulher.

E depois estou com Penny, junto da aparelhagem, e Tomkin e Bess estão perto da mesa das sobremesas, a comer bolachas de manteiga. A minha chávena de chá está vazia, por isso pouso-a no parapeito da janela.

– Pelos vistos eu tenho muito *sex appeal* – diz Penny, que é Elvis Presley. – Tu também tens *sex appeal*, diria eu.

O rosto dela está desfocado mas faço um esforço para focar a vista.

– Estás bêbada, Carrie? – pergunta-me ela em tom ríspido.

– Não.

Obrigo-me a olhar diretamente para Penny – e recuo um passo. Não ficámos perto uma da outra ao jantar. É a primeira vez que me aproximo dela desde que desceu com a camisola de gola alta preta de Erin.

O seu cabelo claro brilha em contraste com a camisola escura. E traz ao pescoço as pérolas negras.

Estendo a mão e toco-lhes.

– Essas pérolas são da Tipper.

– Pedi-lhe para as experimentar. Tu também já as usaste. As outras coisas que ela tem são todas muito à velha.

– E ela deixou-te usá-las?

Penny encolhe os ombros.

– Sim, claro. Amanhã acho que devíamos ir a Vineyard cometer uns crimes. Podíamos ir ao cinema à tarde e depois ao salão de jogos, ou coisa assim. Um dia diferente. Eu, tu, a Yardley e a Erin?

Não sei o que dizer. Sinto-me tonta e embriagada. Como é que Tipper pôde deixar que ela usasse as pérolas negras?

– Bem – diz Penny, ignorando o meu silêncio. – Tu é que sabes. Oh, e o teu pai não é o teu pai.

– O quê?

– O teu pai não é o teu pai – repete ela. – Espero que isso ajude. – Agarra Erin quando ela vai a passar. – Erin, eu sou muito *sexy*, não sou? O Major disse-me que sou muito *sexy*.

Ela e Erin afastam-se juntas.

Agarro no braço de Bess.

– A Penny acabou de me dizer *O teu pai não é o teu pai*.

– Sim?

– O que é que ela queria dizer?

Bess encolhe os ombros.

– Viste que ela está a usar as pérolas negras da mãe?

– Sim. – Encosto-me à estante para me equilibrar.

– Vou ver o que é que a mãe me há de emprestar a *mim* – diz Bess. – Quero dizer, as pérolas negras provavelmente são a coisa mais fixe que ela tem, mas tenho visto algumas raparigas na escola com colares compridos de pérolas brancas artificiais. Achas que a mãe tem alguma coisa desse género que eu possa usar?

– Não. – Abano a cabeça para limpar as ideias. – O que é que ela quis dizer? *O teu pai não é o teu pai*?

– Credo, Carrie. Relaxa. Não sei. Não vi o segundo filme.

Tenho de ir apanhar ar.

Corro para o alpendre e pelo relvado. Quando estou a alguma distância da casa, levo a mão às costas, ofegante, e puxo o cartão do jogo *Quem Sou Eu*.

Luke Skywalker.

Tomkin adora-o. Fica bem de branco. Yoda é um amiguinho verde. Tem *sex appeal*. Bess não viu o segundo filme. O pai dele não é o pai dele.

Penny não sabe de nada. Mas a nossa mãe deixou-a usar as minhas pérolas, as pérolas que contam a história de Buddy Kopelnick, de uma gravidez indesejada e de um marido que perdoa à mulher infiel.

Tipper deixou a minha irmã usar as pérolas que contam a história de mim.

Compreendo agora: o meu queixo fraco e os dentes tortos, agora reestruturados numa imagem de beleza; o meu pai queria consertar-me de modo a ficar parecida com ele. Apagou o Buddy Kopelnick do meu rosto, dizendo-me que não tinha alternativa.

Estou bêbada. Sento-me no pneu pendurado, giro, baloiço-me, deixo o pneu sacudir o meu corpo numa aproximação do caos que sinto por dentro.

Buddy, Rosemary

Codeína e *Jim Beam*

Pfefferman, Kopelnick

O meu pai não é o meu pai

O meu rosto não é o meu rosto

As minhas irmãs não são minhas irmãs

Ela deu as pérolas a Penny

Rodopio e choro, com a sensação de ter perdido o meu lugar neste pequeno mundo em que sempre vivi, e solução até me parecer que não consigo fisicamente solucionar mais.

– Olá.

Deixo os pés tocarem na relva. O baloiço abrande e para.

Pfeff está de pé no relvado, com as mãos atrás das costas. Parece uma estátua, com a pele quase azul ao luar.

– Vai-te embora – digo. Não quero que ele me veja a chorar. – Por favor, deixa-me em paz.

– Carrie.

– O quê?

Ele dá um passo em direção a mim.

– Está tudo bem?

– Obviamente que não.

– Está bem.

Viro-me e limpo os olhos, embora seja impossível esconder o quanto estou perturbada.

– Não posso explicar – digo. Não quero que ele me veja assim, bêbada e exposta e ilegítima.

– Está bem – diz ele num murmúrio.

- Não é nada da tua conta.
- Está bem – repete.
- Lá porque me contaste que não entraste em Amherst isso não significa que eu vou partilhar todos os meus segredos contigo. – As palavras derramam-se de mim, com o *bourbon* a soltar-me a língua. – Portanto importas-te de me deixar sozinha?
- Ele fica onde está, com os olhos ocultos nas sombras.
- Porque é que vocês ainda aqui estão, afinal? – pergunto em tom petulante. – Vieram para uma breve visita e estão aqui há que tempos. Não têm mais nenhum sítio para ir?
- Acho que sabes porque é que ainda aqui estamos.
- Não. Só estão aqui, e estão aqui, e estão aqui. Em vez de me deixarem em paz. – Ainda tenho a cabeça a andar à roda por ter estado a girar no pneu. E a visão turva das lágrimas.
- Pensa nisso, Carrie – diz Pfeff baixinho.
- É por causa da mesa de pingue-pongue? Das bolachas de manteiga? Dos jogos de salão?
- Muito engraçada.
- Sim, eu tenho muita piada. Carrie Sinclair, um poço sem fim de alegria e risos.
- Mas sabes a resposta verdadeira – diz Pfeff. – Porque é que eu ainda aqui estou?
- Já te disse para me deixares em paz – digo. – Não estou a ter uma boa noite e não tenho paciência para adivinhas.
- Não é uma adivinha – diz ele. – A resposta está mesmo à tua frente.

Pfeff agarra no baloiço de pneu com uma mão e estende a outra para mim e quando dou por isso, está a beijar-me. Eu estou tonta e os seus lábios sabem a bolo de laranja e ele precisa de fazer a barba. É alto e inclina-se para chegar até mim. Pfeff passa a ponta do dedo pelo meu pescoço e afasta-se para dizer:
 – Por favor vem comigo. Para o meu quarto. Está bem? Por favor, Carrie. Beija-me de novo.
 – Por favor – diz ele. – Por favor.

.

Vou
 com ele
 até à suavidade escura e embriagante do
 seu quarto
 em Goose Cottage.
 Despimo-nos
 enquanto ouvimos as ondas a rebentar lá fora e o canto dos grilos, a nossa
 pele salgada, a nossa
 respiração irregular,
 codeína e *Jim Beam*
 a correrem-me nas veias.

— **E**stou preocupada – diz Rosemary.

– Porquê, malmequer?

Ela está à minha espera quando volto do quarto de Pfeff, já tarde, muito depois de toda a gente em Clairmont estar a dormir.

Mais ninguém vê Rosemary, pelo menos desde aquela primeira noite em que Tipper lhe disse para não lhe aparecer. Sempre que estou com ela e surge alguém, Rosemary desaparece. Desaparece tão depressa que quase penso tê-la imaginado.

Ela não sabe como faz este truque, tal como não consegue dizer-me onde dorme quando não está aqui, apenas que é «macio» lá onde dorme. Macio e escuro.

– Estou preocupada – repete –, e com medo de que faça alguma coisa terrível.

– As coisas com rapazes não são terríveis – digo. – Sei que podem parecer esquisitas quando somos pequenas.

– Não sei explicar. Só sei que estou preocupada.

– Não estejas.

– Cheiras a álcool.

Vou à casa de banho, lavo os dentes e tomo um *Halcion*. Tenho os lábios inchados dos beijos. O meu corpo sente-se vivo sob o frio da água e o toque áspero da toalha.

– Amo-te – diz ela através da porta.

Abro-a e volto para o quarto.

– Também te amo, Rosemary.

– Podemos fazer pulseiras? – pede ela.

– Oh, meu Deus, malmequer, estamos a meio da noite.

– Mas quero mesmo – diz ela, agitada com a expectativa, e bate ligeiramente com os pés.

Eu não quero de maneira nenhuma fazer pulseiras. Quero deitar-me de costas e sentir o *Halcion* a percorrer-me as veias e pensar em Pfeff, e na escuridão do quarto dele, e em tudo o que aconteceu entre nós. Os lábios dele no meu pescoço.

Rosemary é demasiado pequena para entender. Ela não quer que eu cresça.

– Não posso ser uma criança contigo para sempre – digo em tom suave.

– Não é isso.

– Acho que és, malmequer. Sabes que te amo com um milhão de amores. Tenho tanta sorte por estares aqui. Mas os fantasmas regressam às suas casas porque... és um fantasma porque há alguma coisa errada, não és?

Ela assente com a cabeça.

– Como posso ajudar-te a sentir melhor?

Ela faz beicinho.

– Só quero fazer pulseiras.

Estou a tentar ser amável. Mas o desafio de ajudar a minha irmã a aceitar o fim da sua vida – é demasiado. Amo-a tanto. Tento ser reconfortante, consolá-la – e tentarei de cada vez que a vir, até... o quê? Até ela finalmente se sentir segura? Saber que é amada? Sentir que se despediu?

– Por favor, malmequer – digo. – Dorme.

– Posso deitar-me ao teu lado? – pede ela. – Um bocadinho?

– Está bem – acedo. Dispo o vestido.

Rosemary quer um copo de água.

Pede-me que lhe entrance o cabelo antes de ir dormir.

O *Halcion* começa a fazer efeito.

Ela tem calor e quer deitar-se por cima das mantas.

Não gosta do zumbido da ventoinha.

O medicamento está a puxar-me para o sono, e quando pouso a cabeça na almofada, finalmente, adormeço ao som da minha irmã a cantar baixinho:

– Hey hey hey hey.

Pfeff puxa-me para o vestíbulo de Clairmont e encosta a boca fria à minha. Depois bebe um gole da sua lata de *Coca-Cola* fresca e toca com os lábios gelados na pele quente do meu pescoço.

Diz-me que cheiro bem.

Diz-me que me deseja.

Arranja um sítio para pousar a *Coca-Cola* de modo a poder tocar-me com as duas mãos, e quando parece que o beije tanto que me vão faltar as forças nos joelhos, ele liberta-me.

Saímos com o veleiro, só os dois, e passamos uma tarde de sol completamente sozinhos, os nossos corpos entrelaçados sobre a madeira quente do convés. Enquanto deslizo os dedos na pele das costas nuas de Pfeff, sinto-me deslumbrada pela magia do mundo. Posso tocar nele, enfiar os dedos no seu cabelo, roçar com o polegar no lóbulo da sua orelha. É como um milagre, que duas pessoas possam achar-se uma à outra tão imperfeitamente perfeitas. Que sejamos capazes de ver a singularidade um do outro, celebrá-la, comunicar através do toque. Se me vendassem, eu conseguiria reconhecer a sensação das mãos dele em mim, o cheiro do seu pescoço, a curva dos ombros dele sob as palmas das minhas mãos.

À noite, quando estamos todos «a ver *Se a Minha Casa Voasse* como se não houvesse amanhã» (como diz Pfeff) pela segunda vez, toco na perna dele. Os meus dedos vibram sobre a ganga das suas calças. Ficamos ali sentados, assim, uma eternidade. Por fim, ele passa o braço sobre os meus ombros, à frente de toda a gente. Sinto-me tão quente, tão aceite. Aninhamo-nos, aconchegamo-nos um no outro.

Noutro dia, quando toda a gente está a arrumar as coisas para sairmos da Praia Grande, para irmos tomar banho e preparar-nos para jantar, Pfeff deixa-se ficar para trás.

– Fica aqui comigo – murmura, enquanto eu pego num saco. – Fica aqui comigo mais um bocadinho.

Vemos os outros desaparecerem e voltamos para a água. Ele despe-me carinhosamente a parte de cima do biquíni e encosta o peito ao meu debaixo de água. Beijamo-nos na ondulação suave. É tudo escorregadio. Desorientante. Enrolo as pernas ao corpo dele.

Quero falar a Penny sobre Pfeff. Quer dizer, ela sabe – toda a gente sabe. Bess perguntou-me se ele era meu namorado e Yardley disse:

– Não estou nada surpreendida.

Mas Penny ainda não disse nada. Quero falar com ela, contar-lhe que ele me beijou no baloiço, como é estar com ele, todos os pormenores. Tenho a certeza de que ela quer saber estas coisas.

Mas ela está sempre com Erin.

Sei que podia falar com Bess. Ela estaria mais do que disposta a ouvir-me. Mas nestas semanas, desde que estou com Pfeff, tenho vindo a afastar-me das minhas irmãs.

O meu pai não é o meu pai.

Estou proibida de contar este segredo, mas tenho a certeza de que Penny e Bess o sentem a cravar uma farpa entre nós.

Tenho saudades delas, mas não sei como voltar à vida de rebuçados e desfiles com velinhas de faíscas.

Na Noite de Piquenique anual de Tipper, comemos frango frito e salada de batata com mostarda na praia, sentados a mesas de armar com toalhas de algodão azul. As velas tremeluzem em copos brancos turvos. Há fatias de melancia fresca e maçarocas de milho embrulhadas em papel de alumínio, a escorrer manteiga e cobertas de pimenta acabada de moer. Harris faz uma fogueira e assamos *marshmallows* espetados em paus compridos, esmagando-os depois, chamuscados, em sanduíches com chocolate negro e bolachas de água e sal.

Bess, Penny e Erin vão à água, e ficam as três a boiar na jangada de borracha que os rapazes compraram em Edgartown. Eu fico sentada junto à fogueira com Yardley e George, Pfeff e Major. A pele bronzeada de Pfeff reluz sob a claridade das chamas. Encosto-me a ele e olho para o lume. Ele enrola o braço ao meu corpo.

George e Major estão a falar sobre o acampamento de férias de verão que frequentaram durante anos. Cada dormitório tinha um cântico.

*

Tens de entrar no carro

Tens de pisar o acelerador

Tens de sair do caminho

O Dormitório do Trovão vai a todo o vapor!

E dizemos,

ooh, aah, olha para esse rabo

Ooh, aah, é mesmo jeitoso

Ooh, aah, olha para esse rabo

Ooh, aah, é mesmo jeitoso.

*

– Parece-me muito sexista – diz Yardley. – Foram os monitores que vos ensinaram isso?

Está reclinada para trás, com as mãos na areia, as pernas esticadas à sua frente.

– Não era sobre rabos de raparigas – diz Major, levando a mão ao peito num gesto de ultraje. – Era sobre os nossos rabos.

George acena com ar muito sério.

– Sem dúvida, sobre os nossos rabos.

Yardley abana a cabeça.

– Sim, sim.

– Nós dávamos-lhes palmadas – diz Major. – Quando tínhamos onze anos e cantávamos isto, dávamos palmadas no rabo.

– Por isso é que sabemos que estávamos a falar dos nossos rabos – diz George.

Ao ouvir isto, Yardley exige que façam outra vez o cântico, com os gestos.

– Quero todos os gestos de acompanhamento – insiste ela. – Passos de dança, seja o que for. Tenho de ver isto.

– Com o teu pai aqui em baixo? Nem pensar. – George indica o tio Dean com um gesto de cabeça.

– E o Harris – acrescenta Major. – Ele ficou muito desconfiado de mim, garanto-vos.

– Oh, quem é que quer saber do Harris? – diz Yardley.

– Quero eu – diz Major. – O tipo assusta-me.

Nessa noite, já tarde, oiço bater à porta do meu quarto. Acabei de ler uma história a Rosemary.

Vou à porta e quando me viro para olhar por cima do ombro, antes de a abrir, Rosemary já desapareceu.

Pfeff está encostado à ombreira da porta, com uma velha camisola de malha azul e calças de ganga, ligeiramente ofegante.

– Posso entrar? – pergunta.

– O que estás a fazer aqui?

– Depressa. Céus, és tão bonita. Alguém vai dar comigo aqui no corredor e matar-me.

Deixo-o entrar.

– Estava a pensar em ti, enquanto estávamos na fogueira, em vir aqui acima ter contigo – murmura Pfeff. – Não conseguia pensar em mais nada senão em tocar-te.

Sinto que Rosemary ainda aqui está.

Pfeff empurra-me ao de leve contra a parede e inclina-se para me beijar. Os seus lábios tocam nos meus e o calor espalha-se por mim. Pousa a mão ao fundo das minhas costas e puxa o meu corpo para o dele. Como sempre, esta proximidade deixa-me desorientada. Quero tocar-lhe para ter a certeza de que ele é real e sentir a força dos seus braços à minha volta, passar-lhe as mãos pelo peito.

Mas Rosemary está aqui. Ou não.

Talvez esteja.

Ultimamente tenho muitas vezes essa sensação. De que ela pode estar no meu quarto, a observar-me, mesmo quando não a vejo.

– Não – digo a Pfeff. – Aqui não.

– Acabei de enfrentar o risco de ser assassinado pelo teu pai – murmura ele.

– Eu sei – digo.

– Foi muito heroico.

– Pois foi.

– Algum tipo tinha arriscado a vida por ti antes? Não, não respondas. Tenho a certeza de que montes deles já o fizeram. Mas eu cheguei até ao cimo desta fortaleza onde vives. Tens de me deixar ficar.

– Não posso. Agora não, aqui não.

– Por favor. Ninguém saberá. Sou extremamente furtivo.

O *Halcion* que tomei antes começa a fazer efeito. Sinto-o espalhar-se pelo meu

sistema, doce como mel.

Não quero estar com ele assim. Podia cair. Ou adormecer.

– Tens de ir – murmuro.

– Carrie. – Beija-me o pescoço. – Por favor. Não quero ir para casa.

Estou demasiado ensonada. Demasiado drogada. E há Rosemary.

– Adoro que tenhas corrido o risco de ser assassinado – digo. – Foi um gesto mesmo romântico. Mas agora vai. – Abro a porta.

– Por favor, Carrie. Por favor.

– Não. Tomei um comprimido para dormir. Não posso.

– Por favor?

– Adeus. – Empurro-o para fora.

Ele sai. Mas depois para do outro lado da porta fechada e murmura:

– Carrie, estás a ouvir-me?

– Sim.

– Estás zangada?

– Não.

– Não estás nem *um bocadinho* zangada?

– Não.

– Então porque me expulsaste?

– Vai para a cama, meu grande palerma – digo-lhe. – Podemos ir andar de barco logo de manhã. Sozinhos, só tu e eu. Está bem?

– Está bem. Vou pôr o despertador – diz ele. – Para as seis. Pões o teu despertador, Carrie?

Estou tonta de sono. Sinto as veias pesadas, os pensamentos espessos.

– Sim – digo-lhe. – Ponho.

Rosemary não volta a aparecer nessa noite. Está ausente vários dias, na verdade, mas depois um belo dia acorda-me às sete da manhã, a brincar com um dos seus leões de peluche junto à minha cara.

Jogamos *Scrabble*. Deixo-a ganhar.

Ela ainda tem fome depois das batatas fritas, por isso vou lá abaixo e trago uma tigela de fatias de melancia e bolo de banana morno.

Depois enfiamos contas de plástico coloridas em fio de pesca para fazer pulseiras. As cores costumavam estar organizadas, mas o conjunto é antigo e já está tudo misturado.

Rosemary separa-as por cores. É uma desleixada, mas adora organizar as coisas por cores, tal como Bess e Tipper. Enquanto ela trabalha, leio-lhe outra história.

Quero contar-vos agora esta história porque – bom, tal como os outros contos de fadas, talvez vos ajude a compreender esta coisa difícil que estou a tentar dizer, a parte da minha vida que ainda não consigo pôr em palavras.

Senhor Raposo

Era uma vez uma senhora chamada Lady Mary, que ansiava pelo amor.

Vivia só com os dois corajosos irmãos, mas acreditava no amor e desejava ter um marido.

Quando o Senhor Raposo apareceu, Lady Mary sentiu que os dias estavam mais luminosos. O Senhor Raposo era esperto e divertido, bem-parecido e extremoso. Se por vezes parecia desinteressado, isso não tinha importância. Disse-lhe que ela era bela, esperta e impressionante. Queria que ela fosse sua mulher. Lady Mary amou-o e aceitou o seu pedido.

Ninguém sabia de onde viera o Senhor Raposo, mas também não tinha importância.

– Onde viveremos depois de casados? – perguntou Lady Mary ao Senhor Raposo.

– No meu castelo – disse ele.

Um castelo parecia boa ideia a Lady Mary.

Mas o Senhor Raposo nunca convidou Lady Mary, nem os dois valentes irmãos de

Lady Mary, para visitarem o seu castelo, mesmo com o passar das semanas.

Isso era um pouco estranho.

Um dia, o Senhor Raposo teve de ir para fora em negócios e Lady Mary foi à procura do castelo dele. Teve de procurar muito, mas ao final do dia encontrou-o, finalmente. Era um edifício feito de pedra, alto e majestoso, com um fosso e ameias e todas essas coisas típicas dos castelos.

Lady Mary atravessou a ponte levadiça e encontrou o portão aberto. Entrou no castelo e subiu uma grande escadaria. Não se via ninguém.

Continuou a andar, a espreitar para os quartos e a deslizar os dedos pelas paredes, enquanto imaginava o seu futuro como senhora deste lugar enorme. Oh, como se divertiriam aqui juntos! Regozijou-se ao imaginar serões sozinhos, às escuras, e manhãs alegres e soalheiras.

No último piso do castelo, ao fundo de um salão muito comprido, Lady Mary encontrou uma porta fechada. Era feita de aço, maior e mais larga do que uma porta normal. Um arrepio percorreu-a quando parou e olhou para ela, mas mesmo assim abriu-a.

Do outro lado deparou-se com um grande corredor. Estava cheio de ossos e de corpos de mulheres, mortas e ensanguentadas.

Troféus. Era isso que as mulheres eram para o Senhor Raposo. Objetos de prazer e depois de repugnância, para serem silenciadas e escondidas num armário, como meras memórias, enquanto ele partia em busca da seguinte.

Lady Mary deu meia-volta e fugiu, mas quando chegou ao piso térreo do castelo ouviu a porta da rua a abrir-se. Escondeu-se num armário e ficou muito quieta, quase sem respirar. À espreita.

O Senhor Raposo tinha chegado a casa.

Arrastava o corpo de uma jovem, morta. Parou à entrada e largou-a no chão de pedra dura. A mulher tinha um anel com um grande diamante no dedo. O Senhor Raposo tentou tirar-lhe o anel, mas estava apertado.

Furioso, desembainhou a espada e cortou a mão da mulher morta.

Depois arrastou o corpo pelas escadas acima.

Lady Mary apanhou a mão decepada e correu para casa o mais depressa que conseguiu.

No dia seguinte, era o dia do casamento. Antes da cerimónia, o Senhor Raposo, Lady Mary, os dois irmãos dela e os convidados sentaram-se para tomar o pequeno-almoço juntos.

– Tive um sonho horrível ontem à noite – anunciou Lady Mary ao grupo.

Contou-lhes a história da sua visita ao castelo do Senhor Raposo. Falou-lhes da porta de aço fechada e do corredor do outro lado, cheio de corpos. Falou-lhes sobre a mulher morta, cuja mão fora decepada por causa de um anel de diamante.

– Isso não é verdade – disse o Senhor Raposo. – Foi apenas um sonho, minha querida.

– Mas é verdade – disse Lady Mary, e ergueu a mão cortada para que todos a vissem.

Os seus dois irmãos desembainharam de imediato as espadas e cortaram o Senhor Raposo em mil pedacinhos.

O *Senhor Raposo* é a minha história, tal como era a *Cinderela*.

Eu sou Lady Mary, sequiosa de amor, arrebatada por um novo romance, protegida pelos irmãos.

E Pfeff é o Senhor Raposo.

Mas talvez eu também seja o Senhor Raposo.

Podemos discutir esse assunto no inferno.

PARTE CINCO

O Senhor Raposo



É a noite de folga de Luda. Depois do jantar, Tipper pede a Yardley e a mim que a ajudemos a arrumar a cozinha. A família levanta sempre a mesa, mas ela precisa de ajuda também para lavar a loiça, limpar as bancadas, essas coisas.

– Devia ter instalado duas máquinas de lavar loiça – diz sempre Tipper, mas agora não há espaço onde pôr uma segunda, por isso muita coisa tem de ser lavada à mão.

Os rapazes, Penny e Erin vão para a casa de hóspedes, com Bess atrás. O meu pai e o tio Dean servem-se de uma última bebida e começam a discutir. Qualquer coisa sobre ética financeira e sócios – nada de interessante. Tipper enxota-os lá para fora e eles descem até à Praia Grande. Tomkin vai ver televisão na saleta de Clairmont.

Yardley e eu ajudamos a arrumar a cozinha. Ela põe um avental com limões e resmunga.

– Eu faço isto todas as noites da minha vida, menina – diz Tipper alegremente. – Portanto, habitua-te. Quando temos uma família, não há alternativa.

– Acho que vou estar na sala de operações – diz Yardley. – O meu marido pode dar o jantar aos miúdos enquanto eu estou a abrir a caixa torácica de alguém.

– Os meus filhos vão comer em restaurantes – digo.

– Está bem, minhas meninas – diz a minha mãe. – Veremos como isso vos corre quando tiverem dois bebés de fraldas.

– Oh, os meus filhos não vão usar fraldas – diz Yardley. – Nem sequer farão cocó. Serão completamente higiénicos e nunca cheirarão mal, caso contrário nem sequer os quero.

– És uma companhia muito divertida – diz-lhe a minha mãe. – Mas preciso que calces essas luvas de borracha e vás dando um avanço no lava-loiça.

Quando acabamos, as nossas mãos cheiram a *spray* de lixívia e temos as faces coradas do calor na cozinha. Yardley e eu deixamos a minha mãe, que pega no seu copo de vinho e vai ver televisão com Tomkin.

Os outros já estão em Goose Cottage há pelo menos uma hora. Enquanto Yardley e eu seguimos nessa direção, cruzamo-nos com o tio Dean e o meu pai, que estão a subir da Praia Grande. Sente-se a tensão no ar entre eles.

O meu pai não olha para mim, mas dá uma palmada no ombro de Yardley ao passar por ela.

– Feito – diz, e continua a andar.

Dean olha para a filha.

– Uma tempestade num copo de água – diz.

- Não me parece – responde ela.
- Queres vir conversar sobre o assunto? – pergunta Dean.
- Não.
- Yard, vá lá.
- A Carrie e eu vamos até Goose Cottage – diz ela.

Dean abana a cabeça.

- O Harris tem um pau enfiado onde tu bem sabes.
- Pois, bom, foste tu que o puseste lá – diz ela, e continua a andar.
- O que foi isto? – pergunto, assim que Dean está fora do alcance das nossas

vozes.

- Oh, Céus. Devia contar-te tudo. Queres mesmo ouvir?
- Claro.

– Podemos sentar-nos aqui – diz Yardley quando entramos no jardim de Goose Cottage, que está praticamente às escuras. Vemos luzes acesas na sala. A relva está coberta de garrafas de cerveja e bolas de pingue-pongue. Ouve-se música vinda do interior, «Changes» de David Bowie.

Estou a preparar-me para me deixar cair na relva para ouvir a história do porquê de Yardley estar zangada com o pai, quando de súbito ela me pega na mão.

- Oh, não.

Viro-me para onde ela está a apontar.

Encostados à mesa de pingue-pongue, nas sombras, Penny e Pfeff beijam-se.

Estão enrolados um no outro, a mão dela no cabelo dele. Ele levantou-lhe a camisa de linho larga e tem os dedos no seu *soutien* rosa-pálido.

Estão tão perdidos no êxtase um do outro que nem parecem ouvir-nos.

A minha irmã.

E Pfeff.

Estaco, gelada.

– Não nos ouviram abrir o portão, seus idiotas? – grita Yardley. – Estamos literalmente mesmo aqui. Eu e a Carrie.

– Raios – diz Penny, que está de costas para a mesa.

Pfeff vira-se e afasta-se dela. Arregala os olhos. Os seus lábios parecem inchados, como costumam ficar com os beijos.

Não consigo encará-los.

Não consigo falar.

A minha garganta aperta-se e uma bola de fúria e dor ardente sobe-me até à cabeça e procura sair através da pele.

Derrete-me o rosto.

As minhas feições deslizam como cera,

escorrem pelos ossos,

pingam para as tábuas sob os meus pés.

Tapo o rosto com as mãos, como se fosse a única forma de impedir que a minha cara se entorne no trilho ao derreter,

e sinto apenas agonia.

Yardley estende a mão para mim, mas dou meia-volta e desato a correr. Empurro o portão e desapareço pelo trilho que percorre os sítios escuros da ilha.

A imagem da mão de Penny no cabelo escuro de Pfeff – deixa-me agoniada.

Pensar que ele me beijou tantas vezes, e que estive no quarto dele, e que ele me contou o segredo de não ter entrado em Amherst, e me tocou com tanta suavidade e urgência, pensar que me fez sentir esperta, perspicaz, bela, impressionante – e, durante todo esse tempo, era Penny que ele preferia.

Ela é mais bonita do que eu, sem dúvida. Mesmo que a beleza seja subjetiva, mesmo que os padrões de beleza mudem ao longo do tempo, ela é mais bonita do que eu – para toda a gente. Sempre. Apesar de me terem partido e reconstruído o raio do maxilar.

Apesar de.

Já não interessa que eu compreenda como Pfeff se sente em relação à universidade, nem que o veja como a fraude que é e lho diga, nem que seja boa a falar em público, nem que o faça rir.

Não interessa que sinta as coisas profundamente e que pense no mundo para além de Beechwood. Toda a gente gosta mais de Penny. Gostam mais dela

porque os seus olhos encaixam bem nas órbitas do crânio,
porque tem mais meio centímetro de maçã do rosto,
por causa do seu cabelo leve e sedoso e
da linha do maldito maxilar e
da ligeira ameaça nos seus caninos brancos.
As pessoas gostarão mais de Penny mesmo que ela
não queira saber dos outros ou
porque não quer saber deles, apesar de ela
não ser muito boa na escola e
não se preocupar com os sentimentos de ninguém. Apesar de ela
não saber cozinhar como Bess e
fazer tudo às três pancadas e
nunca se sacrificar por ninguém,
as pessoas continuarão a gostar mais dela.
Eu podia cortar o meu calcanhar com uma faca de talhante (afinal, já cortei a
boca) – e não seria suficiente para me conquistar o amor, porque o sangue
sujaria o sapatinho de cristal,
dizendo ao mundo que sou inútil,
enquanto Penny enfia facilmente esse sapato,
põe a mão na dele e
o leva
para longe de mim.

Espero por Penny no quarto dela, de luz apagada, sentada na sua cama com os joelhos encostados ao peito.

Ela entra, seguida por Erin.

Claro, Erin.

Acendem a luz e Penny assusta-se quando me vê.

– Erin – diz –, podes deixar-nos a sós um instante?

– Não tenho para onde ir – diz Erin. – Os teus pais estão lá em baixo. Não vou para a beira deles sozinha.

– Volta para Goose Cottage – diz Penny.

– Não, obrigada – diz Erin. – Podem ir falar no quarto da Carrie, ou dar uma volta, ou qualquer coisa.

Não sei por que razão Erin está tão seca com Penny, mas digo:

– Podemos ir dar uma volta.

Não quero ter esta conversa no meu quarto, por causa de Rosemary. Não sei o que ela conseguirá ouvir.

Penny pega num casaco e desce as escadas com passo furioso, como se ela é que estivesse zangada *comigo*.

Sigo-a.

Evitamos Tipper e Harris saindo pelo vestíbulo e dirigimo-nos ao trilho do perímetro.

Agora que estamos sozinhas, nem sei por onde começar. Caminhamos em silêncio alguns minutos.

– Quero saber como foste capaz de me fazer uma coisa destas – digo, por fim. – Eu *nunca* te faria nada assim. Nunca.

– Não te estava a fazer nada *a ti* – diz Penny.

– Claro que estavas. Sabias que eu andava com o Pfeff – digo. – Sabias e decidiste estragar a única coisa boa que eu tinha, porque... não sei, só porque achaste que podias? Porque nunca conversámos sobre isso? Porque não tenho passado tanto tempo contigo como é costume? Porquê?

– Eu...

– Ou sentes-te poderosa por beijar um tipo quando sabes que ele tem outra pessoa? Ou odeias-me, por alguma razão?

– Não foi por isso – diz ela. – Por nenhuma dessas razões.

– Porquê, então? Porque acho que foi a coisa mais cruel que me podias ter feito. –

Sinto o calor explosivo da raiva e da vergonha de novo no meu rosto, a sensação das minhas feições a derreterem. Sou feia. Não sou merecedora de amor. Penny não me ama o suficiente para se afastar de Pfeff. Pfeff não me ama o suficiente para me ser fiel. – Porque farias uma coisa destas, Penny? – pergunto. – O que é que eu fiz para merecer ser tratada desta maneira?

Penny suspira.

– Quer dizer, tu irritas-me, sim. É muito irritante, a maneira como te portas.

– O que queres dizer?

– Mesmo agora. Toda derretida com ele, sempre com esse ar tão vulnerável, para que toda a gente saiba como te sentes a cada momento de todos os dias. É muito cansativo.

As palavras magoam-me. Não sabia que era assim que ela me via.

– Mas não foi por isso – continua. – Na verdade não foi.

– Porque foi, então?

– Não quero falar nisto.

– Acabaste de destruir... estragaste tudo para mim – digo. – Acho que me deves uma explicação.

– Se foi assim tão fácil de destruir – diz Penny –, é porque não devia ser muito forte.

Ela tem razão.

Ela tem razão.

Por outro lado, foram três semanas de felicidade. Usei a *T-shirt* dele. Ele beijou-me a palma da mão.

– Às vezes as coisas são frágeis – respondo. – É por isso que são preciosas.

Ela encolhe os ombros.

– Estou só a dizer que se ele se enrolou comigo, é porque não estava mesmo contigo.

Agarro-lhe no braço e abano-a.

– Para com isso – digo. – Ele *estava* comigo. Estava. E tu sabias. Não me digas que não sabias.

Ela suspira de novo, um suspiro pesado.

– Sabia.

Continuo:

– A questão não é porque é que o Pfeff fez o que fez. Porque tu és linda e consegues sempre o que queres e toda a gente te deseja. A questão é porque é que *tu* fizeste o que fizeste. Porque me fizeste isto a *mim*. – O trilho do perímetro está ventoso e frio. O nosso cabelo esvoaça à nossa volta.

– Não te fiz nada a *ti* – grita Penny. – Já te disse.

– Bom, senti-me como se tivesses feito – grito em resposta. – Sinto que foste pelas minhas costas beijar o meu namorado, e não percebo como podes dizer que não me fizeste nada a *mim*...

– Foi à Erin – grita. – Está bem? Foi à Erin.

– O quê? Porque é que a Erin se importaria com isso?

– Não sejas estúpida – diz Penny.

– Não sou. Eu...

– Adivinha.

– Não consigo. Não sei. Porque é que a Erin se importaria?

– Ela e eu estamos juntas – diz Penny. – Está bem? Quer dizer, estávamos. Nós... começou já perto do fim do ano letivo, quando ela deixou de andar com o Aldo, e eu nunca estive lá muito interessada no Lachlan e depois eu... bom, há muito tempo que sinto atração por raparigas – termina. – Há muito, muito tempo.

Sinto a cabeça a andar à roda. Sou estúpida.

Nunca pensei.

Penny continua.

– Sei que a mãe e o pai vão ficar... ugh.

– Não é a melhor notícia, não.

– Não é a melhor notícia. E também gosto de rapazes. Acho eu. Talvez não. Não sei. Não quero desapontá-los. Aos pais. Não consigo lidar com isso. – Tenta segurar o cabelo que o vento lhe sacode à volta do rosto. Puxa-o quase todo para trás e prende-o num elástico que tinha no pulso. De súbito, o seu rosto parece muito austero. – Não digas à Bess.

– Não digo.

– Não digas a ninguém – continua ela. – Ainda não disse nada a ninguém. Nem sequer sei se sou... ainda não sei, pronto. E a Erin, quando chegou, estava tudo a correr muito bem, e era o nosso lindo romance secreto, percebes, mas depois, não sei. A novidade passou, se calhar. Para ela. Ou andava só a fazer experiências, a brincar. O que quero dizer é que ela já não está para aí virada e tivemos uma discussão sobre se ela devia ir para casa amanhã ou não. Ela quer ir para casa e quer que voltemos a ser só amigas na escola, como antes, com namorados e isso tudo. E eu queria fazer com que ela quisesse ficar, percebes? Se eu beijasse outra pessoa, ela ficaria com ciúmes e perceberia que gosta de mim e assim ficaria. – Penny retorce as mãos. – Era o que eu esperava, pelo menos. Ou se calhar queria só magoá-la.

– Parece coisa tua.

– Ou então queria dizer a mim própria que gosto de rapazes. Se eu pudesse gostar de rapazes, seria tudo mais fácil. Nada do que aconteceu com a Erin contaria para nada. Parte de mim estava a pensar nisso. Sabes? Talvez não fosse tarde de mais para ser uma rapariga homossexual. Devia interessar-me antes por um rapaz. Muito mais fácil.

Sei que devia dizer-lhe que é perfeita tal e qual como é.

Devia dizer-lhe que é maravilhoso amar quem quer que ame. Porque é verdade.

Devia dizer-lhe que a defenderei junto dos nossos pais se ela alguma vez quiser dizer-lhes.

Mas Penny acabou de me trair.

– Talvez seja boa ideia – digo, em tom irado. – Mas não era preciso ser o *Pfeff*.

– Não há cá mais ninguém! – grita Penny.

– Nesse caso não devias ter tentado estar com *ninguém* – digo. – Devias ter pensado, a Carrie sempre esteve do meu lado. A Carrie gosta de mim. A Carrie cuida de mim. É leal, aquela Carrie. É uma pessoa íntegra. E embora eu *consiga* derrubá-la e esmagar-lhe o coração e roubar-lhe o namorado, embora eu *possa* fazer isso, não o vou fazer. Porque ela é minha irmã e não quero magoá-la. Porque há limites que não se

podem ultrapassar. Há coisas que, depois de feitas, nunca, nunca podem ser desfeitas, e na verdade eu dou mais valor à relação que tenho com a minha irmã leal e íntegra do que a qualquer outra coisa estúpida que esteja a acontecer na minha cabeça neste momento. Devias ter sido uma pessoa minimamente decente, Penny. Porque é que isso é tão difícil? Nem sequer é um padrão muito alto para ser boa pessoa. Toda a gente sabe esta regra. É muito básica. Não beijes o namorado da tua irmã, porque se o fizeres és uma estúpida.

Penny soluça, não com as mãos a esconder o rosto como eu faria, mas deixando as lágrimas deslizarem pelo bonito rostinho delicado, com a boca distorcida num esgar de agonia.

– Lamento – diz.

Parece-me um pouco teatral. Penny está a representar a sua agitação. Ali ao luar, para obter o máximo efeito dramático.

– Não quero saber se lamentas – riposto. – O que me interessa é que o fizeste. Nunca esquecerei a pouca importância que tenho para ti. Nunca.

Dou meia-volta e corro pelo trilho fora, deixando-a sozinha.

Durmo até tarde na manhã seguinte. Rosemary não me acorda. Não a vejo há algum tempo.

Pergunto-me se ela estará amuada.

Estou dorida, dói-me a cabeça. Estou transpirada e peganhenta, com o cabelo embaraçado. Não me lembro de adormecer a noite passada.

Na casa de banho que partilhamos, Bess está a enrolar o cabelo quando eu entro – a moldá-lo e a borrifá-lo com laca.

– Assim que fores ao mar ficará outra vez liso – digo-lhe.

– Não faz mal. Estou a praticar – responde. – Para o fazer bem quando voltar a North Forest. Se conseguir lavar a cabeça à noite, e aperfeiçoar a rotina matinal até demorar só dez minutos, posso... – De súbito interrompe-se e pausa o ferro de enrolar. – Oh, Carrie, em relação a ontem à noite...

– Não quero falar sobre isso. – Não com Bess. Bess é superficial, sonhadora, sempre a tentar fazer-se mais velha do que é. Vai oferecer compreensão, quando na realidade o que quer é mexericos.

Ela agarra-me nas mãos.

– Eu disse à Penny para não falar tanto com o Pfeff. Chamei-a à parte e disse-lhe, a Carrie vai ficar zangada quando aqui chegar, o que é que estás a fazer? Acho que ela tinha bebido de mais. Não estava a pensar como deve ser e, enfim, sabes que ele é super giro. Tenho a certeza de que ela não tinha intenção.

Liberto-me, espremo a pasta de dentes e começo a lavar os dentes.

– Ela bebeu umas três cervejas numa hora – continua Bess. – Eu contei-as. E aposto que hoje está a desejar nunca ter saído com ele e...

Cuspo e enxaguo a boca.

– Ela sabia o que estava a fazer.

– Foram só uns beijos – diz Bess. – Não passou disso, caso tenhas dúvidas.

Paro e olho para ela.

– Estavas a espreitar?

– Estava na casa de banho lá em cima – diz Bess. – Olhei pela janela, não pude deixar de os ver no relvado. E depois tu chegaste e...

– Ugh. – Saio da casa de banho para o meu quarto e começo a vestir-me.

Bess segue-me.

– Estou a tentar pedir desculpa.

– Não tens nada por que pedir desculpa. Não fizeste nada – respondo em tom seco.

– Exceto espiar as pessoas e meter-te na vida delas. Mas disso não estás tu arrependida, pois não?

Bess. A nossa mártir. A irmã virtuosa. Ela fica um momento imóvel, como que em choque, e depois bate o pé como uma criança.

– És má – diz. – Achas que és a única que tens sentimentos sobre seja o que for, não é?

– O quê?

– A Carrie está doente, a Carrie está apaixonada, a Carrie tem saudades da Rosemary, a Carrie está a chorar no meio da feira da escola, no meio de uma festa de família... como se fosses a única que é sensível, quando na realidade és apenas a única *lamurienta*. Sabias?

Olho para ela de boca aberta.

– Pensas que não sei que andas a tomar comprimidos? – continua Bess. – Partilhamos a mesma casa de banho. E é evidente que estás pedrada metade do tempo. Nem acredito que os pais ainda não repararam. Estás a dar cabo da tua vida, Carrie, e até é difícil ter pena de ti porque tu não queres saber de mim para nada. Nunca pensas em mim, nunca falas comigo. Basicamente, tentas livrar-te de mim sempre que podes. Portanto não, não quero saber se a Penny beijou o teu namorado. Nem percebo como é que ele se interessou sequer por ti.

Quando Bess sai, tomo um longo duche. Limpo o quarto e arrumo a roupa dobrada nas gavetas.

Não quero ver ninguém. Nunca mais. Se calhar fico aqui em cima para o resto da vida, a tomar medicamentos e a falar com Rosemary, a salvo no meu quarto, onde ninguém pode magoar-me.

Porém, começo a ficar com fome.

Penteio-me e visto-me.

Na cozinha, a minha mãe está a dobrar guardanapos em quadrados perfeitos. Faz-me torradas com doce de alperce enquanto eu preparo um café. Se repara nos meus olhos inchados, não faz comentários.

– Preciso que vás a Woods Hole – diz, quando eu me sento para comer.

– Está bem. Porquê?

– O Gerrard está ocupado com o tipo dos arbustos.

– O que é um tipo dos arbustos?

– Vieram plantar os meus arbustos novos – diz ela. – Noveleiro e madressilva. Eu disse-te.

– E precisas que te vá comprar alguma coisa?

– Não, a Luda trata das compras em Vineyard. Preciso que leves umas pessoas.

– Oh... Quem é que se vai embora? – Não quero ter de levar Pfeff.

– A Erin tem de voltar para casa – diz ela. – E a Yardley também.

– A Yardley? Pensei que fosse ficar o verão todo.

– Bom, mudou de ideias.

– Porquê?

– Não me disse. Veio tomar o pequeno-almoço e disse que precisava de voltar para o continente e se eu podia tratar do transporte. E foi logo depois de a Penny me dizer que a Erin também se ia embora. – Tipper dá uma risada seca. – Acho que fomos mais do que bons para aquela miúda. Semanas de areia e sol, refeições, tudo o que poderia desejar. E agora vai-se embora de um momento para o outro, como se nem sequer gostasse de cá estar.

– De qualquer maneira, pensei que não gostavas de ter tantos hóspedes.

– Os rapazes – diz a minha mãe. – Os rapazes dão mais trabalho. A Erin não. É sossegada como um ratinho e sempre entretém a Penny.

Tenho a cabeça a andar à roda dos comprimidos e de ter chorado tanto ontem à noite. E por causa da discussão com Bess.

– Com certeza que ela está agradecida. Se calhar acha que já ficou tempo de mais.
– Se é isso, é porque não fui uma boa anfitriã – diz a minha mãe. – Ninguém deve sentir que não é completamente bem-vindo aqui.

Na verdade, eu adorava sair desta ilha. Afastar-me de toda a gente.

– Eu levo-as – digo. – E digo à Erin que gostámos muito de a ter cá. Está descansada.

Tipper abraça-me.

– És uma boa menina. – diz.

*

Encontro-me com Yardley e Erin na doca da família ao meio-dia. A minha mãe fez-lhes sanduíches de queijo *brie* e tomate seco. Cada uma tem uma caixa com fatias de nectarina, outra com pepino temperado com sal e pimenta, e um cartucho de bolachas de gengibre. Dou-lhes os sacos de papel pardo com as merendas e elas seguram-nos como meninas pequenas.

Erin apanhará um autocarro até casa. Reservou bilhete por telefone e vai levá-lo no terminal dos *ferries*. A mãe de Yardley mandou um carro com motorista para a vir buscar.

O tio Dean e Tomkin aparecem na doca logo atrás de mim. Tomkin abraça Yardley e despede-se. Dean coloca as malas das duas raparigas no barco, em silêncio.

– Querida – diz à filha, em tom quase jovial –, deixa-me que te diga: acho que devias ficar.

– Não, obrigada.

– As coisas vão acalmar. Acabarás por compreender. Nada é tão mau como parece.

– Não tenhas esperança disso – diz Yardley. – Carrie, podes ligar o barco, por favor?

Faço o que ela me pede e o barco afasta-se da doca.

– Adeus, Yardo! – grita Tomkin. – Até breve.

– Adeus – diz ela. – Vou ter saudades dessa careta feia!

*

O sol está forte e pomos as três óculos escuros. Estou muito curiosa em relação ao que se passa com Yardley, mas estou também esgotada. Os comprimidos para as dores estão a começar a fazer efeito e sinto os músculos fracos e moles. Não tenho mais lágrimas para chorar. A minha fúria com Penny e Pfeff está agora num ponto baixo, embora comece a reconstruir-se lentamente nas minhas entranhas.

Assim, conduzo o barco e deixo os pensamentos à solta.

Sei por que motivo Erin se vai embora. Independentemente do que ela sinta em relação a Penny – medo de compromissos, medo de ser *gay* ou medo de o assumir, tédio, ambivalência, ou simplesmente não estar apaixonada por ela – deve estar zangada com o que aconteceu entre Penny e Pfeff. E não tem nada que a prenda a esta ilha se não quiser cá ficar.

E Yardley? Porque é que George não veio com ela? Porque é que está tão zangada

com o pai?

Podia facilmente enroscar-me dentro da concha da minha própria desgraça e nunca vir a saber. Não é nada da minha conta e não há dúvida de que já tenho bastante em que pensar. A nossa família acredita que o silêncio mostra respeito pela vida interior dos outros. Podia fingir que é perfeitamente normal que ela se vá embora a meio do verão, e Yardley se calhar agradecia que eu o fizesse.

Mas decido dar o primeiro passo. Sem Bess, sem Penny, sem Rosemary (na realidade) e agora sem Yardley, não terei ninguém em Beechwood que seja meu aliado. Yardley e eu temos sido companheiras de todos os verões. Partilhámos provavelmente uma centena de pacotes de batatas fritas, lemos os mesmos livros apertadas uma contra a outra na rede. Remámos caiaques juntas, cantámos à volta da fogueira, apanhámos amoras em Vineyard. Construímos mundos imaginários e caçámos limões.

Faço-lhe sinal para vir para junto de mim ao leme.

– Queres que conduza? – diz ela.

Ponho o braço sobre os seus ombros.

– Não quero que te vás embora. Preciso de ti.

– Não posso ficar.

– Porquê? – Erin talvez consiga ouvir fragmentos do que estamos a dizer, mas poucos. O motor e o vento fazem com que seja impossível manter uma conversa de uma ponta à outra do barco.

Yardley suspira.

– Lembras-te quando me falaste sobre aquela fotografia? Da tua mãe e do outro tipo, de há muito tempo, o que tinha a cara raspada?

Buddy Kopelnick.

– O que sabes a esse respeito?

– Nada, sobre isso não sei nada – diz Yardley. – Mas lembras-te do que eu te disse quando falámos nisso, durante a caça ao limão?

– Disseste para eu não me meter. – Mas agora a conversa ganha nitidez. Vejo o rosto de Yardley nessa noite, iluminado pelo luar, o seu vestido amarelo florido, nas mãos um cesto de verga com um grande laço amarelo. – Disseste qualquer coisa como... os estúpidos dos adultos que lidem com o seu lixo emocional e as suas parvoíces ilegais. Falaste em tipos de ar duvidoso.

– Sim – diz Yardley. – É isso mesmo.

– É por causa disso? Como é que nunca mais me lembrei do que disseste até agora?

– Tens andado preocupada com as tuas coisas; não faz mal.

– Que tipos de ar duvidoso?

– Pois, precisamente. *Que tipos de ar duvidoso* é a questão. O que aconteceu foi que depois de as palavras me saírem da boca, depois de a conversa ter ido parar à família e a possíveis segredos, isso mudou tudo. Ouvi essas frases ditas por mim em voz alta e fiquei... como assim, *coisas ilegais*? Eu sabia mais ou menos a que me referia, mas nunca tinha falado com ninguém sobre o assunto. Andava a fingir que não sabia de nada. Talvez se eu fechasse os olhos e pensasse noutra coisa, não estivesse mesmo a acontecer.

Aceno com a cabeça em sinal de compreensão.

– Mas tu... uma das tuas características, Carrie, é que estás disposta a falar das coisas. Fazes perguntas. Todos os outros só querem varrer os assuntos difíceis para debaixo do tapete. Quando te disse aquelas coisas, sobre cenas ilegais, de repente pensei, *Oh, está bem. Passa-se aqui alguma coisa má.*

– O quê?

– O meu pai... a maneira como ganha dinheiro. – Yardley abana a cabeça. Faz um compasso de espera. – Ele é um indivíduo ligado às finanças, de quem ninguém desconfia porque veste fatos e andou em Harvard, mas faz uma data de trabalhos relacionados com dinheiro para criminosos de colarinho branco.

– Meu Deus!

– Fiz uma boa amiga no sexto ano – diz ela. – A Jenny Neugebauer. Ela costumava vir a minha casa, dormia lá, todas essas coisas. Fomos amigas durante anos, percebes? Mas no princípio do décimo ano desapareceu. Voltei de Beechwood e ela não estava na escola no primeiro dia de aulas. Nunca me ligou, nem escreveu, nada. Puf! Evaporou-se. Tudo o que me resta dela é uma camisola que me emprestou e que nunca cheguei a devolver. – Yardley funga e olha de relance para Erin antes de continuar. – Na escola, as pessoas comentaram que a mãe da Jenny tinha perdido o dinheiro todo, que o negócio dela tinha ido à falência. Uma catástrofe financeira qualquer que a deixara na ruína. E Jenny teve de ir viver com os avós na Florida. Seja como for, tenho saudades dela. Nunca cheguei a despedir-me. E depois, há duas semanas, fui à biblioteca em Edgartown – continua Yardley. – Andava a pensar naquilo que te tinha dito. Queria procurar informações sobre algumas pessoas com quem o meu pai trabalha. Amigos dos negócios que foram lá jantar a casa. Servi-lhes costeletas de porco com molho de maçã e eles perguntaram-me como iam as aulas, enfim, sabes como é. Amigos do meu pai. E quando procurei os nomes deles... as notícias não eram nada boas.

– Como assim?

– Um deles investiu numa data de pequenos negócios e depois prejudicou-os deliberadamente para que fracassassem. E de alguma forma ganhou dinheiro a estragar a vida destas pessoas. E agora teve de fugir do país para escapar à prisão. É literalmente um fugitivo à justiça. E o meu pai é o seu conselheiro financeiro.

– Não.

– Sim. E uma das pessoas que esse tipo arruinou de propósito? A mãe da Jenny Neugebauer. É um facto documentado. Estava no jornal.

– Mas tens a certeza de que o teu pai sabia disso?

– Oh, de certeza. E há outros amigos... um casal de que ele também é conselheiro financeiro... a mulher está acusada de desfalque. E mais. O meu pai está metido nisto até ao pescoço, sem qualquer dúvida. A sua lista de clientes e amigos está repleta de gente mesmo repugnante.

Não sei o que dizer.

Yardley continua:

– E o pior é que... a Jenny Neugebauer... o meu pai conhecia-a. Conhecia a mãe dela, também. Eu sei que devia preocupar-me com *todas* as pessoas que eles lixaram, e todas as leis que ele quebrou ou ajudou a quebrar, mas quando vi aquele nome...

Miriam Neugebauer... preto no branco, foi quando realmente percebi. Ele não quer saber quem prejudica, desde que esteja a ganhar dinheiro com isso. Desde que esteja a divertir-se. Se calhar até gosta de um bocadinho de perigo, ou da sensação de conseguir iludir as autoridades. E estes tipos estão a fazer dele um homem rico.

– Ugh.

– Não consigo estar com ele. Não posso continuar a beneficiar dos lucros de um negócio ilegal que prejudica as pessoas de propósito. Incluindo a minha amiga Jenny.

– Suspira. – Ele é um bom pai. Estúpido e irritante muitas vezes, e bebe demasiado, mas é um bom pai. Anda sempre a brincar com o Tomkin no mar, e faz bifes no churrasco, e vem ter connosco todos os fins de semana mesmo quando estamos com a minha mãe. Leva-nos a sítios. – Limpa os olhos e funga. – E agora, basicamente, não quero ter nada a ver com ele. E contei ao Harris. Ontem à noite, antes de jantar.

– O que é que o Harris disse?

– Ele... ficou muito sério. Disse que se isso fosse verdade, e que se tudo o que eu lhe estava a contar sobre o Dean se comprovasse... tencionava cortar relações. Com o meu pai.

Para Harris, família significa o bom nome da família. As duas coisas são sinónimos, para ele. Não existe amor incondicional. É preciso *ser um crédito para o nome da família* ou ele não quer ter nada a ver com essa pessoa.

Quando penso nisto, mais tarde, vejo que essa maneira de ver as coisas está comprometida. O dinheiro da família da minha mãe é sujo – adquirido há várias gerações através da exploração e escravização de outros seres humanos. Mas o meu pai consegue imaginar esse dinheiro lavado e limpo porque entrou na família há muito tempo. Depois há o dinheiro sujo como o dele, conquistado através de trabalho árduo, mas também da exploração de trabalhadores vulneráveis e não-sindicalizados, e pela capitulação das revistas que ele publica às exigências dos anunciantes quanto à publicação da verdade. Mas o meu pai consegue imaginar que esse é dinheiro limpo porque é obtido de forma legal e ele se esforça muito.

Mas dinheiro sujo como o do tio Dean? A esse, não consegue imaginá-lo lavado.

Não sou capaz de articular nenhum destes pensamentos enquanto Yardley fala comigo, nem sequer de pensá-los com clareza, mas sinto ainda assim a força da situação.

Este é o último verão que passaremos juntas.

– Lamento muito – digo.

– O meu pai acha que vai passar tudo. Diz que eu não compreendo a sua maneira de fazer negócios. – Yardley respira fundo. – Mas eu não quero o dinheiro dele a pagar-me a universidade e não quero a mesada dele, e todo o dinheiro me parece, sei lá... conspurcado, basicamente. É tóxico. Foi o que ele usou para construir Pevensie, e foi esse dinheiro que pagou esta camisola e... ugh. – Yardley sacode a bainha da camisola como se estivesse imunda. – Contei ao Harris antes de jantar – continua. – E depois disse ao meu pai que tinha contado ao Harris, e ele disse «Querida, não te preocupes tanto», e eu disse-lhe que queria vir-me embora. E depois jantámos e eu ia contar-te, mas ficámos a arrumar a cozinha com a Tipper, e depois aquela coisa com a Penny e o Pfeff e toda a gente ficou enervada.

– Quem é que estava enervado?

– A Bess, claro. E a Erin. E o George, por acaso. O Major não quer saber. Já agora, lamento muito o que aconteceu, mas eu avisei-te para teres cuidado com o Pfeff. – Dá-me uma cotovelada e sorri por entre a tristeza. – Eu bem te disse.

– Pois disseste.

– O Pfeff é um filho da mãe e eu odeio-o e é um estúpido e nunca mais lhe vou dirigir a palavra, caso isso ajude – diz Yardley.

– Sim, um bocadinho – respondo.

– E também ralhei com a Penny. Chamei-lhe a palavra começada por p, e mandei-a para o c, e disse muitas outras palavras dessas. Foi bastante catártico.

Sinto lágrimas e raiva a crescerem por trás dos meus olhos.

– Não vamos falar nisso ainda – digo. – Não quero chorar.

Ela dá-me uma palmadinha no ombro e regressa aos seus próprios problemas.

– Bom, quando cheguei a casa chamei o George à parte e disse-lhe que tinha de me ir embora de manhã. Disse-lhe que não queria ter mais nada a ver com o meu pai ou o dinheiro dele. E sabes o que o George disse?

– O quê?

– Aconselhou-me a dormir sobre o assunto. Disse que talvez eu não estivesse a compreender o panorama geral. E eu disse-lhe: «Estou a compreender muito bem. E mais ainda, o Harris também compreende. O Harris vai cortar relações com ele.» E o George disse que podia haver circunstâncias que eu não tivesse levado em consideração, e que não devia agir de modo precipitado. Por outras palavras, disse exatamente a mesma coisa que o meu pai tinha dito.

– Conversas de porcaria.

– E eu disse-lhe que estava a ser um namorado horrível e que devia apoiar-me. E o George disse: «Vamos lá ser racionais, Yardley. Não sabes se o teu pai fez alguma coisa errada.» E eu perguntei: «Vais deixar de gostar de mim se eu renunciar ao meu dinheiro?» E ele disse: «Yardley, não é isso. Não estás a pensar com a cabeça fria.» E eu disse-lhe: «Acho que já não és meu namorado.»

– Meu Deus.

– Pois. E pelos vistos foi preciso mais duas horas de lágrimas e conversa, e ele sempre a afirmar que eu não estava a ser razoável. Disse-lhe que o aceitaria de volta se viesse comigo de manhã e não me questionasse. Não tinha de concordar, só tinha de vir comigo e não dizer mais nada. Mas o George disse que era impossível para ele não dizer aquilo que pensava. E eu disse-lhe que nem queria acreditar que ele só queria saber do meu dinheiro, mas na verdade, claro que acredito. Depois não quis ficar a dormir em Pevensie com o meu pai, mas também não queria dormir na casa de hóspedes com o George. Por isso arrumei as malas e trouxe tudo para a doca, a meio da noite. Dormi na saleta em Clairmont e falei com a Tipper de manhã.

Chegámos à doca em Woods Hole. Ajudo Erin e Yardley com as malas. O carro de Yardley está à espera dela. Despedimo-nos com um abraço.

Há mais coisas a dizer, mas não as dizemos.

Vou ter muitas saudades dela.

Minutos depois, ela partiu.

Vou com Erin levantar o bilhete de autocarro e ficamos as duas à espera, no terminal rodoviário, em silêncio.

No dia seguinte, Gerrard leva o tio Dean e Tomkin da ilha. Não voltarão.

Muitos anos depois, venho a saber que o meu pai pagou os estudos universitários de Yardley quando ela se recusou a aceitar o dinheiro do tio Dean. E que encarregou o advogado da família, Richard Thatcher, de comprar a metade da ilha pertencente ao tio Dean.

Pevensie ficará vazia alguns anos.

Quando eu me caso com William Dennis, o meu pai limpa parte do terreno e constrói uma casa para mim. William e eu damos-lhe o nome de Red Gate, por causa da cerca de tábuas e do friso vermelho.

Mais ou menos na mesma altura, Harris demolirá Pevensie e, nos seus alicerces, construirá outra casa à qual dará o nome de Windemere. Windemere ficará para Penny, que se casa com Sam Easton mais ou menos na mesma altura. Para Bess, que se casa com Brody Sheffield um ano mais tarde, o nosso pai demole Goose Cottage para construir Cuddledown.

Com o passar do tempo, parecer-nos-á, a mim e às minhas irmãs, que Windemere sempre ali esteve, no lado norte de Beechwood Island.

Não sentiremos sequer os ecos de Pevensie, nunca mais pensaremos no que podia ter sido. Esquecer-nos-emos de ter saudades de Tomkin e Yardley, esqueceremos que os filhos deles deviam ter corrido pelos trilhos da ilha com os nossos.

Quando regresso de Woods Hole, vou para o meu quarto e finjo estar com dores de cabeça. Fico lá o resto da noite. Tipper traz-me o jantar num tabuleiro bonito.

Diz-me que os rapazes pediram para ficar mais alguns dias. Precisam de tempo para organizar as coisas para o resto do verão.

– Nenhum deles quer voltar para casa dos pais – diz ela. – Imaginam-se independentes, aqui, embora claro que seja a Luda que lhes lava a roupa.

George e Major talvez consigam arranjar trabalho como monitores do campo de férias em agosto, diz.

– No acampamento para onde iam quando eram miúdos.

Estão a fazer telefonemas. Pfeff deve ir visitar uns primos.

– Sei que vais ter muitas saudades dele – diz-me ela. – Espero que amanhã te sintas melhor, para poderem aproveitar os últimos dias juntos.

É a primeira vez que ela me fala de Pfeff.

Pensa que ainda estamos juntos.

Assinto com a cabeça sem a corrigir. Não posso contar-lhe o que aconteceu. Não posso ser a lamurienta que Bess me acusou de ser; não posso fazer queixinhas de Penny. Não posso ser a filha infeliz e perdida, quando a minha mãe precisa da sua «boa menina».

E na verdade tenho saudades de Pfeff.

Penso: talvez ele apareça no meu quarto a qualquer instante, para suplicar o meu perdão. Talvez eu seja capaz de lhe perdoar. Talvez ele diga que me ama e tenha um motivo para fazer o que fez. Ele vai ouvir-me, ouvir-me verdadeiramente, e compreender como me sinto.

Mas ele não aparece.

Penso também: Penny de certeza que vai bater à minha porta, envergonhada e arrependida e pronta para fazer um pedido de desculpas como deve ser e me oferecer promessas de lealdade. Bess virá, preocupada e carinhosa. Ficará ao meu lado para me animar com frivolidades e bolachinhas que fez.

Mas passa mais um dia.

Fico no meu quarto.

Quero conversar com as minhas irmãs, quero que elas fiquem ultrajadas por mim, que odeiem para sempre a pessoa que me traiu, que odeiem para sempre a pessoa que me acusou de ser egoísta, que me façam rir e me distraiam.

Mas se calhar nunca fomos esse tipo de irmãs.

E elas é que foram injustas comigo.

Assim, volto a pensar em Pfeff. Com certeza que ele quer falar. Como pôde contar-me os seus segredos e despir-se à minha frente e pegar-me na mão e dizer-me como me deseja – e não sentir qualquer remorso pela sua traição? É impossível. Estamos enredados um no outro.

Uma e outra vez, ponho um pouco de *blush* nas faces, penteio o cabelo e saio do quarto para ir falar com ele. Sinto que não conseguirei repousar enquanto não ouvir o que ele tem a dizer.

E, uma e outra vez, estaco ao cimo das escadas e volto para o meu quarto.

Não faz mal, digo a mim própria.

Mas faz.

Passo o tempo a ler romances e a falar com Rosemary. Ela quer pintar as unhas, experimentar o ferro de encaracolar o cabelo de Bess. Inventa uma canção sobre *scones*.

Os *scones* são piores do que os queques

Os *scones* são piores do que os queques

Os *scones* são montes de massa

Vamos proibir os *scones*.

Ensina-me uma «dança famosa» que afirma que as claques fazem. Eu finjo-me rejubilante por ela, através da névoa da minha infelicidade por causa de Pfeff e Penny, Yardley e o tio Dean, o meu pai e Buddy Kopelnick. Quero mostrar à minha irmã o quanto gosto dela. Ajudá-la a encontrar paz. Adoro tê-la aqui, mas não parece correto que ela me assombre para sempre. Ela deve estar à procura de uma maneira de repousar. No entanto, não sei se quero que ela parta, mesmo que seja o melhor para ela. Neste momento, Rosemary é tudo o que me resta.

Três dias depois da partida de Yardley, chego ao limite. É meio da tarde e estou enfiada neste quarto escaldante, a suar e a destilar enquanto Lor Pfefferman vive em liberdade, como quer. Esta noite há uma mariscada especial na praia. Haverá maçarocas de milho e batatas assadas na fogueira. Amêijoas e lagostas, molho de manteiga. E, a seguir, bolo de morango aqui em casa.

Esta é a *minha* casa. Pfeff não vai comer o meu bolo de morango sem enfrentar primeiro aquilo que fez.

Desço, com as mãos a tremer. Recuso-me a continuar escondida. Vou falar com ele e depois vou erguer a cabeça e assumir o meu lugar no mundo que é esta ilha.

Não está ninguém na cozinha a não ser Luda, que limpa o interior do frigorífico.

A sala está vazia.

Lá fora, Bess está a desfolhar milho nos degraus. Ignoro-a ao passar por ela.

Do trilho, vejo Penny e os meus pais na Praia Grande, a prepararem a fogueira para logo.

Dirijo-me a Goose Cottage. Custa-me a respirar. Quero uma explicação. Mereço uma explicação. Quero que Pfeff compreenda – compreenda mesmo – como me magoou. Quero vê-lo arrependido e envergonhado.

Os rapazes estão na Praia Pequena. Major está deitado de barriga para baixo na areia, a ler o livro de Armistead Maupin que Pfeff lhe comprou. George e Pfeff estão na água.

Paro ao fundo das escadas, a admirar a cena. Sinto-me ultrajada e tímida.

Ao princípio, eles não reparam em mim. As ondas hoje estão bastante altas, o que é invulgar na enseada. George e Pfeff estão a atirar-se para cima de pranchas de *bodyboard*, como miúdos.

Major levanta os olhos do livro. Veste uma *T-shirt* preta e calções de banho azul-escuros. Tem a testa e o nariz brancos do protetor solar.

– Olá, Carrie.

– Olá.

– Queres uma sanduíche? – oferece. – Temos atum com alface estaladiça e também carne assada com queijo Havarti em pão rústico português.

– Não, obrigada.

– A Tipper disse que tens estado com dores de cabeça.

– Já passou.

Na água, Pfeff vê-me. Olha diretamente para mim, pega na prancha e volta a entrar mais na água para apanhar outra onda. Diz qualquer coisa a George que eu não consigo ouvir.

– Pensei em vir falar com o Pfeff – digo.

– Boa sorte – diz Major. – Quero dizer, esse tipo fala até não o podermos ouvir mais, mas suponho que queres que ele oiça também.

Passo por Major e aproximo-me da água. Pfeff e George estão a uns dez ou doze metros.

Pfeff vê uma onda que quer tentar apanhar – e vira-se na minha direção. Parece surpreendido por me ver, como se já se tivesse esquecido de que eu estava na praia.

Vira-se outra vez. Diz qualquer coisa a George.

George acena-me.

– Carrie! Olá! Estás melhor? – Os seus dentes direitos e brancos formam um sorriso.

– Pfeff! – chamo. – Podemos falar?

Pfeff não se vira.

– Pfeff! – chamo de novo.

– O que é? Olá! – Vira-se e sorri. – Vens nadar?

– O quê?

– Anda para a água. – Passa a mão pelo cabelo molhado e aproxima-se um pouco. Não acredito que ele me está a convidar para ir dar um mergulho. Como se fosse uma mera conhecida. Como se não tivesse acontecido nada de mal.

– Gostava de falar contigo.

George, agora um pouco mais longe do que Pfeff, mergulha por baixo de uma onda. Quando vem à superfície dá umas braçadas e distancia-se da conversa, aparentemente muito ocupado e atarefado com a água e a prancha.

Pfeff tem água pelos joelhos.

– Não quero falar – diz.

– Mas eu quero.

– Ouve – diz ele. – Sou impulsivo. Faço más escolhas. É assim que eu sou. Sabias isso desde o princípio.

– Importas-te de sair da água para podermos ter uma conversa?

– Beijo uma rapariga bonita ao luar sem aviso prévio – diz ele. – Esqueço-me de pôr o despertador. Esqueço-me de trazer meias e cuecas. Esqueço-me de ligar à minha mãe. Não faço os trabalhos da escola.

– Só queria saber...

Pfeff interrompe-me.

– Não há mais nada para saberes. Já te disse que não quero falar. Lamento muito teres ficado aborrecida, Carrie, mas sempre te disse a verdade, sem rodeios. Vou para a universidade daqui a umas quatro semanas. Isto é, tipo... um verão encantado e surreal, nesta ilha onde vim parar sem saber bem como, e nunca fingi que fosse outra coisa.

– Não é um verão encantado e surreal – digo. – É a minha vida. – É enfurecedor que ele continue dentro de água e que eu não consiga chegar perto dele sem molhar as calças. – Acho que me deves uma explicação.

– Acabei de te dar a única explicação que vais ter – diz, e ergue a prancha em frente do corpo como um escudo. – Eu faço más escolhas e tu sempre soubeste disso.

Tenho vontade de gritar de frustração. Ou de bater em alguma coisa.

Quero que Major e George fiquem do meu lado.

Quero que Pfeff desate a chorar e explique por que razão é tão má pessoa. Quero que ele se mostre penitente e com vergonha de si próprio.

Quero que corra para mim e me tome nos braços e me beije apaixonadamente e me peça para lhe perdoar.

Quero esbofetear aquele rosto presumido.

Pfeff vira-se e atira-se para cima da prancha. Nada em direção a George.

Penso que voltará para trás, arrependido da sua atitude, mas não. Nada para mais longe, e mais longe. Como se eu não existisse.

Mordo o lábio para não chorar. Dou meia-volta e subo os degraus para sair da praia. Quando chego a Clairmont, digo a Luda que não contam comigo para o jantar e vou para o meu quarto. Aí, tomo o dobro da dose habitual de *Halcion*, horas antes de o sol se pôr. Visto um pijama e choro até a droga me deixar totalmente inconsciente.

A acordo do sono do *Halcion* à uma da manhã. Bess está a abrir a porta do meu quarto.

- Vai-te embora – digo-lhe.
- Carrie.
- Deixa-me. Estou mal disposta.
- Não – diz ela. – Precisamos de ti.
- Para quê?

Antes, elas estavam sempre a precisar de mim. «Precisamos de ti» para nos ajudares a pôr amaciador no cabelo, para construir um forte, para nos explicares os trabalhos de casa, para nos dar conselhos sobre um rapaz, para nos dar conselhos sobre roupas, para cuidar da Rosemary.

Mas há semanas e semanas que não precisam de mim.

– Vem, por favor – murmura Bess. – Não te pediria se não fosse importante.

Tem as mãos encostadas ao peito, enroladas uma na outra.

Sento-me na cama. Tenho a cabeça turva.

– Vamos lá para fora? Preciso de sapatos? De lanterna?

– Sim – diz ela. – De tudo isso.

.

Silenciosas como algodão, descemos. Saímos pelo vestíbulo. Percorremos os trilhos até à doca da família.

Vejo os contornos do barco à vela e do *Glutão*, negros contra o mar iluminado pelo luar.

Bess vira-se e leva o dedo aos lábios.

PARTE SEIS

Uma Longa Viagem de Barco



Penny está dentro de água, perto do sítio onde a doca da família toca na margem. Tem água pelos joelhos. Vejo os sapatos dela na areia.

Está a lavar as mãos e a cara, a molhar a camisa branca larga e os calções de ganga, a esfregar as faces com gestos urgentes.

– Penny – chamo baixinho. – Estás bem?

– Não, não, deixa-a – diz Bess.

– Mas trouxeste-me cá abaixo para...

– Não é para isso que precisamos de ti.

Pega-me na mão e conduz-me até ao fundo da doca. A primeira coisa que vejo é a tábua que o meu pai tirou e que já não está onde ele a deixou. Agora está atravessada à nossa frente, com os pregos espetados para cima, numa fila de três.

E presos aos pregos estão vários cabelos humanos.

Passamos por cima da tábua e, na ponta da doca, está um corpo caído.

Paro.

– Está morto – diz Bess. – Tocámos-lhe no pescoço. E no pulso, à procura de pulsação. Procurámos e voltámos a procurar.

Aproximo-me um pouco mais e ajoelho-me.

É Pfeff. Alguém lhe bateu com a tábua na cabeça.

Está em tronco nu. A camisola, uma *T-shirt* cinzenta simples, está caída ao seu lado, amachucada. Tem o cinto das calças desafivelado e as calças desabotoadas, meio puxadas para baixo, bem como os *boxers*.

Calça ténis. As meias têm pequenas lagostas.

Toco-lhe também no pulso, sem saber o que mais fazer. Não sinto nada.

Ele é belo e, na morte, inspira piedade, com as feições calmas em vez de agitadas.

– Temos de ligar para o continente. Mandar vir um barco-ambulância. E talvez a polícia – digo.

– Não – diz Bess.

– Quem poderá ter feito uma coisa destas? – pergunto. – Como é que o encontraste?

– Não – diz Bess. – Não o encontrei.

O_h.

Oh.

Ela matou-o.

Bess ajoelha-se ao meu lado.

– Ele saiu de Goose Cottage com a Penny, esta noite. Eu vi-os sair. Disseram que iam dar uma volta. Mas durante o filme estavam... enfim, sempre a tocar um no outro... trouxemos *Assassínio por Encomenda* da biblioteca de Edgartown, lembraste? E a meio eles saíram. Ficámos só eu, o George e o Major. E eles foram simpáticos, mas acham que eu sou só uma miúda. E o Major disse «Não dês uísque à Bess, é de mais para ela.» E era verdade, mas eu não queria admitir. O George estava aborrecido por a Yardley se ter ido embora, mas percebi que não queria falar nisto à minha frente e já era mesmo, mesmo tarde e... eu queria saber se a Penny estava a beijar o Pfeff, para ser sincera. Não achei que fosse justo para ti, apesar de teres dito que não é nada da minha conta, e apesar de termos discutido, por isso eu...

– Bess – interrompo. – Como é que o Pfeff morreu?

Penny aproxima-se, a escorrer água.

– Ele e eu... não fiques zangada, Carrie.

Estou furiosa.

Penny sabia como eu me sentia, sabia como me deixara arrasada a sua traição, sabia porque eu lhe disse, e mesmo assim – nada disso teve qualquer importância perante a sua necessidade de ser desejada, de ser a rapariga mais bonita da casa, de fazer ciúmes a Erin, de ser a rapariga heterossexual que os meus pais queriam, de beijar um rapaz que achava giro. Tudo isso foi mais importante do que eu.

Talvez alguma parte de Penny saiba que sou apenas sua meia-irmã. Talvez ame Bess de uma forma que nunca conseguirá amar-me a mim. Talvez seja por isso que foi capaz de me fazer isto uma segunda vez.

Mas um rapaz jaz morto aos meus pés e Bess disse «Precisamos de ti», por isso engulo a minha raiva e oiço a história de Penny.

– Viemos cá para baixo para... enfim – diz ela. – Bom, ao princípio ficámos só sentados na doca a bater com os calcanhares na madeira e a olhar para o mar, mas depois começámos a beijar-nos e, de repente, ele estava em cima de mim. – Penny ajoelha-se ao lado do corpo de Pfeff. – E suponho que ele espera coisas das raparigas. Como se tivesse muita experiência, ou achasse que o sexo não é nada de especial. De repente ele estava em tronco nu e a puxar-me as calças para baixo, e a baixar as calças

dele, e eu estava... oh, meu Deus, não. Mal o conheço, não andamos um com o outro e só queria estar com ele um bocado. E ele estava, tipo... a forçar-me. Disse-lhe «não» e ele só dizia «Por favor, Penny, por favor, Penny...» – Penny está a chorar, e limpa o nariz com as costas da mão. – E fiquei confusa com o «por favor», sabes? Mas continuei a dizer «não», não lhe disse mais nada, mas depois... estúpida, estúpida... deixei-o beijar-me outra vez. E ele parecia estar em piloto automático, de alguma forma, e começou a agir como se eu não tivesse dito «não». E eu só pensava *como é que eu me safo desta situação?* E disse «não» outra vez e ele continuava a dizer «Por favor», e desabotoou as calças e eu só queria estar noutro lugar, qualquer lugar menos aqui, mas não conseguia ver como escapar. E depois a Bess apareceu e bateu-lhe com a tábua na cabeça.

Bess assente com um aceno.

– Devia tê-lo puxado, ou gritado, mas vinha a correr pela doca e a tábua estava ali e apanhei-a. Nem pensei.

Penny faz festas no cabelo de Bess.

– Salvaste-me.

– Mas agora ele está morto – geme Bess. – Está morto e a culpa é minha.

– Ele não ia parar – diz Penny. – É um cabrão de um violador.

Ficamos em silêncio algum tempo. Eu estou imóvel, sem conseguir mover-me nem falar, totalmente esmagada pela situação.

Bess vira-se para mim.

– O que havemos de fazer?

Podia ter dito: «Vamos pedir conselho aos nossos pais.»

Mas os nossos pais não eram pessoas em quem fosse fácil confiar.

Podia ter dito: «Vamos acordar os rapazes.»

Mas isso seria colocar as nossas vidas nas mãos dos amigos de Pfeff.

Podíamos ter chamado a polícia.

Mas eu não queria expor Penny às coisas terríveis que as pessoas dizem de uma rapariga que quase é violada num encontro.

Não devia ter ficado sozinha com ele.

Ela queria. Ele era giro. Não teria ido para ali com ele se não quisesse.

Só o acusou depois, para salvar a irmã. É uma ordinária e uma mentirosa.

E Bess. Tenho de a proteger do que quer que seja que acontece a crianças de catorze anos que matam alguém com pregos ferrugentos e uma tábua velha. Investigação. Julgamento. Uma instituição qualquer para delinquentes juvenis. Ou mesmo que seja absolvida, mesmo que a morte de Pfeff seja considerada moralmente justificada por parte de um júri – a exposição seria terrível.

Oh, claro, Harris pagaria pela defesa dela. Defenderia o seu bom nome até ao fim. Mas quando as pessoas sabem que alguém é capaz de matar, bom – deixa de ser um crédito para o nome da família, digamos assim.

A decisão quanto ao que fazer – nem sequer parece uma decisão. Parece ser o único caminho possível. Escolho as minhas irmãs. Escolho a segurança delas. Eu sou a protetora e vejo qual é a melhor maneira de as proteger. Não consegui manter Rosemary em segurança, mas não falharei a Bess e Penny, mesmo que isso signifique que temos de fazer coisas terríveis para além das coisas terríveis que já foram feitas.

– Bess – digo. – Vai a Clairmont, sem fazer barulho, e traz... vou dar-te uma lista. Está bem?

Ela acena afirmativamente.

Penso por um momento e depois começo:

– Uma garrafa de uísque. Um fato de banho para cada uma de nós, mais uma muda de roupa para pôr por cima... calções e *T-shirts*, qualquer coisa. E camisolas de manga comprida também. O *spray* de limpeza e um rolo de papel de cozinha. E traz comida da despensa... *Pop Tarts*, ou qualquer coisa que seja fácil de transportar. Apanhaste tudo? Repete.

Ela assim faz.

– Tens de ser absolutamente silenciosa. Enfia tudo num saco. Usa um dos sacos de

praia que estão no vestíbulo. Percebeste?

– Desculpa – choraminga ela.

– Não te descontroles agora – digo. – Não entres em pânico. Respira fundo se te sentires ansiosa. Vai.

Bess dá meia-volta e afasta-se pela doca em direção a casa.

– Penny, vai a Goose Cottage, mas antes de entrares certifica-te de que as luzes estão todas apagadas. Têm de estar todos a dormir. Espreita primeiro e vê se não está ninguém a dormir na sala. Depois entra e faz café. Não é preciso ser café bom. Interessa é que ponhas café a fazer assim que entrares. Sabes fazer café?

– Sei.

– Antes de entrares, calça-te e sacode a areia dos pés. Torce a camisola. Não quero que espalhes água nem areia pela casa.

Penny assente em silêncio.

– Muito bem, vais trazer quatro toalhas de praia. Quatro. E depois sobe ao quarto do Pfeff. És capaz?

Ela assente com a cabeça.

– Em bicos de pés, ouviste? Espreita e vê se a cama está desfeita, como se ele lá tivesse dormido. Se a Luda lá esteve hoje, o quarto deve estar arrumado. Desfaz a cama. Mesmo, desentala os lençóis em baixo, essas coisas. Está bem? Depois desarruma tudo um bocadinho, atira algumas roupas para o chão. Traz uma camisola limpa para ele. Não interessa qual. Uma qualquer, e as quatro toalhas. Enche quatro termos com café e volta.

– O que faço se o George e o Major ainda estiverem a pé?

– Espera do lado de fora. Não deixes que te vejam.

– Porque não vou antes a Pevensie? Não está lá ninguém.

– Queremos que o quarto dele fique como queremos que fique. E precisamos da camisola dele. E além disso, as toalhas e os termos têm de ser de Goose Cottage. A Tipper e a Luda conhecem tudo o que está nas casas todas.

– O que estamos a fazer? – pergunta Penny. – Não sei o que estamos a fazer.

– Estamos a *tratar das coisas de que é preciso tratar* – digo-lhe. – Como o Harris nos está sempre a dizer.

As minhas irmãs deixam-me sozinha com o corpo de Pfeff.

Não posso parar para me sentir triste ou chocada. Limito-me a agir. Dispo a camisola e enrolo-a à cabeça de Pfeff. A ferida não é grande, nem especialmente sanguinolenta, mas não quero correr o risco de que se espalhe mais sangue pela doca do que aquele que já temos de limpar. É estranho, enfiar-lhe a camisola na cabeça e enrolar e atar os braços, mas fico aliviada quando termino. Assim não tenho de olhar para a cara dele.

Enfio os braços debaixo do corpo de Pfeff e puxo-o até ao barco a motor mais pequeno. As calças de ganga dele prendem-se nas tábuas irregulares da doca. Tenho de o pousar para lhe puxar as calças para cima. Corro o fecho-éclair, aperto o botão. Afivelo o cinto.

Depois arrasto-o mais uma vez, até estar encostado ao casco do barco. Entro para o barco, estico-me, pego-lhe de novo pelas axilas e puxo o corpo para dentro. Deito-o e saio.

Levo a tábua solta até à praia por baixo da doca. Descalço-me e enrolo as calças do pijama. Entro na água e lavo-a, forçando-me a tocar nos pregos peganhentos, nos cabelos, esfregando-a até estar limpa.

Bess volta com o saco e as coisas que lhe pedi. Pulverizo a tábua com o *spray* de limpeza e passo-a de novo por água.

Depois dou o *spray* a Bess.

Ela pega no rolo de papel de cozinha e na minha lanterna. Esfrega a doca, tábua a tábua, à procura de sinais de sangue ou cabelos.

Entretanto, apanho várias pedras grandes e pesadas na praia, levo-as para o barco e pouso-as cuidadosamente lá dentro. Depois junto-lhes o resto das coisas que Bess trouxe. Espreito para o saco.

– Esqueceste-te do uísque – digo, alarmada.

Ela ergue os olhos das tábuas.

– Eu não... não sabia o que havia de trazer – diz. – O carrinho das bebidas é confuso. O *bourbon* é uísque?

– Então não trouxeste nada?

Ela confirma com um aceno. É mesmo à Bess. Se não tiver a certeza de que está a fazer algo na perfeição, prefere não o fazer.

– Preciso do uísque – digo, simplesmente. – Onde está a Penny?

– Não sei.

– Vou lá acima a Clairmont.

– Mas...

Não dou a Bess oportunidade de se queixar por ter de ficar sozinha com o corpo de Pfeff. Subo até à casa o mais depressa que posso. Entro pelo vestíbulo, com cuidado para não fazer barulho. Há caixas de bebidas brancas na adega. Devia ter dito a Bess que fosse lá, em vez de procurar no carrinho das bebidas.

Tenho de acender a luz na cave. Bess ficou com a minha lanterna.

E, quando o faço, vejo Rosemary sentada numa velha cadeira de baloiço de vime.

Ela veste *leggings* e uma das minhas *T-shirts*. Fica-lhe demasiado grande. Está descalça.

– Acabei de acordar – diz ela. – Não estive aqui sentada às escuras muito tempo.

– Assustaste-me, malmequer – digo.

– Tens as calças do pijama molhadas. O que estás a fazer?

– Eu... – Não posso dizer-lhe o que estou a fazer. Nem sequer posso dizer-lhe que vim cá abaixo buscar uísque.

– Porque é que foste à água de pijama? – pergunta ela.

– Rosemary.

– Sim?

– Porque é que *tu* estás aqui?

– Não sei! – O seu rosto franze-se. – Às vezes acordo e venho ver-te, só isso. Nunca tinha estado na cave. – Olha em volta. A cave é grande, com teto baixo. Está tudo muito bem organizado e identificado. Sob a luz forte, parece lúgubre. Os cantos continuam escuros e a tinta das paredes está estalada. – Tenho medo.

Ajoelho-me em frente da cadeira de baloiço e pego-lhe nas mãos.

– É só uma cave sinistra, está bem? Todas as caves o são. Se subirmos, verás que é uma noite como outra qualquer, com a Tipper e o Harris a dormirem no quarto de cima, e flores na mesa, e boa comida no frigorífico e a lua a brilhar nas janelas.

– Mas porque é que estás acordada? – pergunta ela. – Porque estás aqui em baixo? Porque estás molhada?

Oh, Céus. Quero consolá-la. Quero ajudá-la a sentir-se em paz. Mas não posso dar-lhe mimos a meio da noite quando estou a *esconder um homicídio*.

– Acordei – digo-lhe. – Fui dar uma volta à beira de água, para pensar. Depois ocorreu-me que podia... bom, não estou orgulhosa disto, mas pensei que se bebesse um pouco de vinho podia ajudar-me a adormecer.

– Não bebas vinho sozinha a meio da noite – diz Rosemary, chocada. – É assim que se fica alcoólico. Até eu sei disso.

– Tens razão – digo. – Tens toda a razão. E se subirmos as duas, muito caladinhas, eu tomo um banho e tu podes... não sei. Queres ler ou fazer outra pulseira da amizade?

Rosemary assente com a cabeça.

– Anda, malmequer. Queres que te pegue ao colo? Não sei se ainda consigo levar-te ao colo, mas posso tentar.

Ela estende os braços e eu pego-lhe, com as suas pernas enroladas à minha cintura.

Apagamos a luz da cave e subimos muito, muito devagar as escadas até ao meu quarto no primeiro andar.

Ligo a ventoinha, para disfarçar quaisquer sons provenientes da zona da doca. As cortinas estão fechadas.

Pouso Rosemary na minha cama e ajoelho-me em frente dela. Tenho o coração aos saltos e as mãos a tremer, mas quero que ela se sinta segura e amada, apesar do que vou fazer a seguir.

– Lembras-te quando tu e o Tomkin fizeram aquele castelo de areia enorme? Bem cá atrás, para a maré não o levar. Cercámo-lo com rochas e decorámo-lo com conchas.

– Hã-hã.

– A mãe deixou-te levar chávenas e canecas para a praia para terem muitos moldes diferentes para as torres. E vocês ficaram tão orgulhosos.

– Temos uma fotografia desse castelo – diz Rosemary. – Num dos álbuns.

– Sim. Divertimo-nos muito. Lembra-te lá. Foi um dia tão bom.

Rosemary começa a chorar baixinho.

Oh, agora não, pequenina. Não precises de mim agora.

– Porque estás a chorar?

– Nunca mais vou fazer castelos de areia – diz. – Nunca mais vou fazer outro castelo.

– Oh, meu amor. Podemos fazer um.

– Também nunca mais vou ver o Tomkin – diz ela. – Vi-o pela última vez e não sabia que era a última vez.

– Podes vê-lo – digo. Não quero dizer-lhe que Tomkin nunca mais voltará à ilha.

– Não – diz ela. – Estou aqui só para te visitar a ti. E à mãe, mas ela não me quer.

– Mas talvez te sentisses melhor se o visitasses também a ele. O Tomkin brincava contigo, de certeza, Ele gosta muito mais de jogos de tabuleiro do que eu, e podias ensiná-lo a fazer as pulseiras.

Rosemary abana a cabeça.

– Só venho a esta casa. E para te ver a ti. Já te disse. – Limpa o nariz na bainha da camisola. – É o que acontece. Não sou eu que mando. Só estou aqui.

Abraço-a. Os seus soluços abrandam. Ela funga algumas vezes.

Penso em Bess, sozinha na doca fria com um cadáver.

E Penny – onde é que está Penny? Terá voltado? Terá conseguido aquilo de que precisamos?

– Vou pôr a água a correr para o banho – digo a Rosemary. – E despir estas calças de pijama molhadas.

Ela acena.

– Está bem.

– Fica aqui sossegada e eu já volto. Tenho de aquecer e preciso do banho para ficar com sono.

– Sim.

Pego numas calças de fato de treino lavadas e numa velha camisola cor-de-rosa de manga comprida. Entro na casa de banho e fecho a porta. Ponho a água a correr mas não tapo o ralo da banheira, e não abro muito a torneira porque não quero fazer barulho nenhum que possa acordar os nossos pais.

Visto as roupas secas, calço outra vez os ténis e abro cuidadosamente a porta que dá para o quarto de Bess. Atravesso-o em bicos de pés e desço as escadas o mais depressa que posso. Atiro o pijama molhado para o cesto da roupa suja e tiro uma garrafa de uísque da adega. Depois corro a toda a velocidade para a doca, deixando o fantasma triste, isolado e carente da minha irmã de dez anos à espera que eu volte.

Para dizer a verdade, sinto-me pior em relação a esta traição do que a tudo o resto.

Bess está na doca.

– Onde está a Penny? – murmuro, quando me aproximo o suficiente para ela me conseguir ouvir.

– Ainda não voltou.

– Foste procurá-la?

– Não.

– Porque não?

– Não me disseste para ir.

– Limpaste as tábuas?

– Duas vezes.

– O que fizeste ao papel que usaste?

– Está no saco.

– Ótimo. Podemos queimá-lo depois. Espera aqui.

– Onde vais?

– Ver porque é que a Penny está a demorar tanto.

– Queres que eu vá também?

– Disse-te para esperares aqui.

– Não quero... não quero.

– Fica aqui.

Deixo-a e dirijo-me a Goose Cottage. Estou a levantar a mão para abrir o portão quando oiço.

– Pssst! Carrie!

Penny está agachada nos arbustos, ao lado do caminho. Ajoelho junto dela.

– Ainda estão acordados?

– Estavam. Finalmente subiram, mas o Major demorou uma eternidade a apagar a luz.

– A do George já está apagada?

– Estava quando fui ver. O quarto dele dá para as traseiras da casa. Temos de dar a volta para confirmar, se queremos ter a certeza de que ele não a acendeu outra vez.

– Quanto tempo é que uma pessoa demora a adormecer?

– Não muito, acho eu. Eles beberam umas duas cervejas cada um. Trouxeram-nas de Pevensie.

Damos a volta à casa. A luz de George está apagada, mas a da casa de banho está acesa.

– Achas que está lá alguém? – murmura Penny. – Ou estão só a desperdiçar eletricidade?

– Provavelmente a desperdiçar – respondo.

– Também deixaram uma luz acesa cá em baixo – diz Penny. – Mas tenho a certeza de que eles já subiram. Meu Deus, isto é horrível, não é?

– Sim.

Voltamos para onde conseguimos ver a janela de Major. Sentamo-nos no trilho. E Penny, que na realidade não quis saber dos meus sentimentos,

que só pensa em si própria –

a egoísta

e linda

Penny

pega-me na mão.

Como fazia quando éramos pequenas.

Ela costumava dar-me a mão

quando Harris estava zangado connosco,

quando tínhamos de recitar poemas para a avó e o avô,

quando Tipper se atrasava a ir buscar-nos à dança,

quando, sentadas lado a lado no barco, víamos Beechwood Island aparecer no meio do mar vazio.

Damos as mãos, agora, e esperamos.

Ouvimos passos e Bess aparece.

– Devias ter ficado com o Pfeff – murmuro.

– Vocês nunca mais apareciam – diz ela. – Fiquei preocupada.

– Está tudo bem. Eles ainda não estavam a dormir. Mas tenho quase a certeza de que agora já estão.

– Se eu ajudar, podemos entrar e sair mais depressa – diz ela. – Eu vou lá acima e trato do quarto dele. – Prende o cabelo cor do sol atrás das orelhas, com determinação.

– Será mais fácil para mim.

Isso é verdade. Bess é a única que consegue desarrumar o quarto de Pfeff sem recordar o cheiro do seu pescoço, a curva das suas faces, como lhe ficava aquela camisola, a forma como dobrava os cantos das páginas dos livros. Ela não quer saber das meias que ele comprou em Edgartown, nem da almofada onde deitava a cabeça à noite.

– Boa ideia – digo. – Penny, tu vai buscar as toalhas de praia e os termos. Eu faço o café.

E assim fazemos.

Quase parece que está tudo em câmara lenta enquanto entramos as três silenciosamente em Goose Cottage e nos separamos, Penny em direção à despensa, Bess a subir as escadas em bicos de pés, e eu a abrir o armário onde está a lata de café.

Penny alinha quatro termos em cima da bancada. Pega num saco de praia, ainda cheio de protetores solares e latas de *Coca-Cola* por abrir. Enfia quatro toalhas lá dentro. Pega-me no braço e murmura:

– Precisamos de um fato de banho?

– A Bess trouxe fatos de banho.

– Para ele. Uns calções de banho para ele.

– Não – digo.

– Porque não? Com certeza que ele devia ter calções de banho.

O café começa a pingar através do filtro para a cafeteira de vidro.

– Não.

– Mas...

– Ouve – digo. – Queres despir-lhe as calças e vestir-lhe uns calções de banho?

Ela empalidece.

– Eu também não quero – digo. – E na verdade não é preciso. Vamos prender-lhe pesos e ninguém o vai encontrar. Nem daqui a um milhão de anos. – Não me sinto tão segura como dou a entender, nem pouco mais ou menos.

– Está bem – diz Penny. – Eu confio em ti.

Olhamos para a máquina de café enquanto sibila e enche.

Bess desce as escadas. Levanta o polegar.

Quando o café fica pronto, despejamo-lo nos termos, tapamo-los e saímos. A caminho da porta, agarro ainda num pacote de batatas fritas.

Entramos no *Glutão* e afastamo-nos da doca a remo, Penny de um lado, eu do outro.

Não queremos fazer barulho com o motor.

São agora duas e meia da manhã. As luzes estão apagadas em todas as casas, exceto as que George e Major deixaram acesas em *Goose Cottage*.

Quando estamos já bastante ao largo, recolhemos os remos e ligamos o motor. O ar está frio e a água parece negra. Passado algum tempo, deixamos de ver terra e parece que o negro do céu é o negro do mar, e que estamos a flutuar no meio do nada.

Depois de nos afastarmos mesmo muito, ao ponto de parecer impossível que o corpo de Pfeff possa vir a dar à costa, desligo o motor. Baixo a âncora.

Desenrolamos a cabeça de Pfeff. Não acredito que o corpo venha a ser encontrado, mas se for, não quero que a minha camisola lá esteja.

A pele do rosto dele está fria. Fecho os olhos.

Descalçamos-lhe os ténis e as meias com lagostas e enfiamos as meias nos sapatos, tal como ele as deixaria se tivesse ido ao banho.

Pegamos nas pedras e enfiamo-las nos bolsos dele, à frente e atrás. É uma operação horrorosa. A pele dele é peganhenta e peluda. As pedras não entram com facilidade.

Temos receio de que o peso não seja suficiente para o afundar, por isso enrolamos também as pernas das calças e enfiamos as pedras mais pequenas nas dobras.

– Ele devia estar de calções de banho – repete Penny. – Se alguém o encontrar. Devíamos ter trazido uns calções de banho.

– Não adiantaria de nada, quando estamos a enchê-lo de pedras para fazer peso – explico. – Temos de fazer isso, e se alguém o encontrar será evidente o que aconteceu.

– As pedras não têm peso suficiente. Ele não vai afundar.

Tem razão.

– A âncora – digo.

Puxamo-la para cima. Está numa corrente, presa a uma corda de *nylon* amarela. Usamos o canivete suíço, o mesmo que usámos para cortar o bolo de morango há apenas quatro semanas, e cortamos o *nylon*. Depois amarramos a corda à cintura de Pfeff.

Penny para, abruptamente, e tapa o rosto com as mãos.

– Alguma coisa errada? – pergunto. Embora, claro não falem coisas erradas nesta situação.

– Não devíamos fazer isto.

– Não faz mal – digo-lhe. – Vamos acabar.

– Não consigo.

– Consegues.

Ela ergue os olhos para mim.

– Devíamos voltar para casa e contar a verdade a toda a gente. Ainda não é tarde para mudarmos de ideias.

– Não – digo.

– Eles vão compreender. Dizemos-lhes que... não sei o que diremos, mas podemos chamar a polícia e...

– Penny. – Tento falar em tom calmo e suave.

Explico-lhe, a ela e a Bess, o que acontecerá à pessoa que matou Pfeff.

Explico também o que acontecerá a Penny.

– Ele está morto – digo. – Não era boa pessoa. Só temos de ir até ao fim e desejar que nunca tivesse acontecido. Mentiremos muito bem, e depois esqueceremos o assunto. Não voltaremos a pensar nisso. Nunca falaremos no que aconteceu, e acabará por desaparecer.

– Não consigo esquecer – diz Penny.

– Claro que consegues. Como te esqueceste da Rosemary.

Penny olha para mim, chocada.

– Não me esqueci da Rosemary.

Fito-a sem dizer nada.

– Não me esqueci – insiste ela.

– É o que parece.

– Penso nela todos os dias.

Bess assente com a cabeça.

– Eu... sei que isto parece esquisito, mas eu rezo à Rosemary. Como se ela fosse um anjo, ou coisa parecida. Antes de dormir. Gosto de pensar que ela está a olhar por nós. – Estremece. – Mas agora não.

Absorvo esta informação durante um momento. Elas nunca falam sobre ela. Nem uma palavra, desde que Penny e eu estivemos no sótão, e quando gritei com Bess.

– Mas não parece que vocês as duas pensem na Rosemary, nem por um segundo – digo-lhes.

– A mãe e o pai não gostam de falar nela – diz Bess. – É demasiado. E eu tento... enfim, respeitar isso, por eles.

– Eu não gosto que as pessoas saibam como me sinto – diz Penny, simplesmente. – Sinto-me como se estivesse nua.

– Então somos capazes de fazer o que é preciso – digo, em tom firme. – Somos boas nisto.

– Em quê? – pergunta Penny.

– Representar. Passámos o ano inteiro a fingir que está tudo bem, e continuaremos a fingir que está tudo bem. Temos prática. É como se faz na nossa família. E passado algum tempo, estará *mesmo* tudo bem. Percebem?

Elas assentem com a cabeça.

– Só temos de ultrapassar esta parte, e o resto, em comparação, será fácil. *A melhor saída é sempre em frente* – digo, citando o lema do meu pai.

Bess segura na âncora.

Eu pego nos ombros de Pfeff.

Penny pega-lhe nas pernas.

Levantamo-lo e subimos para os bancos. O barco inclina-se com o nosso peso todo de um lado, mas não nos desequilibramos.

Atiramos Lor Pfefferman ao mar.

Vemos o seu corpo afundar-se.

– *Com seus ossos de coral* – diz Penny, citando Shakespeare. – *Nos olhos pérolas traz.*

Ligo o motor e afastamo-nos. Depressa perdemos de vista o local onde está Pfeff e voltamos a parar o barco.

Agora mudamos de roupa – para os fatos de banho e as roupas que Bess trouxe. Vestimos as camisolas de manga comprida por cima.

Com um isqueiro, que está sempre no barco para os nossos pais acenderem os cigarros, queimamos o papel de cozinha que Bess usou para limpar a doca. Atiramos os papéis em chamas ao ar e vemo-los desintegrarem-se em nada, centelhas cor de laranja minúsculas que pousam no mar e se extinguem.

Abro a garrafa de uísque e passamo-la entre nós, sem dizer nada.

São cerca de 03h45m.

Deitamo-nos as três debaixo de um oleado no chão do barco. Mas é difícil dormir.

– Lembram-se quando aquele amigo da mãe nos levou a acampar? – diz Bess.

– Hã-hã – digo, embora na realidade não me lembre. Tenho uma vaga memória de salsichas assadas em paus e uma mochila amarela cheia de provisões. Mais nada.

– Eu devia ter uns três anos – diz Bess. – Dormimos todas juntas debaixo de um cobertor, como agora. Eu era demasiado pequena para acampar.

– Fizeste chichi na cama – diz Penny.

– Não fiz nada.

– Oh, acredita que fizeste – diz Penny. – Acordei com a perna toda molhada do chichi da Bess. Tive de ir ao riacho lavar-me em água gelada, e a nossa cama ficou toda molhada de chichi e tivemos de guardar tudo num saco de plástico para a mãe lavar quando chegássemos a casa.

– Quem era esse tipo, afinal? – pergunta Bess. – Porque é que quis levar-nos a acampar?

– Sei lá – diz Penny. – Mas lembro-me que ofereceu à Carrie um saco de reбуçados. E disse-lhe «partilha com as tuas irmãs», mas deixou isso a cargo dela. A Carrie dava-nos dois de cada vez, como se fosse a rainha dos reбуçados.

– Buddy – diz Bess. – Era o nome dele.

– Como é que te lembras disso? – pergunta Penny, ensonada.

– O meu cérebro é mais poderoso do que tu pensas.

– Buddy Kopelnick? – pergunto, compreendendo de súbito.

– Talvez – diz Penny.

Buddy Kopelnick levou-nos a acampar. Levou-me a acampar.

– Kopelnick? – pergunta Bess.

– Sim, era esse o nome dele – digo, e as memórias começam a vir ao de cima. – Comemos salsichas espetadas em paus. Ele pôs o *ketchup* num prato descartável e nós as três enfiávamos as salsichas no *ketchup*.

– Eras para ir só tu – lembra-se Penny. – Porque eras a mais velha. Mas depois eu fiz uma birra e a mãe disse que eu podia ir também. E a Bess fez uma birra, e acabámos por ir todas. Foi só uma noite.

– Nem parece coisa da mãe, deixar-nos ir acampar com um tipo qualquer – diz Bess.

– Era um velho amigo – digo eu.

Tento recordar o rosto de Buddy, mas não consigo. Não tenho uma memória dele, na verdade. Só me lembro das salsichas assadas na fogueira e, agora que ela contou a história, lembro-me também de Penny a lavar a perna, aos gritos. Ela vestia calções de ginástica azul-claros e tinha os ténis brancos sujos à beira do riacho, ao seu lado. Lembro-me também de guardar os rebuçados cor-de-rosa para mim e dar os verdes e pretos às minhas irmãs, porque não gostava deles. Lembro-me das mãos peganhentas de Bess, viradas para cima, à espera de mais.

Mas o rosto dele não me vem à memória. É como se nunca tivesse existido para mim. Buddy Kopelnick é apenas um rosto raspado numa fotografia antiga.

Bess e Penny já deixaram de pensar nele. Estão meio embriagadas, a cantar «What Shall We Do With a Drunken Sailor?»

Estão a fazer precisamente o que lhes disse para fazerem. Como é típico dos Sinclair.

A fingir. A mentir. A esforçar-se por passar um bom bocado.

Quando o sol nasce, bebemos o café de três dos termos. Comemos as batatas fritas.

Eu conto-lhes como Rosemary e eu comemos uma vez batatas fritas ao pequeno-almoço, quando ela estava viva.

Bess quer beber mais uísque mas eu não deixo. Temos de estar sóbrias e cheirar a água do mar e a café quando voltarmos.

Em vez disso, despejamos parte do café do quarto termo para as nossas três canecas. A seguir substituímo-lo por uma boa dose de álcool, deixando contudo espaço vazio suficiente para parecer que ele bebeu pelo menos metade. Não fazemos ideia de como funcionam as impressões digitais, e devíamos ter encostado as mãos e a boca de Pfeff ao termo, mas agora é tarde, por isso limpamo-lo com uma toalha de praia e planeamos dizer que caiu à água, tapado. É por isso que as impressões digitais dele não estão no termo. Se alguém perguntar.

Comemos as *Pop Tarts*.

Atiramos a garrafa de uísque ao mar.

Limpamos muito bem o assento do barco onde o corpo de Pfeff esteve deitado, com uma toalha. Depois pulverizamos a toalha com o líquido de limpeza, ensopamo-la em água do mar e torcemo-la, estendendo-a a secar. Pegamos na *T-shirt* cinzenta e suja de sangue de Pfeff, na minha camisola e em todas as outras roupas que nós usámos ontem à noite e enrolamos tudo bem apertado em volta de uma pedra grande. Atiramos

a pedra ao mar. Demora algum tempo a afundar-se, mas acaba por desaparecer.

– Descansa em paz, camisola cinzenta de que eu mais gostava – diz Bess.

– Descansem em paz, calções de ganga preferidos – diz Penny.

– Adeus, camisola cor-de-rosa – digo eu.

É mais do que qualquer uma de nós disse por Pfeff quando este se afundou. Mas não vale a pena pensar nisso.

Depois de termos a certeza de que o barco está imaculado, damos um mergulho, para molhar o cabelo e os fatos de banho. Mais tarde, quando regressamos a Beechwood, a roupa e as toalhas estarão húmidas, como seria de esperar.

Deixamos uma toalha, a de Pfeff, bem dobrada. Amachucamos a camisola que tirámos do quarto dele e colocamo-la no chão do barco, ao lado dos ténis e das meias, como se ele a tivesse tirado para ir nadar.

Atiramos o *spray* de limpeza ao mar.

Estamos tão ao largo que nem sequer vemos terra, mas a bússola guia-nos no caminho para casa.

São 06h48m quando encostamos à doca.

Prendemos o barco e deixamo-lo todo desarrumado. Corremos pela doca, com os pés a ecoarem nas tábuas.

Encontramos Tipper, Luda e Harris na cozinha de Clairmont, que cheira a café e a bolos de canela. Eles assustam-se quando entramos de rompante.

Começamos a falar todas ao mesmo tempo. Penny chora. Bess chora. Eu choro. Fomos fazer uma Saída Matinal com Pfeff, explicamos. Uma daquelas aventuras que costumávamos fazer, para ver o sol nascer.

Pfeff levou café e
nós levámos guloseimas e
é verdade

que pensávamos que Major e George também vinham, mas não apareceram. Não sabemos porquê. Foi ideia de Pfeff, se calhar esqueceu-se de lhes dizer. Ou não acordaram.

De qualquer maneira, éramos só nós, e saímos com o barco, como de costume, só que desta vez Bess veio também.

E Pfeff estava a agir de forma estranha, como se estivesse
bêbado.

A fazer ziguezagues com o barco e muito
descontrolado, e
é verdade,

parece impossível que alguém estivesse
bêbado às seis da manhã, mas quase de certeza que ele estava
porque começou a cantar e armado em parvo.

Tentámos convencê-lo a comer qualquer coisa mas ele disse que não,
e quando ele parou o barco fomos todos nadar, como de costume.

Se calhar não o devíamos ter deixado nadar, porque claro que não se deve nadar
quando se está

bêbado
e nós costumamos mesmo ser muito cuidadosas, mas não pensámos. Bom,
é verdade

que Carrie disse: «Não mergulhes, Pfeff!» mas ele riu-se e saltou na mesma.

E fomos nadar todos e ele afastou-se bastante do barco, mesmo muito, mas estava a rir-se e parecia tudo bem, e depois Penny saiu da água.

Estava debruçada na amurada a falar com Bess quando aconteceu qualquer coisa

com a âncora. Aquela coisa de *nylon* amarela, a corda que liga à parte da corrente da âncora, estava toda desfiada, e Penny ouviu um *flop* e disse,

– Oh, meu Deus, acho que a corda se partiu.

Carrie e Bess saíram da água para ver e puxámos a âncora e nem sequer lá estava. A corda partira-se.

Estávamos todas de roda disso, e com medo que ficasse zangado connosco por perdermos a âncora, pai, apesar de não ser culpa nossa, mas

é verdade

que não tínhamos verificado a corda antes, e sabemos que devíamos ver sempre se a corda está boa antes de lançarmos a âncora, mas de qualquer maneira

é verdade

que estávamos completamente distraídas e quando olhámos para cima não vimos Pfeff.

Chamámos e chamámos e fartámo-nos de o procurar, mas nada.

Ele afundou-se.

Não o encontrámos.

Ligámos o barco e demos umas voltas à procura dele, e a chamar, mas não o encontrámos.

Pode ter sido um

tubarão, porque há

tubarões aqui, embora nunca tenhamos visto um,

ou pode ter sido apenas por ele estar

bêbado

e se ter engasgado e engolido água e não sabemos, foi ao fundo.

Chamámos e chamámos, e procurámos e procurámos e

finalmente voltámos para casa, viemos à vossa procura,

mãe e pai.

Estamos tão assustadas.

Tipper quer ligar à polícia, mas Harris não tem a certeza. Diz que não quer a polícia envolvida. Diz que devíamos ligar aos pais de Pfeff. Diz que é um assunto de família.

Ela diz que em caso de morte accidental é preciso chamar a polícia. Podem encontrar o corpo. Talvez ainda esteja vivo.

– Não está vivo – digo.

– Pode estar. Agarrado a uma boia, ou a tentar nadar para terra. Se calhar vocês é que não o viram.

– Não estava em lado nenhum – digo. – Nós procurámos.

– Não quero a polícia na ilha – diz Harris.

– Querido, por favor – diz Tipper. – Temos de fazer o que é melhor pelo rapaz.

Por fim, o meu pai acede e Tipper liga à polícia, mas o barco deles só aparece passadas três horas, e até Tipper tem de admitir que Pfeff já teria chegado a terra a nado, se houvesse alguma hipótese disso.

Ela está muito séria e calma quando vamos ao encontro do barco da polícia na doca dos empregados. São dois agentes fardados de Martha's Vineyard. Ambos homens brancos, de rosto corado. Um deles corpulento e jovem, um homem que mais parece um búfalo. O outro é esguio, de pele algo curtida, bastante mais velho, a fazer lembrar mais uma cobra.

Garantem-nos que há uma equipa à procura de Pfeff no mar. Fazem-nos perguntas sobre o local onde estávamos ancorados quando ele morreu.

Nós mentimos.

Eles aceitam o café oferecido pela minha mãe. Dizem que não precisam de falar com Major e George, Luda ou Gerrard, mas falam com os meus pais e depois connosco, eu, Penny e Bess, separadamente.

As minhas irmãs e eu temos a história bem ensaiada.

Sento-me com os agentes na sala de jantar. Sinto a pele dorida de exaustão e tenho as mãos a tremer, mas forço-me a fitá-los nos olhos.

Que horas eram quando saíram com o barco?

– Cinco e meia. – Sei que o despertador da minha mãe toca sempre às 05h45m.

Tão cedo?

– Queríamos ver o nascer do sol. – Procurei a hora da alvorada no jornal.

Mesmo assim, um bocadinho cedo para adolescentes, não?

– Já tínhamos feito isto antes – digo. – Pode perguntar aos outros rapazes, o George e o Major. Mas a verdade, senhor agente, é que planeámos esta saída matinal

ainda mais cedo do que o costume, na esperança de que a nossa irmã mais nova, a Bess, não conseguisse acordar e não viesse connosco. Ela está sempre a querer fazer coisas com os mais velhos, sabe? É uma cola.

Então a partida tão cedo pretendia ser um fator dissuasor.

– Sim, senhor.

Mas ela foi.

– Sim.

A tua mãe diz-me que tu estavas envolvida com esse rapaz, o Lawrence. Que era o teu namorado.

– Ela disse isso? – Penny, Bess e eu combinámos esta parte. – Não lhe chamaria *namorado*. Mas sim, havia alguma coisa entre nós. Uma paixoneta de verão; foi ele que me convidou para ir andar de barco com ele. – É parte da nossa história, que não havia nada de sério entre mim e Pfeff. E que ele queria fazer as pazes comigo e por isso me convidou para esta saída de hoje. Esperamos que seja suficiente para convencer George e Major.

Então encontraram-se às cinco?

– Cinco e meia. As minhas irmãs e eu levámos comida da casa grande, e o Pfeff... quer dizer, o Lor, o Lawrence... trouxe café e toalhas.

Conta-me o que aconteceu depois.

Conto-lhe a mesma história que contámos aos nossos pais. Que ele parecia bêbado. Que não o devia ter deixado ir para a água. Que pode ter sido um tubarão.

– Acha que ele se afogou?

É possível. O afogamento é uma morte surpreendentemente silenciosa e rápida. Há vários casos por ano, por estes lados.

– Foi como se tivesse desaparecido. Tão depressa.

As pessoas afundam-se em sessenta segundos ou menos. Muitas nem chegam a acenar ou a gritar por ajuda. Há uma reação fisiológica que as impede.

– Não ouvimos nada. Mas estávamos ocupadas com a âncora. A corda da nossa âncora partiu-se.

Os agentes escrevem qualquer coisa sobre a âncora.

– Ele estava a beber – acrescento. – Não tenho a certeza absoluta, mas quase. Se calhar pôs alguma coisa no termo.

Hã-hã. Temos uma equipa à procura do corpo.

– Vão mandar mergulhadores? – Dissemos aos polícias que Pfeff se afogou numa área diferente daquela onde o deixámos, a quase uma hora de distância, mas mesmo assim gostaria de saber.

Sim, uma equipa de mergulhadores.

– Oh, meu Deus. E quanto tempo é que isso demora?

Uns dois dias.

– Dizem-nos alguma coisa se o encontrarem?

Claro que sim.

Dizem que não precisam mais de mim, por agora.

Teremos de voltar a falar mais tarde. Não tenhas medo. É apenas o procedimento habitual.

Chegam outros membros da equipa à ilha. Estes vêm à paisana. Parece que vieram para analisar o *Glutão*. Do antigo quarto de Rosemary, observo-os pela janela.

Fotografam tudo. Reviram os nossos sacos e as caixas de guloseimas meio comidas. Os montes de toalhas húmidas e os pacotes de *Pop Tarts*. Vejo-os abrir cada um dos termos. Cheiram o conteúdo. Pegam na *T-shirt*, nos ténis e nas meias de Pff. Inspeccionam a corda da âncora.

Harris vai ao encontro deles, seguido pelos cães. Conversam durante um minuto. E quando ele volta para cima, em direção à casa, reparo numa coisa:

A tábua desapareceu.

A tábua, que eu borriftei com lixívia e lavei no mar.

Sei que a deixei onde estive o verão todo. Tenho a certeza.

Mas já lá não está.

Quero perguntar às minhas irmãs onde está a tábua, mas Penny, Bess e eu concordámos que hoje não falaríamos de tudo sobre o assunto. Sabemos que será tentador discutir a situação, mas alguém pode ouvir-nos. Não vale a pena correr esse risco. Choramos e deixamos a nossa mãe consolar-nos. Contamos a história, individualmente, a Major e George.

Ao final do dia, a polícia parte. Mais tarde, telefonam à minha mãe. Dizem que não conseguiram ainda encontrar o corpo, mas que no dia seguinte os mergulhadores voltarão a sair.

Os pais de Pfeff foram notificados.

Major e George fizeram planos para deixar Beechwood na manhã seguinte.

Jantamos dentro de casa, numa atmosfera pesada. Tipper põe a mesa com individuais e copos de vinho. Ela e Luda servem um simples *linguine* com molho de carne e salada.

Comemos praticamente em silêncio. Bess chora um bocadinho. Penny diz:

– Oh, por favor, de todos nós eras a que o conhecia menos bem.

Isto faz com que Bess chore ainda mais, até ter de sair da mesa.

George, com casaco de fato e cabelo penteado para o lado, como um homem de negócios, tenta fazer conversa com o meu pai, e Major, de *T-shirt* preta, olha para o prato de massa com ar infeliz e praticamente não come nada.

Mais tarde, Penny e eu vamos a Goose Cottage. Oferecemos ajuda aos rapazes para fazerem as malas. Foi Tipper que nos mandou. É responsabilidade nossa tentar fazer com que eles se sintam melhor.

George e Major não querem saber das malas. Tencionam deixar tudo para o último instante e depois arrumar as coisas de qualquer maneira. Perguntam-nos se queremos ver um filme. Aninhamo-nos os quatro no sofá, tapados com mantas de algodão macias, e vemos *Mary Poppins*, uma vez mais.

A meio do filme, Bess junta-se a nós.

– Desculpa ter sido tão má para ti ao jantar – diz Penny, surpreendentemente.

Bess aceita o pedido de desculpas com um aceno.

– É demasiado, só isso.

– É mesmo – concorda Penny. – Temos de cuidar da nossa Bess. – Faz-lhe sinal e Bess espreme-se entre mim e Penny.

– Uma sanduíche de irmãs – diz Bess.

– Pois é – digo. – Estás bem?

– Estou bem.

– Queres uma cerveja? – pergunta George, que foi ao frigorífico. – Uns aperitivos?

– Um refrigerante – diz Bess. – E os aperitivos, sim.

George mistura *pretzels* salgados com um pacote de pepitas de chocolate, cereais *Frosted Mini Wheats* e um pacote de *mini-marshmallows*.

– Aprendi mesmo a cozinhar nestas férias – diz, com ar muito sério, enquanto volta a sentar-se e dá a Bess o refrigerante.

Enfiamos todos as mãos na mistura e comemos punhados de doce e salgado. Major põe de novo o filme.

É bom não ter de falar nem fingir, simplesmente ver o filme e esquecer.

Quando acaba, os rapazes fazem um brinde a Pfefferman.

– Um tipo engraçado, obcecado com a sua pilinha, um jogador de ténis indiferente – diz George, e ergue o que será provavelmente a sua terceira cerveja. – Amigo desde o sexto ano, o rei da Friends School de Germantown, interessado em toda a gente, péssimo na vida ao ar livre, mas um marinheiro aceitável. O Pfeff não tinha medo de tubarões, mesmo quando devia ter. Fez-me rir um milhão de vezes e, por isso, estarei eternamente grato. Pfeff, meu amigo, espero que estejas feliz aí em cima. Que a cerveja seja fria e as mulheres loiras.

Major levanta-se.

– Pfeff, eras um cara de cu mas sabia-lo, e conseguiste que te amássemos por isso. Poucas pessoas o conseguiriam. Tinhas umas meias incríveis. Para ser franco, tive as minhas dúvidas em relação a estas férias, quando o George decidiu que viríamos todos para cá. Não sabia muito sobre ti além daquilo que acabei de dizer. Mas tivemos umas boas conversas, Lor Pfefferman. Penso que teríamos seguido caminhos separados em Amherst, mas aqui em Beechwood houve festas e mergulhos à meia-noite. E tivemos aquelas belas Saídas Matinais, acordar e fumar, onde apreciámos a água e o nascer do sol. Fico contente por teres aproveitado mais uma dessas manhãs e, se tinhas de ir, espero que tenha sido de uma forma radical, como um ataque de tubarão. Descansa em paz, Pfeff.

Depois olham para mim, como se esperassem que eu dissesse alguma coisa.

Levanto-me. Não me atrevi a beber álcool, com medo de que me soltasse a língua, nem tomei o meu comprimido de codeína, por medo de adormecer depois de uma noite em claro. Levanto a lata de *Coca-Cola*.

– Ao Pfeff. Era um mulherengo, por vezes um canalha, mas também um sonhador. Encantador e excelente caçador de limões. Sempre perdoado dos seus pecados por ser um tipo tão incrível. Desejamos-lhe tudo de bom no sono eterno.

As palavras azedam-me na boca, embora algumas sejam verdadeiras. Há tanto sobre ele que não posso dizer.

Era capaz de violar.

Era cruel. De coração falso. Indigno de confiança.

– Penny – diz George –, queres dizer alguma coisa?

Penny parece sufocada. Abana a cabeça.

Bess, que é sempre pessoa de fazer aquilo que é «correto» no momento, levanta-se em vez de Penny. Estou preocupada com o que ela dirá. Parece exausta e abatida. Tem o cabelo acachapado e sujo e veste a sua camisola mais quente e umas calças de ganga

velhas. Estendo o braço e aperto-lhe a mão.

Não confesses.

Não quebres.

Sê forte.

– Fico contente por te ter conhecido, Pfeff – diz Bess. – Obrigada pelas gargalhadas ao jantar e por aquela vez em que nos levaste refrigerantes frescos à praia, e por teres apanhado caranguejos com o Tomkin. Obrigada por seres tão simpático com a nossa mãe. Descansa em paz.

Volta a sentar-se. Muito bem.

George faz pipocas no micro-ondas e, uma vez que nenhum de nós sabe o que fazer a seguir, começamos a ver outro filme. *Assassinio por Encomenda*.

Pouco tempo depois de começar, Penny e Bess adormecem. Penny encosta a cabeça ao meu ombro.

A dada altura, George põe o filme em pausa para ir à casa de banho e eu viro-me para Major.

– Não gostavas muito do Pfeff, pois não?

Major hesita por um instante, corado. Depois abana a cabeça.

– Se queres mesmo saber, não. Quero dizer, estou chocado com a morte dele, e lamento muito, mas não.

– Porquê?

– Aquela confusão toda contigo e com a Penny, para começar. Foi muito ordinário. Embora, pelos vistos, tu lhe tenhas perdoado.

Assinto com um aceno.

– Ele sabia pedir desculpa – minto. – Quando queria.

– Mas tinha uma certa atitude – diz Major. – Como se tudo lhe pertencesse; como se tivesse o direito de se servir à vontade. E fez algumas piadas homofóbicas. E comentários sobre judeus, também. Era todas as coisas boas que eu disse, sim. Mas por baixo, no fundo, creio que não pensava em mais ninguém. Como se os outros não fossem pessoas verdadeiras para ele – diz Major. – Apenas brincados.

George regressa mas não continuamos a ver o filme. Acordo Bess e Penny e abraçamos as três as rapazes e dizemos,

foi um choque tão grande,

é terrível,

parece mentira que ele tenha mesmo morrido,

lamentamos muito que as férias tenham acabado assim,

adorámos tê-los aqui,

voltem a Beechwood quando quiserem –

apesar de sabermos que eles nunca mais voltarão.

.

Enquanto Penny, Bess e eu caminhamos em direção a Clairmont entre a escuridão da noite, falo-lhes, num murmúrio, sobre o desaparecimento da tábua. Elas arregalam os olhos.

Penny diz que não lhe tocou.

Bess diz que não lhe tocou.

– Foi muito estúpido tirá-la do sítio. Compreendem? – digo. – Se alguém a encontrar, escondida, será muito suspeito. Tem estado literalmente sempre no mesmo sítio desde a Caça ao Limão. Se forem dar com ela na cave, ou debaixo de uma cama, ou coisa parecida, será muito, muito mau.

– Claro – diz Penny. – Foi por isso que não lhe toquei.

Ambas olhamos para Bess. Ela abana a cabeça, com ar muito sério.

– Não a tenho – diz.

– Mas tiveste? – pergunto. – Fizeste alguma coisa com ela?

– Já te disse que não – insiste ela. – Nem sequer estive na doca.

Não podemos fazer mais nada senão voltar para casa e ir para a cama.

Tenho medo de ver de novo Rosemary, depois da maneira como a deixei e depois de tudo o que eu e as minhas irmãs fizemos ontem à noite e hoje. Mas ela não me visita e o *Halcion* arrasta-me rapidamente para as trevas.

Uns trabalhadores aparecem e desfazem a doca. Empilham as tábuas velhas e empenadas na areia e por fim levam-nas da ilha.

Reconstroem-na com o mesmo formato, um pouco mais larga, em madeira nova e reluzente. Fazem algumas reparações nos trilhos, corrimões e degraus. Enchem a ilha com o som das suas ferramentas.

Demoram quatro dias.

A minha mãe e Luda limpam Pevensie de cima a baixo. Enviam todas as coisas de Tomkin e Yardley para a morada da mãe deles, e as coisas do tio Dean para casa deste.

Harris diz-me apenas uma coisa sobre a partida do tio Dean:

– Ele e eu deixámos de estar em sintonia.

Em privado, Tipper diz que a rutura era «inevitável e o teu pai tem a razão toda do seu lado».

Gerrard, o caseiro, ficou muito afetado com a morte de Pfeff. É um homem sensível e o segundo afogamento em apenas dois anos fez com que decidisse procurar emprego no continente. Despede-se de nós com simpatia e não voltará mais.

Não tenho visto Rosemary. Não suporto pensar que a magoei. Deixei-a sozinha quando ela mais precisava de mim, depois de se ter assustado com a cave escura; quando estava triste por não poder voltar a construir castelos de areia, com saudades de Tomkin.

Ela deve odiar-me por isso. Abandoná-la provavelmente anulou tudo o que fiz durante o verão para tentar fazer com que ela se sentisse amada e segura.

Não sei como remediar o assunto. Ao mesmo tempo que desejo vê-la, tenho receio.

No dia seguinte aos trabalhos na doca estarem concluídos, Mr. e Mrs. Pfefferman chegam à ilha. Tipper ofereceu-se para embalar as coisas de Pfeff e as enviar, mas a busca pelo corpo ainda continua. Os pais dele querem vir falar com a polícia. A minha mãe sente-se na obrigação de os receber.

Harris vai buscar os Pfefferman a Woods Hole. O resto da família espera-os na doca nova. Apresentamo-nos e damos os nossos pêsames.

Mr. Pfefferman é gordo, mas em largura e linhas retas, como se o seu corpo tivesse crescido num quadrado, na forma de um feto. Tem o mesmo cabelo farto do filho e usa óculos pequenos, de armações metálicas. A mulher dele é italiana. Fala com sotaque e traz um vestido de verão preto, justo, e sapatos de salto alto. O seu cabelo é daquele castanho monocromático que vem de uma bisnaga de tinta.

O lábio de Bess estremece quando os cumprimenta.

Penny olha para os pés.

Eu fito os Pfefferman nos olhos e penso: *Ele estava a magoar a minha irmã.* Depois corrijo-me: *Ele estava bêbado logo de manhã. Nadou para longe do barco. Nós estávamos distraídas e ele foi ao fundo. Fartámo-nos de procurar.*

Tipper instala os Pfefferman em Pevensie. Goose Cottage ainda está um caos depois do furacão dos rapazes. De qualquer modo, talvez eles não queiram dormir na casa onde o filho dormiu.

Bess, Penny e eu combinamos nunca ficar a sós com os pais de Pfeff. Falaremos com eles o mínimo possível. É a noite de folga de Luda, por isso oferecemo-nos para ajudar Tipper com o jantar. Ela está a fazer mini-quiches como entrada, algo que só faz para os convidados de mais classe, em Boston. Bess, que é muito melhor cozinheira do que Penny ou eu, estende e corta a massa das quiches e coloca-as no tabuleiro de ir ao forno. O jantar é costeletas de borrego, batatas e salada de alface e hortelã. *Crumble* de amoras com natas batidas para sobremesa.

O jantar é calmo. Harris fala sobre a sua editora. Tipper e Mrs. Pfefferman discutem culinária e exercício cardiovascular e «que grande prazer» que foi ter conhecido Pfeff.

– Era um rapaz tão bem educado.

Depois de comermos, Bess e Penny pedem licença e vão para a saleta ver televisão. A mãe de Pfeff tira um álbum de fotografias da mala. É grande e está forrado com um tecido meio desbotado, num padrão de cegonhas, como se o tivesse recebido de presente para o bebé.

Levanto-me para sair. Não quero estar mais tempo do que o estritamente necessário perto dos Pfefferman, nem ver as fotografias do menino que cresceu a pensar que o corpo de uma rapariga lhe pertencia se pedisse «Por favor». Mas quando Mr. Pfefferman se levanta para ir fumar no alpendre, Tipper pega na mão do meu pai.

– Harris, fica e vê as fotografias. Eles perderam o filho – diz. Vira-se para Mrs. Pfefferman. – Também perdemos a nossa menina – diz. – O ano passado. Perdemos a nossa Rosemary neste mesmo oceano.

Fico imóvel.

Perdemos a nossa menina. Desde o funeral que ninguém dizia isso. Desde o funeral que a minha mãe não me mostrava que sentia essa perda. Mesmo quando eu toquei no assunto, tudo o que me disse foi *A Rosemary não está aqui. Todos desejávamos que estivesse.* E depois falara sobre não chafurdar no sofrimento e viver uma vida rejubilante. Mas agora aqui está ela, a abordar o assunto.

– Sim? – Mrs. Pfefferman leva a mão ao peito. – Oh, Tipper, lamento muito.

– Não, não, já foi há muito tempo. O Pfeff, quero dizer, o Lor... é muito recente. O seu choque deve ter sido terrível. Não queria pôr-me a falar sobre mim.

O meu pai pousa a mão no ombro de Tipper. Não sei se pretende consolá-la ou silenciá-la.

– Perder um filho é a pior coisa do mundo – diz Mrs. Pfefferman. – Os filhos deviam viver mais do que nós.

– Ela era tão pequena – diz a minha mãe, de voz embargada. – Adorava nadar. Nós deixámo-la ir nadar e não estava ninguém a olhar por ela. Acho que nunca me

perdoarei.

– Todos os dias sentimos a falta dela – diz o meu pai. – Isso nunca desaparece.

– Sentes a falta dela? – pergunto, com um nó na garganta. Estou estupefacta por ver que ele sente o mesmo que eu.

– Sinto.

Olho para o rosto do meu pai, tão familiar, com as mesmas linhas de sempre, mas agora vejo nele gravada uma dor que ele quase nunca revela.

– Não acredito que o Lor partiu – diz Mrs. Pfefferman, com uma lágrima a deslizar pelo rosto. – Estou sempre à espera de o ver entrar. Olhe, ele foi o bebé mais gordo que já existiu!

Sei que devia sair, mas a emoção na sala suga-me como um torvelinho. Ponho-me atrás da minha mãe e vejo Mrs. Pfefferman virar as páginas do seu álbum – fotografias do bebé Lor, a tornar-se o menino Lor, e depois Pfeff, o rapaz que conheci. A beber leite pelo biberão. Abraçado a um boneco de peluche. Sentado num triciclo com ar orgulhoso. A ler um livro de contos de fadas. A comer um *donut*.

A minha mãe chora baixinho, discreta e continuamente, enquanto se debruça sobre o álbum de Mrs. Pfefferman e exclama, em tom carinhoso:

– Oh, parece tão contente! Vê-se o quanto ele gostava de si. Meu Deus, era mesmo bonito. Que crescido! Tinha um grande sentido de humor, ele, não tinha?

Faz perguntas:

– Foi onde, esta? Aqui estaria no sétimo ou oitavo ano, não?

Mrs. Pfefferman chora menos, mas parece ávida de que cada fotografia seja admirada e apreciada.

– É muito amável – diz à minha mãe.

O meu pai senta-se ao nosso lado, com o rosto escondido nas mãos. Mr. Pfefferman continua no alpendre.

A última fotografia do álbum é Pfeff a sorrir, com a farda de finalista da escola secundária, a rir, numa festa, com um braço à volta do pescoço de George.

– Ele tinha fugido – diz Mrs. Pfefferman baixinho.

– Perdão? – pergunta Tipper.

– Saiu de casa e não nos disse para onde ia – explica Mrs. Pfefferman. – Nós... o meu marido e eu estamos a divorciar-nos.

– Oh, não sabia.

– Como havia de saber? Tem sido um ano complicado. Em casa. E o Lor estava... bom, um rapaz fica zangado quando o seu mundo se desmorona, compreende. O meu marido não me deixou ficar com a casa. E eu recusei-me a sair. – Torce o guardanapo no colo, e continua a falar em voz baixa. – O Lor não queria passar o verão em casa, no meio deste conflito, mas o pai arranhou-lhe um emprego no escritório de advogados. Muito oficial, a atender telefonemas e essas coisas, durante as férias das várias secretárias. Achámos que seria bom para ele, aprender a ter um pouco de responsabilidade antes da universidade. E depois, uma noite, tivemos... não devia dizer-lhe isto, mas tivemos uma grande discussão, eu e o meu marido. E na manhã seguinte o Lor tinha desaparecido. Nem sequer deixou um bilhete.

– Oh, não...

– Só me ligou uma semana depois, e quando me ligou disse que estava na casa de

verão da namorada do George. E que não ia voltar para casa. Disse que ia ficar aqui para sempre, nem sequer me deu um número de telefone, nada. Estava tão infeliz connosco, que simplesmente... fugiu de casa – diz. – E não voltámos a falar com ele desde esse telefonema.

– Tenho a certeza de que ele teria voltado para casa – diz a minha mãe. – Só precisava de umas férias, mais nada. Um tempo para se encontrar. Um rapaz tão bom como ele não fugiria mesmo de casa.

Mrs. Pfefferman limpa os olhos. Volta a guardar o álbum na mala.

– Vocês têm muita sorte, meninas – diz-me. – A vossa mãe é maravilhosa.

Sorrio.

– Eu sei.

– Não a entristeçam, estão a ouvir? – diz Mrs. Pfefferman. – Sejam sempre boas para ela. Quando ela for velha e tiver o cabelo branco, sejam boas para ela, tanto como agora. E quando forem para a universidade, não se esqueçam de lhe ligar e escrever.

– Está bem.

Harris levanta-se devagar, como se estivesse a despertar de um sonho.

– Vejam as horas – diz Mrs. Pfefferman. – Desculpem ter-vos roubado tanto tempo do vosso serão.

– Oh, gostei muito de ver as fotografias – diz a minha mãe. – Mais uma vez, os meus pêsames pela sua perda.

– Deixe-me ajudá-la com a loiça.

Tipper ri-se e leva a mão ao peito, com uma exclamação escandalizada.

– Nunca permitiria tal coisa – diz. – Depois de tudo por que passou. – De súbito assume de novo o seu tom animado de boa anfitriã. – Vá, vocês os dois, vão instalar-se em Pevensie. A máquina de café está preparada e deixei algumas coisas para o pequeno-almoço no frigorífico, mas se vierem ter comigo por volta das sete, os queques a essa hora já saíram do forno e temos sumo e tudo isso. Ou venham mais tarde, se precisarem de dormir mais um pouco. A polícia prometeu passar por cá antes do meio-dia.

Os Pfefferman saem. Tipper sacode-se e dirige-se à cozinha.

– Eu trato da cozinha – digo, seguindo-a. – Deixa-me fazer isso. Vai deitar-te.

Ela faz uma pausa.

– Isto é por ela te ter dito para seres boa comigo?

– Talvez.

Tipper nunca deixou nenhuma de nós arrumar e limpar a cozinha sem ela. Mas hoje abraça-me e aceita com um aceno.

– Sinto tanta falta da nossa Rosemary – diz-me, com a voz embargada. – Meu Deus, tenho muitas saudades dela.

– Também eu. – Tantas, tantas.

– Todos os dias – diz ela. – A minha menina. Todas as manhãs fico à espera de ouvir o som dos passos dela antes de me lembrar que ela nunca mais vai descer aquelas escadas. E passo pelo quarto dela quando me vou deitar e enfio sempre a cabeça para ver se ela está a dormir... antes de me lembrar que ela não está lá. Sabes, uma noite pareceu-me ver a Rosemary. Logo quando chegámos à ilha, este verão, ela apareceu no meu quarto. Parecia que tinha acabado de sair do mar, rastejado pela

praia, como se quisesse dizer-me que eu não a conseguira manter a salvo. Nem consegui olhar para aquela carinha, com o cabelo todo molhado. Era olhar para o meu pior erro, o meu fracasso mais trágico, e fiquei tão desesperadamente triste e angustiada que fugi. Foi só um sonho, ou a minha imaginação, claro, mas disse a mim própria que não podia permitir que a minha mente me enganasse daquela maneira. Não posso pensar na Rosemary e em como lhe falhei, senão desfaço-me. Às vezes, parece-me que não consigo viver sem ela – diz a minha mãe. – Como posso continuar a existir quando a minha bebé está morta? Como? – As lágrimas deslizam-lhe de novo pelo rosto. – Mas tem de ser, Carrie. Tenho de continuar. Há pessoas que dependem de mim. Há sempre mais uma tarte para fazer, ou alguém precisa de alguma coisa. Não é? E é melhor assim. O teu pai precisa de mim, vocês as três precisam de mim, a máquina de secar está avariada ou outra coisa qualquer deixou de funcionar. Todos os dias da semana temos de jantar, faça chuva ou faça sol. Mais vale estar ocupada. Ser útil. É assim que sobrevivo.

Não sei o que dizer. Não sei se é melhor estar ocupada e nunca falar das coisas.

– Desculpa. – Tipper limpa os olhos. – Às vezes vou-me abaixo. Se calhar devia ir deitar-me. Estarei melhor de manhã, prometo. Cem por cento. De volta ao normal. – Sorri-me.

Impulsivamente, abraço-a outra vez. Sou mais alta do que ela e a minha mãe parece frágil nos meus braços. É corajosa e abnegada, limitada e impotente, sempre generosa, a minha mãe.

– Vamos, Tipper – diz Harris, à porta da cozinha. – Eu levo-te para cima.

– Está tudo bem. Eu estou bem – diz ela.

– Tipper.

– Não preciso de ajuda, Harris. Estou só com uma leve dor de cabeça. Tem sido uma semana difícil.

– Nenhum de nós está bem – diz o meu pai. – Vamos para cima.

Arrumo a cozinha, colocando os restos de comida em caixas, os pratos e talheres na máquina da loiça. A toalha e os guardanapos vão para o cesto da roupa suja. Os copos de vinho têm de ser lavados à mão, bem como o tacho de ferro.

Bess e Penny não se oferecem para ajudar e eu não lhes peço. Quando estou mais ou menos a meio, elas desligam a televisão, dão-me as boas-noites e sobem.

Quero ver Rosemary.

Nunca chamei por ela, nem uma só vez, o verão todo. Ela diz que não sabe porque aparece quando aparece.

– É quando acordo. Acordo e venho visitar-te, só isso.

Murmuro o nome dela enquanto limpo as bancadas.

– Rosemary.

Seco os copos de vinho e arrumo-os.

– Rosemary, desculpa.

Preparo a máquina de café para o dia seguinte, como Tipper gosta.

– Rosemary, desculpa ter-te deixado. Desculpa.

Saio com o lixo pela porta que leva ao edifício dos empregados e ponho-o nos contentores que há desse lado.

– Rosemary, malmequer – digo, e dirijo-me ao centro da sala. – Estou envergonhada. O que fiz foi egoísta e cruel. Não sei como ser boa pessoa, às vezes. Se alguém te deixasse assim, quando estavas assustada, eu ficaria tão zangada. Odiaria qualquer pessoa que te tratasse assim, e odeio-me a mim própria por o ter feito, por favor, acredita. Perdoa-me, malmequer. Não sei se consegues ouvir-me, mas amo-te com um milhão de amores. Tenho saudades tuas. E a Penny também. E a Bess. E a mãe e o pai têm saudades tuas. – Não sei se ela consegue ouvir-me. Provavelmente não. Mas as palavras brotam-me dos lábios. Digo tudo o que tenho sentido. – Estamos a tentar continuar sem ti, mas não somos capazes. Nem por isso. Estamos a fingir que seguimos em frente mas é tudo horrível. Nós somos horríveis. A culpa não é tua, minha querida Rosemary. Não te sintas mal por isso. É só que temos de... temos de reaprender a viver, acho eu. E não é fácil.

Depois disso, fico sentada em silêncio.

Ela não aparece.

Espero, mas nada.

Depois vou à cozinha, Passo por água uma chávena de chá que ficou esquecida e limpo as dedadas do frigorífico. Apago a luz.

Quando regresso ao corredor, antes de subir, vejo que há uma luz acesa na saleta, onde temos a televisão.

Vou apagá-la e Rosemary está lá, com o seu fato de chita. Sentada no sofá, a fazer festas à cabeça dourada de *Wharton*.

– Que grande discurso – diz ela.

– Lamento muito, a sério.

– Sim, sim.

– A sério. – Ajoelho-me à frente dela.

– Está bem, mas agora acho que já não quero falar mais sobre coisas difíceis – diz ela. – Não foi por isso que vim.

– Não fui eu que te acordei?

– Não *consegues* acordar-me. Já te disse isso um milhão de vezes, Carrie. Acordo porque estou preocupada ou quero alguma coisa. Devia estar a dormir, mas não consigo.

– E porque estás acordada agora?

– Bom, dah... São onze e meia, não são?

Olho para o relógio.

– Passa um bocadinho.

– E é sábado. Certo? Pois bem, os fantasmas não conseguem dormir se nunca viram o Saturday Night Live – diz Rosemary. – É como ter assuntos inacabados.

– De certeza que *não* tens andado a assombrar-me por nunca teres visto o Saturday Night Live. Isso não é razão.

– Pois não – admite ela. – Mas toda a gente está a dormir, não é? E quero mesmo, mesmo ver. Vá lá. Vais ficar mais animada, e distraída de todas essas coisas terríveis.

Ligo a televisão, com o volume baixo, e sento-me no sofá. *Wharton* bate com a cauda. Rosemary enrosca-se a mim.

No ecrã, os Pretenders cantam «Don't Get me Wrong». Há uns *sketches* de comédia. Um tipo a imitar Reagan.

– Não percebo – diz Rosemary. – Mas é muito bom. Aposto que sou a única chita que já viu o Saturday Night Live.

Antes de a polícia chegar, no domingo, Tipper, Luda, Bess e eu passamos a manhã a limpar Goose Cottage. Penny fica a dormir até mais tarde e Harris está a trabalhar no seu escritório.

Tipper já tinha entrado na casa de hóspedes para indicar o quarto de Pfeff à polícia, mas o trabalho que foi necessário em Pevensie tem-na mantido ocupada até agora. Põe as mãos nas ancas ao ver o caos na cozinha.

– Isto é inacreditável. Como é que eles conseguiam viver assim?

– Eu vinha dia sim, dia não, tal como me pediu – diz Luda.

– Eu sei – diz Tipper. – Isto não é minimamente culpa sua. Eles é que eram uns porquinhos.

Pomos a máquina da roupa e da loiça a trabalhar, limpamos bancadas, despejamos cervejas e latas de refrigerante meio vazias para o lava-loiça. Tipper tira as cortinas para as lavar. Luda aspira debaixo de todas as almofadas dos sofás.

– Estes sofás têm de ser estofados de novo – diz Tipper. – Meu Deus, há aqui uma coisa seca... nem quero saber o que é. Por enquanto, tapa-se com mantas.

Lá em cima, paro à porta do quarto de Pfeff. As roupas espalhadas pelo chão. A cama por fazer.

Ele morreu.

Ainda não cedi a sentimentos de tristeza ou pesar. Não posso dar-me a esse luxo.

Não posso pensar em como os pais o amavam, e em como estão arrasados e perdidos. Não posso pensar que ele foi o primeiro rapaz que beijei, o meu primeiro tudo. Não posso pensar nos romances de ficção científica que ele tanto adorava, e nas suas meias ridículas, e em como se ajoelhou perante a minha mãe na caça ao limão, ou como nadou até ao meu barco de camisola vestida, ou como me beijou no baloiço. Não posso pensar em como ele se esforçou para me fazer rir, e como inventava letras parvas para as canções, e como não queria desperdiçar o luar. Um dia, ele podia ter deixado Amherst e viajado para longe, para a Itália ou o México, em busca de boa comida e aventura. Talvez tivesse arranjado emprego num restaurante, subindo a pulso até ficar à frente da cozinha, fazendo amigos para onde quer que fosse. A conquistar todos com os seus pratos no turno do jantar. A tornar belas e empolgantes as mais pequenas coisas, como ele sabia fazer.

Não. Tenho de travar estes pensamentos.

Ele estava a magoar Penny. Não ia parar. Era uma pessoa terrível. E morreu.

E depois de estar morto, não havia mais nada a fazer senão esconder o corpo,

como nós fizemos. Era a única saída. E agora temos de viver com isso.

O meu trabalho, agora, é forçar-me a acreditar na história que contámos, deixar essa história apagar aquilo que realmente aconteceu, como as ondas do oceano a apagar marcas na areia. Ele não era um *moonlight boy*¹, ridiculamente belo, e também não era uma pessoa terrível. Era um rapaz giro com quem eu me envolvi um bocadinho. Uma paixoneta. Um amor de verão. Bebeu de mais, foi nadar e foi engolido por um tubarão. Que história tão triste. Estou chocada por ele ter morrido, e abalada, mas não o conhecia assim tão bem. É esta a minha história.

De súbito, ocorre-me que Pfeff pode voltar. Pode sair do mar, de gatas, sem camisola, a pingar. O seu fantasma pode regressar a esta ilha assombrada para – para quê?

Para pedir desculpa?

Para se vingar de mim e das minhas irmãs?

Para voltar a magoar Penny?

Percorre-me um arrepio.

Fecho a porta do quarto de Pfeff e desço a correr, para a segurança e azáfama do trabalho de limpeza. Sem que Tipper precise de pedir, ajoelho-me e esfrego os sítios pegajentos no chão da cozinha.

.

Mais tarde, quando a casa de hóspedes está de novo em condições de receber pessoas, a minha mãe e Luda vão a Pevensie à procura de mantas. Eu regresso sozinha a Clairmont. Estou a passar pela escada da Praia Pequena quando oiço um som, trazido pelo vento. Quase como uma voz, a sussurrar.

Uma canção de *Mary Poppins*.

.

Cometam crimes, ninguém fica vivo

Estudem matemática! Marquem o ritmo.

¹¹ Personagem da série de *anime Berserk* que aparece em noites de lua cheia e desaparece na manhã seguinte.
(N. do E.)

A tremer, desço lentamente os degraus.

A frase repete-se, tão baixinho que mal a consigo ouvir. Talvez esteja a imaginar coisas.

Cometam crimes, ninguém fica vivo
Estudem matemática! Marquem o ritmo.

Quando chego à praia, vejo Pfeff do outro lado da enseada. Está de pé à beira de água, a olhar para o mar. Veste os calções às riscas e a *T-shirt* do Live Aid. Tem as mãos atrás das costas.

Vira-se quando ouve os meus passos na areia.

– Carrie. Estava com esperança de que fosses tu.

– Não voltes aqui, Pfeff – digo bem alto. – Não te queremos.

– Lamento, Carrie – diz ele. – Podemos falar?

– Tens de ir. Não podes assombrar esta ilha. – Rosemary nunca visitou a nossa mãe depois de ela a ter mandado embora. Nem uma vez. Se eu o mandar embora, acho que ele irá.

– Vim pedir desculpa – diz ele.

– É tarde de mais para isso.

– Vi a minha mãe ontem à noite, em Pevensie – Pfeff aproxima-se, através da água. Tal como Rosemary, parece vivo e sólido. Franze os olhos sob o sol. – Tinha de me despedir dela – continua. – Ver se ela está bem.

– Está bem.

– E... ela fez-me ver que tenho muito por que pedir desculpa.

– Falaste com a tua mãe?

– Para a fazer sentir melhor. Sim. Ela fez-me ovos mexidos e torradas.

– E o que é que te lembras de como... de como morreste?

– Muito pouco, para dizer a verdade. Estava... estava com a Penny. Estávamos os dois bêbados. Por causa disso, as memórias são todas meio turvas. E depois uma dor forte na cabeça. Acho que gritei. Tinha sangue nos olhos. E de súbito ficou tudo escuro e silencioso. Como um longo sono. Na verdade, depois disso senti-me confortável. Como se estivesse a repousar.

É o que Rosemary diz, também. Que é confortável. Que a morte propriamente dita

não doeu.

– Depois voltei a acordar, ontem à noite – continua Pfeff. – E dei por mim na praia. Tipo, com os pés mesmo na areia. Tinha fome e tudo. Foi tão estranho. Pensei, *parece-me que estou aqui por uma razão qualquer*. E dirigi-me a Pevensie porque me parecia que era para onde queria ir. A minha mãe estava sentada no alpendre, a olhar para a noite. Deviam ser umas duas da manhã. Por isso falei com ela. Queria que soubesse que a amo, essas coisas. Estava com receio de que ela não soubesse, porque passámos praticamente o verão todo zangados. Por isso disse-lhe, e estivemos só ali algum tempo juntos. Conversámos, eu contei-lhe como foi o verão, como foi estar a viver em Goose Cottage com o George e o Major. As coisas que fizemos. E falei-lhe sobre nós os dois.

– O que é que lhe disseste?

– Que acabou mal quando eu me envolvi com a Penny.

– Ótimo.

– Ela fez muitas perguntas e... fez-me pensar em como tu te deves ter sentido. Com tudo o que aconteceu. E estou mesmo arrependido. Lamento ter magoado os teus sentimentos.

Devia bani-lo. Tenho de o fazer, para que as minhas irmãs e eu possamos manter a nossa teia de mentiras. Pela segurança de Penny e Bess. Mas desde que vi Pfeff pela primeira vez com Penny que queria que ele pedisse desculpa.

– Percebo que deves ter ficado de rastos – diz Pfeff. – E que provavelmente te levei a pensar que as coisas eram diferentes. E que a Penny não foi a melhor pessoa com quem... enfim, eu estava errado. – Estende as mãos na minha direção. – Podemos pedir desculpa um ao outro e enterrar o assunto?

Espera aí.

– Queres que eu te peça desculpa? – pergunto.

– *Eu* estou a pedir desculpa – diz ele. – Portanto, sim. Também me deves um pedido de desculpas, não achas?

– Não.

– Eu acho que sim. E a Penny. A Penny é confusa, sabes. Num minuto, é toda *anda cá e vamos ficar sozinhos e eu sei do que os rapazes gostam*, e um minuto depois já mudou de ideias. Não leva em conta que um tipo pode estar bêbado ou acelerado, ou lá o que for, e ela diz que não... mas não parece mesmo querer dizer «não», e agora tu decidiste que eu sou uma pessoa terrível. O problema é esse, não é? Que a Penny disse-te que eu sou terrível?

Olho para ele.

– Por acaso ocorreu-te que a Penny também fala mal de ti pelas tuas costas? – continua ele. – Ocorreu-te que eu não me teria envolvido com ela se ela não se tivesse atirado a mim declaradamente? Que foi ela que me pôs naquela situação?

– Deixa-nos – grito, com as palavras a explodirem de mim. – Não te quero aqui.

– Não estás arrependida? – grita ele. – Não estás nada arrependida?

Diz que não

mas não parece mesmo querer dizer «não», disse ele.

Não leva em conta que um tipo pode estar bêbado ou acelerado,

ou lá o que for.

Foi ela que me pôs naquela situação.

– Não, Pfeff – digo-lhe. – Não estou arrependida. De nada. Nem um bocadinho.

Neste momento, não me interessa que a mãe goste dele. Não me interessa se ele tem os seus lados bons. Ele estava a magoar Penny e a minha lealdade é para a minha irmã, o que quer que ela possa ter feito.

– Carrie – insiste ele. – Eu, tipo... voltei dos mortos para falar contigo. Não queres pedir desculpa? Por teres ficado tão zangada, e virado a Yardley contra mim? E o George? Ele e eu tivemos uma discussão enorme por tua causa.

– Não quero saber mais nada de ti, Lawrence Pfefferman – digo. – Não podes voltar e tentar convencer-nos de que *o Pfeff é excelente*. Não há como nos convencer.

– Mas...

– Não. Não podes pedir desculpa. Nem a mim, nem à Penny. De qualquer maneira, não te perdoamos.

– Tu querias falar comigo – diz ele. – Estávamos aqui mesmo. Lembras-te? Suplicaste-me.

– E tu não quiseste saber.

– Vá lá. – Parece chocado, e dá um passo na minha direção.

Levanto a mão para o deter.

– Já nada do que possas fazer importa. Não és bem-vindo aqui. Afasta-te da minha família.

Ele fica a olhar para mim.

– Estou a falar a sério – digo.

Pfeff encolhe os ombros.

– Vais sentir-te tão mal por causa disto mais tarde – diz. – Vais desejar ter pedido desculpa. Vais desejar que tivéssemos feito as pazes.

– Não, não vou. Desaparece e não voltes mais.

Pfeff entra pelo oceano. Quando a água lhe chega à cintura, começa a nadar. Nada para além das rochas escarpadas, para fora da enseada, em direção ao mar alto.

Sigo-o com o olhar até deixar de o ver.

.

Quando o barco da polícia chega, são os mesmos dois agentes que cá estiveram antes. Vieram para falar com os Pfefferman, mas reunimo-nos todos na sala de estar em Clairmont, quase como se fosse um lanche. Tipper serve bebidas quentes e torradas com manteiga.

É o agente mais velho que lidera a conversa. Explica que mergulhadores e equipas de salvamento em barcos têm procurado na área desde o «desaparecimento» de Pfeff. Por vezes os corpos são recuperados depressa, quando se afogam em águas pouco profundas, diz ele. Ou se estão numa zona delimitada, como um lago. Mas em águas profundas, em água muito fria, é comum que o corpo não venha à superfície. Consoante uma variedade de fatores, o corpo pode boiar ou não.

Numa situação como esta, um ataque de tubarão é, sem dúvida, uma possibilidade.

– É bem conhecida a presença de grandes tubarões brancos nas águas de Cape

Cod. Têm um padrão migratório.

– Vão continuar com as buscas? – pergunta Harris.

O agente abana a cabeça.

– Lamento muito dizer que a busca está encerrada – diz. – Se querem saber a minha opinião, eu diria tubarão.

Mrs. Pfefferman desata a chorar. Mr. Pfefferman passa-lhe um braço pelos ombros.

Penny, Bess e eu levantamos as chávenas, limpamos a mesa e deitamos para o lixo as torradas que não se comeram.

Mais tarde, depois de Harris ir levar os Pfefferman ao continente com as coisas de Lor, Tipper bate à minha porta.

Ela não entrou no meu quarto o verão inteiro. Senta-se agora na minha cama desfeita. Constrangida, começo a apanhar roupa suja do chão e a pô-la no cesto. Endireito os objetos em cima da cómoda.

– Sei que deves estar arrasada – diz Tipper depois de um curto silêncio. – Mas estás a aguentar-te tão bem. Queria só dizer-te que acho que estás a reagir maravilhosamente.

– Obrigada. – Não sei bem o que ela quer dizer.

– Ele era um rapaz fantástico. Impetuoso e inteligente e divertido... tudo o que uma rapariga pode desejar, na verdade. O teu pai gostava muito dele. E Amherst... é uma universidade muito boa – diz ela. – Via-se que vocês os dois estavam felizes um com o outro.

Parte de mim quer desesperadamente confidenciar-lhe a verdade. Podia contar-lhe que o encontrei com Penny. Podia partilhar como ele foi frio e cruel, deixá-la perceber como me partiu o coração. Ela havia de me reconfortar. Podia aninhar-me nos seus braços e voltar a ser uma bebé, aquela que precisa de mais cuidados. Podia tornar-me a prioridade, como quando tive a infeção no maxilar.

Mas não acabaria a história toda por vir ao de cima? Se lhe contar uma coisa, não lhe contarei o que aconteceu a seguir? As comportas da represa não rebentaram? Não posso sobrecarregar a minha mãe com a história de um homicídio e um encobrimento. O mundo dela cairia por terra. Podia nunca nos perdoar.

Mesmo que conseguisse contar-lhe apenas como a minha relação com Pfeff terminou, mesmo que conseguisse dizer-lhe apenas que ele não gostava de mim e contar-lhe como ele me tratou, sei que seria insensato. A história da morte dele está dependente de toda a gente acreditar que ele tinha pedido desculpa e que tínhamos decidido ir andar de barco com as minhas irmãs logo de manhã. Assim que as pessoas começarem a questionar essa parte, tudo o resto parecerá suspeito.

De qualquer maneira, Tipper não está a perguntar-me se estou bem. Está a dizer-me que me portei muito bem a fingir que está tudo bem. Ela pensa que o mar me roubou o meu primeiro amor e não sabe mais nada, mas quer que eu continue a manter as aparências.

– Estou triste, mas as coisas não eram assim tão sérias entre nós – digo. – Só uma paixoneta de verão, antes de ele ir para a universidade. – É a mesma mentira que

contei à polícia. – Nem lhe chamaria namorado, na verdade.

– Oh – diz ela. – Compreendo.

– Sabes que gosto mesmo é do Andrew, em North Forest. – Outra mentira. Não há Andrew nenhum.

– Oh, sim, não sabia que ainda havia alguma coisa com o Andrew – diz, e franze ligeiramente a testa.

– Espero que sim – digo-lhe. – É o jogador de futebol, lembras-te?

Ela assente com a cabeça e mexe na minha colcha de retalhos.

– Esta colcha precisa de um remendo. Queres que a leve para baixo para tratar disso?

– Pode ser – digo. – Obrigada.

– Fiz a tarte de chocolate de que tu gostas – diz-me, enquanto dobra a colcha. – A que estás sempre a dizer que dá demasiado trabalho.

Sei que ela está a tentar cuidar de mim, da única maneira que sabe.

Penny rói as unhas até ter os dedos quase em carne viva. Bess leva garrafas de vinho para o quarto, à noite. Eu aumento a minha dosagem e passo horas a dormir à tarde.

Já não jantamos na grande mesa de piquenique. Parece demasiado vazia.

Não estamos bem, mas instalamo-nos numa vida sossegada.

Passa uma semana. Depois outra.

Rosemary visita-me de vez em quando, sem motivo que eu consiga identificar, exceto por estar entediada. Ou por se sentir sozinha.

Harris vai uns dias a Boston, tratar das coisas no escritório. Quando volta, recebemos a visita do seu advogado, Richard Thatcher, que passa uma noite em Goose Cottage e vai passear com ele no barco à vela.

Um dia, vamos todos a Edgartown ouvir um violoncelista famoso num concerto noturno na igreja de Old Whaling. É simultaneamente enfadonho e belo. Compramos bolo de chocolate e comemo-lo na longa e fria viagem de barco de regresso à ilha.

Yardley liga-me no dia seguinte.

– O George voltou com o rabinho entre as pernas depois de o Pfeff morrer, mas eu não o aceitei de volta – diz Yardley. – Passámos três dias a discutir e em lágrimas, para basicamente ficar tudo como estava.

– Meu Deus.

– Ele agora está a trabalhar como monitor no campo de férias, durante o mês de agosto. – Suspira. – Adoro aquele cara de cu parvo, mas se ele não tenciona acreditar em mim, francamente não quero nada com ele. Além do mais, como podíamos manter uma relação agora, que vamos para a universidade? À distância? Para mim, acabou-se. Quero pôr isto tudo para trás das costas. – Yardley faz uma pausa e depois diz: – E isto do Lor Pfefferman... Que descanse em paz. Não o viste mesmo ir ao fundo?

– Não vi mesmo.

– Nem deste por uma barbatana de tubarão, nada?

– Nada.

– E porque é que andavam no mar tão cedo? – pergunta Yardley. – Não consigo deixar de pensar nisso, para ser franca, Carrie. Depois de ele e a Penny...

Eu sabia que esta pergunta surgiria. Foi por isso que não liguei a Yardley. Além de Penny e de Pfeff, ela é a única que viu como eu estava perturbada.

Digo-lhe a mesma mentira que disse à polícia. E a Tipper.

– Não diria que éramos *namorados*. Foi uma paixoneta de verão. De qualquer maneira, eu gosto de um rapaz em North Forest. Por isso, quando ele pediu desculpa,

decidi aceitar. Não valia a pena tanto drama.

– Não – diz Yardley secamente.

– O quê?

– Vocês estavam juntos. Tu e o Pfeff. Davam as mãos enquanto víamos televisão, e deitavam-se na rede juntos, e estavam constantemente a escapulir-se para ficarem sozinhos. Isto durou semanas, Carrie, e sei que nunca tinhas tido ninguém antes. Pelo menos foi o que me disseste, não foi?

– Sim.

– E depois de estar totalmente envolvido contigo durante semanas, aquele filho da mãe, paz à sua alma, aquele estúpido filho da mãe envolveu-se com a falsa da tua irmã sem sequer se darem ao trabalho de procurar um lugar escondido. Foi uma das piores coisas que já vi alguém fazer *seja a quem for*. E acho que não devias ter de fingir... pelo menos comigo... que o Lor Pfefferman era um santo, ou mesmo um tipo decente, só porque morreu, Carrie. Ele era um cabrão, um filho da mãe traidor, e nunca lhe perdooarei, nunca, aquilo que te fez, quando tinhas o coração tão aberto. Tu serias incapaz de magoar alguém dessa maneira.

– Eu sei – digo.

Gosto tanto de Yardley.

Pergunto de novo por George, e pela cerimónia em memória de Pfeff, e pelas compras para a universidade, e consigo pôr fim à conversa sem lhe explicar porque decidi ir andar de barco com Pfeff e Penny.

Tinhas o coração tão aberto (disse ela).

Serias incapaz de magoar alguém (disse ela).

Aquele filho da mãe envolveu-se com a falsa da tua irmã
uma das piores coisas que já vi alguém fazer *seja a quem for*
um cabrão, um filho da mãe traidor

nunca lhe perdooarei

vocês estavam juntos

nunca tinhas tido ninguém antes

acho que não devias ter de fingir

serias incapaz de magoar alguém.

Todas estas palavras de Yardley ecoam agora nos meus ouvidos. Misturam-se e confundem-se enquanto conto a história ao meu filho, Johnny.

Johnny está sentado na minha cozinha em Beechwood, a pedir-me que o ajude a compreender a família, a pedir-me que o ajude a compreender como é a minha relação com as minhas irmãs, a pedir-me que o ajude a compreender a sua própria vida ou morte. *Não se metiam em sarilhos? Sexo? Homicídio? Mergulho? Diz-me. Qual foi a pior coisa que fizeram? Vá, conta tudo... A pior de todas as coisas que fizeram nessa altura.*

Devo-lhe a verdade. Devo-lhe tudo.

Se não parar de mentir, temo que ele e os amigos nunca consigam repousar.

As palavras de Yardley brotam-me dos lábios enquanto conto a história, cada vez mais confusas.

Misturam-se, repetem-se, assumem novas formas.

Tornam-se

palavras de que preciso para viver.

Acho que não devias
ter de fingir
não finjas
não finjas
não finjas
Não finjas que serias incapaz de magoar alguém.

•

Não finjas que serias incapaz de magoar alguém.

PARTE SETE

A Fogueira



Não tenho sido sincera.

Até aqui, fiz o que faço sempre – que é contar uma história sobre a família na qual eu, a mais velha, sou a salvadora das duas irmãs mais novas numa situação de aflição.

Mas, na verdade, foram elas que me salvaram.

Eu avisei, no princípio desta história, que sou uma mentirosa.

E expliquei que me é difícil, quase impossível, contar esta história com honestidade.

Ela não quer sair, depois de estar enterrada tantos anos, mas repetir as palavras de Yardley a Johnny mudou algo em mim.

Yardley falou com tanto amor e indignação.

Ela foi a única que viu como Pfeff e Penny me magoaram. A única pessoa que me disse que sim, que fazia mal, que eu não merecia, que ele *estava comigo*. Ela foi testemunha dos meus sentimentos.

.

Não finjas que serias incapaz de magoar alguém.

.

Agora, que o meu décimo sétimo verão foi há tantos, tantos anos, acredito que estou finalmente a ser castigada por tudo o que fiz.

O meu castigo foi a morte de Johnny. E morreram mais pessoas.

Estas mortes nunca podem ser anuladas. A perda é um desfiladeiro, uma garganta rasgada na terra, coberto de pedras e estriado em camadas de barro e solo. Sou atirada para esse desfiladeiro e nunca mais conseguirei sair. Tenho de viver até ao fim dos meus dias com esta perda.

E é o que mereço.

.

Contei a história da virtuosa Cinderela e das indignas

antipáticas
irmãs não biológicas,
as meias-irmãs que cometem atos violentos por inveja, cortando os
calcanhares e os dedos dos pés.
Contei também a história das moedas roubadas, na qual uma
filha culpada
não consegue descansar e vive depois da morte, em agonia
porque o seu crime lhe manchou a consciência.
E contei a história do Senhor Raposo, na qual uma
pessoa que parece adorável
tem uma grande casa e
acaba por se revelar um assassino.
Eis a verdade sobre o que aconteceu na noite em que Lor Pfefferman morreu.

Acordei do meu sono de *Halcion* à uma da manhã, como disse antes. Mas não por Bess ter aberto a porta do meu quarto.

Ninguém precisava de mim.

Acordei gelada e levantei-me para beber água e desligar a ventoinha no parapeito da janela. Estava com os pensamentos desconexos porque tomara mais comprimidos do que o habitual.

Ouvi uma voz lá fora. Um som baixinho, do outro lado da janela aberta.

Dizia:

– Por favor, Penny. Por favor.

Pfeff.

Compreendi imediatamente. Penny escolhera Pfeff em vez de mim, pela segunda vez. O «Por favor» que ele me dissera em tempos, estava agora a dizer a ela.

Pensei então, como já disse antes, que Penny

sabia como a sua traição me magoara da primeira vez, ela

sabia como me fizera sentir devastada e destruída, ela

sabia porque eu lho dissera, e mesmo assim,

nada disso teve qualquer importância perante a sua necessidade de ser desejada, de ser a rapariga mais bonita da casa, de fazer ciúmes a Erin, de ser a rapariga heterossexual que os meus pais queriam, de beijar um rapaz que achava giro –

tudo isso era mais importante do que eu.

Eu não era irmã dela, não completamente. E ela sentia-o. Eu estava convencida disso. Sei agora que esta é uma ideia falsa, que as famílias se fazem e conquistam e não têm de ser construídas sobre alicerces biológicos, mas no momento pareceu-me inegável. Eu não era suficiente. Não era sua verdadeira irmã. Não era merecedora sequer de um pouco de autocontrolo.

Desci as escadas e saí pela porta do vestíbulo.

Corri pelos trilhos até à doca da família. Aí, vi os contornos do barco à vela e do *Glutão*, negros contra o mar iluminado pelo luar. E ouvi Pfeff, outra vez.

– Por favor, Penny.

Estava tão zangada com ele por a desejar, e tão zangada com *ela*, por se voltar a aproximar dele. Como pudera fazê-lo? Depois de a Erin já se ter ido embora. E ela pedira desculpa, embora sem grande convicção. Depois de ver a dor que causara.

Quando peguei na tábua,
e quando a brandi,
uma e outra vez,
com todas as forças dos meus braços de atleta,
quando a brandi,
com a cabeça a girar num turbilhão de ciúmes e raiva,
não sabia se estava a atacar
Pfeff, o rapaz
que me trocara pela minha irmã,
que se recusava a pedir desculpa e até a falar comigo, ou
se estava a atingir
a minha irmã, a minha adorada irmã,
que tivera tantos namorados,
que era na realidade
a primogénita
do nosso pai,
que sempre fora a
beldade da família e
que nunca, nunca hesitou em se apoderar do que devia ser
meu.
Foi Pfeff que matei. Mas podia ter matado Penny com igual facilidade.
Eu sou a meia-irmã terrível e ciumenta da Cinderela.
Eu sou o fantasma cujo crime não foi punido.
Eu sou o Senhor Raposo.

O lhei para baixo, para aquilo que fizera, e vi Pfeff caído na doca. Estava em tronco nu. A *T-shirt* cinzenta lisa estava amachucada no chão. Tem o cinto desafivelado e as calças de ganga desabotoadas, meio puxadas para baixo, bem como os *boxers*.

Calçava ténis. As meias tinham pequenas lagostas.

Toquei-lhe no pulso, sem saber o que fazer.

Não havia pulsação.

Penny fugira pela doca fora, até à areia. Estava dentro de água até aos joelhos, a esfregar as mãos e a cara como se quisesse acordar de um pesadelo.

Quando me virei para ir ter com Penny, Bess apareceu ao fundo da doca.

– Vim ver – disse baixinho, quando cheguei perto dela. – Eles disseram que iam dar um passeio.

Apercebi-me de que ainda tinha a tábua na mão. Deixei-a cair.

Penny saiu da água e aproximou-se de nós.

– A Carrie salvou-me – disse. – Não sei o que viste, Bess, mas o Pfeff... de repente estava em tronco nu, a puxar-me as calças, a despir as dele.

Contou-nos tudo, sobre o *Por favor, Penny*, e como se sentira assustada, e depois explicou que eu viera em auxílio dela.

E enquanto isto, eu só pensava *Tentei matar a minha irmã*.

Terei tentado matar a minha irmã? Saberia o que estava a fazer? Ou queria apenas matar Pfeff?

Não tinha resposta na altura. E ainda não tenho. Mas de uma coisa estou certa:

Não estava a tentar salvar Penny.

Enquanto ela falava, contava a história a Bess, apercebi-me de que me via como a heroína. A protetora.

Ela abraçou-me.

– Desculpa, Carrie. Lamento muito. Não te mereço. Estou tão contente por teres aparecido.

Dos meus pecados, fui libertada pela minha irmã, carinhosa, penitente e grata.

Depois disso aconteceu tudo tal como contei.

Fomos buscar as coisas a Clairmont. Preparámos o barco e esfregámos a doca.

Voltei para ir buscar o uísque e encontrei Rosemary na cave. Abandonei-a na sua hora de necessidade para terminar o encobrimento do homicídio de Lor Pfefferman.

Tivemos de esperar junto de Goose Cottage que Major e George se fossem deitar.

Penny deu-me a mão.

Bess lidou com o quarto de Pfeff. Eu fiz café.

Foi um choque testemunhar a lealdade incondicional das minhas irmãs. Eu sabia que era apenas metade delas, apenas meia-Sinclair, mas elas ficaram do meu lado nesta crise como se as três fossemos uma só. Como se me considerassem heroica e boa.

Levámos o barco até ao largo.

Prendemos a âncora ao corpo dele para fazer peso e entregámo-lo ao mar.

Queimámos o papel de cozinha e falámos sobre o acampamento com Buddy Kopelnick. Dormimos um pouco, sob as estrelas.

Voltámos para casa e mentimos.

Duas semanas depois da morte de Pfeff, quando já só estamos nós os cinco e os empregados na ilha, os meus pais organizam a Noite da Fogueira.

É algo que fazemos todos os anos, em agosto. Sem qualquer motivo especial. Depois de jantar, descemos à Praia Grande e queimamos coisas. Jornais velhos e exemplares antigos da *New Yorker*, receitas cortadas de revistas que Tipper já não quer, os cartões do jogo Quem Sou Eu, coisas desse género.

Fazemos sanduíches de *marshmallows* e chocolate, em bolachas de água e sal, cantamos canções de quando Tipper e Harris eram novos. «Show Me the Way to go Home». «Hot Time in the Old Town Tonight». «Be Kind to your Fine Feathered Friends».

No meu quarto, no dia da fogueira, encontro um caderno velho, que usei para escrever e desenhar quando era a rapariga que fora antes. Nele, escrevo:

Eu, Caroline Lennox Taft Sinclair, matei Lawrence Pfefferman.

Eu matei Lawrence Pfefferman.

Eu matei Lawrence Pfefferman.

Escrevo-o uma e outra vez, até as palavras cobrirem várias páginas. Depois levo o caderno comigo para a Noite da Fogueira.

Enquanto queimamos as velhas *New Yorker* de Harris e os retalhos de tecido de Tipper, enquanto entoamos as canções palermas que cantamos juntos desde a nossa infância, atiro o caderno para as chamas.

É a única vez que o direi, penso comigo própria.

Queimei a confissão.

Acabou-se.

E nunca mais conto a ninguém, até agora.

*

Muitas pessoas cometem crimes quando são jovens. Atos violentos, transgressões graves. Em muitos estados, depois de a pessoa atingir a maioridade, pode selar o seu cadastro juvenil. Noutros, esses registos podem mesmo ser eliminados.

A ideia é que podemos ser perdoados pelas coisas terríveis que fizemos quando éramos crianças. Que há redenção possível, se tivermos a oportunidade de começar de novo.

Não sei se Pfeff se teria redimido. Por vezes penso nele como incorrigível – acredito que ele teria tomado o que queria de Penny e de inúmeras outras raparigas depois dela, se não tivesse sido travado. *Diz que não, mas não parece mesmo querer dizer «não».* Não leva em conta que um tipo pode estar bêbado ou acelerado, ou lá o que for.

Penso, então, que nada alguma vez o ensinaria a distinguir o certo do errado. Tipos como ele vão para a prisão ou governam o país, e em nenhum desses casos se tornam mais do que violadores que se consideram apenas uns malandros.

Outras vezes, penso no seu profundo amor pela vida, no seu entusiasmo e generosidade, na sua vergonha e nas suas pequenas amabilidades. E penso que ele podia ter vindo a ser um bom homem.

Seja como for, não acredito que merecesse morrer.

Sei que ele era capaz de coisas terríveis.

Mas o mesmo é verdade em relação a mim.

.

A polícia aparece mais uma vez antes do fim do verão. Apertam a mão do meu pai como se fossem velhos amigos, quando ele e eu os vamos receber à doca. Subimos todos até Clairmont, onde Tipper oferece bebidas frias e bolo acabado de fazer. Bess e Penny descem, para ouvir a conversa e para serem decorativas.

Os agentes dizem-nos que o estatuto de Pfeff é agora Desaparecido, Presumivelmente Morto. Uma vez que foi visto pela última vez a nadar no mar alto, explicam-nos que podem «presumir a morte» sem ter de esperar mais tempo.

Tipper diz que a família dele já organizou uma cerimónia fúnebre.

A polícia diz que isso acontece com frequência. As famílias precisam de algo que assinale o fim. As comunidades precisam de fazer o luto.

– Devíamos ter ido – diz Penny, e parece perturbada. – Não nos disseram nada.

– Não podíamos ir – responde o meu pai secamente.

– A Yardley foi – digo. – Ela já me tinha contado.

– Podíamos ter ido a Filadélfia. – Penny é uma excelente atriz.

– Era uma grande complicação – diz Harris. – E os Pfefferman não nos queriam lá.

Somos um lembrete de carne e osso.

– Eu mandei flores – diz Tipper. – Não te preocupes.

Depois de os agentes saírem, o meu pai pede para falar comigo no seu escritório.

O escritório é uma sala espaçosa nas traseiras da casa, no piso térreo, decorada com objetos masculinos que, suponho, poderiam ser descritos como troféus: aqueles *cartoons* originais da *New Yorker* emoldurados, um peixe-espada empalhado, estantes e estantes de livros. Harris senta-se atrás da secretária e eu sento-me em frente dele.

– Agora que o rapaz foi declarado morto – diz o meu pai –, quero dizer-te que fiquei sem comprimidos para dormir há algumas semanas.

Olho para ele e tento não mexer o rosto.

Saberá que fui eu que os tirei? Terá contado quantos tinha no frasco?

Ele continua:

– Os comprimidos para dormir acabaram-se e, antes que a tua mãe conseguisse arranjar-me mais, tive algumas noites de insónias. Estás a ver onde quero chegar?

Abano a cabeça.

– Bem. Uma noite, dei por mim acordado por volta das duas da manhã e não consegui adormecer outra vez. Dei voltas e voltas na cama durante um bom bocado, tentei ler, essas coisas todas, mas por fim desisti. Decidi ir aquecer um pouco de leite, talvez fazer um cacau quente, para me ajudar a adormecer.

Para de falar, acende um cigarro e reclina-se na cadeira.

– Primeiro fui ver se estava tudo bem com vocês – continua. – É o que costumo fazer sempre que não consigo dormir. Faço-o desde que eram bebês. Gosto de saber que estão todas em segurança nas suas camas. Claro que, este verão, houve ocasiões em que ficaram todas fora até tarde, em Goose Cottage, com os rapazes. Eu compreendo. Não me preocupo com isso. Mas naquela noite, já eram duas e meia da manhã e esperava encontrá-las a dormir. Mas não encontro. Nem tu, nem a Bess, nem a Penny. Hum... Começo a ficar um pouco preocupado. Por isso desço, sirvo-me de um copo de *bourbon* e saio para o alpendre.

Sinto as mãos geladas. A garganta apertada.

O meu pai inala o fumo do cigarro e sacode cuidadosamente as cinzas para um cinzeiro de marfim.

– Desisti do cacau quente, percebes, porque fiquei curioso. Comecei a andar pelo jardim fora, e quando passei pela descida para o caminho da doca vi movimento na água. O que achas que vi?

– Não sei.

– O *Glutão*, a afastar-se para mar alto. Contigo e a Penny a remar. A Bess debruçada na amurada, com os dedos na água. Fiquei a olhar até o barco desaparecer

de vista. E pensei com os meus botões: porque estarão elas a remar? Não ficaria demasiado surpreendido por vocês terem a triste ideia de sair com o barco a meio da noite. Também já fui jovem. Mas só as três? Sem o Major, o George ou o Lor? E porque não ligariam o motor? O que poderia ser tão secreto que tinham de remar *tanto*? Não é trabalho fácil.

Tamborila com os dedos na madeira da secretária. Olha para a janela e depois de novo para mim.

– Assim, voltei a entrar – diz. – Fui buscar uma daquelas lanternas grandes que temos no vestíbulo e desci até à doca para tentar perceber o que vocês andavam a fazer. Os cães foram comigo. – Mais uma passa no cigarro. – E foi muito engraçado, Carrie. Assim que chegámos, notámos logo os quatro um forte cheiro ao fundo da doca. Os cães começaram a farejar de um lado para o outro. E sabes que cheiro era?

– Não.

– Lixívia. *O quê?* pensei. *O que é que as minhas filhas andam a fazer com lixívia a meio da noite?*

As minhas mãos não param de tremer. Torço os dedos e respiro muito devagar.

– Reparei que a doca parecia molhada – continua Harris. – E quando investiguei um pouco melhor, vi aquela tábu. Sabes, a tábu empenada que arranquei da doca?

Não respondo.

Ele fala muito, muito devagar.

– Sabes de que tábu estou a falar, Carrie?

– Sei.

– Muito bem. Essa tábu ainda cheirava mais a lixívia do que o resto da doca. Peguei nela e percebi que estava completamente molhada. Examinei-a de ponta a ponta à luz da lanterna. E depois aponte a luz para os pregos. E sabes que mais?

– Não.

– Os pregos estavam peganhentos.

Sinto-me como se todo o sangue me tivesse fugido da cabeça.

– Foste tu que tiraste a tábua – digo. – Foi por isso que desapareceu.

– Trouxe a tábua, sim – diz. – Trouxe-a para casa e esfreguei-a no lava-loiça. Depois fui ao sótão e escondi-a atrás de um monte de caixas. Não sabia o *porquê* de estar a fazer essas coisas. Não sabia o *porquê* de as minhas filhas terem saído a remar no barco a motor a meio da noite, deixando a doca a tresandar a lixívia e uma tábua pesada que tinham tentado... sem sucesso... limpar como deve ser, ali à vista de todos, com alguma substância infernal e peganhenta nela... mas de certeza que as ia proteger, o que quer que estivesse a acontecer.

Ele ama-me, percebo.

Trata-me como se eu fosse do seu sangue. Preocupa-se com o que pode acontecer-me, sem querer saber o que eu fiz.

Pela primeira vez desde que soube quem era o meu verdadeiro pai, sinto-me completamente parte da família. É este o meu lugar.

Harris continua.

– De manhã, venho a saber que o rapaz parece ter sido vítima de um ataque de tubarão. Vocês estão as três aos gritos, histéricas, mas eu somo dois e dois. E dou graças por ter tido o bom senso de esconder o raio da tábua antes de a polícia chegar, podes ter a certeza disso.

Para, inclina-se para a frente. Olha para mim.

Eu devolvo o olhar.

Não lhe vou dizer o que aconteceu.

Não posso dizer-lhe. Contar-lhe que não fui amada como queria, o que aconteceu com Pfeff, com Penny, o que fiz e porquê. Embora ele saiba que alguém fez *alguma coisa*, e que encobrimos o sucedido, não tem como saber toda a triste verdade.

– Tens alguma coisa a acrescentar? – pergunta, por fim.

– Não.

– Muito bem. – Reclina-se na cadeira. Sei que ele está curioso, mas o silêncio em temas complicados é algo que sempre merecerá o seu respeito. – Assim foi, e assim passou – diz –, e depois de a poeira assentar, disse à tua mãe que estava na altura da Noite da Fogueira. – Aponta na direção da praia com um gesto largo. – Agora essa tábua não é mais do que cinzas e fumo.

– Mandaste reconstruir a doca – digo, ao compreender.

– Bom, não podíamos ter ninguém a questionar onde estaria aquela tábua em falta.

Ou a reparar no cheiro a lixívia entranhado na madeira. – Sorri com expressão tensa. – A Tipper queria uma doca nova, de qualquer maneira, por isso está contente.

– Porque me estás a contar tudo isto? – pergunto.

Ele inclina a cabeça para olhar para mim.

– A tua mãe disse-me que te falou do Buddy Kopelnick.

Assinto afirmativamente.

– Então...

Espero.

Ele explica:

– Na minha opinião, tu... ao contrário das tuas irmãs... podias precisar que eu te recordasse que esta família é muito importante para mim.

– Eu sei que sim.

– Farei muita coisa para a proteger. E isso inclui-te a ti, além da Penny e da Bess. Compreendes?

– Sim.

Apaga o cigarro e arruma alguns papéis soltos em cima da secretária.

– Disse à tua mãe que, nessa noite, desci só até à cozinha. Que bebi qualquer coisa enquanto lia um artigo da *New Yorker* e que voltei para a cama. Estou a contar-te o que realmente fiz... para poderes parar de matutar no Buddy Kopelnick, largares os meus comprimidos para dormir e seres a Sinclair que sempre te considerei.

Fitamo-nos em silêncio durante um momento.

– *A melhor saída é sempre em frente* – digo, por fim.

Harris sorri.

– Robert Frost. Sim. – Cruza as mãos. – Prosseguiremos como de habitual. Cabeça levantada, está bem?

– Está bem.

Apercebo-me então, e compreendo-o ainda mais agora que penso nisso, que não fiquei impune de um homicídio apenas por termos sido espertas, eu e as minhas irmãs, ou por termos tido sorte, mas porque o meu pai nos ajudou. Porque ele tem recursos – um sótão, uma fogueira, dinheiro para uma doca nova. Porque a polícia vê um homem como ele como um cidadão íntegro. Assim, partem do princípio de que raparigas como nós – raparigas educadas, de «boas famílias» – partem do princípio de que dizemos sempre a verdade. Temos o benefício da dúvida, a presunção de inocência que nos é conferida pelo nome da família.

Harris levanta-se, como que para pôr fim à conversa, e eu levanto-me também.

– Acho que a tua mãe está a planear os Gelados do Solstício para hoje – diz ele, com um sorriso. – Os Hadley e os Baker chegam às quatro.

– Vou ajudá-la – digo.

– Aí está a minha linda menina.

Duas horas depois, os Hadley e os Baker desembarcam e instalam-se em Goose Cottage.

Há crianças com os pais. Toda a gente quer ir para a praia, e depois sair no barco à vela. Os adultos querem beber *cocktails* e comer salada de lagosta fria em pão de batata quente, salada de pepino com endro e fatias grossas de meloa. As crianças precisam de alguém que as ensine a jogar *croquet*.

Depois de jantar, Tipper e Luda preparam os Gelados do Solstício no alpendre – cinco variedades de gelado caseiro, feitos durante a semana na grande máquina. Há de *nougat*, de menta fresca, de baunilha, de chocolate e de morango. Tipper serve caramelo quente, creme de manteiga, natas batidas e nozes em pratos de loiça. Ouvem-se músicas antigas, quartetos *barbershop*, e as toalhas de mesa são às riscas vermelhas e brancas, como chupa-chupas.

Cada pessoa prepara a sua sobremesa, com camadas de natas e nozes entre os gelados e molhos, e mergulhamos as colheres de prata compridas nas nossas taças de vidro.

Depois de todos os convidados estarem servidos e os nossos pais levemente embriagados, sento-me na rede, ao fundo do alpendre, com uma taça de gelado de menta e caramelo quente.

A minha mãe ri-se de uma piada qualquer. Bess grita, enquanto ajuda o Hadley mais novo com o taco de *croquet*. As crianças desceram todas do alpendre para o relvado. Algumas estão a rodopiar no pneu. As mulheres sentam-se nos degraus, a vigiar os filhos, enquanto os homens desceram até ao fundo do jardim, de onde podem olhar para o mar e fumar os seus charutos.

Levo colheradas de gelado à boca e fecho os olhos.

Quero

escapar à tirania das expectativas desta família e construir em vez disso uma vida nova, uma vida cidadina.

Quero

parar de me agarrar a pensamentos obsessivos sobre as coisas que oiço nas notícias e em vez disso procurar, compreender, ver com os meus próprios olhos.

Mas ainda mais do que isso,

quero

estar nesta família, por mais disfuncional que seja.

Quero

ser filha do meu pai,
resolver os problemas das minhas irmãs,
ser aquela que fica com as pérolas negras da minha mãe,
ser a preferida de Rosemary.

Ser uma Sinclair e ter a segurança e a boa reputação que todo o nosso
trabalho árduo e
dinheiro sujo e
privilégio imerecido e
inteligência nos conquistaram.

Vejo-o agora.

Pode ser a minha maior fraqueza, esta família. Mas não a deixarei.

Penny vem sentar-se ao meu lado. Encheu a taça só com caramelo quente. Estamos
apenas as duas daquele lado do alpendre, sentadas na rede. Praticamente sozinhas.

– Estás a divertir-te? – pergunto-lhe.

Ela leva uma colherada de caramelo à boca. Espero que engula.

– Chegaste a descobrir afinal o que era aquela fotografia? – pergunta, em vez de
me responder.

– Qual fotografia? – pergunto, apesar de saber bem a que fotografia ela se refere.

– Aquela que pensavas ser o tio Chris ou não sei quem – diz ela. – Com a cara
raspada. Que eu disse que era o pai.

Viro-me e olho diretamente para ela. Não consigo decifrar a sua expressão.

– Porquê?

– Estou só a perguntar – diz Penny. – Não consegui parar de pensar nisso. A
fotografia secreta da Tipper. E pensei... talvez seja o Buddy Kopelnick. O tal tipo que
queria levar-te só a ti a acampar, e que te deu os rebuçados todos. Não achas?

Olho de novo para ela.

Ela inclina-se e beija-me na face, com os lábios quentes do caramelo.

– Não disse nada à Bess – murmura.

PARTE OITO

Depois



V verão após verão, embora eu vá crescendo, Rosemary tem sempre dez anos.

Pergunto-lhe se não se sente sozinha durante o inverno, quando a ilha está vazia.

– Estou só a dormir, ou coisa assim, Carrie – diz-me. – É agradável. É confortável. E depois acordo.

Visita-me no verão dos meus dezoito anos, depois de eu concluir os estudos em North Forest, antes de partir para a universidade de Vassar. Escolhi Vassar porque fica apenas a hora e meia de Nova Iorque, o mais perto que consegui. Nesse ano, estou a tomar comprimidos de codeína e comprimidos para dormir durante o dia, em simultâneo. Passo grande parte do tempo a dormir ou num estupor de entorpecimento.

Visita-me no verão dos meus dezanove anos, depois do primeiro ano na universidade, quando tanto Penny como eu trouxemos namorados connosco para as férias. Penny está a forçar-se a caber no molde que os meus pais desejam para ela. Uma rapariga heterossexual, uma Sinclair, de cabeça levantada, uma filha de que podem orgulhar-se. Mas prepara-se para entrar em Bryn Mawr. Uma universidade exclusivamente feminina.

Nesse verão, Penny e eu bebemos e esquecemos, aproveitamos o sexo, a música alta e as deslocações aos bares de Oak Bluffs em Martha's Vineyard, onde ninguém nos pede identificação. Ignoramos Bess, que em retaliação se insinua junto dos meus pais, sendo a menina trabalhadora sempre sorridente, a que nunca se queixa, a atleta, a que tem os temas de conversa mais intelectuais ao jantar. Rosemary vê-me apenas de longe a longe, nesse verão, e suborna-me para eu lhe ler histórias com batatas fritas roubadas da despensa de Clairmont.

Visita-me no verão depois do meu segundo ano de universidade, também, quando, aos vinte anos de idade, troquei Vassar por um centro de desintoxicação. O tempo no centro envolve semanas de desabitação dos medicamentos, de terapia, esperança e apoio – mas quando chego à ilha, regresso aos velhos hábitos e tomo todos os comprimidos a que consigo deitar a mão.

Não sou um crédito para o nome da família.

Rosemary visita-me no verão seguinte, também, mas nesse ano, quando eu tenho vinte e um e fiz o terceiro ano da universidade sem saber como, aos tropeções e praticamente sem pôr os pés nas aulas, passo os meses de junho e julho de novo em reabilitação. Só chego a Beechwood em agosto.

Chego um pouco mais gorda, muito frágil, mas sóbria e otimista. Comecei a criar joias no centro: anéis e pulseiras feitos de fios finos de prata, torcidos uns nos outros.

Gostava de aprender a trabalhar também com pedras. Ou talvez com metais finos. Há estúdios em Nova Iorque onde posso ter aulas.

Tenho uma amiga que conheci no centro, também sóbria. Vou desistir da universidade e partilhar um apartamento com ela a partir de setembro.

Estou cheia de esperança de ter conseguido acabar com a dependência dos comprimidos para sempre, desta vez.

E parece que consegui mesmo.

Vejo Rosemary apenas uma vez, nesse mês de agosto. Uma manhã, acordo e ela está sentada aos pés da minha cama, a comer um queque de amoras. Partiu-o em pedacinhos que colocou dentro de uma tigela de loiça que trouxe lá de baixo.

– Olá, malmequer – digo. – Acordaste cedo.

– Tu é que dormiste até tarde – diz ela. – Gosto dos queques quando ainda estão mornos.

– Podes aquecê-lo no micro-ondas – digo-lhe. – Vinte segundos.

– Não é a mesma coisa.

Rosemary parece cansada. Tem o cabelo embaraçado e a pele pálida sob o bronzeado. Veste uma *T-shirt* dos Marretas e uns calções de ganga coçados.

– Estás bem? – pergunto. – Tinha saudades tuas. É bom ver essa cara sardenta. – Sento-me e encosto a cabeça ao ombro frágil.

– Não estou lá muito bem – diz ela. – Gosto de te vir ver, mas estou tão, tão cansada.

– Então?

– Não posso continuar a vir aqui para sempre – diz Rosemary. – Quero dizer, eu gostava, mas... requer muita energia. – Remexe com o dedo nas migalhas de queque. – Doem-me os ossos e custa-me ter os olhos abertos.

– Eu pensava que te tinha imaginado – digo-lhe. – Pensei que talvez fossem os comprimidos que me faziam ver-te. Mas já não estou a tomá-los. E ainda estás aqui.

Ela ri-se.

– Estou completamente aqui.

– Ainda bem.

– Tomas demasiados comprimidos Carrie. Tomavas, quero eu dizer.

– É o que me dizem.

– Tens de ficar melhor – diz Rosemary. Tão pequena, com um ar tão sério. – Não posso pôr-te melhor, mas tenho de continuar a vir porque estou preocupada.

– É por isso que vens? Por estares preocupada comigo?

– Hã-hã.

– Pensava que vinhas porque precisavas de mim.

Ela abana a cabeça.

– Estava com medo que te tornasses uma toxicodependente e fizesses coisas terríveis, e fizeste. – O seu rosto franze-se e desata a chorar. – Primeiro fizeste aquela coisa. Não era o que eu pensava que ias fazer. Não era nada daquilo que eu pensava. Mas depois houve todo o encobrimento e eu não conseguia ajudar-te com aquelas drogas todas, e tenho estado tão preocupada – diz, com uma fungadela. – Não consigo fazer nada. Sou só uma criança. Mas continuo a vir porque não consigo parar enquanto tu não estiveres bem.

– Pensaste... pensavas que eu me ia matar? – pergunto, compreendendo finalmente. – Depois de tu morreres?

Rosemary assente com a cabeça.

– Mas não te mataste. Mataste-o a ele.

Não sabia que ela sabia. Sobre o que aconteceu com Pfeff. Como uma verdadeira Sinclair, nunca disse uma palavra.

Começo a chorar também. Porque Rosemary me amou, mesmo tendo conhecimento da coisa mais horrível de mim.

Porque ela está morta e, na realidade, não pode estar aqui para me amar.

Porque Bess e Penny ficaram do meu lado, e nunca falarão no assunto, mas o nosso elo de ligação estará sempre manchado pelo sangue que nos suja as mãos. A nossa irmandade nunca recuperará. Seremos sempre as guardiãs dos segredos umas das outras, e a culpa é minha.

Minha querida Rosemary, há quatro verões a forçar-se a voltar, com medo de que eu cortasse os pulsos ou me afogasse, depois preocupada e com medo de que eu me matasse com os comprimidos, sobrecarregada com problemas meus que nenhuma criança alguma vez devia ter de carregar.

Ela devia estar a andar de bicicleta pelos trilhos. Devia estar a começar a tornar-se uma adolescente, a deixar os leões de peluche, a aprender a maquilhar-se, a ler livros de Judy Bloom e a dobrar as páginas nas partes picantes. Devia estar a ter paixonetas, por rapazes ou raparigas ou pessoas entre uma coisa e outra, por estrelas *pop* e atletas e por pessoas vulgares. Devia estar a entrar para o colégio interno, e eu ter-lhe-ia enviado cartas e postais, com dinheiro nos envelopes.

*

Querida Rosemary (escreveria eu),

A reabilitação foi dura, desta segunda vez. Não vou mentir. Estava cheia de medo de não conseguir. Mas as coisas estão a correr bem aqui em Nova Iorque.

A minha colega de casa, Deja, é empregada de mesa, e eu estou a atender ao balcão numa boulangerie em Bleeker Street. Cheira sempre tão bem. Terias adorado. Mas os padeiros na cozinha lá atrás são muito embirrantos.

A parte da loja é muito engraçada, pintada de azul. É como trabalhar no céu. Quando for a casa no Natal levo um saco de croissants.

Às segundas-feiras à noite tenho aula de joalheria, e podemos passar o tempo que quisermos no estúdio durante a semana, por isso vou lá sempre que posso e faço coisas com ALICATES (gosto muito de alicates). Outras noites, saio com amigos e vamos aos cafés que estão abertos vinte e quatro horas por dia, ou vamos comer comida chinesa. Há aqui uma ou duas pessoas que conheço de North Forest e que estão a acabar a universidade na cidade, e fiz alguns amigos novos nas aulas de joalheria. Talvez experimente também cerâmica. Fiz um workshop de um dia e é uma sujeira. Acho que ias gostar.

Penso em ti todos os dias, malmequer. Mando-te algum dinheiro para poderes comprar coisas sem ter de pedir à mãe. Espero que os animais de North Forest estejam a ser bons para ti e que o teu ténis esteja a ficar feroz. (O pai disse que era feroz, foi a palavra que ele usou.) De qualquer maneira,

jogaremos no próximo verão, na ilha. E nadaremos. E passaremos imenso tempo a não fazer nada. E tu serás a minha coisa preferida das férias em Beechwood, e tentarei (a sério) ser a tua coisa preferida também.

Um amor, dois amores, um milhão de amores
da tua mana mais velha,
Caroline Lennox Taft Sinclair

Era o que eu lhe escreveria.

Vejo tão claramente as minhas cartas como se eu já estivesse a viver essa vida, como se Rosemary estivesse mesmo em North Forest, a jogar ténis e a fazer amigos. Consigo vê-lo mesmo enquanto me sento aqui, ao lado do corpinho exausto do fantasma de Rosemary, a soluçar e a acariciar-lhe o cabelo. Abraço esta criaturinha frágil e digo-lhe que a amo.

E o alívio invade-me, enquanto choro, porque consigo ver as minhas cartas e isso significa que consigo ver um futuro para além desta ilha, para além desta dependência. E embora

nunca, nunca possa fugir ao que fiz, e embora possa
nunca me perdoar a mim própria, e embora
nunca me liberte da família Sinclair, e
sempre queira o amor do meu pai e o lugar que ele me confere na família e
embora nunca venha a amar Bess e Penny sem quaisquer ressentimentos e
obrigações e sem segredos partilhados e sentimento de culpa,
hei de
de forma modesta
de forma limitada,
seguir em frente.

– Quero que pares de te preocupar – digo a Rosemary. Respiro devagar e paro de chorar.

– Estás sempre a dizer isso – funga ela. – Dizes-me sempre coisas alegres, como a mãe costumava fazer, e queres jogar jogos e ler histórias, e isso é bom. Mas sabes, continuo muito preocupada. Não consigo dormir. Estou tão cansada, Carrie. Não sei o que fazer.

– Quero que descanses.

– Preciso de descansar. – Pega num lenço de papel e limpa o nariz. – Não me sinto bem aqui, mesmo só com uma visita. Magoa-me estar aqui, mas tenho medo de não voltar.

O que posso dizer-lhe para que ela deixe de se preocupar?

– Não vou suicidar-me – murmuro. – Nunca tencionei fazê-lo, e não o vou fazer.

– A sério?

– Sim. É isso que precisas de ouvir?

– Mais ou menos – diz ela. – Mas tu... – Gesticula como se houvesse um frasco de comprimidos algures. – Podes morrer com essas coisas. É um facto que toda a gente sabe.

O que posso dizer para a tranquilizar? O que posso dizer que seja verdade?

– Estive muito doente e muito triste – digo-lhe, depois de pensar um minuto. –

Doente de muitas maneiras. E cheia de sentimento de culpa. E envergonhada, e zangada. Estive estas coisas todas durante muito tempo, e tentei entorpecer-me a mim própria para deixar de as sentir, e depois esqueci-me do caminho e enterrei tudo o mais fundo que consegui. Sabes o que quero dizer?

Rosemary acena afirmativamente.

– Mas estou a dizer-te a *ti*, agora, todos estes sentimentos. Portanto já não estão enterrados.

– Está bem. E depois?

– Queres saber quais são os sentimentos?

– Sim.

– Está bem. Ah... estive triste, porque tu morreste. E isso ainda parece recente, ainda dói quase tanto como quando aconteceu. E estive muito zangada com o Pfeff e a Penny, e horrorizada e envergonhada daquilo que fiz, ao ponto de não conseguir viver comigo própria. Tenho estado a castigar-me por isso e, ao mesmo tempo, a tentar escapar. Os comprimidos deixam-me fazer as duas coisas ao mesmo tempo, acho eu.

Rosemary funga.

– Isso é estranho – diz. – Porque já os tomavas antes. Antes de ele morrer.

– Não havia uma única razão para os tomar. Era um novelo emaranhado de razões – digo. – E não posso prometer que vou ser feliz, e nem sequer posso prometer que vou ficar bem, mas estou a dizer-te como me sinto porque, ao dizer-te, mostro que já não estou a tentar entorpecer-me. Vou viver com a tristeza e a vergonha, e senti-las mesmo, seja lá como for, e de alguma forma tentar não me odiar e não me castigar tanto. Vou seguir em frente, um dia depois do outro.

– E outro depois do outro e outro depois do outro – diz Rosemary.

– Isso mesmo, já percebeste.

Irei para Nova Iorque em setembro.

Encontrarei um emprego e viverei com Deja.

Ficarei sóbria.

Conhecerei pessoas. Aprenderei a fazer joias.

Esta vida nova não será para me redimir. Não resolverá as crises mundiais que ainda fervilham no fundo da minha mente, ardentes e tristes. Não mudará o facto de que eu matei um homem, um homem podre, em muitos aspetos, mas um ser humano cuja vida não devia ter acabado. Não mudará que eu encobri o crime, que *nós* o encobrimos.

Ainda assim... vejo que tenho um futuro. E talvez isso seja suficiente.

Não adoro a maneira de pensar do meu pai, mas acabei por adotar muitas das ideias dele. E talvez ele e Robert Frost tenham razão quanto a esta: *A melhor saída é sempre em frente.*

– Está bem – diz Rosemary. Assoa o nariz ruidosamente. – Isso foi tudo super lamechas.

– Pois.

– Mas está bem. Já não me preocuparei tanto.

– Consegues adormecer?

– Acho que sim.

Sobe para o meu colo, a cheirar a bronzeador e a queque.

– Mimos – pede.

Ficamos ali aninhadas um bocadinho, em silêncio.

– Isto é a nossa despedida, malmequer? – pergunto, por fim.

– Hã-hã.

Ficamos mais algum tempo, e depois Rosemary desce do meu colo. Pega-me na mão e eu levanto-me da cama.

Ela conduz-me para fora do quarto, pelo corredor, e pelas escadas até ao piso do quarto dos meus pais. Eles têm a porta fechada.

Subimos os degraus até ao torreão.

A divisão redonda do sótão ainda está apinhada de caixas que contêm os livros e brinquedos de Rosemary. As carpetes enroladas ainda lá estão, bem como os baús.

– Sabias que é aqui que vivem os meus leões de peluche? – pergunta ela. – E a minha Bola 8 Mágica?

– Claro que sim.

Ela abre uma caixa de cartão cheia de leões e remexe.

– Gosto de todos – diz –, mas o melhor para dormir é o *Champô*. – Pega no leão preferido, lavado tantas vezes que é quase branco. – Pronto, agora vou conseguir dormir mesmo, mesmo bem.

– Podes levar o *Champô* contigo?

– Não tenho a certeza, mas acho que sim.

– E para onde vais agora?

Rosemary dirige-se à janela do torreão e levanta o vidro. Depois empurra a rede.

– Oh, não, malmequer – digo.

– Podia nadar até ao mar alto, mas já não gosto de nadar – diz ela. – Esta é a melhor maneira. E tenho o *Champô* comigo.

Empurra uma caixa para debaixo da janela e trepa para o parapeito.

– Não vás – digo, num ataque de arrependimento.

Rosemary abana a cabeça e as lágrimas começam a cair.

– Tenho de ir.

Corro para ela, com intenção de lhe dar um último abraço, mas ela já está em pé no parapeito do lado de fora, com *Champô* na mão.

– Amo-te, Carrie! – diz. – Adeus e boa sorte e porta-te bem.

E salta.

Corro para a janela e meto a cabeça de fora, à procura do seu corpinho nas rochas lá em baixo – mas não está lá. Olho para o céu e também não a vejo.

A ilha está calma e tranquila sob o sol matinal.

Rosemary partiu e tudo o que posso fazer é manter as promessas que lhe fiz.

Agora.

O meu filho Johnny e eu estamos sentados na cozinha de Red Gate. Entre nós temos canecas de cacau frio e o que resta da tarte de amora que Bess fez. Um dos cães de Penny, *Grendel*, engraçou comigo este verão e está deitada aos meus pés. As minhas irmãs estão na ilha connosco, mas instalaram-se nas outras casas, onde dormem o seu sono agonizante. Elas não veem fantasmas.

A única coisa que Johnny pode fazer para me ajudar, é ouvir-me. E a única coisa que eu posso fazer para o ajudar é contar esta história. Mas passámos um bom bocado juntos, os últimos bons tempos que teremos.

Vejo que ele está muito cansado. Não pode continuar a visitar Beechwood Island durante muito mais tempo. Tem as mãos a tremer e os olhos injetados de sangue. Move-se lentamente, como se tivesse dores. Está quase na altura de ele partir, e talvez a minha história lhe tenha dado aquilo de que precisa para se despedir e ir descansar.

Deito a cabeça na mesa. Uma vaga de exaustão percorre-me. O relógio diz que é 1h45m da manhã.

Johnny levanta-se e passa os dedos pelo cabelo.

– Obrigado por me teres contado tudo isso – diz, em tom carinhoso.

– De nada – respondo.

– Foi bastante pesado.

– Eu sei. – Endireito-me e olho para ele.

– Não pode ter sido fácil. – Pega num garfo e come um grande pedaço de tarte, diretamente do prato de servir. – Acho que vou ter de pensar nisso.

– Está bem – digo. Ele deixa cair o garfo no prato da tarte. – Já acabaste? – pergunto.

– Sim. Estou a comer só por gula. Não tenho fome.

Levanto-me para tapar a tarte com papel de alumínio.

Johnny abana a cabeça.

– Meu Deus, nem sei o que pensar. Isso é mesmo tudo verdade?

Fito-o nos olhos.

– Tudo.

– Não consigo lidar com tanta coisa. – Aproxima-se e dá-me um beijo na face – Vou andando, por agora – diz. – Mas volto para te ver amanhã. Pode ser?

– Sim,

– Estás bem?

– Acho que sim.
– Então vou ter com os outros a Cuddledown.
– É tão tarde – digo.
– Ficamos sempre acordados até tarde.
– Está bem.
– Vai tu dormir. Eu estou a aproveitar a vida noturna enquanto posso – diz ele.
Aceno e vejo-o dirigir-se à porta. Depois sigo-o e fico a vê-lo atravessar o jardim e fechar o portão vermelho atrás de si.

*

Sou a irmã má da Cinderela.
Sou o fantasma cujo crime ficou por punir.
Sou o Senhor Raposo.
Sou algodão branco e pés sujos de areia, dinheiro de família e lilases, sim – e contudo por dentro sou feita de água do mar, madeira empenada e pregos enferrujados.
O meu nome é Caroline Lennox Taft Sinclair, e sou filha bastarda de Tipper Sinclair e Buddy Kopelnick, que se amaram louca e profundamente.
Sou uma ex-atleta. Já tive um rosto diferente.
Sim, é verdade que matei um homem e atirei o seu corpo ao oceano, e esse pode ser o fator principal que decidam recordar sobre mim. Mas agora que contei essa história, acho que talvez consiga contar uma nova história sobre mim própria.
Era uma vez, uma rapariga cujas irmãs lhe eram leais.
Era uma vez, uma rapariga cujo pai a reivindicou e protegeu, apesar de ela não ser sua.
A rapariga recuperou de uma dependência de narcóticos e isso tornou-a mais forte.
Era uma vez, uma mulher que teve filhos – e, embora os tenha injustiçado de certas formas, foi boa para eles de muitas outras. E eles amaram-na.
Era uma vez, depois do divórcio, uma mulher que se apaixonou por um homem que faria sacrifícios por ela. Ele fazia-a rir, e a vida com ele era sempre interessante. E, por sua vez, ela lutou por ele. Embora ele não soubesse tudo sobre ela, amava-a com coração rejubilante. Disse-lhe aquilo que precisava dela. E embora fosse difícil para ela dar-lho, e se tivesse visto forçada a enfurecer o pai e a discutir com as irmãs, ela acabou por encontrar uma maneira.
Era uma vez, uma mulher que perdeu o filho mais velho e julgou que mergulharia nas trevas para todo o sempre. Mas depois o filho regressou, como um fantasma. Recebeu-a de braços abertos e perdoou-lhe os seus maiores pecados antes de ter de a deixar.
E assim, ela começou a cicatrizar.
Era uma vez, uma mulher que decidiu permanecer leal à família. Podia tê-los deixado. Não era uma família fácil. Mas escolheu-os e aceitou as consequências.
Daí para a frente, fez os possíveis por viver uma
vida
rejubilante
mas consciente.

Também não era fácil. Mas ela tentou.

Talvez eu seja Lady Mary, afinal de contas. Ela tira a mão decepada do bolso do vestido de noiva, onde a escondeu. Lembram-se? Tira a mão decepada e ergue-a para que todos a vejam. Expõe os horrores que descobriu, o cadáver escondido por baixo do linho branco. Força os irmãos a testemunharem. *Isto*, diz Lady Mary, *isto é o pior de tudo o que já vi. Exponho-o agora porque não quero que estes horrores sejam o meu futuro.*

Isto, disse eu ao meu filho, isto é o pior de tudo o que já vi e o pior de tudo o que já fiz.

Por favor, testemunha-o.

Não quero que estes horrores determinem o meu futuro.

O que faz Lady Mary depois disso? Bom, o que faria qualquer um de nós depois de tirar um pedaço de cadáver ensanguentado do bolso?

Estou certa de que ela lava as mãos. E queima o vestido de noiva.

Imagino que dirá algumas palavras de pesar sobre a mão ensanguentada daquela pobre mulher, e que a depositará numa campa.

E ao Senhor Raposo, morto pelos seus irmãos, dirá «Adeus e boa viagem».

Mais tarde nesse dia, talvez Lady Mary desça à cozinha, onde o pequeno-almoço nupcial que ninguém comeu foi guardado no frigorífico. Encontra uns queques de cenoura apetitosos e umas salsichas especiais. Faz um grande bule de chá forte e aquece as salsichas numa frigideira até encherem a cozinha com o seu aroma.

Chama os irmãos.

O sol nasce e eu chamo as minhas irmãs. O filho que me resta. As minhas sobrinhas e sobrinho. O meu pai. O meu amor.

Eles vêm a minha casa, ou descem as escadas com o cabelo revoltado da almofada. Alguém faz ovos, outra pessoa põe *ketchup* e talheres na mesa. Os cães metem-se à frente dos nossos pés e *Grendel* rouba uma salsicha. O meu filho mais novo pergunta se pode comer a tarte de amora que sobrou de ontem.

– Não há muita, mas sim, podes – digo-lhe.

O pequeno-almoço é tranquilo. Há quem leia. Os meninos mais pequenos comem depressa e vão a correr para o jardim. Os adolescentes fazem café e enchem-no de açúcar e natas.

As minhas irmãs e eu saímos para o alpendre de Red Gate e bebemos a segunda chávena de chá. Somos muito pequenas, ao lado do oceano, sob o céu aberto.

Não acho que seja assim para sempre.

FIM

Agradecimentos

Foram muitos os que me ajudaram com este livro, desde a ideia de o criar até ele abrir caminho até ao mundo. Colleen Fellingham, Dominique Cimina, Rebecca Gudelis, Mary McCue, John Adamo, Christine Labov, Barbara Marcus, Adrienne Waintraub, e a todos da minha equipa na Penguin Random House, estou-vos muito grata, tanto pela assistência como pelo trabalho árduo. Relativamente à minha editora, Beverly Horowitz, isso vale x 100. A Elizabeth Kaplan, Jonathan Ehrlich, e Kassie Evashevski agradeço o criativo e inabalável apoio. Sinto-me muito grata para com o pessoal da Allen & Unwin e da Hotkey pelo seu entusiasmo inicial e encorajamento. Len Jenkin contribuiu com os seus exercícios de romance de suspense na primeira fase do livro. Ivy Aukin, Gayle Forman e Sarah Mlynowski foram os perspicazes leitores dos primeiros rascunhos, e foi Gayle quem me deu o empurrão necessário para dar início a este projeto. Bob foi fantástico. Hazel Aukin permitiu que eu levasse emprestadas e transcrevesse algumas das nossas melhores conversas. A família Minkinnen/Bourne elaborou piadas com salsichas e deixou que eu as reproduzisse. Daniel foi inestimável, esteve sempre do meu lado. Os gatos não contribuíram com nada, mas estou-lhes grata na mesma.